



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

João Davi Oliveira Minuzzi

**O macaco e o galo:** um estudo de História Ambiental sobre diferentes formas de percepção  
da natureza no Pampa – século XIX

Florianópolis  
2024

João Davi Oliveira Minuzzi

**O macaco e o galo:** um estudo de História Ambiental sobre diferentes formas de percepção da natureza no Pampa – século XIX

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari  
Coorientador: Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares

Florianópolis

2024

Minuzzi, João Davi Oliveira

O macaco e o galo : um estudo de História Ambiental sobre diferentes formas de percepção da natureza no Pampa - século XIX / João Davi Oliveira Minuzzi ; orientadora, Eunice Sueli Nodari, coorientador, Fábio Augusto Moraes Soares, 2024.

280 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Pampa. 3. bioma. 4. relatos de viagem. 5. história ambiental. I. Nodari, Eunice Sueli. II. Soares, Fábio Augusto Moraes. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

João Davi Oliveira Minuzzi

**O macaco e o galo:** um estudo de História Ambiental sobre diferentes formas de percepção da natureza no Pampa – século XIX

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 23 de Julho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Luciana Murari, Dra.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Luís Augusto Ebling Farinatti, Dr.

Universidade Federal de Santa Maria

Profa. Samira Peruchi Moretto, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alfredo Ricardo Silva Lopes, Dr. (Suplente)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcos Gerhardt, Dr. (Suplente)

Universidade de Passo Fundo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Profa. Eunice Sueli Nodari, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2024.

Para a minha mãe Jurema

Para o colega e amigo Lucas Mores (*in memoriam*)

Para o Senhor Barbosa que me protegeu e acalmou sempre que precisei

## AGRADECIMENTOS

25 anos de ensino público se passaram até culminarem nesse trabalho, tudo isso não seria possível sem milhares de estranhos que trabalharam para que vidas como a minha fossem transformadas pela educação pública de qualidade. Eu agradeço a todos que de forma direta ou indireta me fizeram chegar até aqui e em nome deles continuarei lutando para que muitos outros cheguem e possam ir ainda mais longe no caminho do conhecimento e de uma sociedade mais justa.

Agradeço a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos durante parte do meu doutorado.

Agradeço à minha orientadora Eunice Sueli Nodari por todo o apoio, ensinamento e oportunidades durante esse processo de formação. Toda a ajuda que me ofereceu quando ainda nem era seu orientando e lhe pedi algumas sugestões e dicas. Você é um grande exemplo a todos nós.

Agradeço ao meu coorientador Fábio Augusto Morales Soares por todo apoio e ensinamento, você fez eu observar minha tese por ângulos que eu nem imaginava que pudessem existir, cada conversa nossa era uma chama de inspiração que acendia em mim.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e de defesa de tese, Paulo Pinheiro Machado, Samira Peruchi Moretto, Luís Augusto Ebling Farinatti, Luciana Murari, Alfredo Ricardo Silva Lopes e Marcos Gerhardt.

Agradeço a todos os integrantes do meu laboratório: Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA), em especial aos professores João Klug e Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos. Agradeço ainda a professora Elenita Malta Pereira com quem tive a oportunidade de trabalhar em um projeto de pesquisa, tu foi uma das primeiras pessoas a me ajudar a conhecer a História Ambiental. Poder trabalhar no teu projeto de pesquisa durante o meu primeiro ano do doutorado foi de um crescimento e aprendizado gigantesco.

Agradeço a todos os amigos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com quem muito aprendi sobre a academia, sobre diferentes lugares e perspectivas de vida: Caroline Guebert; Cristiane Fortkamp, Denis Fiuza, Esther Rossi, Fabiana Guarez, Fabio Alvaro Rodriguez, Flavia Ramos, Isabela Quint, Ivón Cuervo, Jeferson Cruz, Kerollainy Schütz, Laianny Terreri, Maíra Kaminski, Maria das Graças Prazeres, Rafael Silveira da Silva, Renato Monteiro, Roberto Frigers, Rose Monteiro, Sara Fritz e Vinícius Bonsignori. Ao Darlan Damasceno por nossas conversas sobre jogos e nossa viagem até Curitiba. À

Giovana Rossi por todas conversas abertas, sinceras e planos doidos que fazíamos sobre evacuar a ilha enquanto estávamos em algum gramado da UFSC, no final das contas veio a pandemia e tivemos que efetivamente evacuar a ilha, não é mesmo? À Julia Velasco, por toda a companhia e amizade, seja na feirinha, limpando o anexo do laboratório ou andando por caminhos estreitos e floridos no meio de casas bonitas.

Um agradecimento especial a minha amiga e parceira de todos os projetos acadêmicos Débora Nunes de Sá, passamos por muitos momentos difíceis e alegres juntos, sempre apoiando e ouvindo um ao outro. Sonhávamos juntos de um dia sermos colegas na UFSC e conseguimos! Sem a tua presença constante durante todos esses anos eu não estaria aqui. Obrigado por tudo! Gostaria muito que o Lucas Mores estivesse aqui para comemorarmos os três juntos, mas tenho certeza que ele está conosco e orgulhoso de onde chegamos!

A pesquisa na pós-graduação é extremamente solitária e realizá-la durante o período pandêmico foi ainda mais desafiante, por isso eu não posso deixar de agradecer a todos os meus amigos que me deram suporte, companhia e que mesmo por muitas vezes distantes encontraram formas de se fazerem presentes, peço perdão se nem sempre eu pude estar disponível tanto quanto vocês precisaram ou quanto eu gostaria. Obrigado por sempre me levantarem e me colocarem para cima. Agradeço, assim, a Alfredo Neto, Rafael Caetano, Thales Soria, Aline Stefanan, Gustavo Foletto, Matheus Tanuri, Vinícius Marangon, Victória Simonetti, Julia Wouters, Beatriz Nöller, Manuella Fleig, Natacha da Rosa, Ihana Severo, Jéssica Nobre, Suélen Rodrigues, Gilvan Moraes, Eliza Militz, Taís Tomazi, Adriano Avello, Gabriela Rotilli, Luana Souza, Gabrielle Oliveira, Toni Dorneles, Vinicius Capiotti, Roger Goettems, Francieli Fantoni, Cassio Richter, Marcelo Rauber, Felipe Pereira, Daniel Braga, Dárcio Rundvalt, Gabriel Garnero e a outros diversos amigos historiadores com quem sempre dividia as angústias da pesquisa, especialmente os colegas da História Ambiental.

Um agradecimento aos meus amigos e colegas do meu antigo trabalho, que me apoiaram quando precisei fazer as provas para o ingresso do doutorado e que me incentivaram e aconselharam a ir atrás dos meus sonhos, em especial à Ana Carolina Prates, Anna Almeida, Andriéli Severo, Catiele Mazzaro, Elizandro Moraes, Giovane Moutinho, Guilherme Alwes, Jorge Leão, Marry Estery, Leandra Almeida e Magali Brenner. Vocês me deram um suporte e confiança que eu precisava para ir além.

Agradeço ao meu grupo de amigos mais assíduo durante a pandemia, agradeço cada vez que visitamos Cayo Perico, dividimos um picolé de limão ou andamos pelas ruas de Los Santos sem objetivo nenhum a não ser termos um momento juntos. Felipe Tasso, Vitor

Ceolin, William Boessio, Ana Carolina Brust, Diogo Dalbianco e em especial ao Henry Cagnini, que nunca desistiu de mim e sempre me forçou a batalhar e ser uma versão melhor minha. É uma honra ser amigo de vocês!

Agradeço a todos amigos que fiz pela internet nesses tempos sombrios de pandemia. Em especial aos líderes dessas comunidades, muitos dos quais se tornaram meus grandes amigos, Fernanda Mantovani, Victor Mantovani, Vitor Inácio, Gustavo Senna, Patricia Takiuti, Gabriel Seoud, Ruan Marinato, Jonas Levy, Matheus Marcondes, Adriano Ribeiro, Welber dos Santos e especialmente Pedro Silveira. Com vocês eu me diverti, aprendi sobre outras realidades de vida, outras perspectivas de mundo, pude ser mais eu mesmo e descobri mais sobre quem eu sou e o que eu quero. As comunidades de vocês ainda me trouxeram inúmeros amigos, dos quais não poderia listar todos, mas agradeço em especial a João Luciano Oliveira, Isadora de Souza, Rianne Araujo, Henrique Soares, Fernanda Amorim, Guilherme Moreira, Ivan Miyashiro, Thiago M.D., Eduardo Azevedo, Janaina Cordeiro, Evandro, Cesar Arruda, Anderson Nunes, Aldo dos Atlas, Allan Loureiro, Thaynara Martins, Sophia Guidi, João Neto, Leandro Pereira, Lorenzo Cervo, Eduardo Cervieri, João Guimas, Antônio Müller, Lucas, Marcello Carvalho, Pedro Ribeiro, Luis Fernando, Nathan Barros, Thiago Magialis, Fabio Dolly, Vinícius Paiva, Miguel Parker, Guilherme Santiago e Julio Cesar Santiago. Eu sinto que agora há pedacinhos de mim espalhados por todos os cantos do Brasil e até fora dele, espero continuar conhecendo vocês pessoalmente e mantendo o contato e a amizade por muitos e muitos anos.

Agradeço a todos os não-humanos que cruzaram o meu caminho, em especial aqueles que buscaram proteção em nossa casa, nos ofertando companhia e carinho imensurável. Vocês são tudo para mim e são tantos e com nomes tão ridiculamente escolhidos que eu vou me ater apenas a agradecê-los sem nomeá-los. Infelizmente muitos de vocês faleceram durante a trajetória do doutorado, mas estarão vivos em minha memória.

Agradeço ao meu primo Maurício Dias que insanamente me “resgatou” de Florianópolis no início da pandemia, serei eternamente grato pelo teu ato de bondade e coragem, os teus parafusos a menos desde guri nunca foram tão úteis! E agradeço também a minha prima Roberta Dias que sempre foi uma das minhas maiores inspirações acadêmicas e com quem sempre tenho uma troca muito boa sobre os desafios da vida.

Agradeço a minha família em geral, aos meus tios e primos que sempre se preocupam comigo, mas em especial ao tio Jorge Zacarias Oliveira que sempre se mostrou orgulhoso de mim, espero te honrar em todas minhas conquistas. Um agradecimento especial aos meus primos Augusto Oliveira e Cecília Oliveira, o tempo em que estive em Joinville

com vocês foi muito bom, era o que eu sempre desejei, estar próximo, compartilhar histórias e ouvir ensinamentos dos primos que eu cresci admirando. Agradeço ao meu irmão Fabiano Minuzzi e minha irmã Luciana Minuzzi, vocês são incríveis, amo vocês e quero tê-los para sempre perto de mim. Agradeço a cima de todos a minha mãe Jurema Minuzzi que dedicou a vida dela para mim e meus irmãos, por ter me criado tão bem e sempre incentivado o meu aprendizado, minha curiosidade e a minha fome de conhecimento. A ligação que eu tenho com o estudo e com a natureza é fruto de tudo que tu plantou no meu caminho.

"Havia passado naquele vale o período mais importante de sua vida, e quando olhou de cima - plano, verde-amarelado, as altas muralhas das montanhas, amadeirada de pinheiros verdes escuros onde flamejava o ouro rubro dos álamos trêmulos, as rochas ressaltadas e as encostas, tudo toldado pelo azul intenso do céu rarefeito -, parecia-lhe que os próprios contornos do lugar eram fluidos sob seus olhos, que seu próprio olhar moldava o que ele via e que, em troca, lhe dava à própria existência forma e lugar. Não conseguia mais pensar em si mesmo fora de onde se encontrava"

John Williams - Butcher's Crossing (WILLIAMS, 2016, p.194-195)

## RESUMO

O Pampa é um bioma predominantemente campestre que se estende pelos territórios atuais de Brasil, Uruguai e Argentina. Esse bioma pouco estudado pela historiografia passou por drásticas transformações ambientais no decorrer da ocupação humana em seu território, essas mudanças foram bastante evidentes e intensas ao longo do século XIX. Foi também nesse período que duas grandes correntes de pensamento ambiental influenciaram a forma como as pessoas pensavam e interagiam com o ambiente: o romantismo e o Neo-Iluminismo. Nesta pesquisa analisaremos como essas correntes de pensamento influenciaram os relatos de quinze viajantes sobre a região pampeana. Cada viajante desembarcava na região carregando diferentes bagagens culturais que lhes fizeram perceber a natureza do Pampa de maneiras distintas. Através do diálogo, esses viajantes influenciaram tanto os habitantes da região quanto foram influenciados por eles, seus escritos auxiliaram a enraizar certos pensamentos que continuam impactando na forma como a natureza local é pensada e utilizada até os dias de hoje. Realizando um estudo de História Ambiental podemos compreender mais sobre a natureza dessa região fronteira nesse período histórico. O que pode nos prover dados sobre a relação entre humanos e não-humanos, a introdução e dinâmica das espécies exóticas, a utilização de recursos, a ocupação do território, a apreensão da paisagem, entre outros temas que essa pesquisa propõe destacar

**Palavras-chave:** Pampa; bioma; relatos de viagem; história ambiental.

## ABSTRACT

The Pampa is a predominantly fields biome that extends across the current territories of Brazil, Uruguay and Argentina. This biome poorly studied by historiography, it underwent drastic environmental transformations during the human occupation of its territory, these changes were quite evident and intense throughout the 19th century. It was also during this period that two major currents of environmental thought influenced the way people thought and interacted with the environment: romanticism and Neo-Enlightenment. In this research we will analyze how these currents of thought influenced the reports of fifteen travelers about the pampean region. Each traveler disembarked in the region carrying different cultural baggage that made them perceive the nature of Pampa in different ways. Through dialogue, these travelers influenced the inhabitants of the region and were influenced by them, their writings helped to root certain thoughts that continue to impact the way local nature is thought about and used to this day. By carrying out an Environmental History study we can understand more about the nature of this border region in this historical period. This can provide us with data on the relationship between humans and non-humans, the introduction and dynamics of exotic species, the use of resources, the occupation of territory, the apprehension of the landscape, among other themes that this research proposes to highlight.

**Keywords:** Pampa; biome; journey reports; environmental history;

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 O BIOMA PAMPA E OS VIAJANTES.....</b>	<b>28</b>
2.1 O ESTUDO DE UM BIOMA E OS CONCEITOS DO RECORTE ESPACIAL.....	28
2.2 CONFLITOS, COLONIZAÇÃO E FRONTEIRA NO PAMPA.....	45
2.3 TRAÇANDO UM PERFIL: APRESENTANDO OS VIAJANTES E SUAS ROTAS .....	55
2.4 RELATOS DE VIAGEM COMO FONTE.....	91
<b>3 PLANTANDO UMA ÁRVORE NO PAMPA: BASES TEÓRICAS E CONCEITOS .....</b>	<b>102</b>
3.1 AS RAÍZES DA PESQUISA: A HISTÓRIA AMBIENTAL.....	102
3.2 O TRONCO DA PESQUISA: O PENSAMENTO AMBIENTAL.....	111
3.3 OS GALHOS DA PESQUISA: NEOEUROPA, BIOTA PORTÁTIL E OUTROS CONCEITOS.....	130
3.4 ÁRVORES VIZINHAS: A HISTÓRIA GLOBAL E A HISTÓRIA DAS IDEIAS.....	148
3.5 TODO O TERRENO A VOLTA: A QUESTÃO DA ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E O LUGAR DAS COISAS.....	155
<b>4 O GUINCHO PRIMITIVO DO MACACO E A TROMBETA CIVILIZATÓRIA DO GALO: DIFERENTES FORMAS DE PERCEPÇÃO DA NATUREZA.....</b>	<b>163</b>
4.1 ROMANTISMO E NEO-ILUMINISMO: DIFERENTES FORMAS DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	163
4.2 EXALTAÇÃO E DEPRECIAÇÃO: A FELICIDADE, A TRISTEZA E O MEDO...	194
4.3 MELHORAMENTO E ORDENAMENTO.....	205
4.4 O PAMPA COMO UM DESERTO: O VAZIO, A MONOTONIA E A VASTIDÃO	209
4.5 AS PERCEPÇÕES SOBRE UM ESPAÇO COSTEIRO: RIO GRANDE.....	224
4.6 AS FREQUENTES COMPARAÇÕES.....	228
4.7 AS PERCEPÇÕES SOBRE UM ECÓTONO: O ENCONTRO DE DOIS MUNDOS .....	231
<b>5 O PAMPA NO CAMINHO DA CONVERGÊNCIA DE MUITOS MUNDOS: IMPACTOS AMBIENTAIS, RELAÇÕES COM O MUNDO NATURAL E OUTROS TEMAS.....</b>	<b>240</b>
5.1 ESPÉCIES EXÓTICAS: O MAIOR IMPACTO AMBIENTAL JÁ EXPERIENCIADO?.....	241

5.2 IMPACTOS AMBIENTAIS NO PAMPA DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI – AS DIFERENÇAS NAS TEMPORALIDADES.....	247
5.3 UMA CIVILIZAÇÃO DA MADEIRA.....	256
5.4 A PROFUSÃO DE CARDOS E COUROS.....	261
5.5 SABER LOCAL: OS USOS DO MUNDO NATURAL.....	268
5.6 RELAÇÃO COM OS NÃO-HUMANOS: DOMESTICIDADE, CRUELDADE, FIDELIDADE E DEMAIS INTERAÇÕES.....	272
5.7 A CAÇA E A PESCA.....	286
5.8 A LIDA COM O GADO: DOMESTICAÇÃO E LIBERDADE.....	293
5.9 OCUPAÇÃO HUMANA: OS CAMINHOS, A OBTENÇÃO DE ÁGUA E AS ENCHENTES.....	299
5.10 OS CINCO SENTIDOS DO VIAJANTE: A PERCEPÇÃO TOTAL DO AMBIENTE.....	307
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>310</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>314</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é como um longo caminho pelos Pampas trilhado por um viajante. Esse caminho foi cheio de desafios, barreiras e possibilidades. A pesquisa começou pequena e despreziosa há mais de dez anos. Eu era ainda um historiador em formação apaixonado por História Ambiental, quando prometi a mim mesmo dedicar minha carreira ao estudo do bioma Pampa. Precisava começar de algum ponto de partida e aprender muito sobre a região onde eu nasci e vivi mas que até aquele momento pouco conhecia. Como um viajante, tracei uma rota e comecei a explorar o tema, no início sem me aventurar tanto e permanecendo ainda muito próximo do ponto de partida. Ao longo da minha carreira como pesquisador fui cada vez mais fundo nesse caminho, aprofundando a pesquisa e muitas vezes me distraíndo ou descobrindo novas rotas pelo Pampa. Alguns desses caminhos parecem muito pedregosos e desafiadores e procurarei me lançar neles apenas em um futuro, outros foram se somando a jornada, atalhos tomados e locais interessantes descobertos. Essa tese é como uma importante rota central estabelecida para que eu, e outros pesquisadores, possamos abrir novos caminhos sobre o conhecimento da História do bioma Pampa. A pesquisa realizada durante o doutorado me possibilitou não apenas conhecer melhor o que é o Pampa, mas refletir sobre as ideias de natureza que foram atreladas a esse espaço, além dos desafios que a região enfrentou e enfrenta em termos socioambientais.

A pesquisa aqui realizada almeja investigar as formas de percepção ambiental de diferentes viajantes sobre o bioma Pampa ao longo do século XIX. O estudo foi realizado a partir da análise de um conjunto diverso de quinze relatos de viagem, possibilitando o levantamento de diferentes perspectivas e experiências em relação a natureza do bioma Pampa. Trabalhar com os relatos de viagem como fonte é uma experiência muito rica de detalhes, porém esse tipo de material tem seus limites, não sendo possível elaborar de forma mais densa uma pesquisa que verifique as diferentes formas de percepção ambiental de grupos mais variados da sociedade, apenas alguns resquícios dessas informações podem ser apreendidos através da leitura do relato. O estudo então acaba permanecendo mais restrito a análise do pensamento ambiental da camada letrada da população, viajantes oriundos geralmente de classes sociais mais abastadas. De qualquer maneira as impressões desses

viajantes nos possibilitam acessar um passado pouco explorado, entender de forma mais complexa como se deu a interação humana com o ambiente desse bioma e como essas ideias a respeito da natureza da região foi se constituindo e quais eram as principais ideias recorrentes entre eles ou mesmo entre a população local.

A análise das fontes foi realizada de maneira qualitativa, procurando identificar como a percepção ambiental de cada um dos viajantes sobre o bioma Pampa se enquadrava nas principais correntes de pensamento do período. A proposta da pesquisa parte da inspiração da obra de alguns historiadores como Franklin Baumer, Keith Thomas e José Augusto Pádua, que compõem a base teórica. Foi a leitura desses trabalhos que instigaram a procura por mais conhecimento a respeito do pensamento ambiental. Baumer (1977) em estudo sobre o pensamento europeu elencou a natureza como uma das questões centrais para as sociedades europeias no período moderno. As heranças do debate levantado por Baumer foram detalhadas para o caso inglês por Keith Thomas (2010). Dentre as principais contribuições do trabalho de Thomas podemos ressaltar o debate entre Romantismo e Neo-Iluminismo, iniciado em fins do século XVIII e que se estendeu ao longo do século XIX. Esse debate opunha duas formas bem distintas de percepção ambiental. São esses movimentos que influenciam as principais ideias a respeito da natureza presentes nos relatos de viajantes aqui analisados. Já o trabalho de Pádua (2002) procura tratar dessas questões para o caso brasileiro, lidando com todas as especificidades do contexto do país. A partir do estudo desses três autores, passamos a questionar como essas questões se apresentavam em um espaço ainda mais restrito, no caso um bioma. Dessa forma, inspirado por essas pesquisas que trataram da Europa, da Inglaterra e do Brasil, procuraremos verificar como o debate ambiental do período chegava ao espaço pampeano e como as características desse bioma influenciavam a percepção das pessoas sobre o meio ao seu redor.

Partimos da História Ambiental para realizar essa análise sendo uma de suas linhas de investigação exatamente o estudo de “percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação [que] se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991, p.202). Esse campo historiográfico apesar de bem

consolidado ainda é bastante recente<sup>1</sup>, especialmente no meio acadêmico brasileiro, sendo que a área do bioma Pampa continua carecendo de maiores estudos que partam dessa perspectiva<sup>2</sup>. Nos países vizinhos também há carência de estudos sobre o bioma partindo da História, outros ramos da Ciência desenvolvem com mais frequência estudos sobre os campos do Pampa, inclusive com trabalhos bem interdisciplinares e que consideram o fator humano em suas análises. Dentro das possibilidades, procuramos incorporar esses trabalhos e desenvolver uma interdisciplinaridade que um estudo sobre o meio ambiente demanda.

Na historiografia, de forma geral, o Pampa continua servindo como mero pano de fundo branco que nada interfere ou sofre interferência dos agentes históricos. A História Ambiental tem a possibilidade de ofertar uma resolução para essa ausência, oferecendo um elo entre estudos já existentes originários de outras Ciências e as temporalidades da História. Nesse sentido procuramos elaborar um trabalho dentro da História Ambiental que abarque macroescalas espaço-temporais – o bioma Pampa no século XIX, e que consiga dialogar o máximo possível com outras áreas, sempre em busca da interdisciplinaridade.

Essa tese faz parte de um plano de longo prazo para se aprofundar em uma História Ambiental do Pampa, com interesse especial ao período do século XIX. A escolha de um recorte macro auxilia a ter uma visão geral sobre o período para que no futuro novas pesquisas possam se debruçar sobre questões mais específicas e que demandem de outros tipos de recortes e escalas. Em certa medida a pesquisa é influenciada pelo conceito de longa duração proposto por Fernand Braudel, pois ao escolhermos trabalhar com um espaço tão grande como um bioma inteiro e com um período tão extenso de tempo como o século XIX, teremos a possibilidade de vislumbrar um quadro mais geral da situação. Todavia, durante a análise das fontes faremos um jogo de escalas procurando nos ater em certas características e elementos interessantes de determinadas localidades ou situações. Um estudo sobre um bioma demanda a boa definição dele, especialmente para que não se confunda o termo com

- 
- 1 Donald Worster (1991, p.199) aponta que foi na década de 1970 que o campo se estabelece de forma mais institucionalizada e organizada, principalmente nos Estados Unidos. Apesar de estudos sobre a relação entre natureza e humanidade já serem mais antigos, sendo um exemplo os vários trabalhos da Escola dos Annales no início do século XX (WORSTER, 1991, p.200-201).
  - 2 Pude elencar os principais trabalhos sobre História Ambiental no Pampa até em tão, os resultados podem ser acessados em artigo MINUZZI, 2016. Retomaremos essa discussão e o leitor poderá ter uma dimensão do quadro geral desses estudos ao longo do Capítulo 2 da presente tese.

ecossistemas que juntos formam um bioma, ainda há muita confusão no uso desse termo em estudos históricos. Veremos mais sobre essa questão conceitual de bioma e sua relação com as mudanças de escalas nos próximos capítulos.

A tese também é uma continuação do trabalho desenvolvido ao longo do mestrado (MINUZZI, 2017) onde analisei parte dos relatos que constituirão tese. Na dissertação o foco do estudo se deu sob os relatos de Auguste de Saint-Hilaire, Alexandre Baguet, Nicolau Dreys, Robert Avé-Lallemant e Arsène Isabelle, esse material previamente estudado foi revisado e agora compõe um estudo mais completo e aprofundado como parte dessa tese. A intenção é criar uma continuidade ao estudo da região e estimular que novos trabalhos sejam realizados ou que minimamente outros historiadores passem a considerar o recorte ambiental em suas pesquisas em história social, política, econômica, entre outros, para a região do Pampa, tornando nossa compreensão sobre o passado mais complexa e interessante ao incorporar essas interfaces referentes ao meio natural.

O bioma Pampa também apresenta uma carência de estudos se comparado com outros biomas brasileiros, em especial com os biomas florestais, que comumente recebem mais atenção quando a questão é a preocupação ambiental. A Amazônia, pelas suas dimensões e importância ecológica mundial, atrai a maior parte da atenção e estudos. A Mata Atlântica, especialmente por estar localizada na área mais densamente povoada e economicamente predominante, também é objeto de inúmeros estudos, dentre os quais se destaca o trabalho de Warren Dean (1996) e inúmeros trabalhos de História Ambiental realizados por pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outros historiadores ambientais do país e do historiador. Dentro do território brasileiro o Pampa desempenha caráter regional e periférico pela sua posição geográfica, pelas suas dimensões pequenas se comparadas com os demais biomas e pelo caráter campestre predominante, que não desperta o mesmo apelo que zonas florestais possuem quando se trata de preservação ambiental.

Além da carência de estudos históricos sobre o Pampa, esse bioma demanda atualmente uma maior atenção da sociedade e da administração pública. As recentes enchentes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, servem como um bom exemplo de que esse bioma necessita de mais atenção as questões ambientais relacionadas a ele, tanto no que

envolve o nosso conhecimento sobre esse bioma, quanto as formas de uso da terra e mesmo as formas de habitação e urbanização que as cidades têm empregado ao longo dos séculos. Os desafios atuais claramente não são os mesmos que os encontrados nos séculos anteriores, e é exatamente aí que a História como campo do saber científico tem a capacidade de melhor atuar, demonstrando as permanências e mudanças ao longo do tempo. Um dos objetivos dessa pesquisa é, inclusive, salientar que as alterações ambientais no bioma Pampa são muito mais antigas e profundas do que o senso comum imagina. As pessoas atribuem o impacto ambiental muito fortemente aos efeitos da poluição advinda da industrialização, mas conseguimos identificar inúmeros tipos de impacto e transformações no Pampa que antecedem o processo industrial na região.

Sendo um dos menores biomas brasileiros e um dos mais alterados pela ação antrópica, o Pampa é apontado por um grupo de pesquisadores (OVERBECK 2015a) como o bioma brasileiro com a menor taxa de proteção, possuindo poucos parques e reservas naturais em relação aos demais biomas do país<sup>3</sup>. Os desafios não se limitam ao território brasileiro, haja vista que o bioma Pampa se estende pelo Uruguai e Argentina também. Essa característica transnacional demanda um esforço internacional de planos de ação, o que nem sempre é observado atualmente ou ao longo do tempo histórico. A fronteira comumente é utilizada como limite de um trabalho historiográfico, respeitando um recorte espacial delimitado pela administração humana. Todavia, ao adotarmos o bioma inteiro como recorte espacial e partindo da História Ambiental, temos a capacidade de superar a fronteira como um limite, passando a pensá-la como um importante elemento humano que constitui a região, mas que não impede a circulação de bens, humanos e especialmente de não-humanos.

Estudar o Pampa como um todo tem seus desafios, as próprias concepções de Pampa diferem entre os países que o formam. Os brasileiros denominam o Pampa como um bioma, uma categoria de análise maior. Enquanto isso, os argentinos tratam o Pampa como uma ecorregião, que seria um conceito mais fragmentado e que separa um bioma em áreas menores e mais específicas, enquanto o bioma acaba sendo mais abrangente e homogeneizador. Isso fica mais claro quando verificamos que o Brasil possui apenas seis biomas e a Argentina

---

3 Um quadro geral sobre a perda de biodiversidade e alteração deste espaço pode ser vista em OVERBECK; *et al.* (2015b).

divide seu território em dezoito ecorregiões. Para esse trabalho agruparemos algumas ecorregiões argentinas no que entendemos como Pampa em uma compreensão mais abrangente do termo, por isso áreas das ecorregiões do Espinal e do Delta e Ilhas do Paraná, estarão incluídas na análise que faremos sobre o Pampa. Ao longo da tese estará pontuado, como lembrete, sempre que um viajante estiver percorrendo esses territórios, para que o leitor tenha em mente que estamos falando de um local fora da concepção oficial de Pampa utilizada atualmente pelo governo argentino. A delimitação do bioma e seu conceito estará detalhadamente descrita ao longo do Capítulo 1.

Sobre a temporalidade, a pesquisa centra sua atenção ao século XIX por ser um período chave na ocupação do território pampeano pelos estados nacionais, com amplo crescimento demográfico e momentos históricos marcantes. Foi no século XIX que as, até então, colônias ibéricas conquistam suas independências e no espaço platino isso significou um momento de instabilidade política com muitas disputas territoriais e ideológicas que abrigavam uma variedade de organizações políticas e planos geopolíticos para a região. As viagens realizadas ao longo do século XIX também são impactadas pelos intensos conflitos, dentre os principais podemos destacar a Guerra contra Artigas entre 1816 e 1820; o bloqueio anglo-francês do rio da Prata entre 1845 e 1850; a Revolução Farroupilha entre 1835 e 1845; a Guerra do Prata entre 1851 e 1852; a Guerra do Paraguai nos anos de 1864-1870, entre outros momentos. O período é ainda marcado pela perseguição aos povos indígenas, pela escravidão e pela intensificação da colonização, especialmente por imigrantes alemães e italianos já na segunda metade do século. Assim, a sociedade do Pampa cresce plural, mas não necessariamente igualitária.

Mais do que um momento marcante para o Pampa, o século XIX é um período de ricos debates em torno da natureza, como vimos ao mencionar brevemente o trabalho de Keith Thomas (2010). O surgimento e crescimento do romantismo no final do século XVIII na Europa modifica a forma de pensar a natureza que entra em choque com uma linha de pensamento neo-iluminista, então preponderante e voltada para a ocupação racional e produtiva da natureza. Nossa hipótese é que essas duas formas de pensamento vão refletir em como as pessoas percebiam e interagem com o Pampa ao longo do século XIX, sendo um debate trazido e dispersado em grande parte pelos viajantes, que em contato com a população

local acabam mesclando ideias, compartilhando experiências e gerando novas concepções de natureza. Através do diálogo com habitantes do Pampa, os viajantes trocariam ideias sobre a natureza e posteriormente essas ideias viriam a compor seus livros, que impactariam não apenas os leitores do período, mas todos os outros que tiveram contato com esse material até os dias de hoje. Um exemplo disso é como esses relatos podem ter sido incorporados em discursos do movimento tradicionalista gaúcho ao longo do século XX, o que demandaria um estudo a parte.

O Pampa no século XIX se mostra como um recorte espaço-temporal que carece de estudos e apresenta uma realidade com ideias a respeito da natureza bem heterogêneas, nos possibilitando verificar como eram e como se adaptavam a realidade sul-americana, partindo do que já foi estudado por Baumer (1977), Thomas (2010) e Pádua (2002) para outros cenários. O historiador Paulo Zarth ressalta a importância do século XIX para o estado do Rio Grande do Sul, pois é “a partir dos anos 1800, [que] novos contingentes humanos oriundos de outros continentes, com outras formas de uso do território e **outras concepções de natureza**, inauguraram uma nova fase histórica, que geraria grandes impactos ambientais” (ZARTH, 2012, p.54, grifo nosso), isso é bem verdade também para outras regiões do Pampa, seja ele argentino ou uruguaio. Parte desses humanos que carregavam outras concepções de natureza e que chegaram ao Pampa nesse período, eram os viajantes. Entender quais eram essas concepções e como elas ressoavam no ambiente do Pampa, totalmente desconhecido para esses viajantes até o momento do desembarque, é bastante importante para conseguirmos compreender tanto sobre a mentalidade do período quanto para compreender o próprio ambiente.

Para essa pesquisa utilizaremos como fonte quinze relatos de viagem, procurando traçar uma variedade ampla de pensamentos. É preciso levar em conta as diferentes experiências de vida e os diferentes contextos de viagem, até por conta de se tratar de um recorte temporal extenso. Os viajantes estudados são: John Luccock, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Charles Darwin, Alexandre Baguet, Robert Avé-Lallemant, Herbert Huntington Smith, John Miers, Francis Bond Head, William Mac Cann, Nathaniel Holmes Bishop, Hemérito José Velloso da Silveira, Maximiliano Beschoren e Carl Axel Magnus Lindman. Outros viajantes foram considerados para integrar o escopo documental da

pesquisa, como o relato de Maria Graham, que oferecia uma maior variabilidade na questão de gênero para as fontes, além de outros relatos notáveis para o do período do século XVIII-XIX, dentre eles os relatos de Friedrich Sellow, Carl von Martius, Aimé Bonpland e Alexander von Humboldt. Esses relatos não foram analisados devido a diversos fatores como a disponibilidade das fontes em idioma acessível ou a ausência de relatos desses viajantes dentro do recorte espaço-temporal da pesquisa, especialmente no que se refere as delimitações espaciais do bioma Pampa, onde muitos dos acima citados não estiveram ou não deixaram registros de suas passagens.

O século XIX foi um período fértil para os relatos de viagem, realizando viagens e as registrando por motivos políticos, econômicos, científicos ou mesmo literários, essas pessoas desembarcavam em localidades incrivelmente novas aos seus olhares. A literatura de viagem se tornou uma espécie de moda nos ambientes letrados europeus e a Ciência do período também se valeu de muitos estudos *in loco* sobre a fauna e flora das mais variadas partes do mundo. Os viajantes preenchiam as páginas de seus cadernos de anotações com observações diversas sobre a história, os temas políticos mais em voga, o vestuário em moda, os hábitos e costumes, a forma como as casas eram construídas, os bens comercializados, enfim, toda uma gama de assuntos que ora apareciam mais, ora menos, dependendo dos interesses e objetivos de quem observava e escrevia. Um dos temas que frequentemente surgia nos relatos era sobre a natureza local, pois “a maioria dos intelectuais do século XIX atribuía grande importância à natureza na constituição das características particulares e nacionais de um território, de um povo e de sua história” (MÄDER, 2008, p.263). Entender e descrever a natureza de cada local era importante pois auxiliava a compreensão geral daquela sociedade, especialmente em povoações do chamado Novo Mundo, onde a natureza era tão distinta da europeia que causava inúmeras comparações. Esse contraponto da natureza predominantemente tropical do Brasil e relativamente “intocada” em relação à natureza Europeia é um dos elementos que irão motivar discursos nacionalistas e identitários no país, com muitos pensadores procurando “vangloriar-se e buscar legitimidade não em uma herança histórica ou em uma antiguidade mítica [como na Europa], mas no vigor fecundo da natureza circundante, vigorosa, exuberante, que parecia prometer generosamente, ou mesmo garantir um desenvolvimento futuro ilimitado” (MÄDER, 2008, p.263). O Pampa, apesar de ser bastante distinto desse

quadro de exuberância tropical, também é pensado a partir de construções identitárias e serve até os dias de hoje como um elemento agregador da cultura das pessoas que habitam a região. Ainda nesse sentido, animais, mesmo que exóticos a esse ambiente, passam a se tornar símbolos da região e da cultura local, sendo o cavalo um grande exemplo dessa circunstância.

A natureza poderia ser utilizada para justificar certos pensamentos, como podemos ver em um outro viajante extremamente influente desse período, o Conde de Buffon, que dizia que “a natureza americana é hostil ao desenvolvimento dos animais” (GERBI, 1996, p.20). Vendo essa hostilidade do mundo natural tropical, Buffon estende a ideia para o nativo americano, julgando-os como escassos e perdidos no meio da imensidão continental. Para Buffon a terra do continente americano ainda não estava totalmente pronta, mas dentro de algum tempo, com o trabalho do homem sobre ela, logo se tornaria a mais fecunda, sã e rica de todas (GERBI, 1996). Essa relação feita por Buffon entre o mundo natural e o povo que habita a região nos demonstra como a natureza estava no centro das discussões do período, era necessário pensar nela para resolver a sociedade.

Para o Pampa, uma ideia muito comum atrelada ao mesmo é a ideia de deserto. Pelas características naturais de sua paisagem, o bioma Pampa passava para muitos viajantes uma ideia de espaço vazio que poderia e deveria ser mais bem ocupado pela população humana. As longas extensões de campo e suas coxilhas com vegetação rasteira a perder do horizonte eram características naturais que serviam como argumento para incentivar uma ocupação mais efetiva do território e uma utilização mais predatória da terra. Essas ideias de vazio e deserto acabavam apagando da tela pintada por um viajante toda uma variedade de vida animal e vegetal, bem como invisibilizava as populações indígenas e muitos dos habitantes que viviam do trabalho na terra, geralmente ligados ao sistema de pecuária. Um dos objetivos dessa pesquisa é auxiliar na desconstrução dessa imagem de Pampa como um deserto, que até os dias atuais existe e que serve de argumento para a implementação de monoculturas em zonas de campo nativo cheias de biodiversidade ou em áreas onde populações rurais mais carentes ainda permanecem, por exemplo.

Notamos que possuímos no cenário dessa pesquisa uma confluência de fatores interessantes. O recorte espaço-temporal, o Pampa no século XIX, é caracterizado por uma instigante zona fronteira e contexto político-social intenso. É também nesse período que se

há uma profusão de relatos de viagem, nossa fonte, nutridos por um interesse político, científico e literário, mas também por uma maior facilidade de locomoção ao redor do mundo, ainda que muito limitada e dificultosa como veremos em muitos momentos dos relatos. É, ainda, nesse momento que existe discussões a respeito da natureza que são bem contrastantes e relevantes de serem analisadas não apenas por proporem caminhos diferentes e constituírem percepções ambientais bem distintas e características, mas também por continuarem a influenciar as ideias das pessoas mesmo depois de séculos de sua origem e maturação intelectual. Dessa forma, pensamos que essa pesquisa possa auxiliar a compreensão do passado do Pampa através do estudo de período tão rico de elementos que dialogam entre si.

Essa tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “O bioma Pampa e os viajantes”, situará o leitor dentro do recorte espaço-temporal da pesquisa e apresentará os viajantes que foram utilizados como fonte. O conceito contemporâneo de bioma será abordado para a compreensão do Pampa como uma macrorregião transnacional, ao passo que também será discutido o entendimento do que era o Pampa para o século XIX e quais os diferentes entendimentos que os países têm ainda hoje sobre os limites desse território. Explicaremos sobre o jogo de escalas que é muito importante em um estudo sobre biomas. Veremos como a questão da fronteira influenciou ao longo do século XIX toda a região platina, buscando destacar como revoluções, guerras e a própria ocupação das terras na região interferiram na dinâmica das viagens e no ambiente. Discutiremos sobre o papel dos relatos de viagem como fontes históricas, seus limites e possibilidades, suas inúmeras formas e estruturas. Por fim, o capítulo apresentará cada um dos quinze viajantes, uma breve biografia contendo informações importantes para compreendermos de que ponto de vista cada um desses atores históricos partiam e um mapa traçando as rotas realizadas ou os lugares visitados ou mencionados por cada um desses viajantes.

Em “Plantando uma árvore no Pampa: bases teóricas e conceitos”, o segundo capítulo, verificaremos como a História Ambiental contribui para o desenvolvimento dessa pesquisa ao destacar a ação de não-humanos dentro da História e dando mais profundidade a espacialidades e temáticas pouco consideradas antes pela historiografia. Um dos principais pontos da pesquisa pautada pela História Ambiental é o estudo das formas de pensamento ambiental, o objetivo central desse trabalho. Ressaltaremos como o século XIX foi um

momento importante e de rica discussão a respeito da natureza e a partir dessa compreensão poderemos observar os desdobramentos desse momento nos escritos dos viajantes e consequentemente no bioma Pampa. Os conceitos de paisagem e Neoeuropa serão tratados dentro do contexto da pesquisa. Por fim, abordaremos as influências da História Global e da História das Ideias ao longo da pesquisa, especialmente nas questões relativas aos viajantes como conectores e ao papel da espacialidade na História.

O capítulo terceiro, “O guincho primitivo do macaco e a trombeta civilizatória do galo: diferentes formas de percepção da natureza”, será a análise das fontes aliada a discussão teórica já levantada nos capítulos anteriores. Aqui daremos mais voz a cada um dos viajantes procurando analisar suas formas de percepção ambiental se enquadravam e apurar como eles compreendiam o Pampa. As duas principais correntes de pensamento do período eram o Romantismo e o Neo-Iluminismo e verificaremos o quão presentes elas estavam em cada um desses viajantes. Atentando que esses viajantes influenciavam e eram influenciados pela população dos locais que passavam e agiam como dispersores de ideias e concepções da natureza que acabavam retumbando tanto na forma como as pessoas do período percebiam o seu ambiente quanto na forma que utilizavam, planejavam e alteravam esse ambiente. Essas ideias acabam sendo tão consolidadas que muitas estão enraizadas até os dias atuais, como a percepção do Pampa como um vazio ou mesmo como um deserto de monotonia. Claro que os viajantes acabavam não sendo os grandes pensadores do período, sendo um dos muitos influenciadores e o alcance das ideias de cada um acabava sendo muito limitado, porém suas publicações permaneceram ao teste do tempo e muitos relatos de viagem influenciaram na construção do pensamento de gerações futuras.

O último capítulo tratará de questões adjacentes ao pensamento ambiental e tem como título “O Pampa no caminho da convergência de muitos mundos: impactos ambientais, relações com o mundo natural e outros temas”. Neste trecho da pesquisa trataremos da introdução de espécies exóticas que possivelmente tenha sido o fator de maior impacto ambiental para a região no período. Salientaremos como os impactos ambientais podem mudar ao longo dos séculos quando estamos tratando de um bioma, pois os desafios no século XIX não foram os mesmos que os apresentados atualmente na região, apesar de terem, obviamente, ligações importantes. Também analisaremos como a população que era tão

dependente da disponibilidade da madeira para construções, mobília, ferramentas e aquecimento, conseguiu se estabelecer em um bioma predominantemente campestre e com carência de recursos madeireiro, quais foram as alternativas buscadas pela população. Procuraremos destacar o protagonismo dos não-humanos presentes nesse ambiente e a relação que os humanos estabeleciam com eles, abordando não apenas a riqueza dessa biodiversidade, mas também a riqueza de diferentes tipos de interações estabelecidas. Trataremos da questão da água atrelada as espacialidades e ocupação do território e como fechamento uma análise da importância dos sentidos na percepção ambiental dos viajantes.

As considerações finais além de sintetizar algumas das principais discussões e ideias tratadas ao longo da tese, buscará oferecer as direções para novos caminhos pelo Pampa como um objeto de estudo da História. A partir daqui muitas rotas podem ser pensadas e planejadas para que possamos cada vez mais compreender o passado do bioma Pampa e das muitas gentes, animais, plantas e coisas que nesses campos estiveram. Os relatos de viagem e o estudo do pensamento ambiental foram apenas um ponto de partida para um grande território a ser explorado, no melhor sentido da palavra.

## 2 O BIOMA PAMPA E OS VIAJANTES

Este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor as principais características, os limites e importância ecológica do bioma Pampa. O território pampeano é atualmente dividido pelas linhas de fronteira de três nações diferentes e verificaremos como essa característica fronteiriça influencia em sua atual delimitação e como afetava as dinâmicas do cotidiano no século XIX, nosso recorte temporal. Nossa atenção estará voltada especialmente a como os principais acontecimentos desse período afetaram o ambiente e as viagens realizadas pelos viajantes estudados. Dentre esses acontecimentos destacamos o processo de colonização e os principais conflitos e episódios políticos ocorridos na região.

Apresentaremos cada um dos quinze viajantes, destacando alguns dados importantes de suas vidas para compreendermos o contexto em que cada um estava inserido, suas profissões, suas origens, suas idades, seus objetivos de viagem, suas rotas de viagem, a forma como registraram suas impressões de viagem, os temas mais recorrentes em seus relatos, enfim, qualquer aspecto que nos ofereça uma compreensão maior sobre esses agentes históricos aqui analisados. Por fim, discutiremos sobre o papel dos relatos de viagem como fontes históricas, seus limites e possibilidades, suas inúmeras formas e estruturas.

### 2.1 O ESTUDO DE UM BIOMA E OS CONCEITOS DO RECORTE ESPACIAL

Uma das questões centrais dessa pesquisa é o bioma Pampa e para seguirmos precisamos compreender tanto o conceito de bioma, quanto o que define o espaço pampeano. Pampa é uma palavra de origem quéchua que significa “região plana”, característica marcante da região (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p.43). A origem do termo vem desse povo indígena da região dos Andes que provavelmente estabelecia contatos comerciais com outros grupos indígenas das planícies do Pampa, pois como destaca John Murra (2004, p.70) as sociedades andinas costumavam deslocar-se pela cadeia de montanhas horizontal e verticalmente, além de estabelecer contato com seus arredores, sendo que o quéchua espalhado pelos Incas possuíam variantes que eram “faladas desde o que é hoje o Equador, ao norte, até Tucumán, ao sul” (MURRA, 2004, p.83), não tão distante das planícies pampeanas.

Todavia não conseguimos<sup>4</sup> rastrear quando o termo surge ou quando a região passa a ser considerada uma unidade e a se inserir dentro dos circuitos andinos.

O mapa 1 mostra a localização e tamanho desse bioma, sua dimensão territorial é de mais de 700.000 km<sup>2</sup> (OVERBECK; *et al.*, 2015b, p. 14; CASTILHOS; MACHADO; PINTO, 2009, p.199; SILVA, 2009, p.6), ainda distante do tamanho de biomas como o Cerrado, Mata Atlântica ou Amazônia, mesmo assim, é uma das maiores áreas de campos do mundo. Esse número é apenas uma referência, já que há vários tipos de delimitação do território pampeano que variam de acordo com as ideias do pesquisador ou Estado Nacional em questão.

Um outro nome comum encontrado para a região é Campos do Rio da Prata ou '*Río de la Plata Grasslands*', em alusão a bacia hidrográfica do Rio da Prata:

Río de la Plata Grasslands (RPG) é a maior área de bioma de pastagens temperadas úmidas e sub-úmidas da América do Sul e uma das maiores do mundo. A região está localizada em solos férteis, geralmente muito propícios ao desenvolvimento agrícola, por isso passa por um intenso processo de mudança de cobertura do solo. Nosso conhecimento dessas mudanças permanece incompleto<sup>5</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.2, tradução nossa).

Atualmente o território é dividido pelas fronteiras humanas de três países: Argentina, Brasil e Uruguai. Essa fronteira não separa a natureza do Pampa de forma física, não é uma barreira intransponível, mas a sua existência afeta as tensões regionais, as leis ambientais de cada país e outros aspectos que podem refletir em nossa pesquisa. A nossa intenção é realizar um estudo histórico que vá além da ideia de fronteira como um recorte espacial, sem deixar de considerar a existência desse elemento.

---

4 Um objetivo para futuras pesquisas é procurar compreender como o espaço do Pampa virou uma região, uma macrorregião. Entender quando esse espaço começa a ser denominado com uma unidade e incorporado nas relações com outros espaços, os Andes, a Patagônia e posteriormente a Europa e o resto do mundo. Para isso será necessário um estudo que recue na temporalidade que essa pesquisa se propõe e que consiga dialogar mais com os estudos arqueológicos e antropológicos.

5 Optamos por traduzir os trechos em outros idiomas no corpo do texto para manter um fluxo de leitura. E decidimos colocar o trecho no idioma original nas notas de rodapé para eventuais consultas. Optamos também por não fazer correções ortográficas nos textos originais, sejam de fontes ou de outros estudos. No original: “Río de la Plata Grasslands (RPG) region is the largest area of the temperate humid and sub-humid grasslands biome in South America and one of the largest in the world. The region is located on fertile soils, generally very suitable for agricultural development, so it is undergoing an intense land cover change process. Our knowledge of these changes remains incomplete”.

Mapa 1 – O Pampa localizado na América do Sul



Fonte: Elaborado com base em Sistemas de Informações Geográficas SIRGAS DATUM 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020). Organização: PEZETTI, Mateus; MINUZZI, João; SÁ, Débora (2021).

Uma das diferenças entre os países é a própria catalogação do Pampa como uma unidade. No Brasil a classificação é feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004) e é mais generalista, apresentando um conceito mais amplo, o conceito de bioma. Esse conceito surge no início do século XX mas sem definições precisas até a atualidade (COUTINHO, 2006).

Para esta pesquisa levaremos em consideração o conceito de bioma sendo uma grande unidade biológica definida “para designar unidades geográficas contínuas, ainda que sejam compostas por uma miríade de ecossistemas” (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p.44). Esta unidade pode ser agrupada a partir de elementos da natureza, tendo como características “a

uniformidade de um macroclima definido, de uma determinada fitofisionomia ou formação vegetal, de uma fauna e outros organismos vivos associados, e de outras condições ambientais, como a altitude, o solo, alagamentos, o fogo, a salinidade, entre outros” (COUTINHO, 2005, p.18). Além disso, “os biomas são fenômenos vivos, que se transformam ao longo do tempo, apesar de manter traços de estabilidade” (PÁDUA, 2021, p.135), apresentando assim, suas próprias temporalidades. Os biomas brasileiros, que podem ser vistos no mapa 2, são seis: Pampa, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, Caatinga e Amazônia.

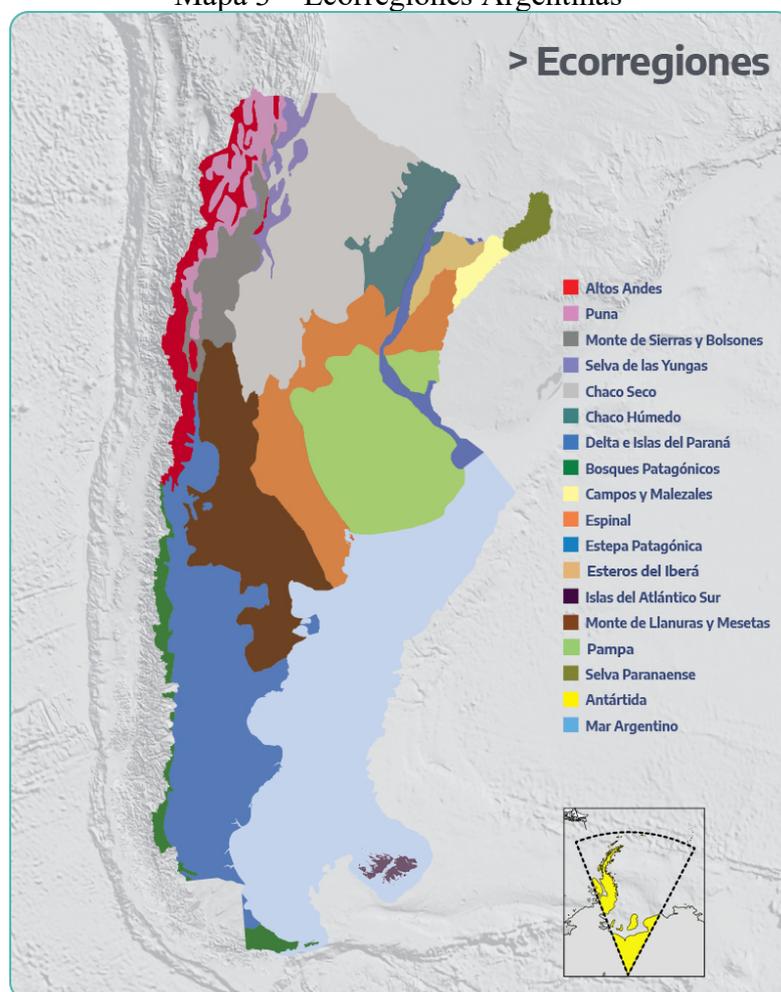
Mapa 2 – Biomas Brasileiros



Fonte: IBGE, 2012.

Já a Argentina classifica o seu território pelo conceito de ecorregiões, sendo um total de dezoito, como pode ser visto no mapa 3. Devido essa dissonância entre o Brasil, que utiliza um conceito mais abrangente como o de bioma, e a Argentina, que utiliza um termo mais fragmentado como o de ecorregião, estamos utilizando nessa pesquisa uma abordagem e definição do Pampa o mais abrangente possível e em consonância com o estudo de outros pesquisadores que elaboram trabalhos sobre a região.

Mapa 3 – Ecorregiones Argentinas



Fonte: NOGAR; NOGAR; JACINTO, 2013, p.77. Elaborado pela Secretaría de Recursos Naturales y Desarrollo Sustentable do governo Argentino.

Como pode ser visto no mapa 3, o Pampa já é uma das dezoito classificações de ecorregião, porém como várias ecorregiões se juntam para formar um bioma, pensamos em agrupar as ecorregiões do Espinal, do Delta e Ilhas do Paraná e do Campo e Malezales dentro de uma definição de bioma Pampa ou uma ideia de Grande Pampa. Essa forma de classificar a região entra em consonância com o que os pesquisadores do MapBiomas tem pensado para estudar essa zona transfronteiriça. O Mapbiomas se constitui como um importante projeto transnacional e multidisciplinar que:

foi criado para desenvolver uma metodologia capaz de gerar mapas anuais de cobertura do solo com base na coleção de imagens do satélite Landsat, num conceito de coleções de mapas de cobertura do solo em evolução progressiva [...] O trabalho é realizado por uma rede de equipes interdisciplinares ligadas a universidades, ONGs, empresas de tecnologia e startups, operando em ambiente colaborativo<sup>6</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.5, tradução nossa).

Os pesquisadores ligados a rede do MapBiomas definiram que “o escopo da iniciativa trinacional MapBiomas Pampa inclui a maior parte do RPG e também partes das regiões fitogeográficas vizinhas do Espinal e do delta do Paraná para manter a continuidade espacial interna nos mapas e com outras iniciativas da rede MapBiomas”<sup>7</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.6, tradução nossa), ficando o bioma Pampa entendido pelo território representado no mapa 4.

Em termos climáticos gerais “a temperatura média anual diminui de 20°C no norte para 13°C no sul, e a precipitação anual varia de 1.500 mm no nordeste a 400 mm no sudoeste”<sup>8</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.6, tradução nossa). Dessa forma, os mapas 1 e 4 chegam mais próximos da nossa compreensão de bioma Pampa para essa pesquisa. É um ajuste que precisamos fazer devido as diferentes classificações oficiais determinadas pelos Estados nacionais e das classificações de outros pesquisadores. Essas concepções de biomas são

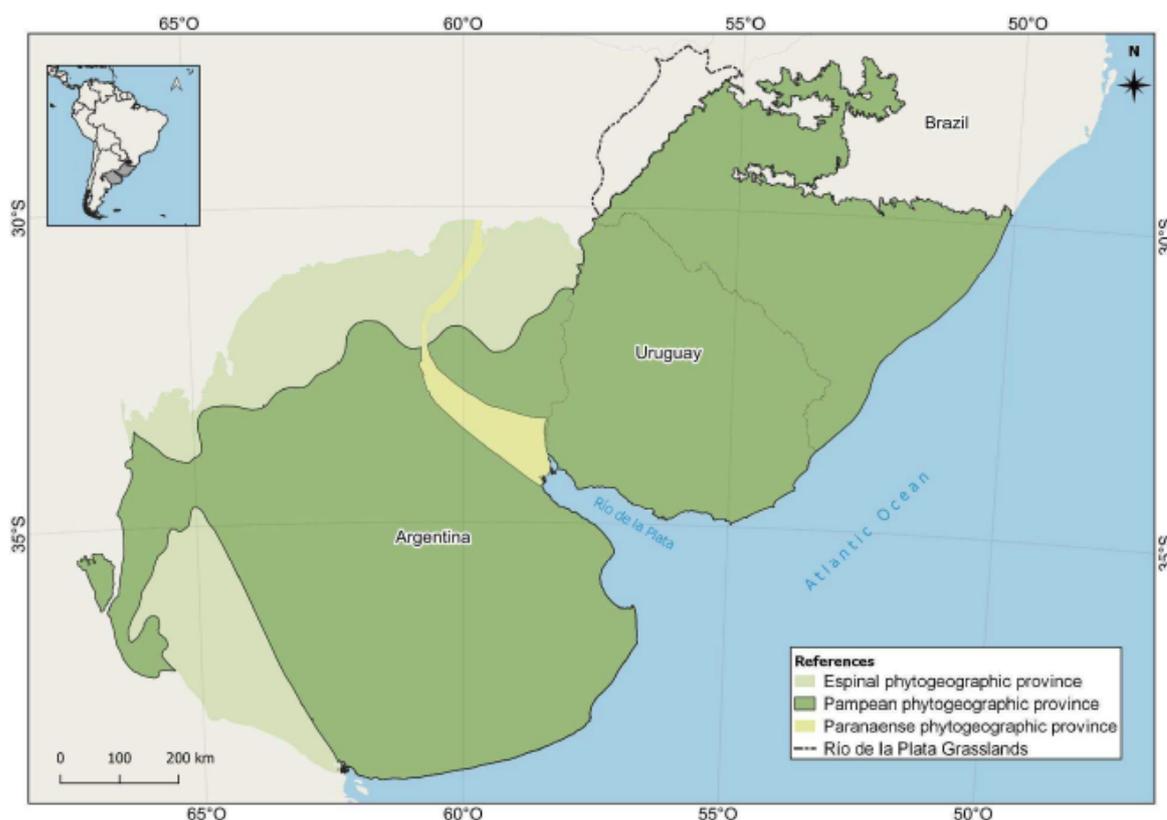
6 No original: “was created to develop a methodology capable of generating annual land cover maps based on Landsat satellite imagery collection, in a concept of progressively evolving land cover map collections [...] The work is carried out by a network of interdisciplinary teams linked to universities, NGOs, technology companies and startups, operating in a collaborative environment”.

7 No original: “the scope of the trinational MapBiomas Pampa initiative includes most of the RPG and also, parts of the neighboring phytogeographic regions of the Espinal and the Parana delta to keep internal spatial continuity in the maps and with other MapBiomas network initiatives” .

8 No original: “The mean annual temperature decreases from 20°C in the north to 13°C in the south, and the annual precipitation ranges from 1500 mm in the northeast to 400 mm in the southwest”

recentes, a brasileira foi definida a apenas 20 anos. Ao longo da análise dos relatos salientaremos quando o trecho descrito é sobre uma região que fica no Espinal ou em outra ecorregião que foi aglutinada.

Mapa 4 – Bioma Pampa estudado pelo MapBiomias



Fonte: BAEZA; *et al.*, 2022, p.7

Apesar dos viajantes do século XIX não utilizarem o conceito de bioma, eles conseguiam reconhecer uma região da outra através da observação de suas características naturais, da paisagem e das espécies presentes ou ausentes em cada localidade. Estando no município de Montenegro, Smith reconhece que o tipo de floresta que ali existia era muito semelhante aquela que se encontrava por toda a costa brasileira, era a Mata Atlântica, segundo ele “este é o *mato geral*, parecido com o da serra do Mar, do qual é apenas prolongamento” (SMITH, 1922, p.57, grifo do autor). Próximo de La Reducción, na Argentina, Miers escreve

que “A aparência do país continuou a melhorar; a grama grossa e juncosa foi sucedida por uma erva lisa, curta e espessa. De vez em quando víamos alguns arbustos anões, que crescem sete ou dez centímetros acima do pasto”<sup>9</sup> (MIERS, 1826, p.66, tradução nossa), essa era a transição entre o Pampa e o Espinal. Zonas de encontro entre dois ambientes distintos, como dois biomas ou dois ecossistemas, são chamadas de ecótono.

O ecótono é uma área com grande biodiversidade pois apresenta elementos naturais de ambas comunidades ecológicas, ou seja, espécies de fauna e flora de ambos os lados dialogam entre si formando um mosaico de diversidade. Voltamos a Montenegro e as anotações de Smith que “Não tardou muito [para] descobrirmos que as aves e insectos do *mato geral* eram quasi todos os mesmos do Rio de Janeiro; mas nos logares abertos e na floresta de terreno aluvial havia grande mescla e fórmulas sulanas ou pampeiras. Notava-se isto principalmente nas borboletas” (SMITH, 1922, p.60, grifo do autor). Essa grande mescla é exatamente a descrição da biodiversidade do encontro entre a Mata Atlântica e o Pampa no município de Montenegro, um importante ecótono na província do Rio Grande do Sul.

Lindman é outro viajante que registra essa zona de ecótono. Ele sobe a serra geral e percebe um contraste na natureza daquela localidade:

esta parte do paiz possui primitivas mattas virgens, da **mesma categoria** que a «matta da chuva» do Brasil tropical e parcialmente ainda intactas pela dificuldade que offerece o declive forte da serra em vários logares. Causa por isso grande admiração ver esta matta abrir-se de novo e já, em alguns logares do começo superior do declive, no alto da serra, dar logar a campos infindos **como se a campanha continuasse cá, em cima do planalto** (LINDMAN, 1974, p.92-93, grifos nossos)

O viajante inicialmente compara a mata da Serra Geral com a tropical ‘mata da chuva’ que cobre boa parte do Brasil, ou seja, ele consegue notar a semelhança entre esse último resquício meridional da Mata Atlântica com o restante desse bioma que se espalha por boa parte do centro litorâneo brasileiro. Seguindo no trecho, ele compara os campos que recém havia percorrido, que ficavam na campanha gaúcha, com os campos que estavam a sua frente, já no Planalto. Separados apenas por uma fina faixa de mata que cobre os morros que

---

9 No original: “The country continued to improve in appearance; the coarse rushy grass was succeeded by a smooth, short, thick, herbage. Now and then we saw a few dwarfly shrubs, which grow three or four inches above the pasture”

cortam o Rio Grande do Sul de leste a oeste. Lindman chega a constatar que “a cada passo que forçoso [que dou] é [possível] considerar os dous territorios como essencialmente identicos” (LINDMAN, 1974, p.97) – os campos de São Martinho e os de Cachoeira que ficaram ‘lá embaixo’. Lindman também conseguiu ver aproximações entre a natureza dos arredores de Monte Caseros, em Corrientes na Argentina, com a natureza presente no Pampa brasileiro, segundo ele “toda esta região do curso médio do Uruguay pertence à região campestre e tem essencialmente a mesma physionomia, as mesmas condições naturaes, a mesma vida vegetativa que o Rio Grande do Sul” (LINDMAN, 1974, p.108), vale a pena ressaltar que Corrientes é classificada como ecorregião de Campo e Malezales atualmente.

O contraste entre campos do Pampa e áreas florestais da Mata Atlântica é uma constante presente nos relatos dos viajantes. Esse contraste aparece até mesmo em um mapa do período (mapa 5). Nesse mapa podemos constatar que a diferença entre os ambientes florestais e campestres era perceptível e importante ao ponto de ser uma das informações presentes no mapa com maior destaque. O mapa ainda conta com informações sobre principais cidades, localidades, características de topográficas e hidrográficas, além de traçar a então fronteira entre as coroas ibéricas, Espanha e Portugal.

Um dos maiores desafios ambientais do bioma Pampa atualmente é o cultivo de monoculturas exóticas, veremos mais sobre os impactos ambientais relevantes para a região no capítulo 4, porém vale destacar que:

Essa região ao sul do Brasil é caracterizada por 'estepes' que estão submetidas a intenso processo de antropização, principalmente pela criação extensiva de gado aliada ao uso do fogo, fatores que condicionam sua estrutura e composição florística atuais. Em décadas mais recentes, intensificou-se a pressão antrópica sobre a estepe em consequência da ampliação da área produtora de grãos, especialmente de soja (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.157).

Evidencia-se assim que os impactos ambientais vão se configurando de diferentes formas através do tempo, antes o mais preocupante era a criação extensiva de gado e o fogo, agora é a produção de grãos. Os desafios ambientais vão se alterando, se somando e reconfigurando o território. O Pampa de hoje não é o mesmo Pampa dos viajantes, apesar de haver muitas continuidades de longa duração. Cabe aos historiadores temporalizarem esses impactos através de pesquisas que considerem as características da natureza do Pampa como

uma história a ser contada.

Mapa 5 – Mapa de parte do Vice-Reinado de Buenos Aires – 1806



Fonte: A Map of Part of the Viceroyalty of Buenos Ayres 1806. London, Published by A.Arrowsmith, No. 10 Soho Square, 26th November, 1806.

Uma pesquisa recente revela que o Pampa recebe pouca atenção em termos de proteção ambiental no Brasil e que “uma das razões para esta falta de consideração pelo Pampa brasileiro em termos de valor de conservação é provavelmente a falta de consciência da sua biodiversidade, um fenômeno mundial para as pastagens”<sup>10</sup> (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.4, tradução nossa). Refletindo sobre um senso comum e raso do pensamento ambientalista atual, podemos verificar que as pessoas têm a ideia de que preservação ambiental é floresta em pé e que um dos maiores impactos que podem ocorrer é o desmatamento. Esse raciocínio pode ser potencialmente perigoso em zonas ecotones, como a que ocorre em Santa Maria (MINUZZI, 2022b), pois o contraste entre mata e campo fará com que as pessoas tendam a preservar as zonas florestais enquanto não conseguem identificar, reconhecer ou valorizar a importância ambiental dos espaços campestres.

O mapa 6 traz dados interessantes sobre as diferenças na conservação de ambientes florestais e não-florestais no Brasil. Ele indica que apesar de ser um dos ambientes com a maior taxa de conversão histórica, ou seja, um dos que mais sofreram ação antrópica, o bioma Pampa ainda assim tem a menor taxa de proteção dentre todos os biomas brasileiros. Isso indica falta de áreas de preservação, parques, reservas e afins. Além disso, o índice de risco de conservação (CRI) tem o valor de 15.9, o maior, sendo mais que o dobro do segundo colocado, a Mata Atlântica com CRI no valor de 6.9. A taxa de conversão recente põe o Pampa no terceiro da lista para dados colhidos entre 2002 e 2009. É necessário que as pessoas comecem a compreender a importância dos ambientes campestres para que a biodiversidade e características desses espaços possam ser preservados.

Esse pensamento que associa a floresta à natureza, é bem comum, especialmente no Brasil, devido à influência e importância biodiversa da Amazônia. A imagem da floresta é sinônimo da imagem de natureza. Além disso, o grande centro econômico e populacional do país está concentrado no bioma florestal da Mata Atlântica, e a construção da identidade dos brasileiros foi muito pautada nos elementos tropicais e representativos desses dois espaços.

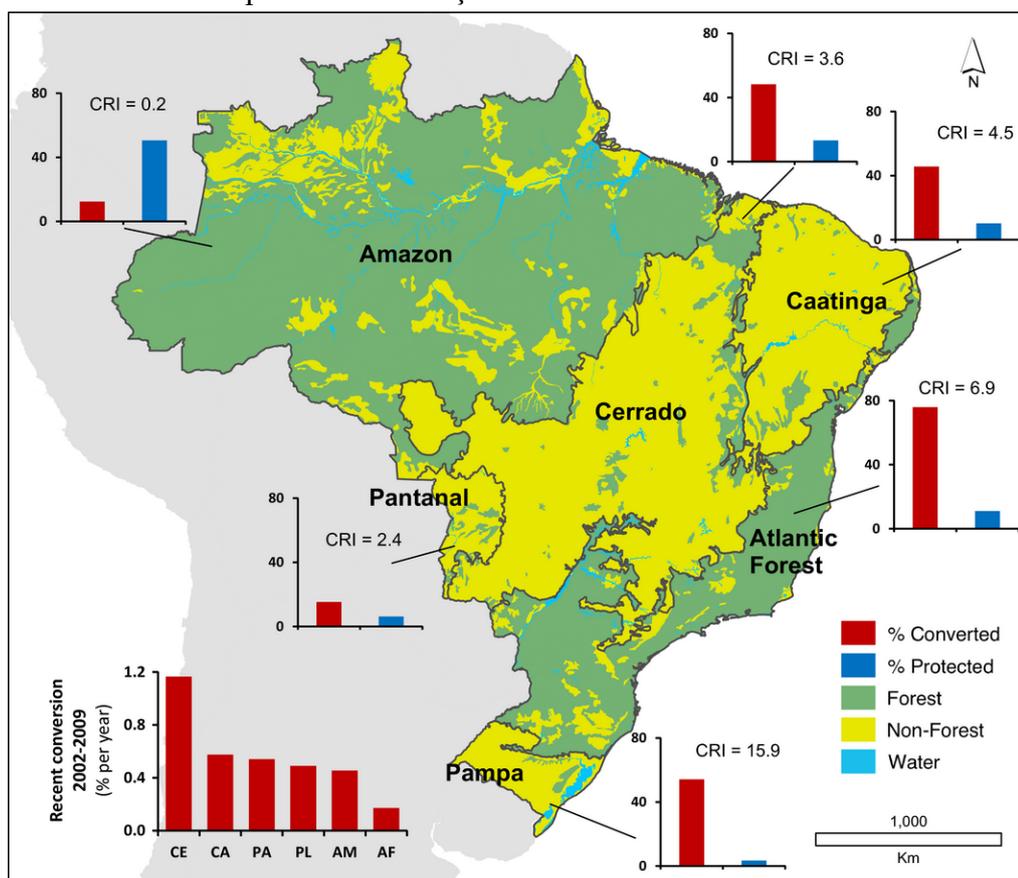
A historiadora Luciana Murari analisa a obra *Populações Meridionais do Brasil* de 1918 escrita por Oliveira Viana e pontua que o autor:

---

10 No original: “One of the reasons for this lack of consideration for the Brazilian Pampa in terms of conservation value is likely the lack of awareness of its biodiversity, a worldwide phenomenon for grasslands”.

privilegiou a análise da formação do centro-sul do país, observando a existência de duas outras sociedades distintas - frutos de ambientes naturais distintos: o sertão nordestino e os pampas gaúchos, identificadas com a atividade pastoril. Enquanto essas duas últimas foram definidas como **histórias regionais**, a história do centro-sul [...] seria **mais nacional**. Isso porque teria grande peso específico em relação à totalidade do país e à sua formação política, havendo exercido maior ascendência sobre a **evolução nacional**, a constituição de seu centro político-institucional (MURARI, 2002, p.115, grifos da autora).

Mapa 6 – Conservação dos biomas brasileiros



Fonte: OVERBECK; *et al.*, 2015. Biomas brasileiros e cobertura vegetal. Em amarelo regiões predominantemente não-florestais e em verde regiões predominantemente de florestas. Nos gráficos de cada bioma temos a área convertida em vermelho, já em azul é a área protegida. O índice de risco de conservação (CRI) também é apresentando. A recente taxa de conversão para os anos de 2002 a 2009 também indica quais os biomas mais afetados.

Nesse sentido, o Pampa se constitui como um caráter periférico dentro do Brasil. É visto como um ambiente fronteiro e as identidades ali são apenas regionais, não chegando a constituir o que é ser brasileiro. Muito disso se deve pelo tamanho diminuto do bioma pois

“no território brasileiro [o Pampa] se distribui pela metade sul do Rio Grande do Sul, abrangendo 176.496 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 64% do território gaúcho” (SILVA, 2009, p.6) e representa pouco mais de 2% do território brasileiro (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.10). Esse regionalismo periférico do Pampa brasileiro é bem distinto da realidade do Pampa argentino ou uruguaio. Nesses países, a sociedade e a identidade foram construídas em território pampeano, e boa parte da História e da cultura nacional está atrelada ao Pampa que exerce papel de protagonista.

Em estudo sobre a província de Córdoba, o historiador argentino Gabriel Garnero demonstra que existia uma separação do país naquela região, a província hoje é dividida em 3 ecorregiões: Chaco Seco, Espinal e Pampas. Assim, como vimos para o encontro entre Mata Atlântica e Pampa no estado do Rio Grande do Sul, percebemos que essa ‘fronteira’ entre Chaco Seco e Pampa criava uma divisão nítida ainda no século XIX. “A noção da existência de duas Argentinas qualitativamente diferentes foi partilhada por numerosos representantes técnicos e pela elite dominante nacional”<sup>11</sup> (GARNERO, 2022, p.39, tradução nossa) com a cidade de Córdoba separando uma parte fecunda e onde triunfava o esforço humano - os Pampas - da região norte/oeste do país marcada por uma terra dita inculta, estéril e árida – o Chaco Seco (GARNERO, 2022). “As áreas mais áridas, sem irrigação e desmatadas, eram desfavoráveis à agricultura e, em contrapartida, o pampa era visto como favorecido ‘pela natureza’ ou onde ‘os recursos naturais admitem seu uso mais intenso’”<sup>12</sup> (GARNERO, 2022, p.40, tradução nossa). Isso demonstra que para o caso argentino, o Pampa exerce uma centralidade e um protagonismo, deixando outras divisões ecológicas as margens dessa história.

A dicotomia entre campo e mata provoca no bioma Pampa um prejuízo, já que ele é caracterizado pela vegetação campestre e as zonas florestais são comumente priorizadas em projetos de preservação ambiental. Porém, o Pampa é muito mais do que áreas campestres. Se deixarmos de enxergar o grande quadro da paisagem e passarmos a analisar escalas menores,

---

11 No original: “La noción de la existencia de dos argentinas, cualitativamente diferentes, fue compartida por numerosos referentes técnicos y la elite dirigente nacional”.

12 No original: “Las zonas más áridas, sin riego y desforestadas, eran desfavorables para la agricultura y, en contraste, la pampa fue vista como favorecida “por la naturaleza” o donde los “recursos naturales admiten su utilización más intensa”

de ecossistemas, verificaremos uma grande variedade que juntas formam o Pampa. “A região é dominada por pastagens, mas também inclui outros ecossistemas naturais, como florestas e bosques, parques semelhantes a savanas, palmeirais, afloramentos rochosos, dunas, diferentes tipos de zonas húmidas e corpos de água”<sup>13</sup> (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.4, tradução nossa), sendo importante ter o discernimento de que a categoria bioma está em uma macro escala espacial que contém outras categorias em escalas mais aproximadas. É importante realizarmos um jogo de escalas, algo como o próprio Lindman ressalta quando diz que “examinada mais de perto, esta vegetação arbustiva é composta de vários grupos, morfológica e ekologicamente” (LINDMAN, 1974, p.118).

O mapa 7 apresenta essas divisões do bioma no estado do Rio Grande do Sul e servem de exemplo para ilustrar a variedade que compõem o Pampa de forma geral. Essa classificação<sup>14</sup> apresenta uma variedade de sistemas ecológicos para o bioma Pampa brasileiro, com dez divisões que vão desde áreas florestais como a CSF – Floresta Subtropical costeira até áreas com processos de erosão e arenização como a SAG – campos com areais. Então mesmo em um bioma campestre pode haver um ecossistema florestal, assim como vemos que mesmo em um bioma florestal como a Mata Atlântica, há um ecossistema campestre, como os Campos Sulinos (OVERBECK; *et al.*, 2009, p.29).

Ao analisarmos os relatos de viagem temos que ter em mente que a paisagem e as características do bioma não são uniformes para toda a sua extensão territorial. Um viajante que desembarca em Rio Grande terá contato com a COG – campos litorâneos com presença de pequenas plantas no meio de dunas e inúmeros corpos de água que deixam o solo úmido, enquanto encontrará no Planalto cenário muito distinto com os campos de barba-de-bode (*Aristida jubata*) – ARG, que fazem fronteira com ecossistemas florestais da Mata Atlântica, muitas vezes criando mosaicos de paisagens. Cada peculiaridade de cada lugar despertará um tipo de sentimento e de percepção ao viajante. Sua observação da natureza de uma região ainda estará condicionada as estações do ano, as

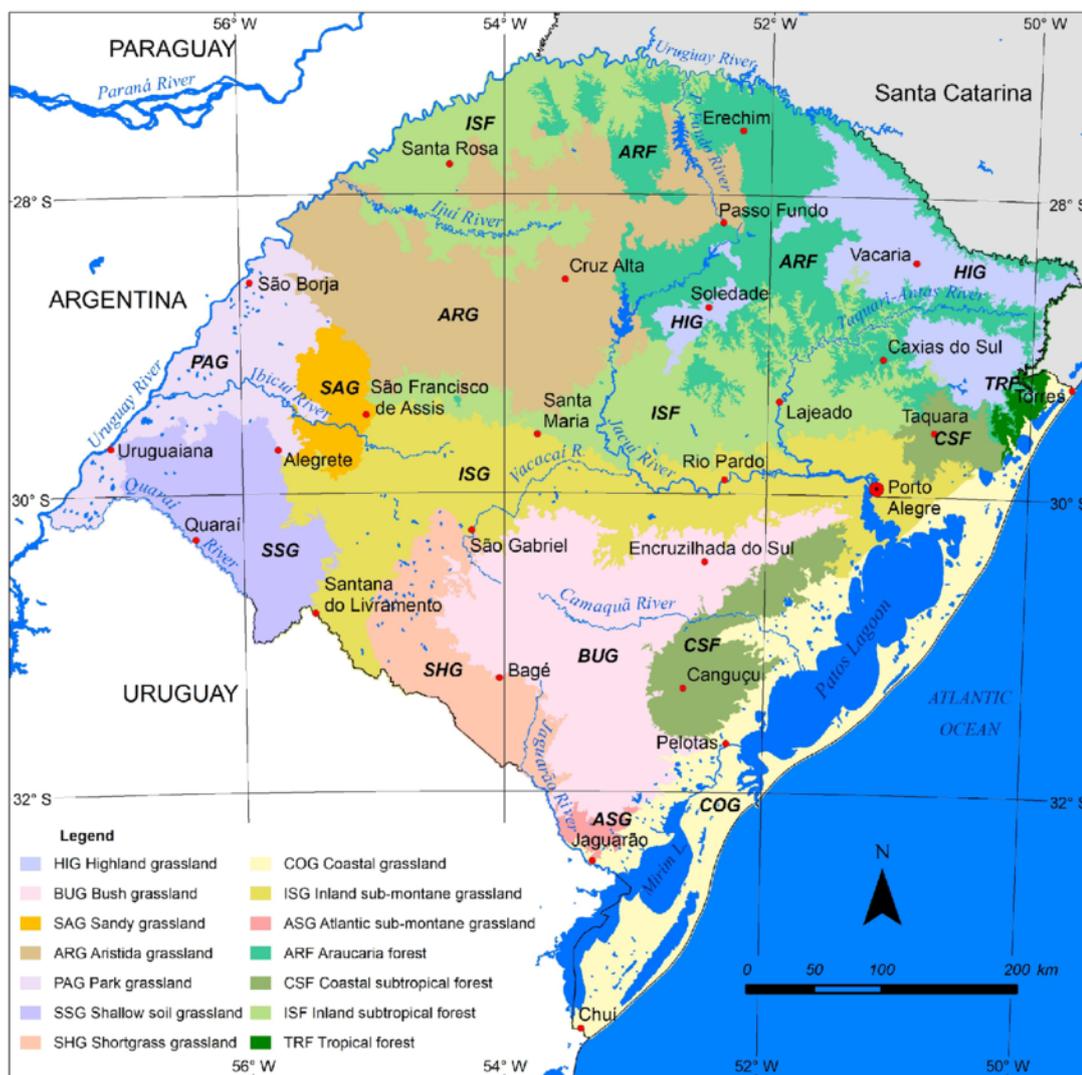
---

13 No original: “The region is dominated by grasslands, but also includes other natural ecosystems, such as forest and woodland, savanna-like parklands, palm groves, rock outcrops, dunes, different types of wetlands, and water bodies”.

14 Esses ecossistemas também já foram descritos através de outras classificações, como campo nativo seco, campo nativo úmido, banhado, duna litorânea, praia fluvial, praia marinha, mata nativa, mosaico de campo e mata nativa (HASENACK, *et al.*, 2006). Pode-se pensar também a partir da divisão por: campos da campanha, campos da depressão central, campos sobre areais, campos da Serra do Sudeste e campos do litoral (OVERBECK; *et al.*, 2015, p.38-39). Demonstrando como os estudos ainda estão sendo realizados, discutidos e adaptados em anos recentes.

condições climáticas, ao percurso e a todo o contexto da viagem empreendida. Para os historiadores ambientais Marcos Gerhardt e Paulo Zarth “a classificação em biomas é uma forma inteligente de compreender e explicar as semelhanças ou continuidades e as características comuns do meio ambiente, sem ignorar as particularidades e as diferenças internas e interconexões de cada bioma” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.133).

Mapa 7 – Ecossistemas dos biomas Pampa e Mata Atlântica no Rio Grande do Sul



Fonte: HASENACK, 2023, p.7. Vamos manter as siglas em inglês para uma visualização mais fácil do mapa. O Pampa apresenta dez sistemas ecológicos que são: BUG – Campo arbustivo; SAG – Campo com areais; ARG – Campo de barba-de-bode; PAG – Campo com espinhito; SSG – Campo de solos rasos; SHG – Campo graminoso; COG – Campo litorâneo; ISG – Campo sub-montano interior; ASG – Campo sub-montano Atlântico; CSF – Floresta Subtropical Costeira; outros não citados fazem parte do bioma Mata Atlântica - ARF; HIG; ISF; TRF (tradução nossa).

Para essa pesquisa estamos priorizando o Pampa em uma macro escala, mas a todo momento realizamos ajustes no jogo de escalas para nos aproximarmos da realidade relatada. Uma mudança de escalas pode ser vista em GRIFFITH (*et al.*, 1998) onde são elaborados três níveis de aproximação das ecorregiões da América do Sul. O mapa 8 apresenta o primeiro nível, que traz uma classificação mais homogênea desses espaços, estando o Pampa representado.

Mapa 8 – Nível I de Ecorregiões da América Central e América do Sul



Fonte: GRIFFITH, Glenn; *et al.* Ecological classification of the western hemisphere. United States Environmental Protection Agency, 1998.

A região que estamos considerando como bioma Pampa nessa pesquisa seguindo os estudos de Santiago Baeza (*et al.*, 2022), está representada no mapa 8 como Pampa e como

Gran Chaco. O nível II de aproximação irá fragmentar essas ecorregiões em Pampas ondulantes do Norte e Pampas planos do Sul, e Chaco seco e Chaco úmido. O nível III fragmentará o Pampa em sete subdivisões e o Chaco em seis. Essas divisões auxiliam em nossas compreensões a respeito da natureza e fornecem tanto a cientistas quanto a governos, um foco maior para o desenvolvimento de pesquisas e leis ambientais.

O bioma Pampa, em suas variadas classificações, ainda desafia os pesquisadores das Ciências Naturais a desvendarem todas as intrincadas relações ambientais existentes nesse território. Ele ainda precisa superar o estigma de ambiente campestre visto constantemente como pouco diverso, pois já foi constatado que “um total de 12.503 espécies (12.851 táxons) de plantas, fungos (incluindo fungos liquenizados), bactérias e animais, de 1.025 famílias e 4.661 gêneros, são atualmente conhecidos por ocorrer no Pampa brasileiro [...] Um total de 23 espécies foram declarados extintos ou provavelmente extintos na região”<sup>15</sup> (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.8, tradução nossa), provando que os Pampas são um ambiente extremamente diverso e que sua biodiversidade precisa ser melhor conhecida e protegida, pois:

uma parte considerável da biodiversidade brasileira está concentrada em uma porção relativamente pequena do país que é sub-considerada nas estratégias de conservação e experimenta rápida conversão de ecossistemas naturais em áreas antrópicas. Nossos dados indicam que o Pampa brasileiro abriga, em pouco mais de 2% da área do Brasil, cerca de 9% das espécies do país<sup>16</sup> (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.9-10, tradução nossa).

Mesmo em área diminuta em relação ao restante do território nacional, o Pampa é responsável por quase um décimo das espécies brasileiras. E se consideramos a extensão uruguaia e argentina, o número de espécies aumentará. Uma grande quantidade de espécies e um alto índice de espécies endógenas são argumentos fortes para pressionar o poder público em busca de cuidados e atenção com um ambiente, porém, nossa mentalidade deveria ser outra, considerar que mesmo que se fosse possível e existisse uma única espécie em determinado território, já seria de valia estudá-lo e garantir a continuidade da vida daqueles

15 No original: “A total of 12,503 species (12,851 taxa) of plants, fungi (incl. lichenized fungi), bacteria and animals, from 1,025 families and 4,661 genera, are currently known to occur in the Brazilian Pampa [...] A total of 23 species have been declared extinct or probably extinct in the region”.

16 No original: “a considerable part of Brazilian biodiversity is concentrated in a relatively small portion of the country that is under-considered in conservation strategies and experiences rapid conversion of natural ecosystems into anthropogenic areas. Our data indicate that the Brazilian Pampa holds, in little more than 2% of Brazil’s area, around 9% of the country’s species”.

indivíduos. A História deve muito ao Pampa, um bioma que foi palco de tantos momentos marcantes contados por inúmeros de historiadores, mas que quase nunca recebeu a atenção devida pela historiografia.

## 2.2 CONFLITOS, COLONIZAÇÃO E FRONTEIRA NO PAMPA

Algumas questões importantes que ocorreram no Pampa ao longo do século XIX refletem nos trajetos das viagens, nas opiniões dos viajantes sobre a natureza e nos direcionamentos que eles dão aos relatos. Reunimos três tópicos, que se interligam, com influência destacada para o período e região que auxiliam a melhor compreendermos a realidade estudada. Cada um desses tópicos foi extensamente estudado pela historiografia que se propõe estudar a América meridional, não cabendo neste espaço uma explicação extenuante de cada temática.

O primeiro ponto é a questão dos conflitos com o século XIX sendo marcado por inúmeras guerras, revoltas, conflitos e tensões fronteiriças. Nesse período temos a independência dos estados platinos em relação às coroas Ibéricas, abrindo um novo mercado em termos globais que inclusive foi o motivo da vinda de inúmeros viajantes para a região. Além disso, esses jovens Estados começavam a se organizar e a buscar suas próprias identidades nacionais, enquanto suas elites disputavam poder interno e procuravam se consolidar como potências regionais perante seus vizinhos. Nesse processo a questão fronteiriça foi muito importante pois, externamente era constantemente redesenhada através de guerras e acordos internacionais, enquanto internamente as ‘fronteiras’ do Estado se moviam para zonas onde o governo colonial anterior não exercia tanta interferência, como as terras ocupadas pelos grupos indígenas. Para povoar essas terras com influência estatal, foi incentivada a colonização europeia na segunda metade do século XIX. O segundo e o terceiro ponto que discutiremos são exatamente esses citados: o incentivo a colonização e os impactos socioambientais que ela provocou na região com um intenso acréscimo populacional, e a questão da fronteira e como ela molda esse espaço.

A história da ocupação humana dos pampas remonta a cerca de 13.000 anos A.P. quando caçadores-coletores chegaram a região caçando megafauna e construindo inúmeros

tipos de ferramentas, incluindo as boleadeiras que viriam a se tornar um símbolo regional (SUERTEGARAY, 2009, p.52). Pouco antes da chegada dos europeus, havia no território do Rio Grande do Sul diversos grupos de indígenas, entre eles os Jês, os Tapes, os charruas e os minuanos (SUERTEGARAY, 2009, p.53). Outros grupos também habitavam e circulavam pelo restante do Pampa e conectavam a região aos biomas vizinhos da Patagônia, do Chaco, da Mata Atlântica e dos Andes, onde existia o maior Império pré-colonial, os Incas e região de onde deriva o idioma quechua, falado na região e que deu nome a ela.

Com a chegada dos europeus, “a ocupação espanhola promoveu, pelo conflito estabelecido com os portugueses (bandeirantes), uma ocupação peculiar, caracterizada pelo caráter político e militar da ocupação e pela riqueza que advinha do gado” (SUERTEGARAY, 2009, p.54), introduzido a partir do ano 1634. O gado, especialmente o cavalar e o vacum, foi apropriado pelos indígenas em seu cotidiano, modificando suas formas de alimentação, de locomoção e até mesmo suas estratégias de guerra. Todavia os grupos indígenas que habitavam o Pampa passaram a sofrer impacto com a presença europeia na região e dentre muitas coisas passaram a ser exterminados, desterritorializados, catequizados e incorporados:

Após a ocupação da região pelos europeus a partir do século 16, os povos indígenas que ocupavam estas terras foram gradativamente eliminados através de sucessivas guerras e por meio da sua incorporação na nova formação social implantada por portugueses e espanhóis. Deste modo, desapareceram os minuanos, os tapes, os charruas entre outros (ZARTH, 2008, p.139).

O historiador Paulo Zarth sintetiza o processo de ocupação da terra ao inferir que:

A destruição dos povos indígenas foi uma forma de limpeza dos campos, imposta para a formação de grandes estâncias de criação de gado controladas por portugueses ou espanhóis e seus descendentes. Ao longo do tempo, foi se consolidando um novo tipo de sociedade nos campos do Rio Grande do Sul composta por criadores de gado, que se utilizavam de trabalhadores escravos importados do continente africano e de peões remanescentes das tribos indígenas miscigenadas com europeus (ZARTH, 2008, p.139).

Os conflitos internos com os indígenas foram registrados por viajantes como Darwin, por exemplo, comentando que, próximo ao Río Negro argentino, “passamos pelas ruínas de umas belas estâncias, que alguns anos atrás haviam sido destruídas pelos índios. Essas

estâncias resistiram a vários ataques” (DARWIN, 2008, p.83), eram ‘araucaianos’ vindos do sul do Chile e faziam incursões pelo Pampa. Outros grupos indígenas eram mais integrados a sociedade europeia, como os que viviam nas cercanias de Carmen de Patagones, na região do Espinal (DARWIN, 2008, p.85), demonstrando uma variedade de relações estabelecidas entre os diferentes grupos indígenas com os europeus e seus descendentes.

No Brasil é somente “após a maioridade de Pedro II, em 1840, e a vitória do Império sobre Oribe e Rosas em 1852, [que] o Brasil viverá um período de crescente pacificação interna, com a consolidação de sua unidade nacional e a normalização das disputas políticas” (MACHADO, 1999, p.44), podemos notar que os viajantes analisados que realizam suas viagens pós-1852, no término da Guerra do Prata, encontram um território muito mais estável politicamente, do que os viajantes que chegam na região na primeira metade do século XIX. Alguns viajantes encontram dificuldades de cruzar fronteiras, entrar em cidades, além de insegurança política generalizada. Além das ruínas das missões jesuíticas, muitos viajantes encontravam campos vazios e estâncias abandonadas em períodos de conflito ou logo após eles. A maior reclamação dos viajantes em relação à segurança pessoal era os inúmeros bandidos que se aproveitavam da situação fronteiriça para cometer crimes e escapar das guardas e das leis de cada país, usando a fronteira como um mecanismo de fuga e impunidade. Além disso, muitos viajantes temiam ataques de indígenas, especialmente nas rotas do Pampa Argentino que ligavam Buenos Aires a cidades como San Luis, Mendoza, Viedma ou Bahía Blanca. O medo do ataque indígena era mais catalisado por histórias que os locais contavam aos viajantes, do que por momentos de real insegurança. Por fim, um outro receio era encontrar com animais ferozes nos campos, especialmente com espécies de felinos.

Alguns conflitos farão os viajantes mudarem os destinos de suas viagens, traçar novas rotas e pegar caminhos mais seguros, Lindman, por exemplo, menciona que “não me sendo possível chegar a essas regiões por causa da guerra intestina que planejada em 1892, desde o começo de 1893 rebentou no lado oeste e sudoeste do Rio Grande, aproveitei a ocasião para de Buenos Aires fazer uma viagem de uma semana subindo os rios Uruguay e La Plata” (LINDMAN, 1979, p.107). A guerra descrita era a Revolução Federalista (1893-1895). O impacto dos conflitos atingia a região de inúmeras formas, como Auguste de Saint-Hilaire indica ao passar ao norte do Rio Negro uruguaio até a cidade de Fray Bentos, onde os

campos sofreram menos com a guerra, mas encontra-se muito gado nos campos sem marcação, pois os seus donos abandonaram suas moradias e o gado se espalhou, tornando-se alçado (1987, p.196). Alexandre Baguet relata que “desde a última guerra os cavalos se tinham tornado caros e raros: outrora podia-se consegui-los por três piastras; hoje devemos pagar doze piastras” (1997, p.48), se referindo a Revolução Farroupilha (1835-1845), recentemente finalizada.

Com a drástica mudança política a partir das independências nas Américas e com os intensos conflitos internos e externos, que ora aproximavam povos vizinhos os colocando do mesmo lado da batalha, ora os tornava inimigos uns dos outros, a região passou por fortes instabilidades na esfera política. Em determinados momentos viajantes franceses e ingleses eram vistos com desconfiança pois suas nações também tinham interesse e influência no espaço platino, participando ativamente dos jogos de poder. Todavia, a efervescência política e a variedade de projetos nacionais abria oportunidades para o estabelecimento de proveitosas relações comerciais. O continente americano neste contexto era encarado pela tripulação do Beagle, o navio que transportou Charles Darwin ao redor do mundo, como “um vasto mercado para bens manufaturados e um armazém de matérias primas. Ingleses ricos e seus banqueiros haviam investido milhões de libras nos governos nacionais emergentes; companhias haviam se capitalizado inteiramente para a exploração dos recursos da região” (DESMOND; MOORE, 1995, p.123). Os Estados europeus também se articulavam para estudar espécies nativas americanas com intuito de utilizá-las em seus territórios ultramarinos. O Pampa também foi um atrativo para muitos colonos de origem humilde deixarem a Europa e começarem uma vida nova estabelecidos dentro dos planos de ocupação colonial com muitos dos viajantes atuando como promotores desse tipo de colonização e seus relatos servindo como propaganda para as terras no Novo Mundo, essa atuação fica mais evidente em Avé-Lallemant e em Isabelle.

O Pampa recebeu uma grande leva de imigrantes ao longo do século XIX, parte deles eram africanos vindos em condição de escravos e outra parte era de colonos europeus, que “só começou a partir de 1820, quando as várias pressões exercidas pelo rápido crescimento da população da Europa, a pouca quantidade de alimentos e o padrão inferior de vida encorajaram a imigração” (POINTING, 1995, p.219) em ondas migratórias cada vez maiores,

especialmente de italianos e alemães na segunda metade do século. Esse acréscimo populacional provocou impactos tanto na sociedade quanto no ambiente. A colonização era incentivada para “consolidar a ocupação do Império em regiões fronteiriças” (MACHADO, 1999, p.12), na província do Rio Grande do Sul ela foi inicialmente direcionada para as “regiões de mata e subidas de serra, locais desinteressantes para o grupo pecuarista dominante” (MACHADO, 1999, p.34) que ocupava os campos do Pampa. Com a presença do colono em terras então ‘vazias’, o Estado reforçava a sua presença e expandia suas fronteiras internas, nesse processo acabava empurrando para territórios ainda mais circunscritos indígenas, caboclos e animais da fauna que habitavam a séculos essas terras ditas ‘vazias’. Ao receber terras e ter autonomia, os colonos passavam a desempenhar o papel de defender as novas fronteiras internas (MALLON, 2003) e Isabelle acredita ainda que a função era de “povoar esses desertos e tomar o lugar dos nativos” (ISABELLE, 2006, p.178).

Esse modelo de ocupação do espaço tinha raízes na expansão colonial europeia e na “incorporação de vastas regiões do planeta a uma economia-mundo sob a sua dominância, inclusive biomas e ecossistemas [diferentes e] a consolidação da ciência como um modo privilegiado de entendimento do mundo” (PÁDUA, 2005, p.156). A “formação da economia colonial no Brasil constituiu-se um certo modelo de ocupação do território [...] que em grande parte continua a ser atualizado no presente” (PÁDUA, 2005, p.155) com a expansão da chamada fronteira agrícola primeiramente em direção ao oeste brasileiro e mais recentemente em direção ao bioma amazônico.

Isabelle menciona que o Rio Grande do Sul possuía ao longo do século XIX localidades que “estão crescendo rapidamente, como consequência natural da afluência de estrangeiros e mesmo de brasileiros das outras províncias do Império, atraídos em massa pelas doçuras de um clima saudável e temperado reunidas aos encantos e à facilidade da vida agrícola” (ISABELLE, 2006, p.14), sendo um dos papéis do viajante fornecer informações para a população europeia das oportunidades presentes nessas terras como os melhores solos, gêneros alimentícios que medram bem na terra e locais que tem fácil escoamento de produção. A maior motivação de um colono, para Herbert Smith, estava nos possíveis ganhos e mudança de vida que ele teria, pois um colono “não é muito capaz de compreender a beleza relativa de uma floresta tropical e de um pampa herbáceo; não tem opinião quanto a seu valor

para a lavoura. Mas uma cousa ha que elle comprehende como ninguém: o valor do salario de um dia.” (SMITH, 1922, p.205), uma opinião que desconsidera que esses colonos possam ter algum tipo de sensibilidade ambiental ou ideias próprias a respeito da natureza.

Avé-Lallemant ao longo de seu relato constantemente valoriza os colonos alemães, chegando até mesmo na conclusão de que São Leopoldo e região seriam uma nova Alemanha, o próprio nome da cidade de Novo Hamburgo ilustra isso, e que o Rio Grande do Sul seria um local ideal para a instalação de novas colônias. Anos mais tarde, já na década de 1880 e com a colonização muito mais avançada, Herbert Smith procura responder uma pergunta que dizia ser muito comum na região:

Porque motivo os imigrantes preferem o Rio Grande do Sul a outras provincias que são pelo menos tão férteis e avantajam-se-lhe em ficarem mais proximas da Europa? Tem-se dito que a raça teutônica prefere o clima d’esta provincia por ser mais frio e mais semelhante ao da Allemanha (SMITH, 1922, p.51).

De acordo com o viajante o argumento não se sustentaria, pois os alemães são cosmopolitas, habitando todos os lugares e os italianos formam grande volume nessa corrente imigratória mesmo vindo de uma região de clima mais quente em relação a Alemanha. Smith acaba não chegando a uma explicação plausível para o motivo dos imigrantes preferirem o Rio Grande do Sul, desconsiderando uma gama de fatores inclusive os projetos de colonização estabelecidos para a região. Todavia, o clima subtropical e temperado do Pampa, sempre foi um fator incorporado nas falas sobre a colonização da região.

É exaltado, por Robert Avé-Lallemant, os feitos daqueles que na região de Mata Atlântica “conquistaram o solo e os que na Alemanha eram criados tornaram-se senhores pelo direito do trabalho” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.121), assim “mesmo expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolveram ainda mais determinação em resolver e em agir.” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.121) e conseguiram enriquecer em terras tão distantes da pátria mãe. Fora o trabalho que elevou a vida destes alemães, pois “a mata virgem só se vence a machadada” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.142). Nessas passagens do viajante podemos identificar algumas características de seu pensamento a respeito da natureza e que eram comuns no período, como a ideia de que a natureza precisa ser dominada, que ela é um obstáculo a ser superado através do trabalho. Dentro dessa perspectiva do louvor do trabalho e

oposição à natureza “a colonização programada no sul do Brasil durante o século XIX e início do século XX trouxe, além de um significativo contingente populacional, uma nova forma de apropriação e transformação da natureza da região” (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.152).

No Pampa uruguaio e argentino também ocorreu grande aumento populacional motivado pela vinda de milhares de colonos europeus. Segundo a historiadora María Moraes (2006) a historiografia uruguaia baseou-se em explicar a ocupação do território uruguaio com base no vazio demográfico, na produção ganadeira de baixa mão de obra e na alta relevância do gado vacum sobre os outros tipos de gado, como o cavalari e o ovino. A historiadora procura destacar outras formas de ocupação que são constantemente esquecidas pela historiografia uruguaia, como os povos indígenas nômades e as reduções jesuíticas que foram responsáveis pelas primeiras criações de gado. Moraes propõe substituir o conceito de ‘campo vazio’ para a noção de:

um território originalmente ocupado por etnias indígenas com diverso grau de desenvolvimento, que desenvolveu diversas estratégias de convivência com os conquistadores brancos, cuja presença condicionou as formas de ocupação do território e a formação dos paisagistas agrários, a pesar de sua baixa densidade demográfica<sup>17</sup> (MORAES, 2006, p.76, tradução nossa).

Porém, mesmo a proposta de Moraes parece carecer de um debate mais aprofundado sobre a situação ambiental desses espaços que foram ocupados pelos humanos, permanecendo a ideia de campos vazios de natureza prontos a serem explorados por algum grupo. De forma geral o que se constata para a região platina é que:

A ocupação dessas importantes porções de terra eram projetos tanto do governo imperial brasileiro quanto da Argentina e Uruguai, durante o século XIX, e o reconhecimento da região e mapeamento de suas ‘riquezas’ foi feito por intelectuais, viajantes e naturalistas não só contratados por essas nações, mas cujos trabalhos independentes foram apropriados para tal fim (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.159).

Com a atuação importante por parte dos viajantes, o crescimento populacional exponencial na região provoca impactos ambientais nos mais diversos ecossistemas que compõe o bioma Pampa, se tornando fator importante para compreendermos as modificações

---

17 No original: “un territorio originalmente ocupado por etnias indígenas com diverso grado de desarrollo, que desarrollaron diversas estrategias de convivencia con los conquistadores blancos, cuya presencia condicionó las formas de ocupación del territorio y la formación de los paisajes agrarias, a pesar de su baja densidad demográfica”.

que ocorreram no período do estudo. Esse processo na Argentina pode ser resumido nas palavras do historiador Gabriel Garnero:

A inserção da Argentina no mercado internacional, como provedora de produtos agrícolas e pecuários, gerou desigualdades territoriais que se aprofundaram no final do século XIX. A planície dos Pampas modernizava-se de mãos dadas com o seu rápido crescimento econômico e demográfico. Além disso, ali estão localizados os principais rios do país<sup>18</sup> (GARNERO, 2022, p.37, tradução nossa).

A bacia hidrográfica do Rio da Prata é uma das maiores bacias hidrográficas da América e abrange a maior parte do bioma Pampa. Os seus grandes rios são parte importante das paisagens e da História da região, o rio Uruguai, o rio Paraná, o rio Paraguai, o rio Negro, o rio Iguazu, o rio Ibicuí e outros formam essa grande rede hidrográfica que deságua no rio da Prata onde se encontra os municípios de importantes cidades como Colônia do Sacramento, Montevideu e Buenos Aires. Os rios significavam fonte de água, de alimento, de biodiversidade e eram importantes rotas de transporte. Os agrupamentos humanos geralmente eram iniciados na beira de um rio, possibilitando fácil acesso a outras regiões e a todos esses benefícios que os veios de água possibilitavam.

Os rios também serviam como marcos naturais das fronteiras da região, com muitos exercendo essa função. A fronteira não era natural, ela era traçada e delimitada pela ação humana e só efetivamente existia dentro das convenções humanas. Porém os rios eram elementos naturais da paisagem que auxiliavam na determinação e delimitação desses espaços, porém não se restringiam a isso, pois, como é o caso do rio Uruguai:

Mais do que uma fronteira entre diferentes territórios e países, marcou um espaço de relações e criou uma zona fronteira em que o rio é um elemento essencial. Culturalmente, criou-se uma identidade ligada ao rio, um sentimento de pertencimento àquele território, uma valorização das paisagens de suas margens e o reconhecimento do rio como patrimônio socioambiental<sup>19</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.220, tradução nossa).

---

18 No original: “La inserción de Argentina en el mercado internacional, como proveedor de productos agrícolas y ganaderos, generó desigualdades territoriales que se profundizaron a fines del siglo XIX. La llanura Pampeana se modernizaba de la mano de su rápido crecimiento económico y demográfico. Además, allí se encuentran los principales ríos del país”.

19 No original: “More than a border between different territories and countries, it marked a space of relations and created a border zone in which the river is an essential element. Culturally, an identity linked to the river was created, a feeling of belonging to that territory, an appreciation of the landscapes of its banks and the recognition of the river as a socio-environmental heritage”

O rio Uruguai serviu “como fronteira permeável, local de circulação de mercadorias, pessoas e ideias na zona fronteiriça entre Brasil, Argentina e Uruguai”<sup>20</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.202, tradução nossa). As fronteiras do Pampa eram porosas (FLORES; FARINATTI, 2009, p.152), elas representavam ora divisão, ora integração. Elas separavam os limites territoriais dos Estados nacionais platinos, estabeleciam leis dentro daqueles espaços e serviam como uma forma de controle de entrada de pessoas e coisas. Porém, sem conseguirem estabelecer grande vigilância sobre todos os pontos de fronteira, ela também passava a ser um espaço de possibilidades e aproximações, com “vários brasileiros tinham bens – terras, gado e escravos – em ambos os lados [da fronteira], muitos outros tinham estâncias no Uruguai e todos mantinham relações familiares e comerciais permanentes” (FARINATTI, 2006, p.138), dessa forma a fronteira “continuou permitindo um fluxo constante de pessoas, idéias e mercadorias” (FLORES; FARINATTI, 2009, p.152) de ambos os lados da linha imaginária. Criava-se uma cultura de fronteira na região:

A cultura de fronteira está presente nas narrativas e na tradição oral da população que vive na região fronteiriça compartilhada por Brasil, Argentina e Uruguai (Hartmann 2005), na qual o rio é presença constante. Ambos os lados da fronteira também compartilham uma história e uma memória comuns, caracterizadas pela presença das reduções jesuíticas, pela pecuária extensiva, pelo comércio de erva-mate e madeira, pelos conflitos territoriais, pelas paisagens e biomas, pelos padrões de inundação e pelo contrabando de mercadorias (Flores 2012). Além disso, a convivência entre brasileiros, argentinos e uruguaios desenvolveu um vocabulário que aproximou as línguas espanhola e portuguesa e uma identidade cultural<sup>21</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.215, tradução nossa).

A região mesmo sendo dividida entre três países diferentes, não deixava de ter certa unidade cultural que inclusive era marcada por elementos do mundo natural. Mesmo com a existência de tantos momentos de conflitos, as fronteiras platinas foram ao longo do século XIX um espaço de possibilidade de trocas culturais, econômicas e sociais. Silveira, por

20 No original: “as a permeable frontier, a place of circulation for merchandise, people, and ideas in the border zone between Brazil, Argentina, and Uruguay”

21 No original: “Frontier culture is present throughout the narratives and oral tradition of the population living on the border region shared by Brazil, Argentina and Uruguay (Hartmann 2005), in which the river is a constant presence. Both sides of the border also share a common history and memory, typified by the presence of the Jesuit reductions, extensive livestock farming, trade in yerba mate and wood, territorial conflicts, landscapes and biomes, flood patterns, and the smuggling of goods (Flores 2012). In addition, the coexistence of Brazilians, Argentines and Uruguayans developed a vocabulary that brought the Spanish and Portuguese languages closer and a cultural identity”.

exemplo, observando a cidade brasileira de Uruguaiana e sua vizinha argentina, Passo de Los Libres, diz que “na distância de dois quilômetros as duas cidades pareciam uma só povoação, numa extensa campanha” (SILVEIRA, 1979, p.406). As ideias circulavam de um lado ao outro dessas fronteiras sendo muitas delas levadas pelos próprios viajantes e passando a se misturar com ideias preexistentes e ao contexto regional, formando novas formas de compreender o mundo, inclusive de compreender a natureza. As fronteiras ainda serviram como destino da maioria dos colonos vindos nesse período, mesmo que nem sempre elas possuíssem estrutura suficiente para abrigar essas famílias ou escoar seus produtos. “Os grupos dirigentes mostraram especial atenção na definição das fronteiras [...] com o objetivo de se imporem frente a seus vizinhos e conquistarem hegemonia regional, ao mesmo tempo em que exploravam recursos naturais, que lhes permitiriam ampliar suas bases econômicas” (LOPES; ORTELLI, 2006, p.22).

No século XIX o objetivo inicial dos jovens Estados nacionais recém-independentes era “ocupar e demarcar fronteiras nacionais, explorar os rios navegáveis e, com isso, alargar não só as fronteiras territoriais, mas as relações de poder e dominação na região platina. Posteriormente, passa a ser uma região com potencial extrativista e agrícola” (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.161). Porém, esse processo de demarcação territorial não se completou na primeira tentativa, pois “mesmo com a oficialização dos limites territoriais de Brasil, Argentina e Uruguai ocorreram avanços e recuos das fronteiras políticas que não garantiram uma hegemonia territorial na área durante grande parte do século XIX” (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.153). Nesse processo de demarcação de fronteiras muitos viajantes eram financiados por governos com os conhecimentos levantados sobre uma região servindo para os interesses do Estado (LOPES; ORTELLI, 2006, p.22), ou mesmo atuando diretamente na demarcação da fronteira como foi o caso do viajante José Cabrer, estudado por David Carvalho e Tiago Gil (2021). Maximiliano Beschoren de certa forma ocupa função pública ao demarcar terras dentro da Província do Rio Grande do Sul, não servindo diretamente para demarcar os limites da fronteira, mas trabalhando na organização da colonização e ocupação do território.

Vale lembrar que até hoje a fronteira entre o Brasil e o Uruguai possui áreas em disputa, como é o caso da Ilha Brasileira e do Rincão de Artigas. Naquele período as fronteiras se alteravam bastante e, muitas vezes, os viajantes não sabiam exatamente precisar

suas localizações como destaca Lindman ao dizer que “para o sudoeste, [em direção ao] Uruguay ou Republica Oriental, não ha limite bem marcado” (LINDMAN, 1974, p.107) da fronteira.

Ao longo do tempo a fronteira também foi marca do contraste entre diferentes tipos de leis ambientais e uso do solo. O naturalista argentino Juan Ambrosetti percorreu o rio Uruguai no século XIX e “observou que áreas próximas ao lado brasileiro do rio eram desmatadas e cultivadas, enquanto do lado argentino a mesma região ‘ainda era virgem, selvagem, com sua vegetação exuberante’”<sup>22</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.208, tradução nossa), a historiadora Débora de Sá (2023) também verifica situação semelhante para um território mais ao norte do Pampa, já no bioma Mata Atlântica, mas ainda na formação fronteiriça entre Argentina e Brasil. Os estudos de Sá demonstram que o lado argentino apresentou maior preservação ambiental, especialmente a partir da criação de áreas de proteção ambiental, enquanto o lado brasileiro apresentou mais ação antrópica e transformações ao longo do século XX.

Um estudo de História Ambiental em uma zona fronteiriça deve considerar a questão da fronteira e a sua influência, mas também pode oferecer análises que vão além do recorte espacial típico de estudos históricos. É considerar que a fronteira pode dividir um rio ao meio, mas qual o efeito prático do estabelecimento dessa linha imaginária humana para o rio? Os peixes que nascerem do lado brasileiro não terão que apresentar um passaporte para nadarem nas águas argentinas e uruguaias. Assim como as aves voarão por esse território sem se importar com a nacionalidade dos humanos que estão as observando lá embaixo. A natureza do Pampa não fica contida pela criação de uma fronteira, mas pode ser impactada por ela como vimos no exemplo acima das diferentes políticas adotadas por cada um dos governos.

### 2.3 TRAÇANDO UM PERFIL: APRESENTANDO OS VIAJANTES E SUAS ROTAS

Para compreendermos as concepções a respeito da natureza de cada um desses viajantes é necessário termos algumas informações sobre cada um deles. Longe de ser uma

---

22 No original: “observed that areas close to the Brazilian side of the river were deforested and cultivated, while on the Argentinean side the same region “was still virgin, wild, with its exuberant vegetation”.

biografia completa, os dados a seguir oferecem o básico para conhecermos melhor cada uma dessas pessoas que percorreram o Pampa e deixaram registradas suas impressões sobre a natureza da região.

Acompanhado dessas informações apresentaremos também um mapa ilustrando o trajeto de viagem na região ou então os pontos mencionados ao longo do relato, permitindo assim uma visualização sobre a área e as localidades que esses viajantes estiveram presentes.

A confecção desses mapas foi realizada pelo próprio autor na plataforma *Google Maps* e todos os links estão disponíveis nas referências da tese, permitindo que o leitor acesse esses mapas e interaja com eles. Inclusive esse foi o principal fator para a escolha desse tipo de apresentação da informação. Esse tipo de material poderá ser aperfeiçoado no futuro com a inserção de passagens interessantes para cada localidade, integração dos mapas para comparação, entre outras ferramentas que possibilitem não apenas o estudo por parte de outros pesquisadores como a utilização em aulas de História, podendo ser um bom recurso para trabalhar História Local e Spatial History, por exemplo. Cada um dos pontos foi coletado através da leitura das fontes e posicionado em locais aproximados aos descritos.

O leitor deve se ater que a imagem do *Google Maps* utilizada reflete o período atual, enquanto os pontos são sobrepostos para dar uma dimensão das distâncias empregadas e localidades visitadas no século XIX. Muitas cidades presentes no mapa não existiam no período, tinham outros nomes e o tamanho demográfico das áreas urbanas eram muito menores. Um exemplo disso é visto no relato de William MacCann que escreve “havia algumas boas casas de tijolos, todo o cenário tinha mais a aparência de uma entrada para alguma planície sem limites do que de um lugar a uma hora de viagem da capital de uma grande república”<sup>23</sup> (1853a, p.4, tradução nossa) sobre o local onde hoje fica a cidade de Avellaneda com mais de 300.000 habitantes em plena área metropolitana de Buenos Aires. Então o mapa vai apresentar uma zona densamente povoada do século XXI, mas a realidade encontrada para o viajante é completamente diferente no século XIX.

Existem outros mapas já confeccionados por outros pesquisadores ou até mesmo pelos próprios viajantes, como o mapa 9 de Auguste de Saint-Hilaire, porém pelos motivos acima

---

23 No original: “there were a few good brick houses, the whole scene had more the appearance of an entrance to some boundless plain, than a place within one hour's ride of the capital of a large republic”

apresentados e por uma questão de padronização, já que a maioria dos viajantes não possui mapas de suas trajetórias, decidimos pela confecção desse material.

Mapa 9 – Mapa original do roteiro de viagem de Auguste de Saint-Hilaire



Fonte: NEVES; MARTINS; RADTKE, 2007, p.7.

Alguns viajantes, como Nicolau Dreys e Alexandre Baguet, acabaram realizando viagens mais pontuais e focadas nos principais centros urbanos do Pampa, por isso seus

mapas são mais restritos. Enquanto outros viajantes, como Arsène Isabelle e Auguste de Saint-Hilaire, atravessaram fronteiras e exploraram os mais diversos tipos de interior que aqueles campos ofereciam. Apresentaremos nesse capítulo os viajantes seguindo uma ordem cronológica de acordo com o ano de chegada no Pampa.

O primeiro dos viajantes analisados é o comerciante inglês John Luccock<sup>24</sup> (1770-1826)<sup>25</sup> que escreveu o relato intitulado “Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil” publicado pela primeira vez no ano de 1820 e que reunia as impressões de viagem realizada ao país entre os anos de 1808 e 1818, tendo estado no território do Pampa apenas nos últimos dias do ano de 1808 e ao longo de 1809.

O contexto da vinda de Luccock ao Brasil é importante de ser compreendido pois ele é marcado pela chegada da família real portuguesa ao Brasil e a consequente abertura dos portos no ano de 1808. Esse momento histórico possibilitou uma maior conexão do país com outros países, como explica o historiador Vinicius Gagliardo “até 1808, Portugal restringia a entrada e a permanência de estrangeiros em seus domínios coloniais, utilizando a denominada ‘política de sigilo’ como forma de proteger suas possessões, o que acarretou certo isolamento em relação ao restante do mundo” (GAGLIARDO, 2016, p.157), essa decisão mantinha a colônia brasileira comunicável praticamente apenas com Portugal. A abertura dos portos acaba ocasionando uma maior facilidade de entrada no país por parte de estrangeiros, o que incentivou inúmeras pessoas, inclusive um número cada vez mais considerável de escritores-viajantes, a visitar terras brasileiras. O historiador Marcos Witt aponta que “a abertura dos portos permitiu a entrada de estrangeiros de duas grandes categorias: intelectuais, como: artistas, pintores, cientistas – muitos na condição de viajantes – e imigrantes de diversas origens e posições” (WITT, 2015, p.16). A historiadora Heloísa Domingues destaca o papel desses viajantes naturalistas dentro do contexto do período, ela afirma que:

à época do Império, as ciências naturais foram subsídio dos seus esquemas de formação política, econômica e social. A conquista ou a dominação do espaço físico e o consequente conhecimento da natureza, que permitiu a exploração e o cultivo dos recursos naturais, resultaram de uma vontade política e, principalmente, dos

---

24 A versão preliminar da análise do relato de Luccock foi previamente e parcialmente publicada em artigo (MINUZZI, 2020).

25 As datas representam o ano de nascimento e o ano de falecimento. Esse padrão seguirá ao longo do texto.

conhecimentos adquiridos com as viagens empreendidas pelos naturalistas, que visavam o desbravamento do interior (DOMINGUES, 2009, p.167-168)

A historiadora ainda destaca as medidas tomadas pelo Marquês de Pombal como importantes para incentivar a Ciência no Brasil a partir da abertura dos portos. As “riquezas naturais se confundiram à imagem identitária do país, e as viagens de reconhecimento do interior se multiplicaram, apoiadas tanto pelo governo como pelas instituições científicas, e também com o patrocínio das sociedades científicas” (DOMINGUES, 2009, p.170).

Além de aproveitar a abertura de um novo e próspero mercado, a vinda de Luccock as terras brasileiras foi motivada a manter uma boa relação comercial com Portugal que tanto o viajante quanto seus parceiros da família Lupton já haviam estabelecido há décadas (HEATON, 1946). Com a abertura dos portos, em 1808, diversos navios mercantes ingleses rumam para o Brasil. Luccock destacava a presença de mais de sessenta navios nas águas da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, que contrastavam com a singeleza da quantidade de moradias em terra (1942, p.28), enquanto o historiador Herbert Heaton (1946, p.6) menciona a existência de, pelo menos, sessenta e duas firmas inglesas na cidade naquele período. Ao perceber uma forte concorrência se formando no Rio de Janeiro, Luccock se dirige até o Pampa em busca de um mercado mais favorável em Buenos Aires ou Montevideú, todavia retorna ao Rio de Janeiro e lá decide se estabelecer fundando a empresa Lupton & Luccock.

Na Inglaterra, a família Luccock era ligada à indústria têxtil e com uma inserção social destacada na cidade de Leeds, onde ele nasceu e viveu a maior parte da vida. Heaton (1946) destaca que para além do trabalho no ramo têxtil, Luccock também despendia o seu tempo como inventor e escritor. O comerciante teve cinco filhos<sup>26</sup> e era casado com Elizabeth Lupton, uma integrante da proeminente família com a qual Luccock mantinha fortes ligações sociais e comerciais. Arthur Lupton, seu parceiro de negócios e parente via matrimônio, havia estudado na Alemanha com Johann Wolfgang von Goethe, um dos maiores expoentes do romantismo europeu. É difícil, através da fonte e dos textos consultados, identificar se as ideias românticas de Goethe acabaram exercendo alguma influência nos pensamentos de

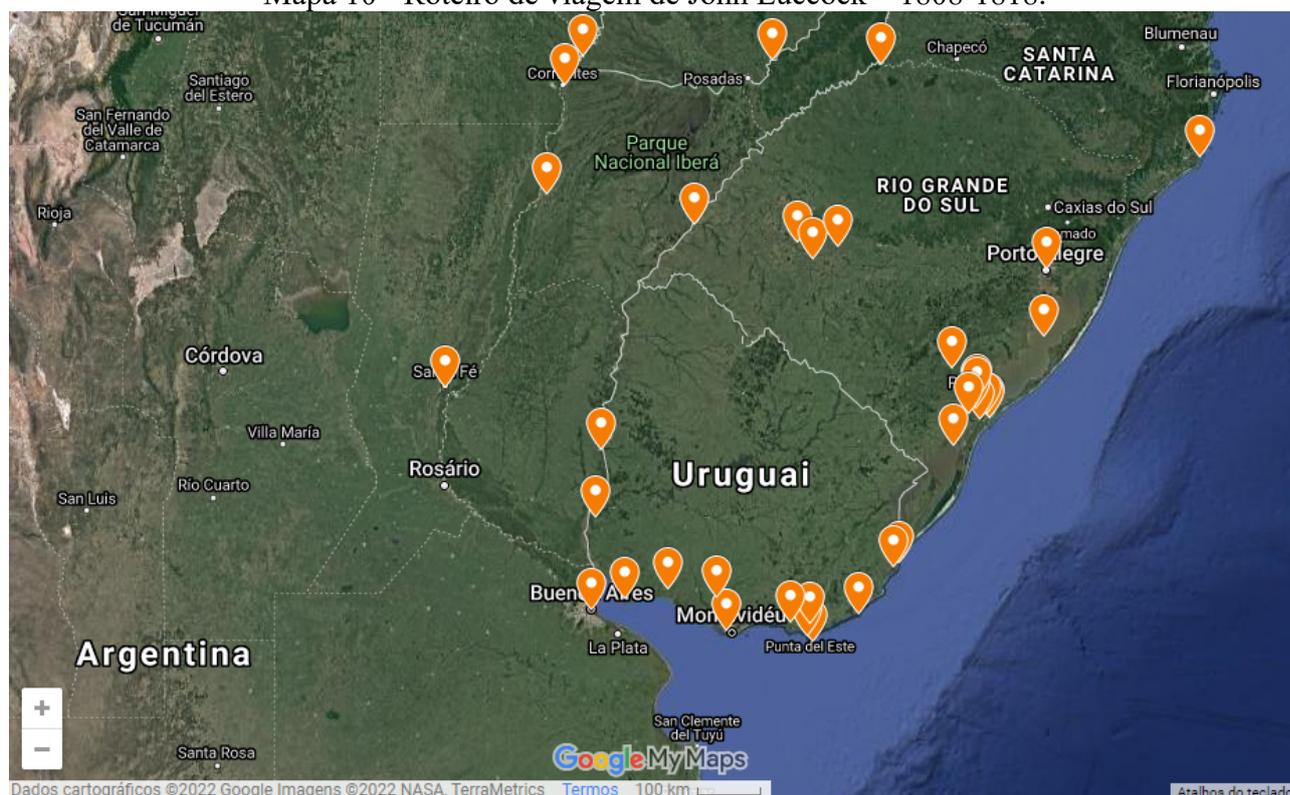
---

26 O filho caçula, John Darnton Luccock (1808-1884), tornou-se prefeito da cidade de Leeds e manteve o nome da família nos principais círculos sociais da cidade nas décadas que se seguiram, o que reforça a ideia de que os Luccock possuíam um alto nível social e de relações pelo menos no que se refere a esfera local-regional.

Arthur Lupton e posteriormente de John Luccock. Porém esse elo deve ser mantido em mente ao lermos o relato.

Ao longo do relato de Luccock podemos verificar que ele é escrito em forma de diário de viagem utilizando as lembranças de uma memória mais recente para a criação de suas impressões sobre cada local visitado, que podem ser vistos no mapa 10.

Mapa 10 - Roteiro de viagem de John Luccock – 1808-1818.



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. Para o caso de Luccock fica impreciso determinar o roteiro de viagem ou confirmar que ele tenha estado em todos esses locais, inclusive o mais provável é que não.

Todavia o texto final do relato ao ser transformado em livro aparenta ter sido bastante alterado, inclusive passando a ficar fora de uma ordem restritamente cronológica. Podemos notar uma mistura entre fatos presentes com resultados de fatos futuros, por exemplo ao estar descrevendo seu encontro com Dom Luiz Liniers e mencionar que o mesmo morreu anos depois daquele encontro (LUCCOCK, 1942, p.96). Sabemos também que partes do relato foram perdidas pelo viajante como os trechos sobre a pesca no rio da Prata (LUCCOCK, 1942, p.99) ou os trechos referentes aos três primeiros meses no Rio de Janeiro, que foram

roubados (HEATON, 1946, p.7). Existem passagens rápidas contando sobre localidades distantes onde não fica claro se ele está dando um testemunho de algo que foi vivido por ele ou de informações recolhidas de terceiros. Isso ocorre de forma mais evidente para localidades pontuais no norte da Argentina e no Paraguai. Luccock pouco compara essas regiões ao Pampa, ou mesmo estabelece ligações entre o Pampa e outras regiões do Brasil, tendo esse hábito mais para localidades inglesas das quais já estavam gravadas em sua memória.

No Pampa o viajante concentra sua viagem nos principais centros urbanos do rio da Prata, Buenos Aires e Montevideú, constituindo um relato predominantemente costeiro e urbano. Na capital argentina permanece bastante tempo na zona portuária, inclusive sendo mantido por seis semanas em seu navio devido a uma acusação de tráfico de mercadorias e de armas (LUCCOCK, 1942, p.97). No Uruguai não visita a capital Montevideú devido ao clima de tensão que toda a região nutria naquele período, especialmente em relação aos britânicos, resultado direto das Invasões Britânicas ao Rio da Prata em 1806 e 1807 como resposta às Guerras Napoleônicas na Europa e a influência francesa sobre a Espanha no mesmo período. O navio de Luccock é aconselhado por Dom Luiz Liniers a não ir para Montevideú, o que o viajante segue arisca mesmo meses depois em rota terrestre (LUCCOCK, 1942, p.111), recebendo de Liniers a permissão e escolta para ir até Buenos Aires (LUCCOCK, 1942, p.96).

Ao que tudo indica Dom Luiz Liniers se trata de Luis de Liniers y Menvielle (1783-1815), o filho mais velho de Santiago de Liniers (1753-1810) administrador do Vice-Reino do Rio da Prata e que havia lutado contra as forças britânicas em Montevideú dois anos antes desse encontro e que também nutria rivalidade com o então governador de Montevideú, Francisco Javier de Elío. O contexto político da região estava extremamente tumultuado, por ser período precedente do processo de independências da Argentina (1816), do Brasil (1822) e do Uruguai (1828). É interessante notar também que as ações de Napoleão Bonaparte na França como o bloqueio continental à Inglaterra e a invasão do território Português desencadearão desdobramentos na região platina e acentuarão tensões e conflitos como as Invasões Britânicas ao Rio da Prata em 1806 e 1807, a Abertura dos Portos brasileiros em 1808, a Revolução de Maio de 1810 em Buenos Aires e outros momentos que marcam também a passagem dos viajantes pela região.

O segundo viajante a ser apresentado é Nicolau Dreys (1781-1843), um militar e comerciante francês da cidade de Nancy que vem ao Brasil como refugiado político após queda do regime Napoleônico, ao qual era apoiador. Seu relato não é necessariamente de viagem, mas de um estrangeiro que vivia e viajava pelo interior da província, constituindo assim um dos mais distintos relatos aqui analisados. Ele estabelece comércio em Porto Alegre entre 1817-1825 e depois na cidade de Rio Grande até 1827, partindo para o Rio de Janeiro onde viveu o resto de sua vida. No período em que esteve no Rio Grande do Sul até mesmo passou a servir “às forças da província contra as tropas uruguaias de Artigas” (PEIXOTO; MORAES, 2014, p.205) na Guerra contra Artigas (1816-1820).

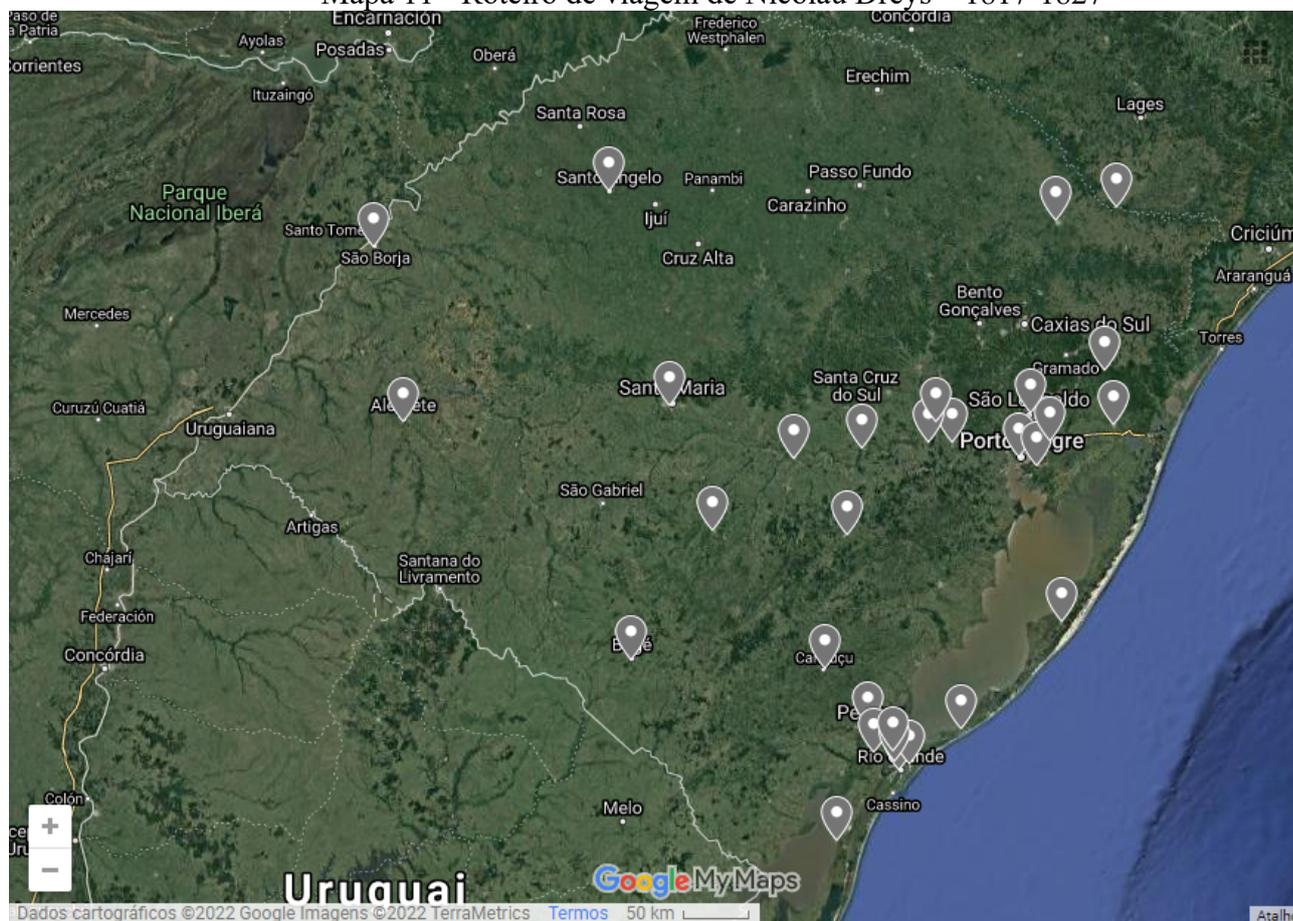
Seu texto foi publicado em 1840 diretamente em português com o título de “Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul” e reúne suas memórias do período de 1817-1827 enquanto morava no Pampa, organizando o que denominou de “reunião de impressões de anos de permanência e deslocamento pelas terras do Rio Grande do Sul [...] Dreys realiza a organização de um compêndio” (AMARAL, 2003, p.153). Por ser um texto que resgata memórias de um período relativamente extenso de tempo, o conteúdo da obra é muito mais descritivo, com poucos detalhes e com opiniões menos impetuosas, demonstrando um afastamento temporal dos acontecimentos narrados.

Na introdução de seu relato, Nicolau Dreys dirige crítica à Arsène Isabelle, apontando que esse viajante não havia percorrido todos os locais que descreve em seu relato (DREYS, 1990, p.35), essa acusação é interessante pois evidencia uma leitura e um conhecimento entre diferentes viajantes aqui analisados. Ao terminar de ler os dois relatos também se fica com uma sensação mais clara de que esse tipo de acusação possa ter ocorrido mais provavelmente com Dreys e não necessariamente com Isabelle, que segue um diário cronológico enquanto Dreys baseia-se apenas em sua memória de acontecimentos antigos. De qualquer forma o mapa 11 reúne todas as localidades mencionadas por Nicolau Dreys em seu relato, sem necessariamente haver trajeto de viagem.

Essas localidades abrangem a maior parte das principais cidades e vilas da Província do Rio Grande do Sul daquele período, incluindo alguns municípios pouco visitados por outros viajantes como é o caso de Mostardas, Bagé, Caçapava, Vacaria e Alegrete. Esses acabam abrangendo boa parte do território da província e dão um aspecto amplo das

diferentes realidades encontradas na província, seja na parte do bioma Pampa ou do bioma Mata Atlântica.

Mapa 11 - Roteiro de viagem de Nicolau Dreys – 1817-1827



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

Em suma, não é uma questão de verificar qual tipo de relato é mais verdadeiro que o outro, mas ficarmos atentos durante a leitura de relatos, em especial de relatos-memória como os de Dreys. Em alguns trechos de certas localidades o viajante parece relatar algo que apenas ouviu falar ou que leu em terceiros e não necessariamente suas próprias impressões. Amaral ressalta que:

Os textos e cadernos de viagem escritos no relento de dias e de noites, foram, muitas vezes, reorganizados, revisados, reformulados, completados, subvertidos, traduzidos e mutilados de variadas formas, por seus próprios autores e por outros que dele se

ocuparam, antes de chegarem às prateleiras de seus leitores (AMARAL, 2003, p.154).

Além da edição dos relatos, existe a questão da memória e das imagens que o viajante deseja passar e eternizar. Os relatos de viagem estão necessariamente embebidos de opiniões políticas, visões de mundo e acabam sendo recortes do passado com certas limitações como destaca William Cronon em seu estudo sobre a região da Nova Inglaterra, “mesmo se nós pudessemos remover a maior parte dos preconceitos ideológicos para descobrir o que um viajante realmente viu, ainda teríamos que reconhecer que cada viajante visitou apenas uma pequena fração da região” (CRONON, 2011, p.5, tradução nossa).<sup>27</sup>

Dreys elabora um relato consciente de que seria lido, expressando isso ao longo do texto e, com certeza, preparando o relato para atingir um grande público. Ele também se considera mais um historiador da região do que um naturalista. Seu relato é dividido em uma análise topográfica com os elementos do relevo, da hidrografia, da agricultura, mineralogia, zoologia. Posteriormente há uma análise sobre administração política e demográfica para concluir em notas gerais sobre a província.

O terceiro viajante a chegar ao Pampa foi o inglês John Miers (1789-1879) no ano de 1819. Os embaixadores chilenos no Reino Unido lhe incentivaram a abrir comércio minerador nos Andes e Miers resolveu viajar até a região para verificar se a situação das minas era vantajosa. Para isso reuniu trabalhadores, maquinários e até mesmo a sua esposa grávida para rumarem até o Chile (MIERS, 1826, p.1-2). Todavia, sua esposa passa mal durante a viagem marítima, muito provavelmente devido aos enjoos da gravidez, e Miers resolve atracar em Buenos Aires seguindo por vias terrestres até o seu destino (MIERS, 1826, p.7).

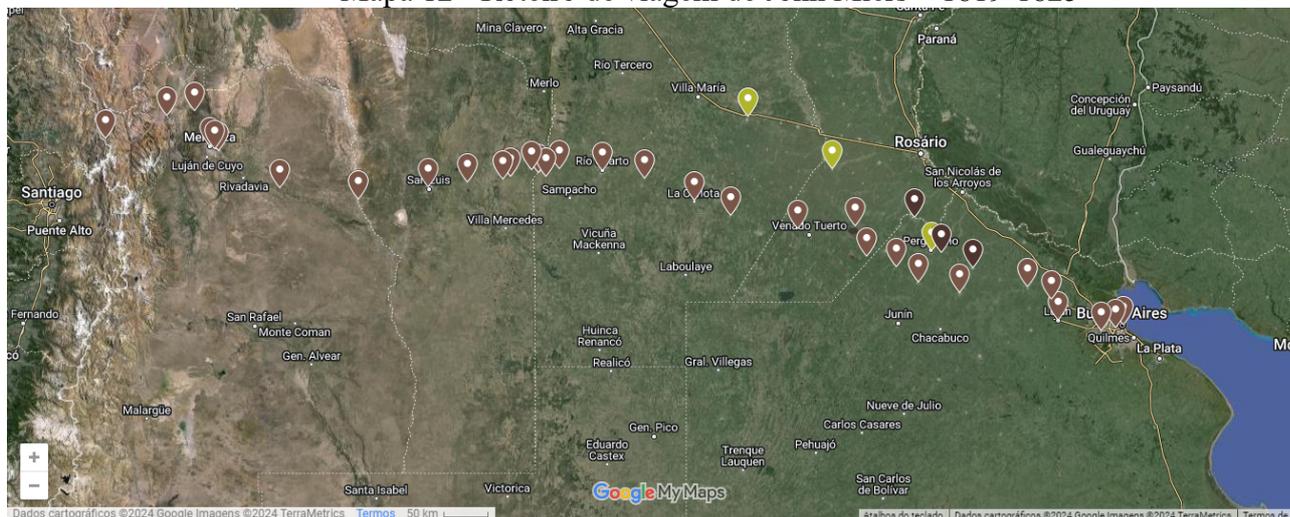
Boatos sobre um grupo político rebelde que controlava as planícies, chamados *Montoneros*, causaram receio em Miers que aconselhado pelo Secretário de Estado Argentino escolhe a rota mais ao sul possível, como pode ser visto no mapa 12, a fim de evitar qualquer problema. Apesar de não ter percorrido a via principal, Miers passa por uma região bem movimentada do período, as rotas que ligavam Buenos Aires a Santiago, passando pelas

---

27 No original: “even if we can remove most of these ideological biases to discover what it was a traveler actually saw, we must still acknowledge that each traveler visited only a tiny fraction of the region”.

cidades de San Luis e Mendoza e depois pela travessia da cordilheira de montanhas dos Andes.

Mapa 12 - Roteiro de viagem de John Miers – 1819-1825



Fonte: Google MyMaps, 2024. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. Em amarelo localidades mencionadas que deveriam ter sido a escolha inicial de seu trajeto. Já em um tom de marrom mais escuro locais percorridos apenas no trajeto de volta em 1825.

Boa parte dessa rota fazia parte dos antigos Caminhos Reais do período colonial que ligavam importantes centros urbanos e econômicos dos Vice-Reinados espanhóis. Para realizar essa travessia, Miers contratou quatro guias e apesar de estar bem preparado, isso não era o suficiente, pois chegou a mencionar que “tinha comigo o melhor mapa inglês; mas isso não transmitia nenhuma informação sobre a rota proposta”<sup>28</sup> (MIERS, 1826, p.23, tradução nossa).

A viagem ocorreu durante o ano de 1819 e eles tiveram que se apressar para não cruzar os Andes durante o período do inverno que se aproximava, especialmente por conta da condição da esposa de Miers que estava bastante debilitada com a gravidez e a viagem pelos Pampas. Após chegarem ao Chile, Miers e sua família permanecem um período ali até que em 1825 eles retornam a Buenos Aires refazendo o caminho que já haviam trilhado. Essa característica é bem interessante pois permite ao viajante ter uma perspectiva das mudanças da curta duração de tempo histórico nessas localidades. Ele então volta ao Reino Unido onde

28 No original: “Had with me the best English map; but that conveyed no information on the proposed route”

publica o livro de seu relato em 1826 e anos mais tarde volta com interesses comerciais a Argentina e ao Brasil, mas não permanece muitos anos e acaba vivendo o restante de sua vida em sua terra natal, onde publica sobre plantas da América do Sul no ano de 1849.

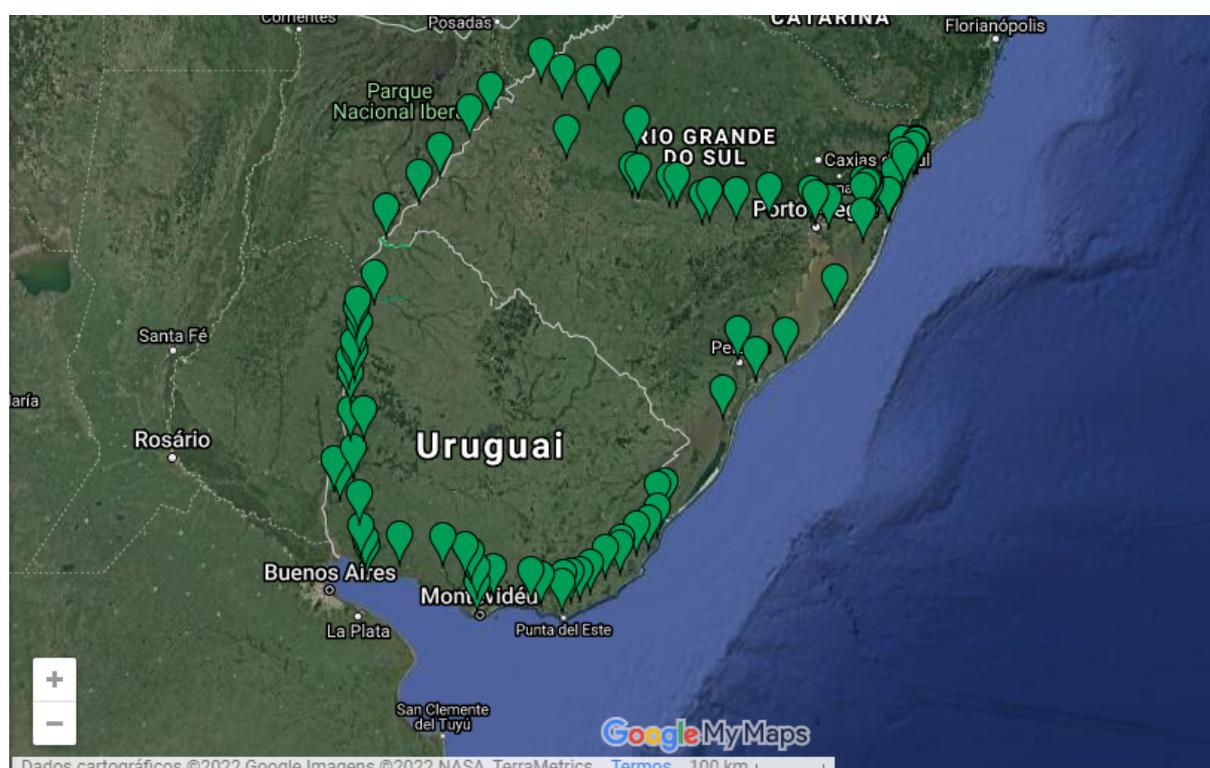
Um dos mais famosos viajantes do período foi o naturalista francês nascido em Orleans, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Devido a quantidade de detalhes em seu relato e a abrangência de suas viagens pelos mais diversos interiores do país, Saint-Hilaire se tornou um dos mais notáveis e influentes viajantes da história do Brasil. Antes de vir ao país esse naturalista trabalhava para o Museu de História Natural da França e desembarcou na América no ano de 1816 sendo financiado pelo Estado francês e participando de uma comitiva do Duque de Luxemburgo, um amigo da família de Saint-Hilaire (KURY, 2003, p.4). Essa comitiva tinha como objetivo criar laços diplomáticos entre Brasil e França, já que os dois países possuíam uma situação diplomática fragilizada devido à invasão de Napoleão Bonaparte sobre o território português, além de questões relativas ao território da Guiana Francesa na divisa com o Estado brasileiro.

A função de Saint-Hilaire nessa comitiva era abastecer o acervo do Museu de História Natural francês tendo como objetivo analisar quais “vegetais úteis que crescerão bem em sua pátria” (KURY, 2003, p.7) e “enviar para lá toda correspondência científica e objetos de história natural que coletasse” (KURY, 2003, p.4). Nesse período havia um grande sentimento nacionalista na Europa e a ciência financiada pelo Estado procurava se desenvolver em compasso com a nação. Na relação entre Europa-América havia muitos estudos de plantas nativas americanas que pudessem ser utilizadas e aclimatadas em solo europeu, assim as viagens realizadas por naturalistas foram bastante importantes nas trocas de espécies entre os continentes. O resultado em números das viagens de Saint-Hilaire é que “durante sete anos de viagens penosas e constantes por todo o sul e sudeste do Brasil, colecionou cerca de sete mil plantas, dois mil pássaros e seis mil insetos” (DEAN, 1992, p.10-11).

O mapa 13 demonstra o roteiro de viagem do grupo liderado por Saint-Hilaire. Sua estada no Pampa começou no final do outono de 1820 acompanhado por José Mariano, um tropeiro que cuidava dos animais e da caça; o indígena Firmino e o negro liberto Manuel que

eram responsáveis pelos animais de transporte; o criado francês Laruotte que parecia ser muito próximo de Saint-Hilaire, além do zeloso soldado Matias. Havia outros no grupo, mas geralmente eram guias temporários. Eles desembarcam em Torres e rumam à capital da Província, Porto Alegre, onde permanecem certo período até se destinarem ao sul em direção a Rio Grande, Pelotas e Chuí, passando para território uruguaio que na época era controlado pelo governo imperial brasileiro sob denominação de Província da Cisplatina.

Mapa 13 - Roteiro de viagem de Auguste de Saint-Hilaire – 1820-1821



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

Em território uruguaio o grupo avança pela costa passando por cidades importantes como Maldonado, Montevidéu e Colônia do Sacramento, rumando ao norte nas margens do rio Uruguai até chegar no noroeste da Província do Rio Grande do Sul, na região conhecida como Sete Povos das Missões, um antigo território espanhol de aldeamento indígena promovido pelos jesuítas e que se encontrava abandonado já há algumas décadas. Dali partem

rumo ao centro da província e dali acompanham o rio Jacuí na depressão central até retornarem a Porto Alegre em junho de 1821.

O relato de Saint-Hilaire acaba sendo uma visão predominantemente costeira e fluvial, passando pelos maiores centros urbanos do período no Pampa oriental. Todavia a riqueza de detalhes de seu testemunho acaba contribuindo para compreendermos zonas menos povoadas da província também. A estrutura de diário seguida por esse viajante propicia um estilo de texto mais carregado de julgamentos, sentimentos e curiosidades do dia-a-dia. A pesquisadora Isadora Eckardt estuda o relato de Saint-Hilaire para as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro e considera a escrita do viajante como mais impessoal do que pessoal, pois o mesmo “dá preferência a longas passagens descritivas sobre os elementos da natureza. Em uma narrativa predominante impessoal, o autor apaga a presença humana do relato e até mesmo o próprio narrador, que raramente fala em suas emoções” (ECKARDT, 2009, p.72). Não observamos a mesma situação quando se trata do relato sobre o Pampa, pois é perceptível o registro de suas opiniões, sentimentos e especialmente das inúmeras reclamações sobre os mais diversos momentos vividos na região, como o calor, os insetos e até mesmo de seus companheiros de viagem. Ao constantemente expor suas impressões pessoais sobre as localidades e situações, Saint-Hilaire acaba nos fornecendo mais detalhes sobre as suas percepções a respeito da sociedade e da natureza. De qualquer forma, ele apresentava uma “visão européia baseada no racionalismo científico e na valorização da intelectualidade” (ALVES; TORRES, 1995, p.26).

O quinto viajante de nossa lista é o inglês Francis Bond Head (1793-1875), nascido no condado de Kent, Reino Unido. Head viria a ser reconhecido especialmente pela sua atuação como vice-governador da província do Canadá Superior em 1837, após o período em que percorre o Pampa e publica o seu relato. No Pampa esteve entre os anos de 1825 e 1826 realizando um percurso bastante semelhante ao de Miers e de incontáveis pessoas daquele período. Head não demarca muito bem os locais por onde passa, por isso o seu mapa (mapa 14) fica um tanto quanto incompleto.

Durante minhas viagens não mantive nenhum diário regular, pois o país que visitei era uma planície sem limites ou montanhas desérticas [...] estas notas foram escritas em circunstâncias muito diversas, às vezes quando estava cansado, às vezes quando



quedas que os cavalos sofrem nas tocas das viscachas”<sup>32</sup> (HEAD, 1827, p.54, tradução nossa), *Lagostomus maximus*, esse roedor da família das Chinchilas foi constantemente mencionado por Head, como iremos ver no Capítulo 4.

O próximo viajante foi o francês Arsène Isabelle (1806-1888)<sup>33</sup>, que nasceu na cidade portuária de Le Havre. Isabelle era um grande fã das expedições de naturalistas, em suas palavras diz: “sempre tive uma inclinação pelos livros de viagem, dos quais devorei um grande número” (ISABELLE, 2006, p.3). Ele idolatrava outros naturalistas e cientistas dizendo “graças sejam dadas a Aristóteles, a Plínio, a Buffon, a Cuvier! Colocados como luzeiros no caminho das ciências naturais, para mostrar os seus progressos, esses grandes naturalistas abriram uma nova era à filosofia” (ISABELLE, 2006, p.11), para além disso cita o escritor Chateaubriand e os viajantes-naturalistas Friedrich Sellow e Aimé Bonpland. O objetivo de Isabelle ao empreender tal viagem para a América estava fundamentado na “esperança de enriquecer o domínio das ciências naturais” (ISABELLE, 2006, p.8) com o grande objetivo de “tornar conhecido o estado atual dos lugares que visitei” (ISABELLE, 2006, p.14).

A viagem de Isabelle pelo continente americano foi feita com recursos próprio e era ambiciosa, onde seus planos incluíam encontrar seu grande amigo Anatole em Mendoza no interior da Argentina e estender a viagem pelas províncias da região até os Andes (ISABELLE, 2006, p.7), em trajetos semelhantes aos que já vimos para Miers e Head. Porém ao chegar em Buenos Aires em 1830 uma guerra civil<sup>34</sup> se inicia e o viajante acaba retido na cidade e com as economias se esvaindo. Ele acaba se fixando na cidade o que o frustra bastante já que não havia conseguido visitar praticamente nenhum lugar até aquele momento. Na capital portenha ele funda uma fábrica de velas para iluminação, inspirado em uma nova técnica que havia conhecido na Europa. Segundo Isabelle foram “inúmeras dificuldades que tive de vencer no exercício de uma indústria completamente nova para mim, em um país cujo

---

32 No original: “The greatest danger in riding alone across the Pampas, is the constant falls which the horses get in the holes of the biscachos”.

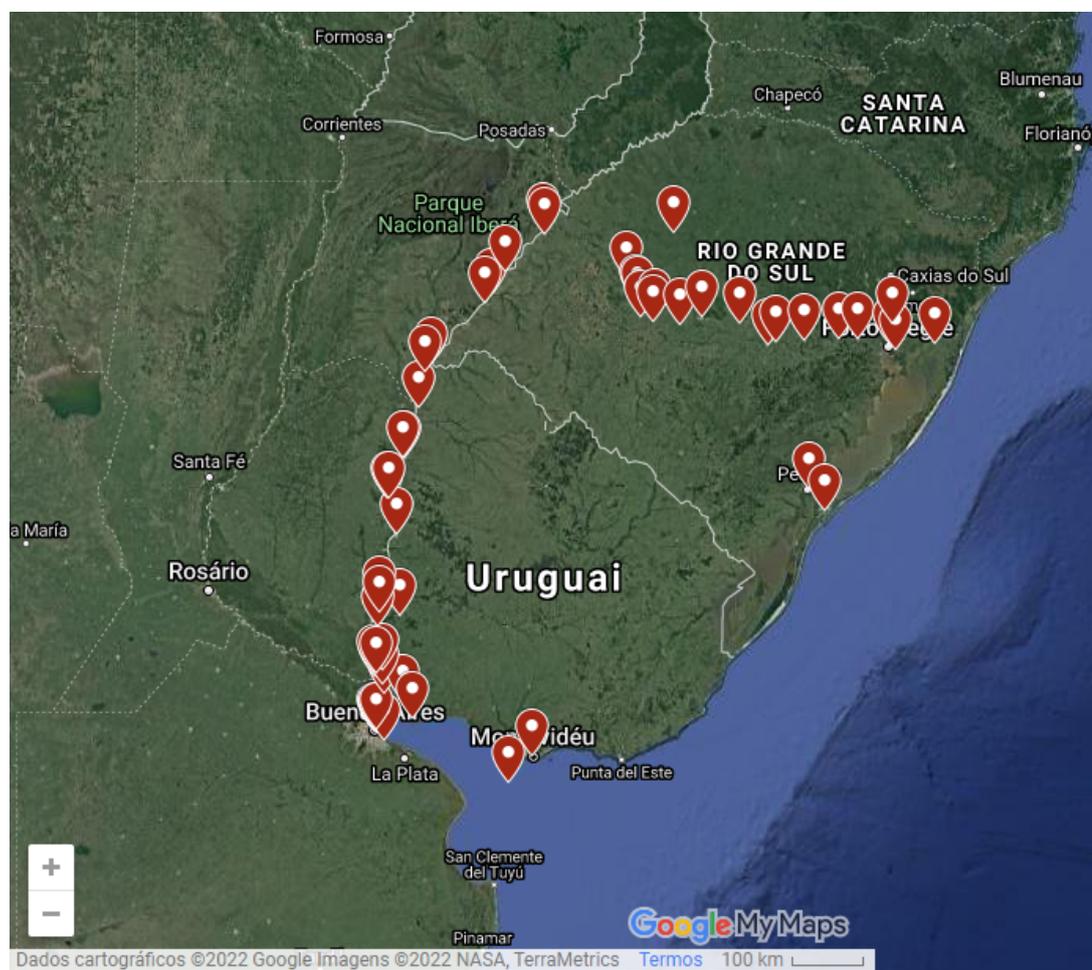
33 As datas encontradas para esse viajante são bastante dispares. Witt (2015) aponta, por exemplo, que o viajante viveu entre 1807-1888 mas também menciona que em 1830 o viajante já tinha 34 anos de idade, o que não seria condizente.

34 Trata-se de conflitos dentro da Segunda Guerra entre Unitaristas e Federais no Interior entre 1828-1831 quando o governo estava sob o comando do General Juan Manuel de Rosas e havia um conflito interno entre as forças de diferentes províncias.

idioma e cujos costumes eu ainda ignorava” (ISABELLE, 2006, p.10). Passou três anos gerindo a fábrica com altos e baixos, até que a mesma entrou em falência. Por fim, descobre que Anatole, seu amigo que iria visitar, havia falecido e acabou adequando sua viagem a uma nova realidade.

O novo trajeto, como mostra o mapa 15, era muito mais desprezioso e foi realizado predominantemente entre a primavera de 1833 e o verão de 1834, constituindo relato publicado ainda na década de 1830 sob o título “Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul” (ISABELLE, 2006, p.10).

Mapa 15 - Roteiro de viagem de Arsène Isabelle – 1830-1835



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

Isabelle parte de Buenos Aires em 1833 de barco na companhia dos franceses Edouard Nouel, seu sócio em Buenos Aires, e o preparador Eugênio Gamblin. O grupo explora a fronteira entre a Argentina e o Uruguai e Brasil, para então adentrar na província brasileira do Rio Grande do Sul onde percorre a zona central até a capital Porto Alegre e dali parte de barco pela Lagoa dos Patos em direção as cidades de Pelotas e Rio Grande, mais ao sul. No entendimento de Isabelle essas localidades eram pouco conhecidas com raros estudos e mapas, além de terem sido constantemente arrasadas pela disputa entre portugueses e espanhóis.

O viajante procurava se inspirar nos naturalistas que lia e considerava a sua obra como “uma espécie de apêndice às dos senhores Auguste Saint-Hilaire, no interior do Brasil, e Alcide d’Orbigny, em Entre-Rios e Corrientes” (ISABELLE, 2006, p.18), vislumbrando o seu relato como uma futura referência sobre a região.

Depois dessa viagem Isabelle torna-se cônsul francês no Uruguai, fixando residência em Montevideú e passando a atuar como agente da colonização, ideia que já incentivava em seu relato aqui analisado. Realizou outras viagens pela América do Sul financiado pelo Museu Nacional de História Natural do Uruguai até retornar<sup>35</sup> a França já com idade avançada e no final de sua trajetória acabou cometendo suicídio.

Indiscutivelmente o nome mais famoso dentre os viajantes aqui analisados é o de Charles Darwin<sup>36</sup> (1809-1882), nascido em Shrewsbury na Inglaterra, Darwin se tornou um dos cientistas mais importantes do mundo a partir do lançamento de sua obra “A Origem das Espécies” em 1859. Todavia para o nosso estudo, analisaremos o relato de viagem intitulado “Viagem de um naturalista ao redor do mundo”. Essa obra foi escrita com ele ainda jovem, anos antes de ganhar notoriedade. No período entre 1831-1836, Charles Darwin embarcou no navio Beagle e realizou uma volta ao mundo que mudaria os rumos da nossa compreensão sobre a vida no planeta. Essa viagem foi precedida de tentativas fracassadas de entrar nas carreiras da medicina e sacerdotal, forçadas pelo pai de Darwin, o médico Robert Darwin.

---

35 É incerta a data de volta definitiva de Isabelle à França, mas podemos estipular que o mesmo permanece no Uruguai pelo menos até a década de 1850 (WITT, 2015, p.20) quando ainda publica periódico e escritos sobre a vida no país sul-americano.

36 A versão preliminar da análise do relato de Darwin foi previamente e parcialmente publicada em anais de congresso (MINUZZI, 2019).

Vindo de uma família abastada e erudita<sup>37</sup> Charles Darwin aos 22 anos de idade parte para a viagem e realiza anotações importantes, dentre elas as mais famosas os trechos sobre a Patagônia e sobre Galápagos, que vieram a contribuir diretamente em estudos sobre a evolução humana. Um pouco menos debatidos e conhecidos pela sociedade são os trechos do relato sobre o Pampa, com os locais percorridos entre os anos de 1832 e 1833.

No ano de 1832 o naturalista desembarca no Uruguai, na região de Maldonado e posteriormente o navio Beagle viaja até a foz do Rio Negro ao sul da Argentina, uma zona de transição entre Pampa<sup>38</sup> e Patagônia. Deste ponto o viajante parte a cavalo até Buenos Aires, sobe o rio Paraná até Rosário e Santa Fé e retorna a capital da Argentina, partindo dali para Montevideu e sudoeste do Uruguai até se despedir da região, continuando sua circunavegação global. Esse trajeto pode ser observado no mapa 16.

Ao todo, sua estadia no Pampa se dá no período de um pouco mais de um ano entre os meses de Julho de 1832 e Dezembro de 1833. Ainda muito jovem, o Darwin que estamos aqui analisando é muito diferente daquele que viria se tornar famoso décadas depois, suas ideias sobre a natureza não são necessariamente as mesmas do período em que escreveu “A Origem das Espécies” ou “A Descendência do Homem”. Darwin, porém, não estava alheio aos avanços científicos de seu tempo, ele leu durante a viagem a obra do geólogo Charles Lyell (BAUMER, 1977, p.103), além de ler Thomas Malthus (BAUMER, 1977, p.104), logo que chega na Inglaterra após o término da expedição global do Beagle.

Essa viagem realizada por Charles Darwin permitiu que o mesmo observasse a natureza e recolhesse dados e materiais que sustentariam as ideias publicadas por ele anos depois. Baumer (1977, p.98) ressalta que a teoria da evolução das espécies já estava sendo rabiscada por outros cientistas, como Matthew Arnold ou Herbert Spencer, tudo de maneira difusa e sem um sentido claro. Foi Darwin o primeiro a reunir material suficiente e a ligar os pontos para elaborar uma teoria consistente. Com o passar do século XIX, essa teoria acabou se tornando cada vez mais forte e aceita, refletindo até mesmo na forma como as pessoas encaravam a natureza, agora cada vez mais a partir do olhar da Ciência e menos a partir do

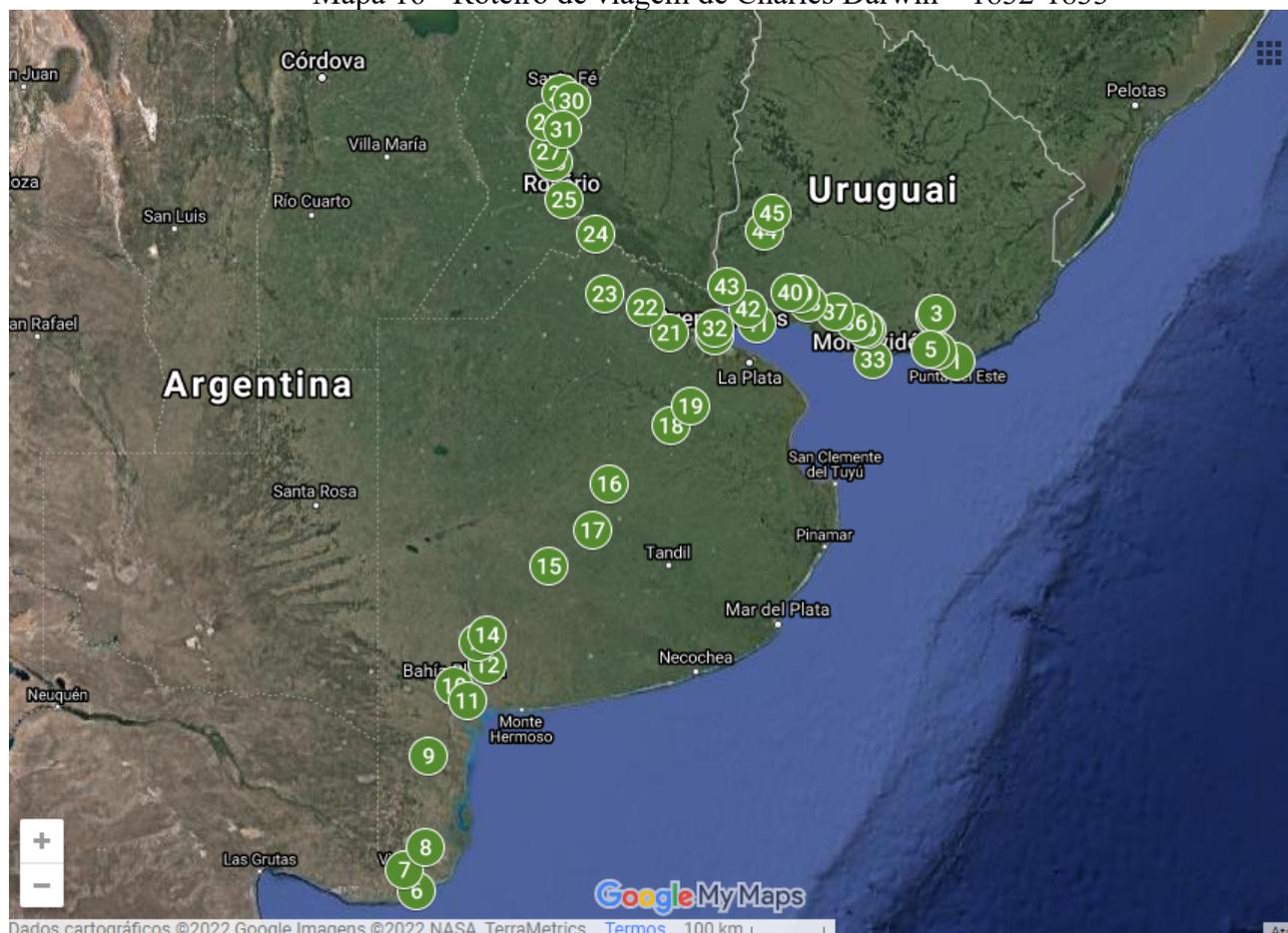
---

37 O avô de Darwin, Erasmus Darwin foi um médico que realizou trabalhos na área de botânica e Francis Galton, primo de Darwin, foi um destacado pesquisador que adotou as teorias de seu primo.

38 Oficialmente na Argentina: ecorregião do Espinal.

olhar da religião, ou seja, a ideia romântica de natureza passava a perder força em fins do século para o ressurgimento de uma visão mais Neo-Iluminista.

Mapa 16 - Roteiro de viagem de Charles Darwin – 1832-1833



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. Os números buscam indicar a trajetória realizada.

Diferente da maioria dos viajantes descritos até aqui, as informações sobre Alexandre Baguet a princípio não são muito reveladoras. Era de origem belga e cruzou o Brasil em direção ao Paraguai em uma missão diplomática oriunda dos Estados Unidos durante o ano de 1845. Essa viagem resulta no livro “Viagem ao Rio Grande do Sul”. Através da pesquisa conseguimos achar algumas informações a mais de quem poderia ter sido esse viajante. Seu nome é escrito tanto como Alexandre quanto como Alexander, o que nos leva ao nome de Alexander Nicolas Ghislain Baguet (Nivelles, Reino Unido dos Países Baixos, 1817

– Antuérpia, Bélgica, 1897), nasceu em Nivelles anos antes da Revolução Belga de 1830 que tornou o país independente<sup>39</sup>. Sua família era de comerciantes ultramarinos e casou-se com Eugenia Celestina Francisca Fauconnier, provavelmente de origem belga, mas nascida na América, ambos parecem ter morado em algum momento da vida em Borgerhout, distrito da cidade de Antuérpia.

Baguet já havia morado anteriormente no Rio de Janeiro em 1842 e segundo a geógrafa Liana Martins o viajante permaneceu com moradia no Brasil até o ano de 1874 (MARTINS, 2008, p.40). Sua viagem pelo Pampa é rápida, totalizando cerca de um mês do ano de 1845. A província do Rio Grande do Sul é apenas um local de passagem do viajante rumo ao Paraguai.

Desembarcando na cidade portuária de Rio Grande o viajante rumo de barco até a capital da província via Lagoa dos Patos e depois percorre o curso do rio Jacuí rumo ao interior, como pode ser visto no mapa 17. Passa por São Gabriel e Alegrete, cidades pouco visitadas por outros viajantes aqui analisados, até chegar em São Borja e atravessar a fronteira com a Argentina, já próximo de seu destino. Sua viagem é marcada por inúmeras situações adversas como incêndios em campo, atoleiros e tempestades.

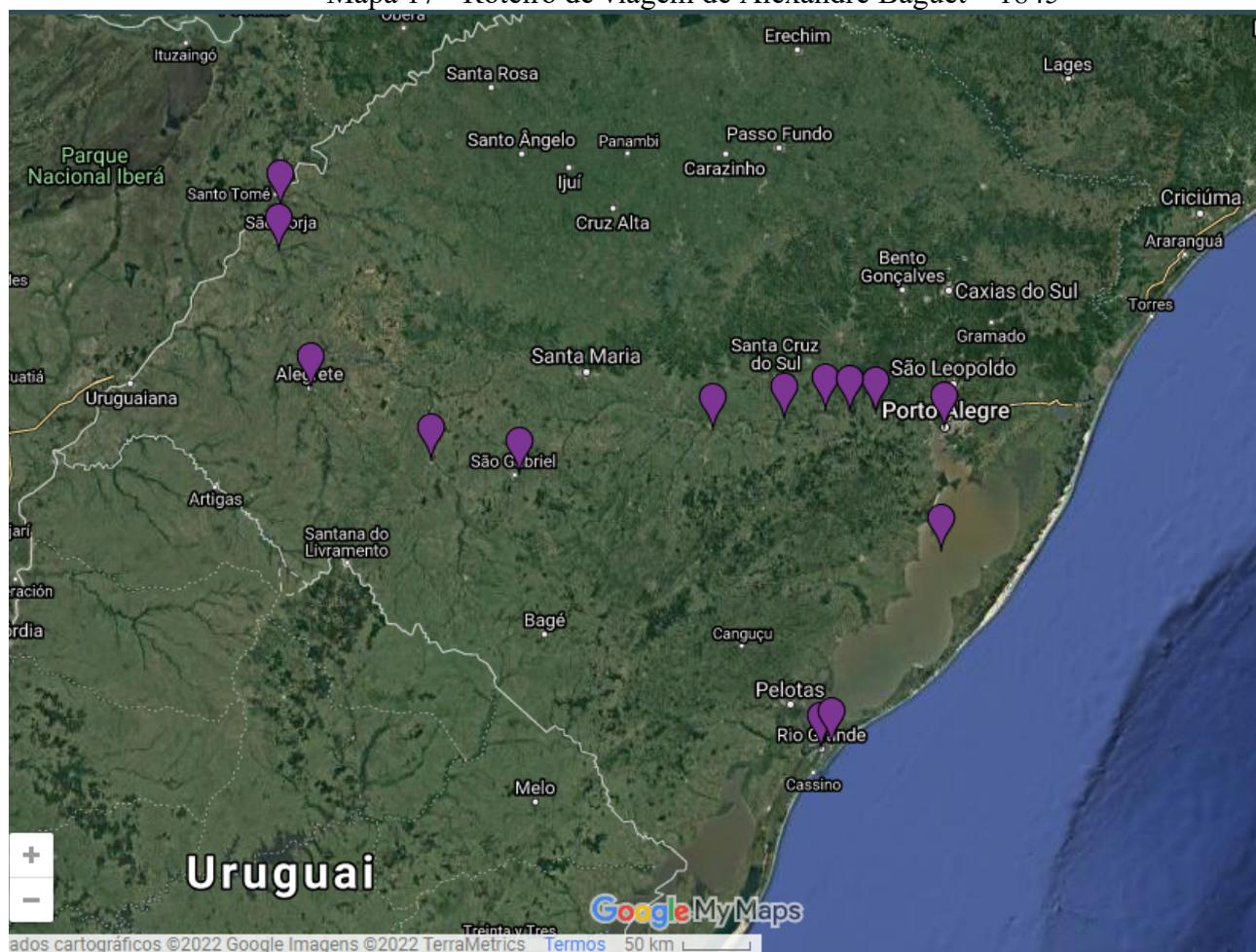
Baguet se preocupava com o clima de instabilidade política da região dos Pampas, pois as pessoas no Rio de Janeiro advertiam que os campos do Rio Grande do Sul eram “um refúgio de bandidos dos quais raramente se escapa” (BAGUET, 1997, p.23). Ao longo da viagem deixa registrado inúmeras passagens demonstrando ter preocupação com a questão da segurança, mesmo que estivesse acompanhado de guias e até mesmo de um soldado da província. Sua travessia pela província ocorreu meses após o final da Revolução Farroupilha (1835-1845), uma revolta que opôs grupos locais em relação ao Império Brasileiro, tornando-se uma longa disputa envolvendo forças e alianças do espaço platino<sup>40</sup>. A situação política da região acaba interferindo tanto no decorrer da viagem quanto na forma e conteúdo dos relatos.

---

39 Encontramos essas informações de nascimento, casamento e morte em um site de genealogias holandês: <http://www.spincemaille.be/Sleebus/g0/p814.htm#i24394>. Devido a barreira do idioma é difícil confirmar os dados, mas verificando outros trabalhos que trazem alguns dados bibliográficos do autor (ROSA, 2014; SCHWARTSMANN, 2008; MARTINS, 2008) conseguimos dar mais sustentação as informações.

40 Ver mais em: Cesar Guazzelli (2013).

Mapa 17 - Roteiro de viagem de Alexandre Baguet – 1845



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

O último viajante inglês analisado na pesquisa é William MacCann, que assim como Baguet, carece de informações precisas sobre sua vida, incluindo sua data de nascimento e morte. O pesquisador Murray menciona que “não há evidência definitiva sobre o local de nascimento de William MacCann. Uma pesquisa genealógica privada conduzida em Dublin e Londres mostra que ele pode ter pertencido a uma família irlandesa residente em Liverpool”<sup>41</sup> (MURRAY, 2010, p.51, tradução nossa). Todavia, sabemos que ele chega aos Pampas no ano de 1842, um período de guerra civil durante o governo do General Rosas. MacCann chegava

41 No original: “there is no definitive evidence about William MacCann’s place of birth. A private genealogical search conducted in Dublin and London shows that he may have belonged to an Irish family resident in Liverpool”

na região dizendo: “meu objetivo é a extensão das minhas relações comerciais”<sup>42</sup> (MACCANN, 1853a, p. VI, tradução nossa), porém logo se encontra desestimulado pois “Os habitantes, de fato, estavam tão absorvidos pelos cuidados e pela ansiedade decorrentes das convulsões políticas, que não tinham nem lazer, nem disposição para iniciar atividades pacíficas na agricultura ou no comércio”<sup>43</sup>, o que o prejudicava diretamente em seus objetivos comerciais. Por esse motivo, volta a Inglaterra e publica um livro sobre a política da região no ano de 1846 (MACCANN, 1853a, p. VI-VII, tradução nossa).

Em 1848 ele retorna a Argentina onde realiza duas viagens partindo de Buenos Aires. A primeira é em direção ao sul, como pode ser visto no mapa 18, uma rota semelhante aquela que Charles Darwin havia feito e em um território pouco povoado no período. Talvez tenha sido influência de Darwin, já que MacCann cita o relato de Darwin para essa região. Ele realiza a rota a cavalo com seu “amigo e guia Don José”<sup>44</sup> (MACCANN, 1853a, p.2, tradução nossa), o qual, infelizmente, não oferece maiores informações.

Após viagem pelo sul e com os ânimos políticos agitados, MacCann volta a capital e ali é visto como espião inglês por alguns políticos locais. Ele escreve que estava “a ponto de abandonar todas as minhas opiniões há muito acalentadas, quando o General Rosas, sabendo da minha situação, convidou-me para visitá-lo em sua residência de campo; e como esse reconhecimento inesperado abriu uma perspectiva de prosseguir com segurança minha jornada”<sup>45</sup> (MACCANN, 1857b, p.2, tradução nossa). Com a proteção de Rosas, que lhe pedia apenas que a verdade sobre o país fosse falada pelo viajante inglês em seus relatos (MACCANN, 1857b, p.6), MacCann propões visitar as províncias que antigamente haviam entrado em conflito com ingleses, mas Rosas o tranquiliza “oferecendo-me quaisquer facilidades que eu possa desejar”<sup>46</sup> (MACCANN, 1857b, p.9, tradução nossa) e lhe prometendo que os viajantes estrangeiros que tivessem sob sua proteção nada sofreriam.

---

42 No original: “My object being the extension of my commercial relations”

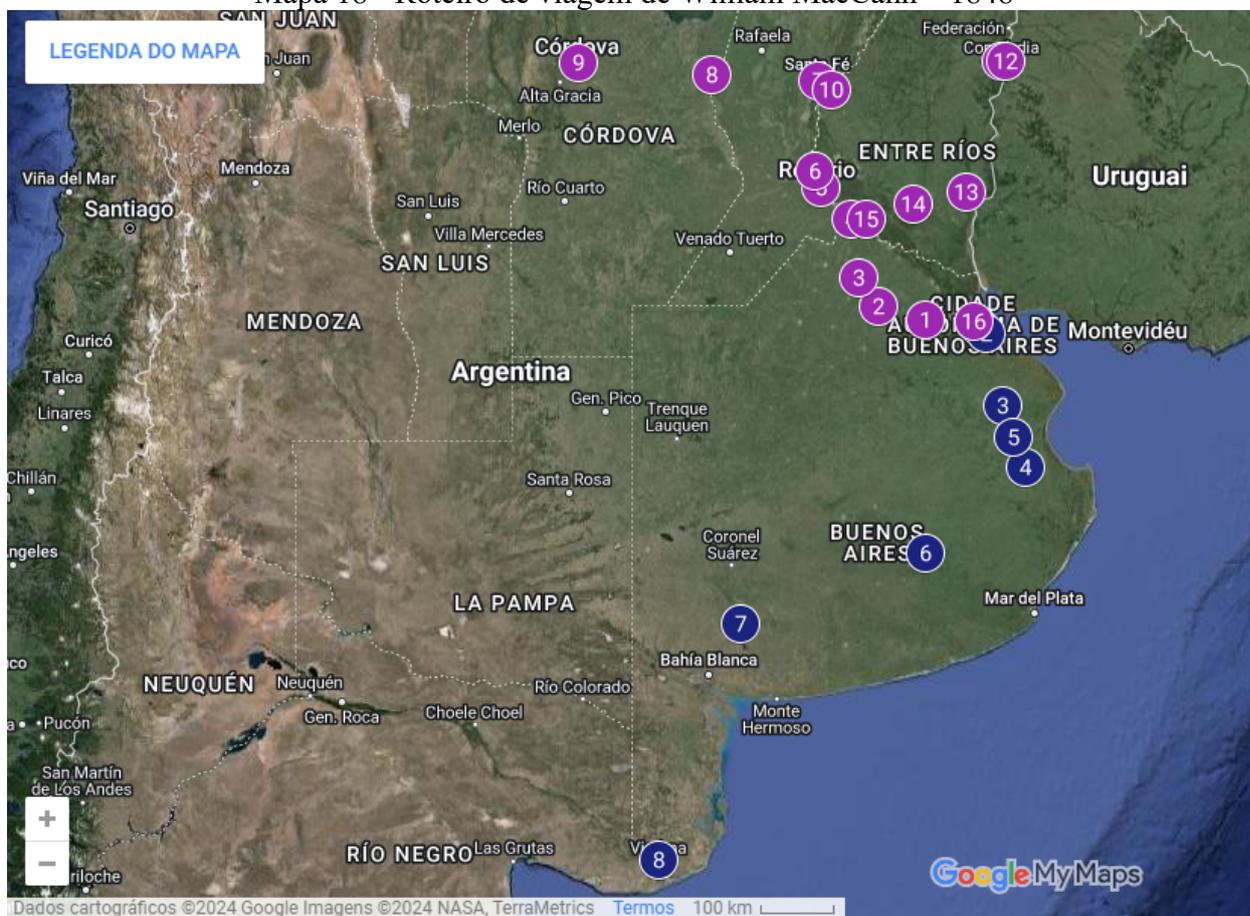
43 No original: “The inhabitants indeed were so absorbed by the care and anxiety arising out of political convulsions, that they had neither leisure nor disposition to enter upon the peaceful pursuits of agriculture or commerce”

44 No original: “my friend and guide Don José”

45 No original: “I was on the point of abandoning all my longcherished views, when General Rosas, hearing of my predicament, invited me to visit him at his country-residence; and as this unexpected recognition opened a prospect of safely prosecuting my journey”

46 No original: “offered me whatever facilities I might desire”

Mapa 18 - Roteiro de viagem de William MacCann – 1848



Fonte: Google MyMaps, 2024. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. Em azul, a primeira viagem, ao sul. Em roxo, a segunda viagem, ao norte.

MacCann parte ao norte, dessa vez acompanhado pelo meu amigo, Senhor William Barton<sup>47</sup> (MACCANN, 1857b, p.11, tradução nossa) visitando cidades importantes do período como Rosário, Santa Fé, Paraná e Córdoba, além de excursionar até a fronteira da Argentina com o Uruguai e visitar brevemente o território uruguaio próximo a Salto.

Um dos mais singulares viajantes foi Nathaniel Holmes Bishop III (1837-1902), pois ele foi o viajante mais jovem dentre todos que analisamos. Em 1855, aos dezessete anos de idade Bishop chegava em Buenos Aires com um objetivo aventuroso: ele tinha o desejo de atravessar o Pampa a pé. Além disso, ele não sabia se comunicar em espanhol e possuía apenas 45 dólares, uma quantia considerada muito pequena para uma viagem daquelas

<sup>47</sup> No original: “accompanied by my friend, Mr. William Barton”

proporções e naquele período, como dito pelo naturalista Edward Augustus Samuels que escreve a introdução do livro de Bishop (BISHOP, 1870, p. 3).

Apesar de demonstrar interesse em estudos científicos ao dizer “eu não tinha instrumentos para fazer observações precisas e não tive oportunidade de preservar e transportar muitos objetos de história natural para comparação e verificação”<sup>48</sup> (BISHOP, 1870, p.2, tradução nossa), ele parecia ter como maior objetivo de viagem um feito aventureiro não estando tão preparado ou interessado em algum objetivo político, econômico ou mesmo científico como outros viajantes. O Coronel Joseph Graham, cônsul americano em Buenos Aires, o recebeu com generosidade, “mas ‘condenou a minha intenção de atravessar sozinho, um país tão selvagem, com povo e língua que não conhecia’, ele entrega ‘os documentos de proteção necessários, juntamente com cartas de apresentação a várias pessoas no interior’”<sup>49</sup> (BISHOP, 1870, p. 34, tradução nossa). Ele recebe avisos de pessoas que já haviam cruzado o Pampa sobre como era difícil seguir os caminhos nos campos sem se perder, como era difícil conseguir água, enfim, como seria complicada uma viagem a pé e sozinho. Levando isso em consideração Bishop decide acompanhar uma caravana durante sua travessia pelos Pampas.

Depois de algumas semanas em Buenos Aires e em uma visita rápida pelo território uruguaio, Bishop parte de barco pelo rio Paraná até a cidade de Rosário. Ali contrata, por quase metade do valor que carregava consigo, uma caravana que lhe garantiria comida e proteção até a cidade de Mendoza. Bishop começa em Rosário sua jornada caminhando pelos Pampas até Valparaíso. Os únicos momentos em que não percorre a pé é quando fica doente em parte da viagem sendo levado dentro de uma carroça e quando faz um desvio de rota acompanhando uma trupe de circo entre Mendoza e San Juan. O trajeto completo pode ser visto no mapa 19.

---

48 No original: “I had no instruments for making accurate observations, and had no the opportunity to preserve and transport many objects of natural history for comparison and verification”.

49 No original: “but condemned my intention of crossing alone, so wild a country, with the people and language of which I had no acquaintance” he gives “the necessary papers of protection, together with letters of introduction to various persons in the interior”.

Mapa 19 - Roteiro de viagem de Nathaniel Holmes Bishop – 1855.



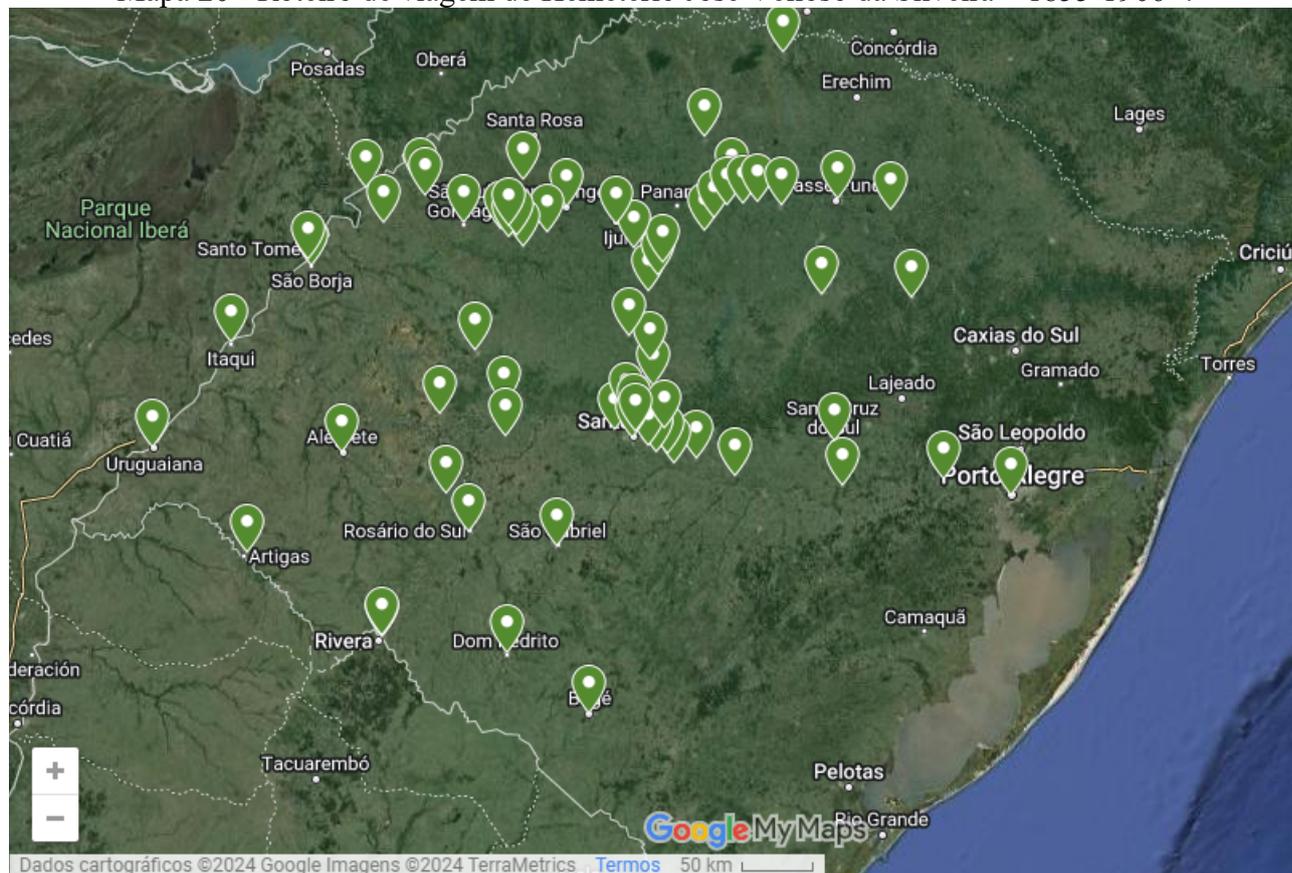
Fonte: Google MyMaps, 2024. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

O décimo primeiro viajante da lista é o único brasileiro. O pernambucano Hemeterio José Velloso da Silveira (1824-1913) escreveu “As missões orientais e seus antigos domínios” relatando toda a sua experiência vivida no Rio Grande do Sul onde estava “há 54 anos, os laços da família e onde vimos nascer 19 filhos e por fim netos e bisnetos” (SILVEIRA, 1979, p. XIV). Atuando com advogado chegou a província em 1855 e foi morar em Cruz Alta, onde passou 12 anos realizando inúmeras viagens pela região, que formam o que podemos visualizar no mapa 20.

Em 1885, trinta anos depois de chegar no Rio Grande do Sul, incentivado por amigos ele começa a escrever suas memórias. Assim como o relato de Nicolau Dreys, o texto de Silveira é escrito sem uma ordem cronológica exata e baseado nas lembranças de suas impressões já muito antigas, pois não era apenas um viajante, mas efetivou-se como morador desse espaço. Além desse fator a ser considerado durante a análise da fonte, o processo de escrita de Silveira foi bastante conturbado, pois durante esse período ele viu o falecimento de três filhos, inclusive teve que voltar a Pernambuco para cuidar do primogênito por dois anos e ao voltar encontrou suas anotações danificadas por conta da umidade e do mau

armazenamento (SILVEIRA, 1970, p. XI – XII). Ele só vai terminar de escrever o seu livro no ano de 1909, já residindo no Rio de Janeiro.

Mapa 20 - Roteiro de viagem de Hemeterio José Velloso da Silveira – 1855-1906<sup>50</sup>.



Fonte: Google MyMaps, 2024. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

Por ser o único brasileiro, o seu relato se torna bastante especial, pois apesar de não ter saído de seu país, está em um ambiente totalmente diferente daquele em que nasceu e cresceu em Pernambuco. O Pampa era um bioma tão exótico e desconhecido aos seus olhos quanto aos olhos dos demais viajantes, por mais que os viajantes estivessem acostumados a ler outros relatos e ter acesso a mapas e informações sobre a região, isso tudo era muito diferente de efetivamente vivenciá-la. Seu relato fica mais concentrado na região das missões

<sup>50</sup> Não é precisa a data final da permanência de Silveira no Pampa, mas ele descreve acontecimentos ocorridos na região pelo menos até o ano de 1906, não ficando claro se são informações colhidas de terceiros ou efetivamente presenciadas.

do Rio Grande do Sul, tendo descrições mais breves e pouco detalhadas sobre as cidades da campanha, mais ao sul. Inúmeras localidades visitadas por ele estão na divisa entre os biomas Pampa e Mata Atlântica, inclusive esse último é o bioma de origem desse viajante, que nasceu em Recife, uma das partes mais setentrionais da extensão da Mata Atlântica.

O próximo viajante é Robert Avé-Lallemant (1812-1884)<sup>51</sup>, que foi um médico alemão<sup>52</sup> nascido na cidade portuária de Lübeck. Ele estudou em diversas universidades europeias como Kiel, Berlim e Paris. Dentre os seus dez irmãos temos alguns que ganharam fama na Alemanha e nos auxiliam a compreender melhor a trajetória de nosso viajante: Johann Theodor Avé-Lallemant seguiu os passos do pai e do avô e se tornou um músico; Friedrich Christian Avé-Lallemant foi criminalista e escritor; já Georg Friedrich Avé-Lallemant foi administrador da Igreja Evangélica Alemã do Rio de Janeiro. Não é claro dizer quem chegou ao Rio de Janeiro primeiro, mas Robert e Georg Friedrich atuavam em conjunto na região metropolitana do Rio de Janeiro e recepcionavam os colonos alemães que desembarcavam no porto, construindo extensa rede de sociabilidade e até mesmo de compadrio entre a população alemã (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.145-146). Isso demonstra como viajantes podiam estabelecer relações e construir e expandir redes em pouco tempo circulando por diferentes esferas sociais e diferentes localidades. Devido a posição religiosa de seu irmão e sua atuação como médico, Robert Avé-Lallemant ganha notoriedade, chegando até mesmo a ser reconhecido por muitos colonos alemães ao longo de sua viagem ao sul, como foi o caso em Santa Maria onde uma mulher “sem ver-me, reconheceu-me exatamente pela voz. Com que eu a consolara em tempos de grande necessidade e muita miséria. Já catorze anos eram passados; ela vivia então no Rio de Janeiro em condições muito difíceis e necessitava repetidas vezes de minha assistência médica” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.196-197). Podemos ter dúvidas sobre a veracidade desse trecho, mas de qualquer forma é impressionante o alcance social que Avé-Lallemant conseguiu construir no Brasil, e não apenas nele.

---

51 Algumas das informações foram retiradas da dissertação, MINUZZI, 2017, revisadas e atualizadas.

52 Apesar de ter nascido antes da unificação da Alemanha e de no momento de seu nascimento a sua cidade estar sob controle da França de Napoleão, tratamos Avé-Lallemant como alemão por dois motivos: sua cidade natal pertencer a atual Alemanha e pela autoidentificação como alemão por parte do viajante.

Ao longo do relato podemos identificar que Avé-Lallemant possuía uma extensa rede de contatos na Europa. Era amigo do geólogo austríaco Virgil von Helmreichen (1805-1852) que viajou pelo Brasil e pelo Paraguai (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.268). Também declara ter sido amigo do naturalista Hermann Burmeister (1807-1892) que viajou pelo Brasil e Argentina (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.264). Além disso sua família tinha acesso a uma vasta rede de contatos e recursos. O seu irmão mais velho, Johann Theodor, era amigo de músicos influentes na Europa como o casal Clara e Robert Schumann, Johannes Brahms e Piotr Ilitch Tchaikowski, vale salientar aqui que estes eram nomes expoentes do romantismo e que o grupo possuía ligações de compadrio. Ao longo do relato, Avé-Lallemant ainda cita aproximação com figuras importantes do Brasil e entre os naturalistas como o imperador Dom Pedro II, Johann Seume e os irmãos Wilhelm von Humboldt e Alexander von Humboldt. O viajante demonstra ter conhecimento das produções dos escritores românticos Johann Goethe, Friedrich Schiller e James Fenimore Cooper, confirmando a proximidade de Avé-Lallemant com o Romantismo, que iremos verificar ainda a partir da sua leitura de natureza, bastante influenciada pelos ideais românticos.

Robert Avé-Lallemant teve a oportunidade de atuar como médico de uma expedição global de origem austríaca, para isso ele utilizou uma recomendação elaborada pelo famoso naturalista Alexander von Humboldt. Durante a viagem se desentendeu com seus comandantes e acabou se desligando da expedição, desembarcando no Rio de Janeiro onde já havia morado anteriormente. Na cidade brasileira trabalhou na Santa Casa do Rio de Janeiro por um ano até iniciar a viagem ao Pampa ao longo do ano de 1858. Essa viagem deu origem ao livro “Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)” publicado pela primeira vez na Alemanha no ano de 1859 com o nome “*Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858: volume I*”. No mesmo ano lança o segundo volume desse livro, dessa vez com o relato sobre suas viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Em 1860 publica um terceiro e quarto livros sobre o Brasil, mas a respeito de suas viagens pelas províncias do norte do país, os livros levaram o título original de “*Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859, volume 1*” e “*Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859, volume 2*”.

Para realizar essas viagens parte acompanhado de um veterano de guerra francês que chamava de Spahi, “nome que remetia tanto ao seu antigo regimento dentro do exército

francês como membro da cavalaria leve quanto a sua possível origem étnica, já que os Spahi normalmente eram árabes do norte da África que participavam do exército imperial francês” (MINUZZI, 2017, p.82). Spahi era um especialista em veterinária e havia lutado contra as forças argelinas de Abdelkader El Djezairi, possuindo a experiência de 20 anos dentro do exército francês e sendo indicado ao viajante pelo Visconde de Taunay (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.93 e 173). Ele era o único companheiro de viagem fixo de Avé-Lallemant, mas ambos puderam viajar com o auxílio esporádico de outras pessoas, como guias, moradores locais, soldados ou vaqueanos. O roteiro de viagem pode ser visto no mapa 21 e compreende quase que exclusivamente a província do Rio Grande do Sul, mas há uma breve e simbólica visita as terras argentinas, que abordaremos posteriormente. A expedição cobre apenas uma parte limitada do Pampa, mas é impressionante levando em consideração que foi realizada em um curtíssimo espaço de tempo: entre fevereiro e maio de 1858.



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante.

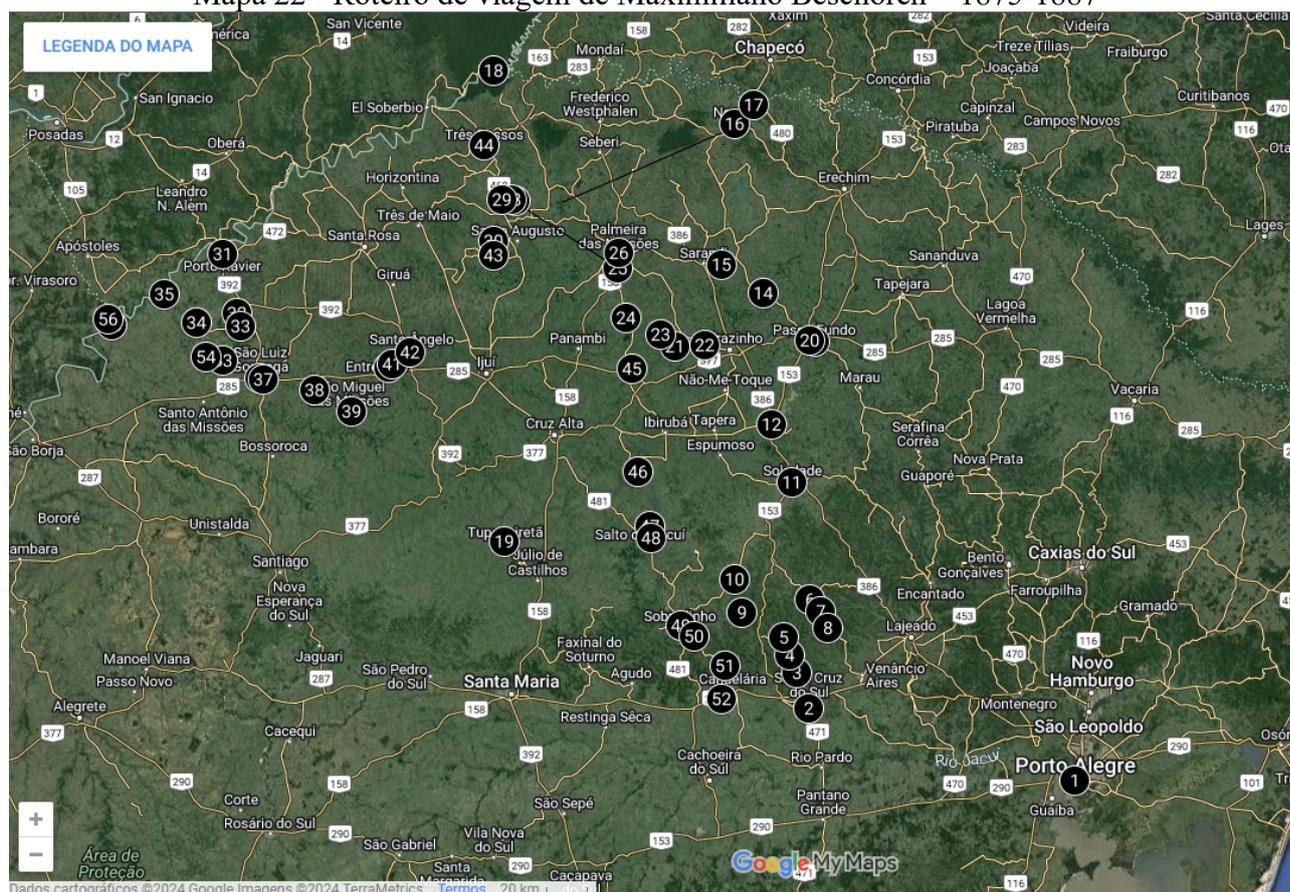
Navegando por rios ou cavalgando pelos campos, o grupo seguia rapidamente de uma localidade a outra sem focar sua atenção e seu tempo a um único local. Isso permitiu ao viajante cobrir uma vasta extensão de localidades em tão pouco tempo, mas pode ter tirado um pouco de profundidade no relato de determinados lugares. Além da zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa, outras terras ganham destaque nos escritos desse viajante: as jovens colônias alemãs da província do Rio Grande do Sul. “Uma das missões de Robert Ave-Lallemant, em suas viagens era a busca de locais adequados para a instalação de futuras colônias alemãs, visitando assim núcleos já estabelecidos e terras ainda não ocupadas” (NODARI, 2013, p.124), sempre destacando o papel do colono e suas qualidades. Seu relato serviria como propaganda na Europa para atrair novos colonos às terras brasileiras, o que também auxiliava a ampliar sua influência sobre a comunidade germânica em ambos os continentes.

Outro viajante alemão que percorreu as planícies do Pampa foi Maximiliano Beschoren (1847-1887), nascido na pequena cidade de Eisleben, a mesma cidade natal de Martinho Lutero. Chegou em Porto Alegre em Fevereiro de 1869 aos 21 anos, sem falar português passando por “uma difícil experiência” (BESCHOREN, 1989, p.14). Apenas em 1871 conseguiu um cargo em função que desejava como agrimensor em Santa Cruz. Em Setembro de 1874 surgiu a oportunidade de trabalhar medindo terras para “concessionários de terras do Alto Uruguai, estabelecidos pelo governo central à algumas companhias” (BESCHOREN, 1989, p.14). Nos quase 20 anos no Rio Grande do Sul acaba estabelecendo diversas ligações com habitantes locais, especialmente agrimensores, cartógrafos e outras pessoas ligadas à colonização alemã e russa na Província.

O seu relato foi publicado postumamente pelo cartógrafo Henry Lange após o suicídio de Maximiliano Beschoren, aos 40 anos de idade. Segue uma ordem cronológica mas provavelmente se baseia em anotações e não em um texto pronto, pois é perceptível avanços e recuos na temporalidade do relato. As passagens concentram-se em fatos ocorridos e impressões registradas principalmente nos anos de 1875 a 1877, quando realiza viagem ao Alto Uruguai, não havendo um registro preciso de suas primeiras impressões ao chegar na região entre 1869 e 1875.

No mapa 22 podemos ter uma noção do trajeto descrito. Boa parte do seu roteiro de viagem era realizado de acordo com as demandas de seu trabalho como agrimensor, não eram escolhas próprias.

Mapa 22 - Roteiro de viagem de Maximiliano Beschoren – 1875-1887<sup>53</sup>



Fonte: Google MyMaps, 2024. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. As linhas demarcam regiões que o viajante menciona serem cobertas de floresta.

Seu relato intitulado “Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul 1875-1887” abarca diversas regiões de encontro entre o Pampa e a Mata Atlântica, tanto no Planalto riograndense quando na subida da Serra Geral, nos oferecendo material comparativo entre esses dois biomas. A área percorrida fica bastante concentrada na zona das antigas missões

53 Não é precisa a data final da permanência de Silveira no Pampa, mas ele descreve acontecimentos ocorridos na região pelo menos até o ano de 1906, não ficando claro se são informações colhidas de terceiros ou efetivamente presenciadas.

jesuíticas. Ele possui bastante interesse pelas questões da ocupação e colonização da terra e registra com bastante frequência cada localidade por onde passa, nos oferecendo uma rota mais precisa do caminho que percorreu. Com frequência exalta lugares como se estivesse realmente fazendo uma propaganda colonial.

O naturalista Herbert Huntington Smith<sup>54</sup> (1851-1919) percorreu o Pampa nos anos de 1881 e 1882. Nasceu em Manlius, no estado de Nova York nos Estados Unidos e estudou na recém-fundada Universidade de Cornell. Em seus anos de estudos em Cornell teve contato com o professor Charles Hartt, que o incentivou a participar de uma excursão ao Pará no ano de 1870, denominada Expedição Morgan como elucidam um grupo de pesquisadores que se debruçaram sobre a biografia desse viajante (KUNZLER, *et al.* 2011). Na universidade apresentou interesse pelo estudo de fósseis, de insetos, de moluscos, da geologia, da geomorfologia e da biogeografia (KUNZLER, *et al.* 2011, p.50).

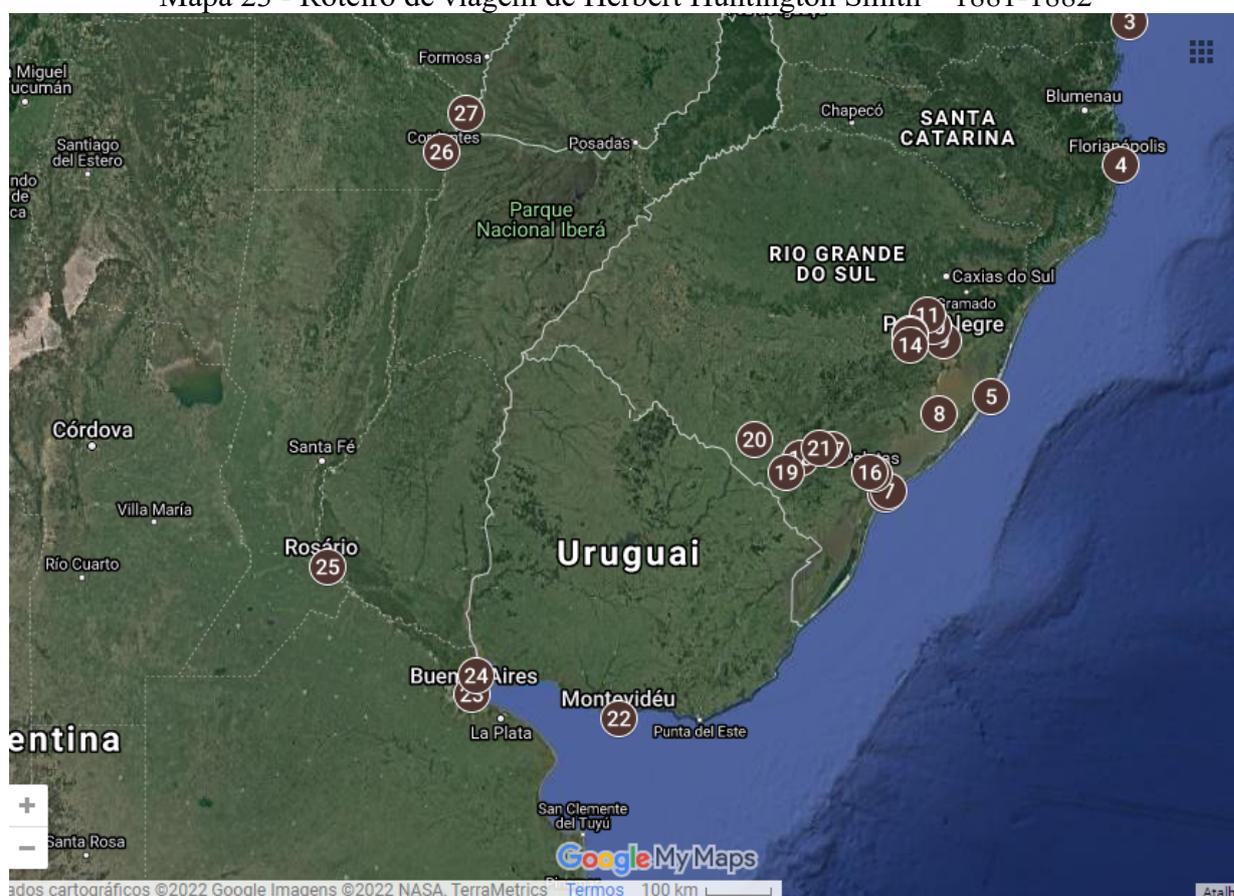
Aos 19 anos, o jovem Smith desembarcava para a sua primeira viagem ao Brasil e começaria ali uma sequência de viagens científicas que o levaria a percorrer diversos países da América nas décadas seguintes. Em sua quarta passagem pelo Brasil, já acostumado com os trópicos e o idioma, chega pela primeira vez ao Pampa e reúne o relato de sua viagem em obra intitulada “Do Rio de Janeiro a Cuyabá: notas de um naturalista”, primeiramente lançada em inglês como coluna de um jornal e só posteriormente traduzida ao português e publicada no Brasil com prefácio do historiador brasileiro Capistrano de Abreu, que conhecia Smith. O longo desvio pelo Pampa para fazer a rota Rio-Cuiabá, pode parecer estranho ao leitor atual, mas naquele período era uma rota mais viável e recorrente utilizando o transporte marítimo e fluvial para percorrer tamanha distância.

Como pode ser observado no mapa 23, Smith primeiramente desembarca no porto de Rio Grande, o ponto de entrada mais recorrente para a província do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX. A partir dali vai para a capital da província, Porto Alegre e depois fixa residência temporária na atual cidade de Montenegro, em um ecótono entre os biomas Pampa e Mata Atlântica.

---

54 A versão preliminar da análise do relato de Luccock foi previamente e parcialmente publicada em capítulo de livro (MINUZZI, 2022a).

Mapa 23 - Roteiro de viagem de Herbert Huntington Smith – 1881-1882



Fonte: Google MyMaps, 2022. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas ou descritas pelo viajante. Os números buscam indicar a trajetória realizada.

Após alguns meses explorando a região rumo ao sul para Pelotas e Bagé para retornar a Rio Grande e partir em direção à Montevideu e Buenos Aires e então seguir rumo ao norte via rio Paraná. Chegando ao seu destino de viagem, Cuiabá, o viajante permanecerá estudando na região durante alguns anos até retornar ao Rio de Janeiro e depois voltar aos Estados Unidos. Toda essa viagem até Cuiabá teve como objetivo coletar material da fauna e da flora no caminho para o Museu Nacional do Brasil, “Smith deveria realizar viagens de exploração ao interior do Brasil formando coleções de história natural, parte das quais pertenceriam ao museu” (KUNZLER, *et al.* 2011, p.52), este contrato foi renovado outras três vezes, porém ao término da expedição à Cuiabá ocorreu um impasse com a instituição, que alegou que Smith se apropriou de material que não lhe cabia (KUNZLER, *et al.* 2011, p.53-56).

Ao longo de sua viagem Smith foi acompanhado de sua esposa Amelia ‘Daisy’ Woolworth Smith, da qual temos poucas informações. Ela era encarregada de boa parte das tarefas de coleta, preparação e armazenamento de espécimes. Assim como muitas outras mulheres na ciência do período a sua participação e importância acabaram silenciadas ou ofuscadas atrás de uma figura masculina; sabemos, porém, que após a morte do marido ela assumiu o seu cargo de diretora do Museu de História Natural do Alabama. A comitiva do viajante ainda empregava uma variedade de trabalhadores fixos e temporários, entre eles os caçadores ‘Paraguay’ e o ‘Conversador’, os ajudantes americanos Guilherme e Alberto, os jovens irmãos Peter e Karl, além de uma grande quantidade de guias ao longo da jornada<sup>55</sup>. Um dos ajudantes, Karl, chama atenção pois tinha apenas 14 anos quando começou a trabalhar para Smith o que não o impediu de o acompanhar até Cuiabá, pois era considerado muito inteligente e vivo e que “em pouco aprendeu a colleccionar aves e insectos, tornando-se auxiliar precioso” (SMITH, 1922, p.47).

O relato de Smith segue uma linha predominantemente cronológica e as anotações, apesar de não serem diárias, são de memórias recentes da viagem. O viajante detém bastante o seu olhar para a natureza e a variedade de espécies presentes no Pampa, destacando inclusive algumas espécies pouco usuais de animais e plantas em relação a outros relatos. Smith é um incentivador da colonização e possui algumas passagens bastante racistas (SMITH, 1922, 42-44), que não são o nosso foco de análise, mas que merecem ser mencionadas. Uma característica de destaque é que Smith possuía algum grau de deficiência auditiva da qual não conseguimos informações muito detalhadas, mas que parece ter surgido ainda cedo da vida e se agravado ao longo do tempo até o mesmo ser atropelado por um trem que o vitimou em 1919 enquanto se deslocava para a Universidade do Alabama, onde trabalhava.

Por fim chegamos ao último dos viajantes aqui analisados, o botânico sueco Carl Axel Magnus Lindman (1856-1928), seu trajeto de viagem pode ser observado no mapa 24.

---

55 Os viajantes, em geral, não mencionavam muito sobre as pessoas que os acompanhavam nas viagens e quando havia essa menção era de forma vaga e com poucos dados. O caso do relato de Smith é um exemplo disso, ele não menciona o nome completo dessas pessoas e chega a registrar apenas os apelidos de algumas delas. Guilherme gostava de desenhar e era parente de Alberto, nas palavras de Smith os dois “acompanharam em todas as peregrinações, e a quem devo muito do que consegui” (SMITH, 1922, p.44).



estudo, segundo ele “os fins que tinha em vista eram vários e entre elles o colleccionamento das plantas superiores da região, trabalho esse que ainda por muito tempo será indispensavel para cada viajante por paizes tropicaes” (LINDMAN, 1974, p. XVII).

Lindman elogia a colonização europeia na região e cita o trabalho de inúmeros viajantes entre eles Saint Hilaire, Beschoren, Sellow, Bonpland, Fritz Muller e muitos outros que percorreram não apenas o Rio Grande do Sul mas outros estados brasileiros (LINDMAN, 1974, p. 2-4). Sua preocupação maior está em analisar a flora local, registrando inúmeras espécies por onde circula. Sua trajetória começa no porto de Rio Grande, visita brevemente Pelotas e ruma a Porto Alegre numa travessia de barco pela Lagoa dos Patos, que, como já vimos, era trajeto extremamente comum para viajantes e chegados ao estado do Rio Grande do Sul. Em suas viagens vai até Ijuí passando por Cachoeira, Quarta Colônia e Santa Maria, também visita novamente Pelotas e região sul, além de fazer uma viagem de barco pelo rio Uruguai partindo de Buenos Aires e descrevendo as cidades argentinas de Colón, Concórdia e Monte Caseros, além da uruguaia Salto.

#### 2.4 RELATOS DE VIAGEM COMO FONTE

Apresentamos quinze diferentes agentes históricos que percorreram o Pampa e deixaram suas impressões registradas para a posterioridade, podemos reunir suas características e notar que esse grupo é composto de homens predominantemente estrangeiros que realizaram viagens com idades entre 17 e 48 anos<sup>57</sup>. A grande maioria deles vindos da Europa, totalizando doze viajantes, sendo oito oriundos da Inglaterra ou da França, destes, todos foram viajantes que desembarcam no Pampa na primeira metade do século XIX. Vemos uma maior diversidade de nacionalidades na segunda metade do XIX com viajantes vindos da Suécia, Alemanha, Estados Unidos e do próprio Brasil. As profissões deles eram variadas, mas, em geral, existe uma tendência ao estudo das Ciências Naturais, ou pelo menos, um apreço por esse tipo de estudo. Os objetivos e temas também eram bastante diversos entre esses viajantes analisados.

---

57 Se desconsideramos o caso de Silveira, que fixou residência no Rio Grande do Sul por praticamente toda a vida até mais ou menos os seus 82 anos de idade quando se muda para o Rio de Janeiro, apesar dessa data ser imprecisa.

Quando se trata dos trajetos que realizaram no Pampa podemos verificar que apenas cinco viajantes, ou seja, um terço deles estiveram nos três países que compõe o Pampa<sup>58</sup>. Onze deles estiveram pelo menos em algum momento no território que hoje compõe a Argentina, dez estiveram no lado brasileiro, enquanto um número menor, porém ainda expressivo, de oito viajantes percorreram algum caminho pelo Uruguai. Os principais centros urbanos e as zonas costeiras e fluviais foram os destinos mais recorrentes. No Brasil a cidade portuária de Rio Grande foi o principal ponto de entrada na província do Rio Grande do Sul. A cidade vizinha, Pelotas, desfrutava de destacada posição econômica e cultural no período e foi constantemente descrita pelos viajantes. Muitos viajantes estiveram na capital provincial, Porto Alegre, e nas regiões do rio Jacuí e rio Uruguai. Essas localidades frequentemente visitadas não eram escolhidas aleatoriamente, mas sim porque elas ficavam localizadas onde passavam as principais vias de transporte e comércio, além de concentrarem a maior parte da população ao longo do século XIX.

No Uruguai os viajantes concentram o tempo de suas viagens em cidades litorâneas e nas margens do rio Uruguai, como Maldonado, Montevidéu, Colônia do Sacramento, Paysandú e Salto. Localidades mais continentais não foram visitadas, ficando a maior parte do território uruguaio sem uma descrição. Isso se deu muito pela questão do transporte fluvial e marítimo ser muito mais acessível do que o transporte terrestre, que demandava mais tempo e de estruturas como pontes e estradas que nem sempre estavam presentes nos locais necessários.

Do lado argentino as margens dos rios Paraná e Uruguai foram bastante percorridas, com cidades como Rosário, Santa Fé, Paraná e Concórdia sendo recorrentemente mencionadas. A capital e importante porto, Buenos Aires, foi visitada por nove viajantes e recebeu inúmeras páginas de descrição, devido principalmente pelo fato da cidade ser a mais proeminente da região pampeana ao longo do século XIX. A rota que ligava Buenos Aires ao Chile também foi percorrida por alguns viajantes, outra rota que ganha relevância é uma ao sul que passa pela Serra de La Ventana e por uma região com poucas cidades ou vilas densamente povoadas.

---

58 Levando em consideração as fronteiras políticas atuais.

Os relatos também diferem em suas formas de elaboração. Há diferenças bem grandes entre um diário pouco editado e publicado, de um texto escrito no conforto do lar narrando acontecimentos ocorridos anos atrás, por exemplo, “classificar uma espécie em uma carta feita ao longo de uma viagem não é o mesmo que classificá-la em um tomo editado após uma viagem, ..., cada tipo de texto guarda, portanto, vestígios específicos” (BRAGA, 2019, p.195). Os quinze relatos de viagem aqui analisados estão agrupados dentro desse conceito abrangente de ‘relato de viagem’, mas cada um possui especificidades em relação ao seu conteúdo, trajeto, estrutura e forma de escrita. O historiador Temístocles Cezar define os relatos de viagem como “um gênero literário sem lei” e que “apesar de sua tradição ser bem estabelecida e sua leitura atravessar o tempo, este tipo de escrita continua avesso a debates teóricos” (CEZAR, 2010, p.28), tendo poucos estudos que busquem pensar teoricamente e conceitualmente esse tipo de fonte. Isso ocorre até pelo seu caráter bastante adaptável, pois “sob um mesmo rótulo agregam-se cartas [...] relatórios [...] diários de viagem [...] tratados [...] memórias” (MACEDO, 2011, p.20-21), servindo uma grande variedade de tipos de estudos históricos. A literatura de viagem são “todas as obras literárias (ficcionais ou não) que de um modo ou de outro têm a viagem como motivo ou estrutura” (MACEDO, 2011, p.19), e que geralmente possuem um discurso com “caráter analógico-referencial, cuja finalidade é dar a conhecer ao grande público informações, em sua maior parte, até então desconhecidas” (MACEDO, 2011, p.21). Os relatos são uma fonte diversa em forma e conteúdo tendo alguns pontos em comum que unem diferentes tipos de textos em uma única categoria abrangente.

De qualquer forma, fica evidente que uma das questões mais importantes a se ater é a questão da memória. Alguns relatos são diários escritos momentos, horas ou alguns dias depois das situações descritas terem ocorrido. Geralmente esses carregam mais detalhes, sensações e sentimentos, especialmente de incerteza sobre o trajeto percorrido. Enquanto outros relatos são memórias mais longínquas de lugares e situações vividas a meses, anos ou mesmo décadas depois, com poucos detalhes sobre o cotidiano da viagem e das localidades visitadas, mas podendo trazer comparativos do que foi visto e das consequências do tempo sob determinado local. Como exemplo, podemos ver bem essas características distintas nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire e no de Nicolau Dreys, respectivamente.

Alguns viajantes passam um mês no Pampa, como é o caso de Baguet, enquanto outros permanecem na região em períodos maiores, de cinco anos, dez anos ou mesmo a vida toda, deixando de serem apenas viajantes e passando a ser residentes imigrantes, no que Gary Reger chama de ‘normalização’, quando um ambiente passa de ser algo estranho e estrangeiro para algo ordinário (2019, p.23). Essas diferenças nos trajetos e trajetórias vão impactar a forma como a região é percebida e destacada, alguns viajantes mais inclinados ao naturalismo ressaltarão a variedade de espécies não-humanas do Pampa enquanto outros estarão mais preocupados em descrever a vida cotidiana do povo e a esclarecer sobre as disputas políticas e acordos econômicos. Um viajante que desembarca nas dunas de Rio Grande terá uma percepção diferente daquele que chegar na metropolitana Buenos Aires, ou mesmo daquele que chegar em Rio Grande, mas em período temporal muito díspar. Mesmo que dois viajantes estivessem no mesmo lugar e no mesmo momento, teriam percepções distintas daquele momento. Alguns optarão por desbravar a região por caminhos pouco usuais no lombo de cavalos e mulas, enquanto outros preferirão os locais mais habitados e com mais estrutura. De certa forma essas escolhas e rumos tomados afetarão a percepção em relação à natureza do Pampa, que passaremos a discutir nos próximos capítulos tendo em mente todos esses dados mais estruturais sobre a vida de cada viajante.

Importante salientarmos que escolhemos esses quinze viajantes por apresentarem bastante diversidade de locais visitados, pelas temporalidades espalhadas ao longo de todo o século XIX, pelo acesso as fontes e pelos idiomas disponíveis para leitura. Sempre que possível a leitura foi feita em língua portuguesa, já que estamos analisando, de certa forma, o impacto que essas obras tiveram na região. Quando disponível uma versão da obra em seu idioma original, ela serviu como suporte e verificador comparativo de certas passagens. Alguns dos relatos foram lidos em língua inglesa.

Procuramos utilizar uma grande quantidade de viajantes para oferecer uma gama variada de material a ser analisado. Pesquisas brasileiras que envolvam relatos de viagem geralmente reúnem de um a cinco relatos de viagem para compor sua análise (KURY, 2003; AMARAL, 2003; CORRÊA, 2008; PEIXOTO, 2010; WITT, 2012; ROSSI; MORETTO, 2013; CIPRIANO; MACHADO, 2014; RUNDVALT, 2016; MINUZZI, 2017; MORETTO,

2021; CARVALHO; GIL, 2021)<sup>59</sup>, termos quinze fontes diferentes é uma forma de dar um passo além nessas discussões. A escolha de cada viajante, em adição aos motivos acima apontados, se deu através da indicação de outros pesquisadores, especialmente dos professores Luís Augusto Ebling Farinatti e José Martinho Rodrigues Remedi, e também através da seleção de relatos de viagem compilados em livro intitulado “Santa Maria: relatos e impressões de viagem” dos pesquisadores José Newton Cardoso Marchiori e Valter Noal Filho (1997). Esse livro reúne trechos de relatos referentes a cidade de Santa Maria desde o final do século XVIII até o final do século XX. Além das passagens, os autores fazem uma breve biografia sobre cada um dos viajantes. Essa obra serviu de inspiração para a pesquisa e forneceu diversos nomes de viajantes que posteriormente foram pesquisados e selecionados para compor a pesquisa levando em consideração a questão do acesso a fonte como critério principal.

Utilizar relatos de viagem como fonte nos possibilita uma vastidão de detalhes e informações a respeito do tema que estamos analisando, porém esse material tem seus limites, como qualquer fonte. Os viajantes possuem uma “apreensão pragmática e utilitarista dos territórios visitados” (BRAGA, 2019, p.234) e o relato de forma alguma é uma expressão da verdade, da realidade. Deve-se ler a fonte de maneira crítica e questionar a informação apresentada que muitas vezes é gerada por uma impressão parcial ou mesmo por histórias que foram escutadas. “Deve-se, sempre, considerar que as descrições e informações constantes nesses relatos constituem, na verdade, representações, reivindicações da realidade, produzidas com base nas visões de mundo de viajantes que incidem sobre a feitura e transformações historiográfica de uma memória” (FLECK, 2006, p. 274) não exprimindo necessariamente a informação verdadeira sobre um local, uma pessoa ou acontecimento. Imaginemos que uma forte tempestade caiu sobre uma localidade visitada, podendo assim afetar o humor do viajante que deve conviver com o frio, o barro, a umidade e o confinamento em algum abrigo, muitas vezes improvisado. Esta simples tempestade pode afetar a maneira do viajante descrever um local ou uma situação. Um certo posicionamento político, com certeza, altera a

---

59 Talvez o trabalho que tomamos conhecimento e que tenha reunido mais viajantes, foi a análise de Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres (1995) com nove relatos de viagem distintos. Todavia o trabalho focou apenas em um recorte bem específico do município de Rio Grande, não abrangendo uma área territorial maior ou mais trechos de relato.

forma do relato. Por estes motivos devemos ler a fonte de maneira crítica, buscando checar informações, cruzar com outras fontes e outros relatos.

O século XIX foi um período em que as viagens floresceram devido aos avanços tecnológicos nos meios de transporte e também por conta da influência científica e literária presente nos relatos de viagem, que se tornaram uma moda entre as camadas letradas.

Ao longo de todo o século XIX a exploração e descrição do interior do continente foram uma atividade de capital importância para este processo expansionista, tanto do ponto de vista instrumental (confecção de mapas, documentação, contatos iniciais) quanto do ideológico [...] Os livros de viagem, imensamente populares durante todo o século XIX, não ofereceram aos leitores europeus somente representações estáveis, canônicas, ancoradas em sistemas ideológicos coerente e consistentes. Pelo contrário, a variedade interna de tais obras era uma parte importante do seu atrativo popular e de seu trabalho ideológico (PRATT, 1991, p.152).

Além do apelo desse tipo de obra com o público leitor e um verdadeiro “apetite público por biografias” (WOOLF, 2024, p.372), muitos viajantes atuavam como investigadores para os Estados Nacionais que buscavam identificar recursos naturais e territórios interessantes para serem explorados. Um dos grandes exemplos desse tipo de movimento foi a França, caso estudado pelo historiador Daniel Dutra, que destaca que a:

França seguia, por meio de uma gestão territorial ultramarina, uma alternativa aos desejos que orientaram pautas do século XVIII, como as do naturalista sueco Carl Linnaeus (1707-1778), cujo desejo inicial foi o de, com base no pressuposto de que plantas seriam ‘latitudinalmente transplantáveis’, introduzir o maior número possível de espécies no próprio território sueco, de modo a garantir uma auto-suficiência nacional (BRAGA, 2019, p.32).

Os viajantes da marinha francesa tinham por objetivo “garantir a expansão da presença francesa, mesmo em âmbito propriamente colonial,..., uma preocupação com os destinos comerciais,..., [e de inventariar] potenciais focos de relações comerciais” (BRAGA, 2019, p.48), porém essa tendência estatal-comercial, tão forte no século XVIII, passa a ser cada vez menos intensa, e as viagens ao longo do século XIX passam a terem objetivos mais heterogêneos (BRAGA, 2019, p.52-53). Podemos notar essa mesma tendência para as viagens analisadas nessa pesquisa, onde os viajantes tem origens e objetivos bem distintos entre si,

apesar de muitos ainda desempenharem funções importantes para os seus Estados na busca por conhecimento ou ligações comerciais.

Um exemplo da tendência estatal-comercial foi Saint-Hilaire, que a partir de 1816:

coletaria, pelos seis anos seguintes, cerca de 15 mil espécimes de plantas e animais, das regiões altas de Goiás aos pampas do Rio Grande do Sul e publicaria, quando de seu retorno à França, aproximadamente catorze volumes de memórias de viagem, descrições botânicas e relatórios agrícolas. Muitos outros coletores – ingleses, italianos, bávaros, prussianos, alemães, suecos e franceses – seguiram sua trilha, enviados por jardins botânicos, sociedades científicas e museus (DEAN, 1996, p.141)

Outros viajantes estudados que tem uma contribuição mais científica, estatal e comercial são Lindman, Smith e Isabelle, por exemplo. Uma das funções desses viajantes, geralmente naturalistas, que serviam aos Estados europeus era verificar quais espécies de plantas poderiam ser transferidas e cultivadas em solo europeu ou mesmo em outros territórios ultramarinos sob seu controle (MORETO, 2012). Esses viajantes eram muito influenciados pelas excursões de Alexander von Humboldt, que possivelmente foi o mais influente de todos viajantes. Donald Worster (1994) inclusive destaca a grande influência de Humboldt em Charles Darwin. Uma das grandes características pioneiras de Humboldt foi a interiorização do trajeto da viagem, como explica a historiadora Débora de Sá:

A linguista estadunidense Mary Louise Pratt explica que, em fins do século XVIII, as explorações europeias pela via oceânica foram dando espaço para as expedições que visavam a ‘exploração interior, terras adentro’. Nessa perspectiva a historiadora Lorelai Kury analisa que os viajantes-naturalistas que percorreram o Brasil no oitocentos se inspiravam no alemão Alexander von Humboldt, que, diferentemente de outros pesquisadores europeus que trabalhavam em seus gabinetes, preferia ‘ver com os próprios olhos’ (SÁ, 2023, p.65-66).

A experiência *in loco* passou a ser muito valorizada pelos naturalistas e Alexander von Humboldt foi um dos grandes influenciadores dessa característica, ele “defende que impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares de onde foram coletadas” (KURY, 2001, p.865), essa abordagem humboldtiana ia contra o recorrente até então, onde “muitas vezes o coletor e o sistematizador não são a mesma pessoa” (KURY, 2001, p.865).

Os viajantes-naturalistas que vieram ao Brasil e reivindicavam a influência de Humboldt, tais como von Martius ou Auguste de Saint-Hilaire, optaram pela viagem: queriam “ver com os próprios olhos”. Porém, cabia a eles transformar sensações, experiências e seres vivos em novas espécies de animais e plantas que se encaixassem na ordem natural das famílias, em herbários, animais empalhados, bichinhos imersos em álcool, descrições detalhadas escritas de modo inteligível em cadernos de viagens (KURY, 2001, p.864)

Com o passar do século XIX a ideia vai ganhando cada vez mais força ao se aliar com as nascentes concepções de ecossistema, onde analisar um animal em seu hábitat natural poderia dar mais detalhes sobre seus hábitos, comportamento, dieta, rotina, interação com outras espécies, etc. O viajante e naturalista Herbert Smith no início da década de 1880 afirma que “para conhecer completamente qualquer especie, temos de acompanhá-la á casa” (SMITH, 1922, p.61), se referindo da importância do estudo de qualquer espécie em seu ecossistema nativo, para verificar as interações ambientais que a mesma desempenha, análise essa que um naturalista de laboratório não conseguiria realizar com uma amostra do animal coletado.

Alexander von Humboldt acompanhado de Aimé Bonpland viajaram por diversos locais da América do Norte, América do Sul e Caribe durante os anos de 1799 e 1804, todavia nesse período não estiveram nos Pampas. Bonpland viria a fixar residência na região só posteriormente, enquanto Humboldt retornaria a Europa publicando mais de trinta livros sobre a viagem que acabam influenciando gerações de viajantes, naturalistas e pensadores americanos (PRATT, 1991, p.151). A linguista Mary Louise Pratt ressalta o papel de Humboldt nessa interiorização das viagens a partir de um contexto de expansão imperialista dos Estados europeus e seus mercados (PRATT, 1991, p.151-152), além de pontuar que a partir desse momento o relato de viagem “constitui um veículo importante para a criação de conhecimentos e formas de compreensão que [...] ‘produziram’ o projeto expansionista para a imaginação europeia” (PRATT, 1991, p.152), servindo aos interesses dos Estados. Nesse contexto “a descrição da paisagem torna-se uma prática importante no meio das lutas para forjar as primeiras repúblicas burguesas da América e da Europa” (PRATT, 1991, p.154), ainda mais no contexto de independência das antigas colônias que buscavam fundar bases de

seus nacionalismos pautadas em elementos da natureza característicos de seus territórios, até pelo fato de precisarem demarcar bem que aquele era o seu território.

É justamente o fim do período colonial Ibérico com os processos de Independência dos Estados Nacionais sul-americanos outro fator de importância no contexto da expansão das viagens e de seus relatos. No Brasil, “a abertura dos portos brasileiros em 1808 inaugurou a possibilidade, para viajantes europeus de diversas nacionalidades, de percorrer áreas até então dificilmente acessíveis” (DUARTE, 2002, p.268), devido ao fato de Portugal, como metrópole, manter o exclusivo comercial e dificultar o acesso às pessoas de outras nacionalidades a viajarem em território colonial. “O estabelecimento da corte portuguesa tornava, por fim, acessível aos cientistas europeus o até então proibido Brasil. Inúmeros botânicos e zoólogos jovens e ambiciosos viajaram avidamente para um campo desconhecido de investigação” (DEAN, 1996, p.141): as terras brasileiras.

Dentre os temas que tangenciam o estudo da natureza nos relatos de viajantes, podemos identificar um bem importante que são as questões relacionadas à saúde. Braga (2019) destaca que um dos temas mais presentes nos relatos de viagem que estudou é a doença, especialmente as doenças tropicais. Isso se deve muito pelo recorte espacial da pesquisa de Braga, focando principalmente nas cidades portuárias do bioma Mata Atlântica. No caso dos viajantes que percorreram o Pampa, essa questão não aparece com protagonismo. Assim, o conteúdo dos relatos de viagem estará bastante condicionado as localidades que cada viajante percorreu e ao recorte espaço-temporal de cada pesquisa. O pesquisador não pode esperar que um viajante traga tantos detalhes sobre um tema se aquele tema não for de seu interesse ou não estiver tão presente na realidade do local visitado. Ao longo da pesquisa notamos que alguns viajantes, como Alexandre Baguet e Nicolau Dreys, menos ligados aos campos científicos da História Natural, são muito mais superficiais ao tratar de suas percepções a respeito da natureza ou a presença de seres não-humanos. A atenção desses viajantes estava mais focada em aspectos da sociedade e do cotidiano humano, mesmo assim não deixaram de registrar passagens sobre a natureza que nos são importantes. Outro fator importante a se considerar é a estrutura do relato e até mesmo a sua extensão, pois alguns relatos acabam sendo muito mais breves e sintéticos, enquanto outros são longos e densos,

carregados de informações sobre a temática a ser analisada.

Uma das tentativas que procuramos realizar foi a análise quantitativa dos relatos de viagem, porém eles se mostraram muito inconsistentes para se criar séries ou gerar uma análise de dados comparativos entre cada viajante. Isso se deu exatamente pelas diferentes estruturas e extensões dos relatos que provocavam dificuldade de serem analisados quantitativamente em conjunto. Mesmo que a nossa tentativa tenha sido infrutífera, outros pesquisadores<sup>60</sup> podem achar formas mais adequadas de fazer esse tipo de análise funcionar e ser útil para ser analisada. Também não nos atemos a uma análise mais aprofundada das imagens contidas nos relatos pois, além de necessitar toda uma discussão teórico-metodológica a parte, elas eram poucas e presentes de forma muito desigual nos relatos. Os próximos capítulos constarão com algumas para fins mais ilustrativos dos temas discutidos.

Por fim, podemos pensar no processo de publicação desses relatos e no alcance de leitores que eles possuíam. Responder as questões sobre a confecção e recepção da fonte exige um estudo a parte que vá buscar outros tipos de resposta, outro conjunto de fontes e referencial teórico. É nessa perspectiva que o trabalho da historiadora Karen Lisboa (2019) vai ao estudar o impacto da obra de Humboldt no cenário brasileiro, especialmente sobre as ideias relacionadas à escravidão. Ela analisa os textos de intelectuais brasileiros e também reportagens de jornal buscando identificar a presença das ideias ou do próprio nome de Humboldt nesses escritos. Daniel Braga também nos lembra que “publicar um relato de viagem era desafio tão árduo quanto a viagem em si” (BRAGA, 2019, p.250), onde os viajantes dependem da própria viagem, da habilidade na construção do conhecimento que muitas vezes têm caráter científico, e na oferta de investimentos para a publicação em si.

De forma geral, o uso dos relatos de viagem como fonte histórica é muito útil e enriquecedor para diversos tipos de pesquisa. Pois como destaca Fernand Braudel em seu

---

60 David Carvalho e Tiago Gil (2021) realizaram uma pequena análise quantitativa do relato de José Cabrer para o Uruguai e Rio Grande do Sul no século XVIII. Os autores analisaram o diário de Cabrer calculando os trajetos percorridos em cada dia do diário, estabelecendo uma métrica. Além de contarem quantas páginas cada capítulo possuía procurando observar o ritmo da viagem distribuídos entre ‘pontos’ e ‘movimentos’, bem como a importância dada a cada localidade. Não é exatamente o que pensávamos em fazer, mas é um exemplo de abordagem quantitativa para relatos de viagem. Também não é algo que possa ser realizado em qualquer relato de viagem. Um relato diário bem organizado como o de Cabrer ou o de Saint-Hilaire poderia oferecer oportunidade para isso, outros não.

estudo sobre o Mediterrâneo:

É ao longo de pequenos incidentes, de relatos de viagem que uma sociedade se revela. A maneira de comer, de vestir, de morar, para os diversos estratos, nunca é indiferente. E esses instantâneos afirmam também, de uma sociedade para a outra, contrastes e disparidades nem todos superficiais. É um jogo divertido, que creio não ser fútil, o de compor estas imagens (BRAUDEL, 2005, p.17).

O historiador pode analisar diversos temas dependendo do conteúdo que cada viajante possa oferecer. Os relatos podem atuar como as fontes principais a trazerem respostas sobre as questões levantadas em uma pesquisa ou podem atuar como fontes auxiliares e complementares a outros conjuntos de fontes. Também destacamos e recomendamos o estudo comparativo entre vários viajantes.

### 3 PLANTANDO UMA ÁRVORE NO PAMPA: BASES TEÓRICAS E CONCEITOS

Se pensarmos essa pesquisa como uma árvore, veremos que sua semente foi plantada muitos anos atrás e ela veio tomando forma e vida até florescer nessa tese. Neste capítulo 2, propomos pensar à pesquisa através da estrutura de uma árvore. O que dá base para essa pesquisa, são as raízes que aqui se apresentam como a história ambiental um campo da historiografia que se dedica a estudar a relação entre humanos e a natureza. Crescendo a partir das raízes da história ambiental, temos o tronco que estrutura nossa pesquisa, que é o estudo pormenorizado a respeito do pensamento ambiental. Ressaltaremos como o século XIX foi um momento importante e marcante na história da humanidade quando tratamos de pensamento ambiental, buscando sempre verificar como essas discussões a respeito de percepções ambientais refletiam dentro do espaço pampeano. Alguns conceitos e temáticas importantes para a pesquisa se apresentam como galhos, que se entrelaçam muitas vezes e crescem juntos. Falaremos dos conceitos de Alfred Crosby para Neoeuropa e biota portátil.

O plantio e surgimento de uma árvore é um passo importante, mas sozinha ela não forma um bosque ou floresta. Gostaríamos que essa árvore tivesse companhia de outras, por isso um dos objetivos dessa pesquisa sempre foi abrir caminhos pelo Pampa para outros pesquisadores se juntassem em um esforço de compreender melhor esse espaço dentro das temporalidades históricas. Esperamos que outros pesquisadores compreendam a importância de se acrescentar o fator ambiental em suas análises, por isso também discutiremos o papel de campos historiográficos vizinhos que contribuíram para essa pesquisa, como a história global e a história das ideias. No final do capítulo vamos refletir sobre o entorno dessa árvore, todo o espaço e o exército de coisas que compõe o mundo.

#### 3.1 AS RAÍZES DA PESQUISA: A HISTÓRIA AMBIENTAL

No capítulo anterior vimos a conceitualização de bioma e a importância ecológica do Pampa. Usar o conceito de bioma em uma pesquisa histórica é escolher uma das muitas formas de recorte que os humanos criaram com a finalidade de tentar compreender e classificar a realidade. Todavia ainda é um dos recortes menos antropocêntricos,

especialmente se pensarmos em termos de pesquisas em Ciências Humanas. Partindo desse recorte espacial a nossa pesquisa se insere dentro do campo de história ambiental, que justamente tem como uma das suas principais contribuições “defender unidades alternativas de análise, como a bacia hidrográfica, que nos permitem compreender processos complexos que se estendem para além das fronteiras políticas”<sup>61</sup> (ZARRILLI, 2013, p.42, tradução nossa), essas últimas geralmente são a escolha dos historiadores como limites espaciais de suas pesquisas, mesmo que a fronteira política não faça tanto sentido para muitos dos temas estudados. Nessa perspectiva propomos investigar o bioma de forma macroespacial e a partir da história ambiental pois entendemos que “compreender a história do Pampa exige extrapolar as fronteiras nacionais atuais e considerar processos sociais e ecológicos que aconteceram em outra escala ou não combinam com os recortes e divisas administrativos” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.133).

A história ambiental é um “campo de estudo da relação entre as sociedades humanas e o resto da natureza da qual dependiam”<sup>62</sup> (MCNEILL; MAULDIN, 2012, p. XVI, tradução nossa) e tem contribuído para a historiografia de maneira geral desde pelo menos a década de 1960 e a partir da década seguinte “como um campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países” (PÁDUA, 2010, p.81). O surgimento desse campo de pesquisa como algo mais teorizado e ordenado está relacionado aos interesses e demandas da sociedade civil nos efervescentes anos de 1960, com forte influência do movimento ambientalista, nessa mesma perspectiva outros campos de pesquisa histórica surgem e promovem uma Ciência histórica mais plural e diversa. A história ambiental surge nos Estados Unidos, mas logo iniciativas aparecem em outros lugares do mundo.

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “super-natural”, de que as

---

61 No original: “to champion alternative units of analysis, such as the watershed, which allow us to understand complex processes that extend beyond political borders”.

62 No original: “field is the study of the relationship between human societies and the rest of nature on which they depended”.

conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas (WORSTER, 2003, p.199).

Os historiadores ambientais passam a entender e explorar em suas pesquisas que as atitudes humanas “para com a Terra e suas reações ao ambiente têm variado **através do tempo** e ainda variam entre regiões e culturas” (DREW, 2002, p.1, grifo nosso), sendo justamente o fator temporal o que torna legítimo a História a desempenhar o seu papel na explicação desses fenômenos que anteriormente eram apenas da alçada das Ciências Naturais. “Não é estudar [só] a transformação da natureza, mas sim, a construção de um ambiente com seres humanos e não humanos e suas modificações no tempo e espaço” (MORES, 2017, p.39), é justamente estudar, através do tempo, as relações entre humanos e não-humanos. O que um grupo influencia no outro, sem considerá-los desconexos.

Os historiadores ambientais John McNeill e Erin Mauldin dividem a história ambiental em três grandes grupos: história ambiental materialista; história ambiental política; e história ambiental cultural. Essa última é onde nossa pesquisa se encaixa e pode ser definida como uma busca pelo:

o que os humanos pensaram, acreditaram e escreveram que trata das relações entre sociedade e natureza. Enfatiza representações e imagens da natureza na arte, literatura, religião e tradições orais, como elas mudaram e o que elas revelam sobre as sociedades que as produziram. A grande maioria da história ambiental cultural é extraída de textos publicados [...] Esse tipo de história ambiental tende a se concentrar em pensadores individuais, mas também pode se estender ao estudo do ambientalismo popular como um movimento cultural. O maior debate dentro desta ala da história ambiental, no entanto, é o impacto relativo de várias tradições religiosas e culturais no mundo natural<sup>63</sup> (MCNEILL; MAULDIN, 2012, p.XVII, tradução nossa).

Donald Worster também já havia firmado para a história ambiental algumas linhas de pesquisa, dentre elas aquela que estuda as percepções de um indivíduo ou grupo sobre a natureza (WORSTER, 1991, p.202). Nossa pesquisa utiliza um conjunto de escritos sobre a natureza para buscar compreender o pensamento ambiental sob determinada região em

---

63 No original: “what humans have thought, believed, and written that treats relationships between society and nature. It emphasizes representations and images of nature in art, literature, religion, and oral traditions, how these have changed, and what they reveal about the societies that produced them. The great majority of cultural environmental history is drawn from published texts [...] This sort of environmental history tends to focus on individual thinkers, but it can also extend to the study of popular environmentalism as a cultural movement. The largest debate within this wing of environmental history, however, is the relative impact of various religio-cultural traditions on the natural world”.

determinado período. Não ficamos presos as classificações de McNeill, Mauldin e Worster, mas elas indicam caminhos a serem seguidos. A historiadora Eunice Nodari alerta que:

temos de prestar atenção ao fato de que povos diferentes escolheram formas distintas de interagir com o ambiente circundante e que suas escolhas tem ramificações não somente na comunidade humana, mas também ao ecossistema maior. Ao escrever uma história de tais relações, trazemos ao palco principal um conjunto de personagens não humanos, que geralmente, ocupam, quando muito, as margens da análise histórica (NODARI, 2009, p. 137).

A capacidade da história ambiental de dar voz a animais, plantas, rios, paisagens, campos, biomas, recursos ambientais e mais uma imensa variedade de coisas, é realmente destacável. Assim, esse campo pode contribuir para o estudo dos papéis de não-humanos como agentes históricos, dando mais complexidade ao que conhecemos sobre o passado e destacando a importância de cada um desses agentes na História, em uma leitura não-antropocêntrica do mundo.

A História de maneira geral ainda é herdeira do século XIX onde ela servia aos interesses dos Estados e seus projetos nacionalistas, todavia “a política não deveria desempenhar um papel tão relevante na historiografia de forma a dominar a nossa visão do passado” (CROSBY, 1999, p.252). Portanto, iniciativas como as da história ambiental são essenciais para que possamos romper com temáticas estritamente políticas ou que pautem diversos fatores da pesquisa, como recorte espaço-temporal e fontes, a partir de concepções puramente políticas e humanas. De acordo com Ágoas é “consensual afirmar que foi por oposição a uma história política e fundamentalmente centrada nas ações de indivíduos que se foram impondo os principais movimentos de renovação da disciplina [histórica] a partir da década de 1920” (ÁGOAS, 2017, p.466). Essas renovações foram sendo realizadas de distintas maneiras em distintos campos historiográficos, onde a história ambiental teve papel importante ao ampliar o que se entendia por História, oferecendo novas abordagens, perspectivas e temas de pesquisa passando a considerar o ambiente e seus elementos como agentes históricos. Os historiadores ambientais consolidaram o entendimento de que “a terra e as espécies que nela viviam não foram criadas em benefício da humanidade, mas tinham vida e história independentes” (THOMAS, 2010, p.239) e que eram passíveis de serem estudadas pela Ciência histórica.

Fernand Braudel e Emmanuel Le Roy Ladurie foram os principais nomes dos *Annales* franceses que:

Dedicaram ao meio ambiente uma importante capacidade explicativa em seus argumentos, influenciados pela forte tradição da geografia. Preocupados com as bases ambientais em que se baseavam as sociedades, consideravam o meio ambiente como um fator que, no longo prazo, havia contribuído para moldar os modos de vida e as relações dos seres vivos.<sup>64</sup> (MOLINA, 1999, p.24, tradução nossa)

Braudel estudou o Mediterrâneo, utilizando todo o mar e suas redondezas como o recorte espacial de seu trabalho, ele “promoveu a ideia da terra e do mar como agentes de mudanças” (WOOLF, 2014, p.494), buscando explicações na longa duração, uma “esfera na qual as forças naturais dominavam, fornecendo os limites e as estruturas” (WOOLF, 2014, p.494) que auxiliariam a explicar as mudanças em outras temporalidades. Ele ainda criou analogias entre essas durações do tempo com os níveis do mar. Braudel trabalhou na Universidade de São Paulo durante a década de 1930 e assim exerceu bastante influência na historiografia brasileira. Já a mais notável obra de Le Roy Ladurie, com perspectiva ambiental, foi seu estudo sobre o clima na Europa. Apesar desses historiadores não se denominarem historiadores ambientais, suas obras influenciaram gerações de historiadores ambientais e suas obras poderiam muito bem estarem inseridas dentro das perspectivas desse campo historiográfico. Muitos outros historiadores e pesquisadores, considerando que a história ambiental é essencialmente interdisciplinar, poderiam se autodeclarar historiadores ambientais porém não o fizeram por diversos motivos, dentre eles o contexto temporal da produção de suas obras, anterior ao surgimento e consolidação da área. Entre esses pesquisadores estariam Keith Thomas, Simon Schama e Raymond Williams, por exemplo.

As temáticas ambientais nunca estiveram distantes das discussões de historiadores ou mesmo das preocupações da sociedade em geral, como bem nos lembra Baumer (1970), que elenca a natureza como um eixo explicativo das sociedades dentro de uma perspectiva de longa duração. Até a consolidação da história ambiental, Clive Ponting (1995) aponta que

---

64 No original: “dedicaron al medio ambiente una importante capacidad explicativa em sus argumentaciones, influidos por la fuerte tradición de la geografia. Preocupados por las bases ambientales em las que se asentaban las sociedades, consideraron el medio ambiente como un factor que, em la larga duración había contribuido a modelar formas de vida y relación de los seres vivos”.

poucos estudos históricos procuraram compreender como o meio ambiente formou a história humana, utilizando isso como temática central de seus trabalhos.

Uma grande dificuldade da área é o acesso as fontes, já que dependendo do período histórico elas não estão organizadas e sistematizadas em uma coletânea facilmente identificada nos arquivos. As informações sobre a natureza aparecem muitas vezes dispersas nas fontes e demanda do historiador ambiental criatividade e procura de novos arquivos e tipos de fontes documentais que possam responder suas questões. Dentro desse cenário os relatos de viagem se tornaram importantes, pois “os relatos dos viajantes puderam contribuir como fontes para a descrição da natureza, que passou por muito tempo despercebida ou como plano de fundo” (MORETTO, 2021, p.87) para a maioria das pessoas. Essa dificuldade de fontes fica ainda mais evidente para períodos anteriores ao século XX, onde a preocupação ambiental não era uma pauta constante e onde não se pode utilizar a história oral como metodologia. Porém, os historiadores continuam procurando explorar os caminhos que a história ambiental possibilita, evitando cair em um caminho mais simples em que “seria mais cômodo afirmar que outras espécies nessa planície sombria não podem desempenhar qualquer papel no teatro da história humana salvo o de cenário” (DEAN, 1996, p.22).

Dentre os desafios que se estabelecem para o campo, John McNeill aponta que uma das necessidades para o campo da história ambiental é se ater aos períodos anteriores ao ano de 1880, pois segundo McNeill:

quase tudo anterior a 1880 é descurado pelos historiadores ambientais [...] há um forte preconceito contemporâneo na história em geral e na história ambiental, em particular. Aprofundar o passado cria problemas em termos de fontes, e, frequentemente, penso que exige [...] colaboração com arqueólogos, com antropólogos e com cientistas naturais de muitos tipos (2011, p.17).

A opinião de McNeill corrobora com o que dissemos sobre o acesso a fontes ser uma problemática que precisa ser discutida e pensada. No que se refere à América Latina, Shawn Miller (2012) acredita que os historiadores ambientais latino-americanos estão muito focados nos aspectos humanos de relação com a natureza, nos impactos físicos do colonialismo e do capitalismo sobre o ambiente e apenas recentemente estão conseguindo avançar para outras temáticas da história ambiental. Esses trabalhos têm tentado dar conta de respostas

transnacionais e globais apenas recentemente. O autor, escrevendo em 2012, sinaliza que para uma história ambiental global, “existem muitas áreas de óbvia negligência nesse campo, lacunas que os historiadores não viram ou apenas começaram a preencher com novas dissertações interessantes. Regiões inteiras, como o Cone Sul, precisam de mais atenção”<sup>65</sup> (MILLER, 2012, p.127, tradução nossa), o Pampa constitui parte do Cone Sul e é bastante notório a carência de mais estudos de história ambiental por historiadores ambientais argentinos e uruguaios ou mesmo sobre essa região platina que é tão importante cultural, social e economicamente. Esses países têm apresentado suas iniciativas no campo da história ambiental, inclusive com trabalhos destacáveis, mas ainda parecem distantes em relação a outros centros de estudo.

Já para o caso brasileiro, é possível identificar que “o lugar comum de historiadores ambientais no Brasil, [são] as florestas” (MORES, 2017, p.28), por isso voltar nossa atenção aos campos é um movimento mais do que necessário. As formações campestres acabam muitas vezes não sendo vistas como natureza ou tem sua biodiversidade menosprezada. O foco de construção do nacionalismo brasileiro está na floresta, o foco da preservação ambiental brasileira está na floresta e o foco de preocupação de historiadores ambientais permanece sendo a floresta.

Identificamos alguns dos principais trabalhos de história ambiental sobre o Pampa em artigo já publicado, onde discutimos as possibilidades desse campo para tratar a região (MINUZZI, 2016), neste espaço atualizaremos as principais pesquisas que tratam do Pampa a partir da história ambiental. Pesquisadores de outras áreas do conhecimento de certa forma estudaram e colaboraram para a nossa compreensão da história e da natureza do Pampa, mas comentaremos aqui obras mais historiográficas que partem da perspectiva ou se denominam como pertencente à história ambiental.

A geógrafa Adriana Motter (2011), a geógrafa Alana Roos (2013) e a agrônoma Renata Hartmann (2016) realizam estudos pontuais sobre municípios do Pampa (Mata e Agudo) ou bacias hidrográficas do Pampa (Rio Santa Rosa). Todas utilizam discussões teóricas da história ambiental para fundamentar os seus trabalhos. Elas são exemplos de como

---

65 No original: “There are many areas of obvious neglect in the field, gaping blanks that historians have not seen or have only begun to fill with exciting new dissertations. Entire regions, such as the Southern Cone, need more attention”.

pesquisadores de outras áreas, especialmente das Ciências Naturais, podem estabelecer diálogos relevantes com a historiografia a partir da história ambiental.

Os historiadores que têm realizado maior empenho em explicar a História do Pampa tem sido Paulo Zarth e Marcos Gerhardt, ambos são oriundos de uma tradição historiográfica vizinha, a história rural. Eles publicam em conjunto ‘Uma história ambiental do Pampa do Rio Grande do Sul’ (ZARTH; GERHARDT, 2009) que sintetiza a história desse espaço desde épocas pré-históricas até os tempos atuais. Doze anos depois eles retomam essa discussão e lançam ‘O bioma Pampa’ (GERHARDT; ZARTH, 2021), uma versão atualizada do antigo artigo incorporando novas descobertas e desdobramentos. Esse último texto surgiu de uma indicação nossa e de uma iniciativa do Laboratório de Imigração, Migração e história ambiental (LABIMHA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de discutir os biomas brasileiros a partir da história ambiental. Paulo Zarth ainda escreveu sobre impactos ambientais nos pampas do Planalto riograndense (2012), enquanto Eunice Nodari e Marcos Gerhardt tem produzido estudos sobre rios, como é o caso de texto sobre o rio Uruguai (NODARI; GERHARDT, 2021).

As historiadoras Susana Cesco, Helena Fell e Carla Silva também escreveram sobre o rio Uruguai partindo de uma perspectiva da história ambiental (CESCO; FEIL; SILVA, 2016), além de Cesco ter trabalho sobre a ligação entre ambiente e fronteira nessa região (2015). Em estudo de síntese semelhante ao desenvolvido por Zarth e Gerhardt, o biólogo Demétrio Guadagnin e o ecólogo Rafael Cruz (2012) escrevem o artigo ‘Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança’, também elencando os principais temas relacionados ao meio ambiente através dos séculos de história Pampa.

Um trabalho mais antigo sobre a região é do geógrafo Stephen Bell (1999) que participa das redes internacionais de história ambiental e que nesse estudo procurou analisar o sistema de pecuária no Rio Grande do Sul. Um nome proeminente nos estudos de história ambiental na região é o de Adrian Zarrilli (2013), que foca seus estudos sobre a bacia do rio da Prata. Em artigo sobre a expansão da fronteira agropecuária discute o termo ‘Pampeanização’ que é a reprodução do modelo de produção pampeano iniciado no século XIX para regiões extrapampeanas, provocando fortes transformações e impactos nesses outros

espaços (ZARRILLI, 2020), como é o caso do Chaco Seco na província de Córdoba, estudado pelo historiador Gabriel Garnero (2022). Até aqui podemos notar como os rios têm ganho atenção na região do Pampa e provavelmente continuarão sendo objeto de estudos depois das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul.

A historiadora Valéria Dornelles (2018) realizou um estudo sobre os gafanhotos (*Schistocerca paranensis*) e sua distribuição pelo território do Pampa que era muitas vezes encarado como infestação, um problema tão grande que os países platinos se reuniam para tratar do assunto. Ana Marcela França de Oliveira (2019) publica estudo sobre a paisagem e patrimônio em Punta Indio, um município na província de Buenos Aires. Ana Oliveira ainda se reúne com Juan Cerdá e José Muzlera (2022) para tratar das paisagens e trocas socioambientais na Argentina.

Utilizando história ambiental e partindo da análise de relatos de viagem, o historiador e biólogo Dilson Peixoto (2010; 2015) e a historiadora Taciana Morais (2014) realizam análises dos textos dos viajantes a fim de identificar as principais alterações ambientais e como elas eram percebidas tanto pelos viajantes quanto pelos locais. A perspectiva que esses autores utilizam se aproxima bastante da nossa e foi motivo de inspiração para a realização da pesquisa.

Em um levantamento sobre as pesquisas brasileiras em história ambiental, as historiadoras Lise Sedrez e Eunice Nodari (2018) identificaram quinze projetos de história ambiental que possuíam o conceito de bioma como algo central em suas pesquisas, isso equivalia à 22% dos projetos correntes em nível de doutorado dos seis principais centros de pesquisa da área listados pelas autoras: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O levantamento constatou que “não foi possível encontrar qualquer projeto sobre os Pampas ou sobre o Pantanal”<sup>66</sup> (SEDREZ; NODARI, 2018, p.234, tradução nossa), o que reforça a importância desta pesquisa para a contribuição do conhecimento histórico devido a escassez de trabalhos sobre o bioma Pampa partindo da perspectiva da história ambiental.

---

66 No original: “could not find any project on the Southern Pampas, or the Pantanal”.

### 3.2 O TRONCO DA PESQUISA: O PENSAMENTO AMBIENTAL

Dentro da história ambiental nos propomos a realizar uma pesquisa que aborde o pensamento ambiental. As formas de pensar a natureza variaram de acordo com o tempo e o espaço, sendo portanto motivo de estudo do campo histórico. Atualmente a visão predominante é uma corrente ambientalista pautada na ecologia e na ciência, que se desdobra em diferentes tipos de ambientalismo e que também encontra opositores. Essa forma ambientalista de perceber o mundo é tão difundida pela mídia, pela educação e presente nos debates políticos que pode parecer estranho que nem sempre essa visão de natureza existiu. “Um dos entendimentos mais importantes da moderna descoberta do tempo é que todas as ideias, passadas, presentes e futuras, estão fundamentadas em contextos históricos específicos”<sup>67</sup> (WORSTER, 1994, p.424, tradução nossa). O papel da história ambiental é destacar como as ideias surgem, transformam-se, mesclam-se, são abandonadas ou sobrevivem de certo modo ao longo das temporalidades. São as mudanças e as permanências.

a história revela não apenas que a mudança é real, mas também que a mudança é variada. Todas as mudanças não são as mesmas, nem todas as mudanças são iguais. Algumas mudanças são cíclicas, outras não. Algumas mudanças são lineares, outras não. Algumas mudanças levam uma tarde para serem realizadas, outras um milênio<sup>68</sup> (WORSTER, 1994, p.432, tradução nossa).

E as mudanças sobre o pensamento ambiental que estavam ocorrendo no século XIX foram assim, nem sempre rápidas, instantâneas e claras. As mudanças eram mais mesclas e influências que formavam uniões de pensamento muitas vezes contrastantes e conflituosos. Como, então, explicar essas mudanças e identificá-las em cada viajante se elas não são tão óbvias, não percorrem um sentido único e claro? Passamos a pensar essas mudanças dentro de um espectro onde cada indivíduo está mais ou menos influenciado por cada uma das distintas correntes de pensamento.

---

67 No original: “One of the most important insights of the modern discovery of time is that all ideas, past, present and future, are grounded in particular historical contexts”

68 No original: History reveals not merely that change is real but also that change is various. All change is not the same, nor are all changes equal. Some changes are cyclical, some are not. Some changes are linear, others are not. Some changes take an afternoon to accomplish, some a millenium

Entender como as pessoas em um período percebiam a natureza e os discursos que criavam sobre ela, nos auxilia a compreender como era a efetiva interação com o meio natural, sendo que “a maneira pela qual os seres humanos pensavam o mundo que os cercava foi muito importante para a legitimação do tratamento que deram ao mundo e no fornecimento de uma explicação de seu papel dentro da estrutura geral” (PONTING, 1995, p. 236). O pensamento ambiental vai ditar as ações efetivas das pessoas para com a natureza, influenciando leis, projetos políticos, uso da terra, relação com não-humanos e mais uma gama de fatores relacionados.

Poderíamos rever diferentes perspectivas sobre a natureza, mas focaremos no pensamento europeu pois ele foi o mais influente sobre a classe dominante no Pampa do século XIX, o que não exclui outras formas individuais ou coletivas de relação com a natureza que possam ter existido nesse território nesse período. Sendo que dentre as mais destacáveis poderíamos incluir as formas de percepção ambiental dos grupos indígenas e dos povos africanos que habitavam a região. Todavia, nossos viajantes partem das tradições do mundo europeu ou ocidental, o que nos fornece uma variedade menor, mas, ainda assim, bastante interessante de ser analisada e discutida.

Clive Ponting (1995, p.238-245) resume o pensamento europeu de séculos ao expor que pensadores gregos já possuíam uma visão bastante antropocêntrica do mundo e discutiam muito sobre o que era belo e o que era útil na natureza. Já no período medieval, influenciados pelo cristianismo, surge a separação de humanos, como seres portadores de alma, e os animais, que não as possuíam. Isso deu legitimidade a ideia de ser o dever humano ordenar o mundo natural.

No século XVII a ideia de que a natureza em seu estado primitivo deveria ser controlada e moldada pelos humanos se tornou uma crença altamente difundida. Ordenar e deixar simétrico não era apenas a forma de impor a vontade humana sob o mundo natural, mas de aproveitar todos os espaços para extrair dali o máximo proveito. A compreensão cartesiana de René Descartes incorpora visões científicas para esse pensamento, onde a ciência seria capaz de medir e analisar cada elemento do mundo natural e explicá-lo, ordená-lo e melhorá-lo. “A ampla adoção dessa forma de acesso reducionista à pesquisa científica produziria um impacto profundo na formação do pensamento europeu em geral, que

inevitavelmente levava a uma visão fragmentada do mundo” (PONTING, 1995, p. 245). O pensamento cartesiano se tornou tão influente que é a base para a divisão dos campos da Ciência até os dias atuais, onde universidades pregam interdisciplinaridade, mas continuam tendo estruturas e currículos bastante compartimentados.

Não nos cabe aqui buscar as origens do pensamento ambiental do século XIX na Grécia Antiga ou algo semelhante, mas demonstrar que as ideias humanas sobre o mundo natural estão sendo construídas a séculos e sendo incorporadas, modificadas e amplificadas dependendo do período. Em suma, ideias muito antigas refletem nas formas das pessoas pensarem de tão enraizadas que estão na cultura de um povo. Assim, as formas de pensamento ambiental que estamos estudando nessa pesquisa continuam a refletir no pensamento atual de nossa sociedade.

É importante compreender o pensamento europeu, mesmo porque eles impuseram “mudanças radicais no resto do mundo. Essas mudanças envolviam a maneira como as pessoas pensavam sobre o mundo que as rodeava, o uso de recursos naturais e a exploração” (PONTING, 1995, p. 201). O objetivo principal da tese é investigar as formas de percepção ambiental de diferentes autores, mais especificamente de viajantes, sobre o bioma Pampa ao longo do século XIX. Século esse que está repleto de contradições, segundo o historiador Daniel Woolf:

Foi um tempo de liberalismo democrático e de reação conservadora; foi um tempo de um vigoroso retorno à religião e à rejeição científica e materialista do sobrenatural; foi uma **época de história literária popular de distribuição em massa** e uma época de elitismo profissional; foi uma época de nacionalismo revolucionário e dominação imperial; foi uma época que enfatizou a utilidade da história na formação de servidores públicos e de administradores coloniais (WOOLF, 2014, p.372, grifo nosso).

A popularização literária mencionada por Woolf impacta a produção e dispersão dos relatos de viagem durante o período, enquanto essas diversas contradições apontadas nos auxiliam a entender como o período apresentava diversas ideias que, mesmo que opostas, coexistiam, como também constataremos para o pensamento ambiental dessa época. Precisamos estarmos atentos também que a representação da natureza “não necessariamente tem uma correspondência exata com o real; É uma construção individual e coletiva sobre o

mundo, mediada pelos filtros culturais de cada sociedade”<sup>69</sup> (TOURN, 2001, p. 274, tradução nossa), até por isso a fonte necessita de uma leitura crítica.

Concepções de natureza atualmente são expressas em gostos e preferências, sendo compartilhadas em nossas redes de amizade via fotografias, vídeos, textos ou sendo moldadas ao longo de nossas vidas através da leitura de livros ou ao assistir reportagens, documentários e filmes, realizarmos viagens que expandam nossos horizontes. Assim as ideias sobre a natureza circulam e se modificam nos dias de hoje. A História tem o papel de historicizar esses movimentos de forma crítica, analisando rupturas e continuidades, verificando como ideias surgem, se mesclam e interferem no destino das pessoas em diferentes escalas. Além disso a História é capaz de demonstrar que nossas concepções sobre a natureza nem sempre foram as mesmas e nem sempre geraram resultados semelhantes. Não podemos naturalizar certos pensamentos e levar em conta que eles sempre serão imóveis, como aponta o geógrafo David Drew:

O homem não é uma criatura racional, embora haja quem pense o contrário. Suas atitudes para com a terra e suas relações ao ambiente têm variado através do tempo e ainda variam entre regiões e culturas. O homem primitivo via a natureza como sinônimo de Deus, a exemplo de muitos povos ‘primitivos’ de hoje e, portanto, ela devia ser temida, respeitada e aplacada. No mundo desenvolvido da atualidade, as abordagens para a mudança ambiental oscilam desde ‘se pode ser feito, faça-se’ até a filosofia da ‘volta à natureza’ dos mais extremados ecologistas. A tradição cultural tem desempenhado o seu papel na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente (DREW, 2002, p.1).

Um exemplo sobre a modificação do pensamento ambiental ao longo do tempo pode ser visto em relação as praias. A praia e os elementos naturais que a compõem podem ter significados distintos em espacialidades e temporalidades diferentes, bem como serem percebidas de formas variadas pelo coletivo e pelo individual. Um importante estudo sobre elas foi realizado pelo historiador Alain Corbin (1989) que apontou mudanças de pensamento na virada do século XVIII para o XIX, especialmente na França. O mar passa a ser mais convidativo impulsionado pelo movimento romântico que o valorizava e o relacionava a uma aproximação de Deus e um espaço de contemplação e reflexão. Com o tempo a praia se torna

---

69 No original: “no necesariamente tiene una correspondencia exacta com lo real; es una construcción individual y colectiva sobre el mundo, mediatizada por los filtros culturales propios de cada sociedad”

sinônimo de diversão e ócio, especialmente no Brasil e pode ser difícil para muitos imaginar que essa nem sempre foi a visão predominante sobre o espaço litorâneo.

Outros exemplos podem ser vistos nas mudanças em relação a natureza na Inglaterra estudadas pelo historiador Keith Thomas (2010), que realiza um dos trabalhos que mais influenciaram nossa pesquisa. Ele indica que montanhas passam a ser percebidas de formas distintas no final do século XVIII e ao longo do XIX. Até então a ideia recorrente no cenário inglês era de que “as montanhas improdutivas foram tradicionalmente vistas como desprovidas de atrativos físicos” (THOMAS, 2010, p.364). Os ambientes montanhosos só passaram a ser valorizados através dos românticos que associavam a imagem natural a uma proximidade com Deus na religião cristã, tornando um espaço “associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, 2011, p.11). Essa imagem criada pelos românticos acabava gerando um evidente contraste com o espaço urbano das cidades, berço da ciência e do progresso.

Gary Reger demonstra que já existia para os gregos e romanos antigos “a visão de que o meio ambiente tem um impacto poderoso no comportamento e caráter humano”<sup>70</sup> (2019, p.23, tradução nossa), moldando assim a forma como as pessoas seriam de acordo com os diferentes ambientes que habitam. Essa visão, pautada em um determinismo geográfico, cai totalmente por terra na atualidade, mas é de certa forma bastante presente no período do nosso estudo. Ela relaciona características ambientais de uma região com os costumes do seu povo, estabelecendo ligações entre a população com o frio, o calor, a proximidade do mar, do pântano, do deserto, entre outros aspectos. Isso levou até mesmo a explicações históricas que por muito tempo eram consolidadas como aquela de colônias de exportação para ambientes tropicais e colônias de povoamento para ambientes temperados. Essa forma explicativa, como estamos vendo desde o capítulo 1, afetou bastante a percepção do Pampa e os incentivos de colonização a esse espaço.

Thomas (2010, p.345-360) escreve que para a Inglaterra do século XIX o crescimento urbano e industrial foi um gatilho para as pessoas voltarem sua atenção para locais mais tranquilos como os campos. As cidades inglesas passaram a ser o destino de um êxodo rural e se tornaram superpovoadas, com pouco planejamento e estruturas urbanas que

---

70 No original: “the view that environment had a powerful impact on human behavior and character”.

dessem conta de todo esse contingente populacional. O aumento da pobreza e da violência na Inglaterra vitoriana passava a se escancarar cada vez mais e as indústrias poluíam o ar e as águas das cidades, deixando um cenário de desolação. Essa dicotomia entre campo e cidade para a Inglaterra pode ser vista de forma bem detalhada no estudo de Raymond Williams (2011) a partir de seus estudos sobre a literatura.

Os centros urbanos eram percebidos como “centros de realizações” (WILLIAMS, 2011, p.11) centros intelectuais, comerciais e onde a vida humana era plena, ordenada e planejada. Já o mundo fora das cidades, as florestas, os campos, as montanhas e demais lugares estavam a mercê das inúmeras formas da natureza, em meio a um caos que não fazia sentido para o mundo ordenado dos humanos, mesmo que tais espaços estivessem sob o domínio humano em seus sistemas produtivos. A zona rural ainda era um local “associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, 2011, p.11), sendo evidente que “o campo fresco no qual o poeta se refugia não é o do agricultor, e sim o do morador desocupado” (WILLIAMS, 2011, p.82), sendo a figura do ‘poeta’ muitas vezes um romântico. Essas ideias a respeito do campo e da cidade ainda se relacionam com a dicotomia civilização e barbárie que “pode ser considerada um dos eixos centrais da representação da nação nas Américas, no século XIX” (MÄDER, 2008, p.262).

As historiadoras Maria Ciliberto, Andrea Dupuy e Andrea Principi estudam a relação entre campo e cidade para Buenos Aires utilizando os relatos de viajantes, elas concluem que os viajantes percebem a cidade como uma sociedade complexa de relações sociais, enquanto o campo é marcado como vazio (CILIBERTO, DUPUY, PRINCIPI, 2009). A oposição entre caos e ordem é transferida para a relação campo e cidade, onde “o primeiro é concebido como sinônimo de vida natural, mas também de atraso e ignorância, e a segunda, como a ‘forma distintiva da civilização e do progresso’”<sup>71</sup> (CILIBERTO, DUPUY, PRINCIPI, 2009, p.70, tradução nossa). Apesar do grande contraste criado pelos viajantes e que as autoras notam entre cidade e campo, o que podemos analisar da relação campo-cidade no bioma Pampa é uma intensa comunicação e interdependência desses espaços. As cidades, não tão populosas como as europeias, estão próximas das zonas rurais e seus habitantes estabelecem inúmeras

---

71 No original: “el primero concebido como sinónimo de vida natural, pero también de atraso e ignorancia, y la segunda, como la ‘forma distintiva de la civilización y el progreso’”

relações com o campo, sejam elas econômicas ou sociais. Apesar de haver um contraste, também há uma integração, pois como o próprio Raymond Williams menciona, “a exploração do homem e da natureza, que tem lugar no campo, é concretizada e concentrada na cidade” (WILLIAMS, 2011, p.85). Apesar de haver relatos, como o de Francis Bond Head (1827, p.219), de pessoas que nunca haviam visto uma cidade ou vila e viviam sua vida inteira no campo. O gaúcho que guiou Head não sabia ler, escrever, nunca havia visto mais de três cabanas juntas, mas ele sabia outras coisas “apontou para o céu e disse: ‘Veja! Ai está um leão!’ [...] uma série de grandes abutres, que pairavam sem se mover; e ele me disse que eles estavam lá porque havia um leão devorando alguma carcaça, e que ele os havia expulsado de lá”<sup>72</sup> (HEAD, 1827, p.220). Muitas outras pessoas que viviam nos interiores estabeleciam relações mais intensas com os centros urbanos e escoavam suas produções até eles. Então existia uma integração, especialmente pela pecuária ser o motor econômico da região, mas o contraste se apresentava especialmente no plano das ideias e percepções, contraste que Williams ressalta que servia mais “para promover comparações superficiais e impedir comparações reais” (2011, p.94).

A expansão dos meios de transporte, o crescimento do poder corporativo, os problemas de poluição urbana e as mudanças na forma de perceber o campo e a sua população, são os principais fatores apontados por Mark Stoll (1999, p.268) e Keith Thomas (2010, p.345-360) para o crescente interesse das pessoas, burguesia e aristocracia, se interessarem por uma vida no ambiente campestre. A cidade também começa a ser percebida como um espaço de violência e perigo devido aos crimes crescentes, ela é suja pela poluição e pela moral de seus habitantes. Essa mudança de pensamento é interessante, pois podemos verificar que séculos antes, no período medieval, as cidades são símbolos da ordem e da proteção enquanto os ambientes rurais, especialmente as florestas eram vistas de forma negativa e sinônimo de banditismo (SALE, 1992). Tal mudança é ainda influenciada fortemente pelo movimento romântico, que vai ver na figura dos habitantes do campo uma imagem mais pura e próxima de Deus e do paraíso cristão (THOMAS, 2010), além dos padrões morais da sociedade começarem a associar as cidades populosas e industriais como

---

72 No original: “pointed to the sky, and said, ‘See! There is a lion!’ [...] a number of large vultures, which were hovering without moving; and he told me they were there because there was a lion devouring some carcass, and that he had driven them away from it”.

algo negativo, violento e degradante (STOLL, 1999, p.271).

Uma segunda indicação de mudança nas ideias e sensibilidades do povo inglês, e de maneira geral, europeu também, foi a crítica ao avanço das fronteiras agrícolas em uma Europa cada vez mais superpovoada e carente de espaços para plantio e produção. Cultivar não era apenas gerar comida, emprego e desenvolvimento em uma sociedade que muitas vezes passava fome, mas para a mentalidade do período era bonito ver um campo fértil. O vazio era malvisto e possuía um caráter de ambiente inóspito. Os viajantes que chegam ao Pampa enxergam os campos improdutivos como uma carência da presença humana, em especial do trabalho humano que dignifica o ser.

Viajantes como Charles Cochrane, John Mawe, Joseph Andrews e Charles Brand enxergam a natureza americana como “uma máquina adormecida à espera de alguém que a coloque em movimento” (PRATT, 1991, p.160). A visão romântica e humboldtiana que exaltava a beleza dos quadros da natureza passava a encontrar uma ideia mais modernizadora e industrializadora, segundo Mary Louise Pratt (1991). Dentre os viajantes que a autora destaca nesse movimento, está John Miers, que analisamos durante essa pesquisa. O historiador Marcos Gerhardt identifica que, para as colônias do norte do Rio Grande do Sul na metade final do XIX, “o ambiente era visto [...] como naturalmente rico, intocado e improdutivo, que precisava ser desbravado e ordenado [...] entendia-se como um desperdício conservar o ambiente com suas características naturais” (GERHARDT, 2006, p.167). Essa concepção, comum no período, ignora totalmente a vida humana e não-humana que habita esses espaços ‘intocados’, reafirmando o poder e o controle humano sobre esses territórios. Como Gerhardt ressalta, essa região era habitada por muitos caboclos e indígenas, que viviam às margens da sociedade.

Desprezando os ambientes intocados, os pensadores do período destacavam que “uma paisagem domesticada, habitada e produtiva era bela. Faziam seu o antigo ideal clássico, que associava beleza e fertilidade. Nos séculos XVI e XVII era sempre o cenário fértil e cultivado que os viajantes admiravam” (THOMAS, 2010, p.361). Dessa forma um campo nativo, uma zona de banhado ou uma floresta primária na América eram compreendidos como uma natureza em dormência que carecia da presença e ação humana. Em especial áreas campestres eram vistas com especial interesse pois não necessitavam de

tanta força laboral para serem cultivadas e alteradas. No século XIX “a planície era [para] o imaginário coletivo, o celeiro do mundo, o país do leite e do mel, a área de recursos abundantes e de fertilidade inesgotável”<sup>73</sup> (TOURN, 2001, p.277, tradução nossa), era o ambiente ideal para a população humana se assentar, produzir gêneros agropastoris e sustentar a sociedade a alimentando-a. Todavia, nos Pampas, prevalecia o modelo de latifúndio da terra, onde grandes estancieiros possuíam grandes áreas de terra para criação de gado que eram em muitos casos subutilizadas aumentando a sensação de pouco aproveitamento e de vazio, que discutiremos logo mais.

Outro fator importante de salientarmos é que a partir do século XIX “a domesticação da natureza deixou de ser fundamentalmente um imperativo religioso e passou também a ser autorizada pela ciência” (CORREA; BUBLITZ, 2006, p.19), com muitos viajantes naturalistas atuando nesse sentido.

Podemos verificar que em um curto espaço de tempo há uma mudança na forma como as pessoas percebiam as espacialidades e essa concepção não permanece apenas no campo das ideias, mas acaba gerando movimentos mais concretos na forma como as pessoas habitam o mundo. Tanto no caso das praias, quanto das montanhas ou do campo podemos perceber a influência do movimento romântico na ressignificação desses espaços.

Algumas visões a respeito de características da natureza parecem perdurar por uma temporalidade maior, como é o caso das florestas que ainda no período medieval europeu eram associadas com o desconhecido, com o crime e com o sobrenatural (SALE, 1992). Os contos tradicionais ensinavam as crianças a não irem até a floresta ou poderiam ir parar na casa de uma bruxa, serem sequestradas por fadas ou serem devoradas pelo lobo mau. Já os adultos temiam percorrer as trilhas florestais e serem assaltados por figuras fora-da-lei como Robin Hood, atacados por animais ou esbarrar em algum ser que não conseguiam compreender. Essa associação da floresta com o desconhecido e o perigo permanece até os dias de hoje de formas diferentes no imaginário coletivo, “se a floresta é um lugar de terror, é também o grande juiz. As leis romanas ali não vigoram. Posição social e a força da lei convencional desaparecem nas trilhas cada vez mais estreitas. O que existe ali é uma forma de

---

73 No original: “la llanura era el imaginario colectivo la canasta de pan del mundo, el país de leche y miel, el área de recursos abundantes y fertilidad inesgotable”.

reparação primitiva e absoluta” (SCHAMA, 1996, p.117-118), é um espaço em que a lei humana dificilmente chega. Para termos noção de com o que o termo floresta era associado, vemos que “um dicionário poético de meados do século XVII sugere, com epítetos apropriados a uma floresta ‘terrível’, ‘sombria’, ‘selvagem’, ‘deserta’, ‘agreste’, ‘melancólica’, ‘desabitada’ e ‘assolada por feras’” (THOMAS, 2010, p.275), a adjetivação é uma das formas mais objetivas de conseguirmos captar a ideia de um autor sobre a natureza. Os adjetivos atrelados a um termo podem pender para ideias negativas, neutras ou positivas, revelando o sentimento e a concepção do mundo do autor.

Quando essa leitura europeia é ressignificada para o espaço das florestas tropicais do Brasil colonial, por exemplo, outras questões passam a compor a percepção da natureza. Podemos imaginar como um viajante vindo dessa realidade europeia se sentiria envolto da natureza americana, como na figura 1, retirada da obra de Carl Lindman.

A imagem mostra uma figura humana no centro envolto de arbustos de malváceas do gênero *Sida L.* e de árvores identificadas pelo viajante como *Sloanea*<sup>74</sup>, que carregam cipós. Ao fundo as casas do povoado podem ser vistas e para onde se dirige a figura humana. Esse quadro da natureza onde a presença humana está quase desaparecendo e imersa em natureza – destacada no primeiro plano - nos faz pensar em como o viajante e as pessoas daquele período encaravam cenários como esse. Como os habitantes daquelas casas estabeleciam seu cotidiano com a mata vizinha e quais foram os destinos desse encontro.

No caso brasileiro em específico uma questão importante é o contraste entre os campos de clima temperado com as florestas de clima tropical. Viajantes que visitaram as regiões tropicais do país antes de chegarem ao Pampa brasileiro, tecem inúmeros comentários comparativos entre as regiões. O historiador Daniel Braga (2019) também identifica uma dicotomia entre tropical-temperado em sua pesquisa com relatos de viagem. Dicotomia que era estendida também a distinção entre o que seria tropical e o que seria europeu. A imagem construída do Brasil girou tanto em torno da tropicalidade que viajantes que desembarcavam no Pampa brasileiro antes de estarem nas áreas tropicais do país, acabavam se surpreendendo com o que encontravam, pois as paisagens não eram bem aquelas pelas quais esperavam.

---

74 Provavelmente nativas, assim como as malváceas, porém é difícil de afirmar devido as poucas informações deixadas pelo viajante.

Figura 1 – Vista de Santo Antônio, na colônia Silveira Martins



Fonte: LINDMAN (1974, p.294).

O historiador William Meirelles reforça essa impressão constatada nos viajantes, pois:

desde os primeiros relatos sobre ‘novas terras’ a preocupação dos narradores foi criar uma identidade cuja imagem a tornasse distinta das outras conhecidas. O impacto que a natureza provocou nesses ‘visitantes’, tornou-se marca de nossa identidades, até os nossos dias reiterada massivamente (MEIRELLES, 2001, p.152).

Braga verifica que os viajantes da marinha francesa possuíam ideias semelhantes, ou locais comuns, a respeito da natureza tropical:

os trópicos são ‘o lugar onde a natureza espanta o homem’; os trópicos ‘impelem suas próprias leis de organização da vida política e das relações de trabalho’; nos trópicos ‘não se exerce democracia, apenas reina escravidão’; os trópicos ‘são lugares de doença e de preguiça, de enfraquecimento do potencial criador’; humanos nos trópicos são ‘mais próximos da natureza’; são ‘mais humanos enquanto espécie que homens enquanto cultura’; a natureza ‘dita a cultura nos trópicos’ (BRAGA, 2019, p.16).

No trecho acima as florestas tropicais são descritas como que impelindo suas próprias leis, o que pode ser relacionada àquela visão europeia mais antiga de que a lei humana não conseguia ter jurisdição sobre a área florestal, como vimos anteriormente. As florestas tropicais sul-americanas são nomeadas como um local de difícil acesso onde habitam os índios selvagens, feras e animais peçonhentos, essa visão negativa é muito difundida através do relato de Georges-Louis Leclerc, o Conde de Buffon, que foi um naturalista muito influente do século XVIII, inclusive influenciando pensadores brasileiros do período (PÁDUA, 2002), seus textos foram debatidos e estudados pelo historiador Antonello Gerbi (1996) que indica que essas ideias a respeito do povo e da natureza sul-americana auxiliava a compor um discurso de superioridade do povo e da natureza europeia quando comparadas, justificando, de certa maneira, a conquista e invasão dos territórios. Gerbi citando o Conde de Buffon aponta:

É, portanto, sobretudo por existirem poucos homens na América e por levarem em sua maioria uma vida de animais, deixando a natureza em bruto e negligenciando a terra, que ela permaneceu fria, incapaz de produzir os princípios ativos, de desenvolver os germes de quadrúpedes maiores, os quais precisam, para crescerem e se multiplicarem, todo o calor, toda a atividade que o sol pode conceder à terra amorosa; e é pela razão inversa que os insetos, os répteis e todas as espécies de

animais que se arrastam no lodo, cujo sangue é água, e que pululam em meio à podridão, são mais numerosos e maiores em todas as terras baixas, úmidas e pantanosas deste Novo Continente. (BUFFON, 1935, XV p.452-54 apud GERBI, 1996, p.24)

Essa percepção sobre a natureza sul-americana desenvolvida no pensamento de Buffon ressalta a ligação dos humanos com a natureza, procurando os rebaixar a um status não humano baseando-se em critérios de produtividade e capacidade de modificação da natureza. O calor das regiões tropicais ainda seria o responsável pela proliferação de animais desconhecidos e, muitas vezes, indesejáveis como répteis, anfíbios e insetos que não possuiriam o mesmo valor do que o gado ou o cavalo, animais inexistentes originalmente em território americano e que dentro da sociedade europeia exerciam papéis importantes do ponto de vista econômico e cultural. “Buffon parte sempre do princípio de que o grande é ‘melhor’ que o pequeno, de que os animais maiores são superiores aos menores, de que a força física é um atributo das espécies perfeitas” (GERBI, 1996, p. 28), comparando sempre que possível espécies do Velho e do Novo Mundo e destacando o aspecto ‘inferior’ das americanas. O pensamento pejorativo de Buffon acabou incentivando um movimento contrário, onde muitos pensadores passaram a destacar aspectos positivos da natureza americana buscando defendê-la e isso ocasionou uma onda nativista e patriótica de cunho romântico (MURARI, 2002, p.70).

É através da percepção do Conde de Buffon que podemos verificar como alguns traços desse pensamento chegam modificados aos dias atuais enquanto outras ideias continuam de certa forma permanentes e impactando tanto em nossa percepção quanto em nossa ação. Por outro lado, podemos notar um contraste desse pensamento europeu com uma forma de perceber a natureza por parte dos indígenas, que “não viam a natureza como alguma coisa que tinha de ser conquistada para assegurar a propriedade nem consideravam as paisagens florestais no seu estado natural como algo a ser temido” (SAIKKU, 1999, p.192), mas como um ambiente em que viviam e que constituía até mesmo parte do âmbito familiar. Todavia não podemos ter uma visão romântica e irreal sobre indígenas ou caboclos, que eles viveriam em total harmonia com a natureza.

Os pensadores brasileiros estudados por José Augusto Pádua, entre 1786 e 1888, “de maneira geral, não defenderam o ambiente natural com base em sentimentos de simpatia pelo

seu valor intrínseco, seja em sentido estético, ético ou espiritual, mas sim devido à sua importância para a construção da nacional” (PÁDUA, 2002, p.13), isso ocorre pelo contexto do período onde a discussão do nacionalismo e a formação das nações não está apenas em pauta como é uma das principais financiadoras de estudos e pesquisas realizados por esses pensadores. Pádua revela que “durante o século XIX, foi possível observar a coexistência aparentemente paradoxal de dois movimentos igualmente intensos: uma cultura de louvor à natureza e a prática de agressão constante contra algumas de suas manifestações<sup>75</sup>”(PÁDUA, 2012, p.457, tradução nossa), em estudo realizado para o Brasil. Na América de forma geral, no final do XVIII e ao longo do XIX ocorreram “transformações importantes nas práticas e nas representações do espaço e na paisagem em um processo mais intenso de colonização, no sentido de os transformar em espaços e paisagens seguros e costumeiros aos adventícios” (OLIVEIRA; NODARI, 2020, p.312) com a natureza servindo como mito fundador para muitas nações americanas já que elas não encontravam na Grécia e Roma antigas suas origens como outras nações europeias faziam e das quais os jovens Estados americanos se inspiravam. Vale lembrar também que muitos dos intelectuais argentinos, uruguaios e brasileiros estudavam na Europa e dessa forma o pensamento europeu exercia grande influência sob diversos aspectos das sociedades platinas.

O século XIX era muito distinto da realidade atual, até então, por exemplo, “o sentido da conservação da natureza era guiado tão somente, por vários séculos a fio, pela intenção de seu uso econômico, racional e político” (DUARTE, 2005, p.57). Já “nos últimos anos tornou-se impossível falar sobre a relação do homem com a natureza sem referir-se à ‘ecologia’<sup>76</sup>” (WORSTER, 1994, p. IX, tradução nossa) ou a pelo menos incorporar na discussão elementos referente a conservação e a impactos ambientais. Segundo Worster, o termo ‘Ecologia’ surgiu em 1866, demorou um século para se estabelecer, mas é muito mais antigo como forma de ver o mundo. Verificamos que esse conceito aparece no texto de Lindman, já em fins do século XIX, que o conceitua desta forma: “A Ekologia (sciencia economica) trata da forma e da

---

75 No original: “During the nineteenth century, however, it was possible to observe the apparently paradoxical coexistence of two equally intense movements: a culture of praise for nature and the practice of constant aggression against some of its manifestations”

76 No original: “In recent years it has become impossible to talk about man’s relation to nature without referring to ‘ecology’”.

construção das plantas em relação às suas condições exteriores de vida; ella nos ensina a conhecer as necessidades dos vegetaes, sus costumes e a applicação dos seus recursos pela existência” (LINDMAN, 1979, p. 136), é o único viajante que menciona o termo, muito porque é o que realiza a viagem mais recente entre os selecionados.

O pensamento ecológico vai captar muita influência no movimento romântico, “uma busca por uma percepção holística ou integrada, uma ênfase na interdependência e no relacionamento na natureza, e um desejo intenso de restaurar o homem a um lugar de relacionamento íntimo com o vasto organismo que constitui a terra”<sup>77</sup> (WORSTER, 1994, p. 82, tradução nossa) são os marcos de ambos os movimentos. Procurando as origens do pensamento ecológico Donald Worster percebe que no século XVIII havia “duas tradições principais em ecologia [que] surgiram nesse período inicial. A primeira foi uma postura ‘arcadiana’ em relação à natureza, sintetizada por Gilbert White”<sup>78</sup> (WORSTER, 1994, p. 2, tradução nossa) com o objetivo de “defender uma vida simples e humilde para o homem com o objetivo de restaurá-lo a uma coexistência pacífica com outros organismos”<sup>79</sup> (WORSTER, 1994, p. 2, tradução nossa). A outra corrente de pensamento era “uma ‘imperial’, esta melhor representada na obra de Carolus Linnaeus – a chave da figura ecológica da época [...] a sua ambição era estabelecer, através do exercício da razão e do trabalho árduo, o domínio do homem sobre a natureza”<sup>80</sup> (WORSTER, 1994, p. 2, tradução nossa). Todavia, “nenhum esquema dialético simples, entretanto, pode destilar com sucesso a complexidade e o tumulto desses notáveis anos de formação”<sup>81</sup> (WORSTER, 1994, p. 2, tradução nossa). Essas duas formas de pensamento estavam contidas dentro das linhas do pensamento cristão, onde o “cristianismo nutriu durante muitos séculos, ensinando ao homem ocidental que a natureza era

---

77 No original: “a search for holistic or integrated perception, an emphasis on interdependence and relatedness in nature, and an intense desire to restore man to a place of intimate intercourse with the vast organism that constitutes the earth”.

78 No original: “two major traditions in ecology emerged in this early period. The first was an “arcadian” stance toward nature, epitomized by Gilbert White”

79 No original: “advocate a simple humble life for man with the aim of restoring him to a peaceful coexistence with other organisms”.

80 No original: “an ‘imperial’, is best represented in the work of Carolus Linnaeus – the key of ecological figure of the age [...] their ambition was to establish through the exercise of reason and by hard work, man’s domination over nature”.

81 No original: “No such simple dialectical scheme, however, can successfully distill the complexity and tumult of these remarkable formative years”.

o seu domínio, a ser alterada e reorganizada mais ou menos como ele quisesse”<sup>82</sup> (WORSTER, 1994, p. 29, tradução nossa), inclusive essas ideias religiosas não eram opostas, necessariamente, as ideias científicas. As ideias de Lineu sobre a natureza permaneceram bastante presentes pelo menos até o lançamento de ‘Origem das Espécies’ de Charles Darwin, em 1859 (WORSTER, 1994, p.39). Darwin, inclusive, ficou bem famoso pelo conflito de ideias entre a tradição religiosa de sua família e as ideias científicas de seu trabalho como naturalista, o que provocou intensas dúvidas no autor ao longo de sua vida (DESMOND; MOORE, 1995).

Baseado em Galilei, Descartes e Newton, as ideias sobre a mecanização do mundo do trabalho auxiliava os pensadores a maquinizar a natureza também (WORSTER, 1994, p.39). Nessa perspectiva, “René Descartes declarou, por exemplo, que os animais não passam de máquinas, totalmente incapazes de sentir dor ou prazer – uma visão que teve resultados horríveis em muitas experiências de laboratório em França”<sup>83</sup>(WORSTER, 1994, p.40, tradução nossa) sempre com a justificativa de que qualquer excesso serviria para um bem maior, um bem maior muitas vezes voltado apenas ao bem-estar e saúde dos humanos. Sendo parte da sociedade científica, os naturalistas estiveram inseridos nesse contexto e “ao reduzir plantas e animais a matéria insensível, meros conglomerados de partículas atômicas desprovidas de propósito interno ou inteligência, o naturalista estava a remover as barreiras remanescentes à exploração econômica desenfreada”<sup>84</sup>(WORSTER, 1994, p.40, tradução nossa), parte desse processo mais brutal de coleta e dissecação de animais pode ser visto no relato de Herbert Smith (1992), onde sua esposa Amélia era responsável por esse trabalho, além deles empregarem caçadores e planejarem suas incursões a fim de coletar espécimes. No município de Montenegro, Rio Grande do Sul, eles transformaram a casa em que estavam morando em um ‘gabinete de trabalho’ com:

---

82 No original: “christianity nurtured it for many centuries, teaching western man that nature was his domain, to be altered and rearranged more or less as he chose”.

83 No original: “René Descartes declared, for example, that animals are no more than machines, totally incapable of feeling pain or pleasure – a view that had gruesome results in many laboratory experiments in France”.

84 No original: “by reducing plants and animals to insensate matter, mere conglomerates of atomic particles devoid of internal purpose or intelligence, the naturalist was removing the remaining barriers to unrestrained economic exploitation”.

mesas ocupadas de aves, caixas de insectos, plantas imprensadas [...] a cozinha no fundo servia para a preparação das aves maiores e dos mamíferos. Estavam às vezes duzias de pelles nos vários graus de preparação, processo pouco cheiroso, mas familiar a qualquer zoólogo [...] tinha o prazer quando se junta alguma fôrma rara ou curiosa á collecção, e o gozo artistico de todos os bellos animaes e plantas, gozo que os profanos não saboream (SMITH, 1992, p. 59)

Retomando, apesar de algumas diferenças, o mecanicismo de Descartes e o cristianismo de Lineu convergiam para ideias semelhantes. O ápice dessa ideia mecanicista do mundo, segundo Donald Worster (1994, p.53), se deu através da obra de Thomas Ewbank, intitulada: *'The World a Workshop'* e publicada pela primeira vez em 1855.

Já sobre a visão arcadiana ela estava presente predominantemente no século XVIII, porém ela ressurgiu quando “mais significativamente, em termos do desenvolvimento de valores ecológicos, a postura arcadiana ganha influência durante a primeira metade do século XIX com a ascensão do movimento romântico”<sup>85</sup> (WORSTER, 1994, p.55, tradução nossa). Foi justamente a partir do ano de 1800 que, para Keith Thomas, que passam a existir dúvidas e críticas da capacidade da humanidade de dominar e controlar a natureza (2010, p.344-345).

Os românticos:

foram os primeiros grandes subversivos dos tempos modernos. Compreender o seu ponto de vista, portanto, contribuirá para a compreensão do movimento ecológico hoje [...] a ligação entre a ecologia contemporânea e o Romantismo é ainda mais direta do que uma partilha de antagonistas. A abordagem romântica da natureza era fundamentalmente ecológica; isto é, estava preocupada com a relação, a interdependência e o holismo<sup>86</sup>(WORSTER, 1994, p.58, tradução nossa).

O pensamento romântico era ‘biocêntrico’, propondo que “que toda a natureza está viva e que tudo o que está vivo tem direito às afeições morais do homem”<sup>87</sup> (WORSTER, 1994, p. 85, tradução nossa). Essa contraposição ao antropocentrismo extremamente presente até então é uma fagulha inicial as concepções ecológicas que estariam por vir. Os românticos criticaram alguns processos que a ação antrópica exercia na natureza, dentre:

85 No original: “most significantly, in terms of the development of ecological values, the arcadian stance gained influence during the first half of the nineteenth century with the rise of the Romantic movement”.

86 No original: “were the first great subversives of modern times. Understanding their point of view, therefore, will contribute to understanding of the ecology movement today [...] the connection between contemporary ecology and Romanticism is even more direct than this sharing of antagonists. The Romantic approach to nature was fundamentally ecological; that is, it was concerned with relation, interdependence, and holism”

87 No original: “that all nature is alive, and that whatever is alive has a claim on man’s moral affections”.

esses processos incluem a expansão colonial europeia e a incorporação de vastas regiões do planeta em um mundo econômico sob seu domínio, incluindo ecossistemas que antes não faziam parte da experiência histórica mais recente. A implementação de práticas produtivas predatórias no mundo colonial deu origem a protestos intelectuais que fazem parte da formação da sensibilidade ambiental do mundo moderno <sup>88</sup> (PÁDUA, 2012, p.458, tradução nossa).

Estudando Henry David Thoreau, Donald Worster (1994, p.58-77) procurou identificar em qual corrente do pensamento esse autor mais se encaixava, porém, como Worster bem pontua, a dicotomia entre um e outro não é tão óbvia na realidade. Ele conclui que “como buscador da floresta primitiva, Thoreau pertence claramente à tradição arcadiana do pensamento ecológico”<sup>89</sup> (WORSTER, 1994, p.75, tradução nossa), e apesar de ainda carregar percepções ambientais que se assemelhavam ao pensamento mais “tradicional [de Lineu], Thoreau também encontrou na economia das plantas e dos animais uma extravagância perturbadora”<sup>90</sup> (WORSTER, 1994, p.65, tradução nossa). A conclusão de Worster nos evidencia que cada pessoa recebia influencia de diversas formas de pensamento do seu período e dificilmente apresentaria apenas ideias relacionadas a uma dessas tradições de pensamento, mesmo porque, como ressaltou Baumer (1977), movimentos como o Romantismo não eram organizados internamente. Existindo então múltiplas formas de Romantismo, de Arcadismo, etc. E em certos aspectos essas ideias se mesclavam, por vezes chegavam em consensos. Dessa forma, quando analisamos um relato de viagem, devemos ter em mente que esse viajante dificilmente será totalmente pertencente a uma tradição do pensamento, sendo muito mais recorrente classificá-los dentro de um espectro de pensamento. No próximo capítulo veremos mais sobre o movimento romântico e sua influência nos viajantes. Por enquanto cabe destacar como essas correntes de pensamento estavam todas interligadas, se influenciando, coexistindo mesmo que divergindo ou se agregando em muitos pontos.

---

88 No original: “These processes include European colonial expansion and the incorporation of vast regions of the planet into an economic world under its dominion, including ecosystems that had not previously been a part of the estern historical experience. The implementation of predatory productive practices in the colonial world gave rise to intellectual protests that are a part of the formation of the modern world’s environmental sensibility”.

89 No original: “As a seeker of the primitive forest, Thoreau clearly belongs to the arcadian tradition in ecological thought”

90 No original: “traditional Thoreau also found in the economy of plants and animals a disturbing extravagance”

A forma predominantemente com a qual encaramos a natureza atualmente é muito pautada na ciência, na ligação de cada elemento de um ecossistema e na preocupação social atrelada ao equilíbrio ecológico. Porém essa é uma forma de pensar que foi construída com o tempo e extremamente recente do ponto de vista histórico, “o termo natureza, aparentemente banal em nossos textos e falas, tem uma longa história de construção e reconstrução. É, portanto, complexo” (MEDEIROS, 2002, p.72). A História como campo científico tem a capacidade de explicar como as ideias ecológicas sobre a natureza se propagaram e se tornaram a corrente predominante no mundo ocidental. Analisando através da temporalidade que os historiadores podem verificar como as mudanças e as permanências de pensamento sobre a natureza acabaram gerando o resultado que temos hoje. Além disso, é através da História que podemos identificar traços de movimentos anteriores, incluindo o romantismo e o Neo-Iluminismo, que continuam presentes até a atualidade. Portanto devemos nos voltar ao século XIX como um lugar onde essas ideias ecológicas e de preservação não existiam, pelo menos da forma como compreendemos na atualidade. Muito do que se discutiu ao longo do século XIX, inclusive por influência dos viajantes aqui analisados, está ligado informalmente aos movimentos posteriores que levaram ao ambientalismo, por exemplo.

Podemos nos questionar até que ponto o estudo do pensamento ambiental de viajantes que percorreram o Pampa séculos atrás é ainda relevante e constatamos que “a persistência de suas palavras é um problema que se atrela profundamente a debates públicos contemporâneos, concebendo-se a escrita da história como um desses debates” (BRAGA, 2019, p.19). Os escritos dos viajantes, publicados como livros, influenciaram, em maior ou menor grau, inúmeras gerações. Suas ideias não foram compartilhadas com os seus semelhantes no período, mas atingiram outras temporalidades. Além disso, os viajantes são apenas uma forma de acessarmos visões de mundo do período que não eram exclusivas deles, mas presentes na maneira de muitas pessoas pensarem o mundo e agirem sobre ele. Essas correntes de pensamento foram ao longo do tempo se modificando e adaptando as diferentes circunstâncias e espaços naturais mais específicos, até por isso essa pesquisa procura compreender como elas eram aplicadas e pensavam o espaço pampeano, devido aos poucos estudos dedicados a região. Atualmente, essas correntes de pensamento continuam de certa forma presentes em um imaginário coletivo e disputam espaço com outras formas de

pensamento a respeito da natureza, como as ideias ecológicas que ganharam expressão no mundo, especialmente a partir da década de 1960.

A crítica ambiental é muito anterior a uma crise industrial. Uma ideia do senso comum é relacionar os impactos ambientais com o início do processo de industrialização, ignorando todas alterações ambientais e intensos impactos que a ação antrópica deixou no planeta. Para o Pampa isso acaba gerando uma “impressão de que os períodos anteriores foram de estagnação e de uma economia quase natural, que pouco ou nada teria produzido do ponto de vista técnico e que também não haveria interferido de modo significativo no ambiente” (FARINATTI, 2010, p.64). Essa pesquisa procura salientar que mudanças ambientais pré-industriais tanto existiam, como podem ter sido ainda mais intensas do que se imagina. Um dos grandes impactos que o bioma Pampa sofreu foi a introdução de elementos estranhos aos seus ecossistemas, inúmeras espécies de fauna e da flora do Velho Mundo. A compreensão dessa introdução de espécies exóticas passa pelo entendimento de dois conceitos importantes definidos por Alfred Crosby que veremos a partir de agora.

### 3.3 OS GALHOS DA PESQUISA: NEOEUROPA, BIOTA PORTÁTIL E OUTROS CONCEITOS.

Hoje vivemos em um mundo globalizado e extremamente interconectado, apesar de certas limitações e barreiras linguísticas ou culturais, todavia o Pampa nem sempre esteve tão interligado a outras regiões do planeta, isso era evidente por muito tempo, pelo menos “desde que os continentes se separaram dezenas de milhões de anos antes, [onde] a flora e a fauna das Américas e da Austrália desenvolveram-se isoladamente de suas partes correlativas da Eurásia [e África]. Agora, depois de 1500, foram novamente postas em contato, freqüentemente com resultados desastrosos” (PONTING, 1995, p. 279). Por séculos os oceanos Atlântico e Pacífico serviram como uma barreira natural para que humanos e a maioria das espécies de plantas e animais não migrassem de um lado ao outro.

O historiador Alfred Crosby foi um dos primeiros a se dedicar ao estudo do encontro biológico desses dois mundos. Ele publicou em 1972 o livro ‘Intercâmbio colombiano’ e em 1986 ‘Imperialismo Ecológico’. Essas foram suas duas principais obras e ganharam

notoriedade no meio acadêmico, influenciando especialmente gerações de historiadores ambientais. No primeiro livro desenvolve o conceito de intercâmbio colombiano, tratando exatamente da troca de alimentos, plantas, animais, humanos, doenças e ideias entre o Velho Mundo e o Novo Mundo. Já na segunda obra traz dois conceitos que são importantes para essa pesquisa, primeiro o de Neoeuropa e depois o de biota portátil. Vamos desdobrar esses conceitos e discutir a sua aplicabilidade, mesmo porque eles foram utilizados por muito tempo na historiografia e, por vezes, sem uma leitura crítica, o que, como veremos, desencadeou algumas problemáticas.<sup>91</sup>

Em outra de suas obras, Crosby destaca a importância das doenças como fatores importantes para os Europeus se estabelecerem na América e na Oceania, porém também demarca que as doenças não eximem os europeus de suas ações imperialistas (CROSBY, 1999). Essa teoria das doenças serem peça principal na expansão europeia sobre as Américas se encontra detalhada na obra de Jared Diamond (1997) que resumidamente indica que o sistema imunológico de europeus, africanos e asiáticos estava muito mais preparado devido aos intensos contatos entre essas regiões, enquanto os nativos americanos e da Oceania não possuíam defesas perante as doenças europeias. O contato mais esporádico de um grupo indígena com outros povos fazia com que o seu sistema imunológico fosse menos testado e por isso menos preparado para um contato intenso, ao passo que os europeus viviam uma realidade mais interconectada com relações rápidas dentro do continente europeu e com povos africanos e asiáticos. O fator doença foi peça chave na conquista europeia da América, mas como o nosso recorte é o século XIX, esse fator já havia perdido sua força inicial, por isso não entrará tanto em nossas discussões.

Antes mesmo da obra de Crosby elaborar o conceito de Neoeuropa em 1986, autores como Oliveira Viana já comparavam zonas de planície ao redor do globo. Seu livro ‘Populações meridionais do Brasil, vol. 2: O campeador rio-grandense’ é publicado postumamente em 1952 e possui diversos problemas conceituais, mas uma passagem ilustra bem o ponto que estamos discutindo. Viana elenca regiões de pastoreio como “as estepes do

---

91 O objetivo aqui é apresentar um pouco dessa discussão, mas ela será desenvolvida com mais elementos em um futuro artigo que está sendo desenvolvido. Nele procuraremos rastrear pesquisas que utilizam o conceito de Neoeuropa e verificar como esse uso é feito, se há alguma crítica e que tipo de crítica é feita ao termo. Também procuraremos possíveis revisões e avanços propostos ao conceito.

planalto pamiriano, as planícies do Don e do Volga, os campos da Austrália meridional, as pradarias do Far West americano” (VIANA, 1974, p.37) porém nenhuma delas oferecia as “condições mais propícias à vida do boi, do cavalo, do burro ou da ovelha do que esta vastíssima região, que se estende até o infinito, de um a outro lado do estuário platino” (VIANA, 1974, p.37). Oliveira Viana exaltava o Pampa dentre todas as demais zonas de pastoreio do mundo, ressaltando suas qualidades de abrigar diversos tipos de gado, que eram úteis ao ser humano. Zonas de pastoreio, geralmente campestres, são comumente atreladas ao setor agrícola e importantes espaços para a produção alimentícia de diversos países.

Para definir Neoeuropa, Crosby inicia conceituando o que seriam os europeus, mas a explicação não se desenvolve muito e mostra a dificuldade de definir o que os europeus seriam, por toda a diversidade de contextos históricos e culturais presentes. De forma geral, os europeus formariam um grupo caucasiano “cuja principal característica é o desenvolvimento tecnológico e o comportamento político” (CROSBY, 2011, p.13), essa explicação por si só é bem rasa e pouco explicativa. Já as neoeuropas seriam “terras distantes milhares de quilômetros da Europa e igualmente distantes umas das outras” (CROSBY, 2011, p.14) que apresentam desarmonia entre suas localizações e desarmonia de identidade cultural, apesar de “se situarem em latitudes similares”<sup>92</sup> (CROSBY, 2011, p.17). Por estarem nessas latitudes parecidas, teriam climas semelhantes, marcadamente temperado. Além de possuírem as latitudes como característica unificadora, ainda apresentariam uma forte tradição de exportação de gêneros alimentícios, especialmente aqueles tradicionais na cultura europeia como o trigo e o gado.

As neoeuropas seriam mais especificamente:

O terço leste dos Estados Unidos e do Canadá, onde vive até hoje metade da população dos dois países [...] a área da Austrália que corresponde a [...] seu canto sudeste, limitado pelos mares e por uma linha que vai de Brisbane a Adelaide, e mais a Tasmânia. Toda a Nova Zelândia, menos sua região alta e fria e a costa ocidental da ilha sul [...] o núcleo neoeuropeu na América do Sul é a região úmida

---

92 O que não é muito exato, especialmente na comparação latitudes Europa – neoeuropas. A Europa basicamente fica entre as latitudes 60° e 40° com a Escandinávia e partes meridionais de Portugal, Espanha Itália e Grécia fora desta zona. É nesta faixa que fica a parte mais densamente povoada do Canadá e os estados setentrionais dos Estados Unidos. O sul dos Estados Unidos fica na faixa entre 30° e 40°. Já a região dos Pampas fica entre 30° e 40°, assim como a Austrália, apenas com a ilha da Tasmânia e a ilha sul da Nova Zelândia ficando em uma zona latitudinal mais correspondente a do continente Europeu.

de pastagens em cujo centro fica Buenos Aires. É um território enorme, na maior parte tão plano quanto uma tábua, que se localiza num semicírculo, da baía Blanca, no sul, a Córdoba, no Oeste, e a Porto Alegre, no litoral brasileiro. Essa vasta região de mais de 1 milhão de quilômetros quadrados inclui a quinta parte da Argentina, todo o Uruguai e todo o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, Ai vivem dois terços dos argentinos e todos os habitantes do Uruguai e do Rio Grande do Sul, formando a maior concentração populacional ao sul do trópico de Capricórnio (CROSBY, 2011, p.158).

É interessante notar o destaque que o autor dá para o Pampa ao explicar quais seriam as quatro regiões de neoeuropas no mundo. Ele dispende mais da metade da explicação para falar sobre o Pampa, enquanto a outra metade resume as outras três regiões. Claro que no trecho acima suprimimos algumas partes referentes as outras localidades, deixando apenas a parte do Pampa na íntegra, mas mesmo que o texto estivesse completo, ainda apresentaria a maior parte sendo referente aos campos platinos. Crosby ainda menciona que dentro dessas áreas, o foco está nos territórios com predominância de pradarias, savanas e campos de clima temperado e com quantidade pluviométrica mediana. Ao longo do seu texto ele menciona o Veld sul-africano, o sertão brasileiro e a taiga siberiana como espaços que a colonização europeia não teve a mesma facilidade de se desenvolver (CROSBY, 2011, p.156), ele inclusive elenca a Sibéria como a Neoeuropa que fracassou, muito porque ela não era tão distinta em relação à Europa (CROSBY, 2011, p.48-52). Lindman chega a comparar os pampas com as estepes siberianas ao dizer que “sobre extensões imensas as condições físicas são as mesmas, condições comparáveis unicamente às que no nosso continente só se encontram nos estepes da Rússia” (LINDMAN, 1974, p.35), reforçando a ideia de Crosby que a Sibéria seria o mais próximo espaço familiar campestre de dimensão tão pronunciada que pudesse ser comparado com o que era o Pampa.

Para Diamond a comparação entre tão distintos espaços como as neoeuropas poderia surgir a partir de “algumas das terras e pastagens mais produtivas das Américas do Norte e do Sul: os estados do lado do Pacífico, nos Estados Unidos, o cinturão do trigo no Canadá, os pampas na Argentina e a zona de clima mediterrâneo no Chile” (DIAMOND, 1997, p. 357). Poderíamos também incluir zonas da África do Sul ou as Grandes Planícies norte-americanas em algum tipo de análise comparativa, vemos que a seleção dessas zonas pode ser bem variada e correr o risco de ser uma seleção muito arbitrária e consistentemente frágil do ponto de vista teórico.

Daniel Braga é um dos autores que identificam certas inconstâncias no conceito de Neoeuropa proposto por Crosby. Braga realiza uma crítica ao conceito pois acredita que o:

seu limite está no fato de que a formulação, por ser amparada em uma caracterização racial de cunho biológico de frágil sustentação, equivalendo muitas vezes ‘brancos’ e ‘europeus’, reitera regionalizações igualmente frágeis da América do Sul, como quando afirma que nas ‘Américas ao sul do trópico de Capricórnio, a população também é predominantemente branca’, e que ainda ‘que aceitemos as estimativas mais altas quanto ao número de mestizos, de afro-americanos e ameríndios, serão de origem inteiramente europeia três de cada quatro pessoas da região temperada da América do Sul’ (BRAGA, 2019, p.166).

Ele continua destacando que o conceito de Crosby reitera uma visão de ‘trópicos’ “enquanto o âmbito do não-saudável, ou de uma economia complementar, quando não uma racialização dos processos ocorridos em regiões intertropicais, por vezes mediante a supressão dos processos sociais e significados culturais de mestiçagem, ou ainda, falácias de cunho demográfico” (BRAGA, 2019, p.166-167). Se o conceito de Neoeuropa proposto por Crosby demonstra fragilidades, especialmente quando se trata de aspectos raciais e sociais, é por estar baseado na concepção da época do século XIX que aproximava as ditas neoeuropas do mundo Europeu, o erro de Crosby é retransmitir o discurso sem uma leitura crítica por cima. Esse tipo de discurso fora amplamente utilizado nas propagandas de colonização da região sul do Brasil, onde:

a natureza era utilizada como riqueza e fator de atração para a ocupação dessa porção do território brasileiro e suas respectivas fronteiras uruguaia e argentina, com destaque para as grandes estâncias de produção pecuária e do florescimento da agricultura de exportação em finais do século XIX e início do XX (CESCO; FEIL; SILVA, 2016, p.160-161).

Além disso, “o Brasil do Sul é a grande descoberta dos viajantes do início do século XIX, sendo percebido como uma réplica da Europa, mas onde permanece para o homem a possibilidade de construir sobre bases virgens uma sociedade de progresso segundo seu coração” (POTELET, 1993, p.71 apud BRAGA, 2019, p.185), apesar de nem todos os viajantes, como o francês Louis Duperrey, terem esse tipo de percepção (BRAGA, 2019, p.185). Pelos colonos era visto como o lugar para o começo de uma nova vida de oportunidades, onde as terras e os alimentos eram fartos.

Crosby trabalha com a ideia de que estas regiões neoeuropeias teriam certas similaridades naturais que chamavam a atenção dos europeus e que facilitariam a introdução de um modo de produção e de vida bastante europeu, que se tornou convidativo para a colonização mais efetiva desses espaços por parte da população europeia que não estava envolvida diretamente com a exploração e administração das colônias. Para ocorrer efetivamente este tipo de colonização muitas etapas foram necessárias, dentre elas o estudo de adaptação ou aclimação da fauna e flora do velho mundo, elementos do mundo natural dos quais os europeus estavam acostumados a lidar e a utilizar de forma eficiente para o seu proveito. E foi nas neoeuropas que a biota trazida pelos europeus mais facilmente se adaptou. Isso pode ser relacionado com a contraposição ao tropical mencionada por Braga, onde as neoeuropas seriam espaços desejados para a criação de extensões da Europa justamente pela semelhança climática que contrastava com a tropicalidade de outras regiões americanas. Os colonos buscaram assemelhar ainda mais esses territórios a aquelas referências que eles guardaram na memória, esse foi “um processo alimentado, continuamente no tempo, tanto no plano das ideias como das ações por cronistas, viajantes, políticos e pelos historiadores” (WITTER, 2007, p.4). E assim, as neoeuropas, como o Pampa, foram se tornando cada vez mais parecidas com a Europa.

Apesar de ser correto afirmar que o Pampa se aproxima de diversas características do ambiente europeu, não podemos esquecer que houve grande influência de povos nativos, africanos e outros grupos que moldaram esse espaço através do tempo, tanto em suas características naturais quanto na forma de enxergá-lo. O que é indiscutível é que o Pampa se afastou de suas características originais através de séculos de ocupação humana, e isto ocorreu antes mesmo do processo de industrialização. Desde a chegada dos primeiros humanos as planícies pampeanas e especialmente entre 1820 e 1930, quando ocorreu uma intensa migração de europeus para as terras neoeuropeias, devido a fatores como explosão populacional e falta de terras cultiváveis no continente europeu, aliado a expansão do transporte ultramarino e a intensidade de rivalidades e perseguições entre povos europeus (CROSBY, 2011). O foco de migração de europeus nesse período foi destinado a zonas mais próximas da realidade europeia em termos naturais, para isso foi construído todo um discurso e propaganda incentivando a migração para estes espaços que muitas vezes, como no caso do

Pampa, eram zonas fronteiriças e careciam ainda de maior presença de população aliada ao Estado, apesar de terem uma população nativa considerável.

Alguns autores construíram uma nova imagem de paraíso. Não mais um paraíso de delícias tropicais e de sol o ano todo, mas a de um paraíso que lembrava a Europa, que lembrava os céus e o clima de Portugal. Essa associação foi elaborada lenta e continuamente por todo o século XVIII e boa parte do XIX e o resultado ficou marcado no esforço consciente e inconsciente de adaptar espécies europeias de flora e fauna a esse espaço, numa “tentativa” de construir um tipo de “paraíso misto”, com o melhor do Velho e do Novo Mundo. (WITTER, 2007, p.6).

Os viajantes e seus relatos constituíram papel importante nesse tipo de propaganda, talvez não atingindo diretamente os futuros colonos imigrantes, mas difundindo as ideias de colonização e a apresentando a região em um circuito internacional mais amplo. “Alfred Crosby demonstrou que, historicamente, a colonização tem sido um fenômeno essencialmente ecológico, no qual os colonizadores comandam um processo abrangente e crítico de dispersão de plantas e animais” (DEAN, 1996, p.71). O expansionismo europeu sempre levou seu modelo de sociedade consigo e este modelo afetava os costumes, o trabalho e as mais diversas esferas da vida das pessoas, bem como sua relação com o meio.

as transferências de espécies durante a era imperial estiveram intimamente conectadas com formações sociais europeias expansionistas e capitalistas, assim como com as migrações, mercados, tecnologias e ciências que elas geraram [...] Os impérios na América tropical tomaram forma não apenas com base no capitalismo, no poder marítimo e no desenvolvimento do sombrio comércio de escravos no Atlântico, mas também das oportunidades e restrições inerentes às características botânicas da cana-de-açúcar. As colônias de povoamento na Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Argentina e Uruguai foram profundamente afetadas por sua adequação aos animais domesticados a partir do hemisfério norte (BEINART, MIDLETON, 2009, p.160).

Crosby trabalha com a ideia de que espaços montanhosos, de colinas e de selva por toda América, Ásia e África tiveram algum tipo de empecilho para a efetiva colonização europeia, ficando a cargo das regiões de planície temperada uma ocupação mais intensa. As outras regiões de maneira geral já estariam densamente povoadas de humanos, flora ou fauna ou não apresentavam recursos interessantes para serem explorados economicamente ou não possuíam uma temperatura interessante do ponto de vista europeu (CROSBY, 2011, 144-145). Crosby chega a reduzir a colonização das neoeuropas como uma mera questão de gosto,

incluindo aqui o papel das mulheres europeias que se negavam a se mudar para regiões distantes da Ásia onde o calor, as comidas exóticas, as doenças e as concubinas se tornavam fatores de preocupação para que estas mulheres deixassem o continente Europeu em busca de uma nova vida, geralmente junto a sua família, em locais tão distantes. Ao simplificar o papel da mulher para “uma das grandes dificuldades que os colonizadores europeus enfrentavam” (CROSBY, 2011, p. 146), o autor perde muito do contexto de gênero do período e traz motivos muito fúteis como argumentação, apesar de certamente o calor, as doenças e os povos ‘exóticos’ serem fatores que pesavam na decisão das mulheres, de suas famílias, dos colonizadores – incluindo aqui propagandistas - e do próprio Estado de decidir investir em um estabelecimento além-mar.

Outra crítica ao trabalho de Crosby é realizada por Beinart e Middleton (2009) que criticam a forma de ver a troca de plantas entre o velho mundo e o novo mundo, pois o autor ressaltaria o predomínio das plantas do velho mundo sobre as plantas americanas pelo fator clima, mas se os climas são semelhantes as plantas americanas teriam teoricamente a mesma facilidade de prosperar na Europa. Beinart e Middleton (2009) levantam vários dados baseados em pesquisas de terceiros que indicam outros fatores importantes para serem levados em consideração: A Europa era um continente densamente povoado onde áreas ‘selvagens’ grandes como o Pampa não estariam disponíveis para que plantas exóticas se alastrassem com facilidade sem a interferência da ação humana<sup>93</sup>. Além disso, o continente Europeu era geologicamente mais recente e as condições pelo qual passou, como a presença de geleiras até ‘recentemente’, favoreceu com que as suas plantas desenvolvessem estratégias de dispersão muito mais agressivas do que plantas de regiões antigas geologicamente como Austrália e África meridional, onde as plantas viviam em zonas bem específicas e não se alastravam por territórios tão extensos. Assim, estes autores conseguem expandir as explicações para o tema aberto por Crosby anteriormente e que ainda carecia de explicações mais complexas.

Outro aspecto frágil no texto de Crosby é que ele concentra sua observação na troca Novo Mundo – Europa, mas se apenas “um leque mais amplo de alimentos e plantas úteis, ao invés de algumas poucas culturas básicas, for levado em consideração, adotando-se uma perspectiva global e não apenas europeia, teremos um fluxo de plantas mais multidirecional”

---

93 Apesar de Crosby pontuar estas características brevemente em seu texto (CROSBY, 2011, p.282).

(BEINART, MIDDLETON, 2009, p.164), inúmeras espécies americanas se tornaram invasoras na África e na Ásia e/ou passaram a ter papel importante no sistema produtivo destes continentes (BOOMGAARD, 2012). Ele também foge de comparações entre essas neoeuropas e outras regiões do globo com características biofísicas e até mesmo com alguns pontos históricos semelhantes, como é o caso das grandes planícies americanas e das estepes russas estudadas por David Moon (2012), comentando brevemente no capítulo seis de seu livro sobre algumas regiões que foram colonizadas pelos europeus mas não se tornaram neoeuropas. Entre essas colônias estava o México, em uma zona tropical e que na visão de Crosby passou a ser um país mestiço porque os espanhóis não conseguiram prevalecer sobre os povos nativos de forma totalmente efetiva. Esse argumento utilizado para o México deixa a entender que no Pampa e nas demais neoeuropas são sociedades que se constituíram não sendo mestiças, o que nos faz voltar as estatísticas que Crosby utilizou apontando percentuais altíssimos de população branca/europeia para as neoeuropas e invisibilizando as demais etnias que compuseram a sociedade destes locais e muitas vezes foram dizimadas ou expulsas exatamente com a intenção de branquear/europeizar determinada localidade. O autor ainda esquece que “uma das peças deste jogo, foi o empenho, muito humano, em ‘ver’ semelhanças e em construir (planta por planta, bicho por bicho) uma ‘Neoeuropa’” (WITTER, 2007, p.6).

Um ponto a se tomar cuidado, particularmente, é que Crosby utiliza muitos relatos que fazem parte da minha pesquisa, portanto não posso confirmar as informações que disponho nestes relatos utilizando o texto do autor americano pois estaria apenas retroalimentando estes relatos.

De forma geral o erro de Crosby é não refletir o seu conceito de forma crítica, apenas reproduzindo o pensamento comum do período, que apesar de existente, é bastante problemático, generalizante e pouco assertivo. Talvez pela falta de familiaridade com as questões político-sociais atuais da região, a denominação que Crosby de Neoeuropa acaba se apresentando como muito rasa. Outro problema que encontramos é que ao relacionar a imagem desses locais com a Europa e ressaltar a forte presença de europeus e seus descendentes ao mesmo tempo em que não se dá destaque aos indígenas e africanos acaba reforçando uma ideia de branqueamento racial nestas regiões.

Na tentativa de criar uma categoria que reúna locais distantes e diferentes a partir de alguns elementos em comum, Crosby acaba cometendo algumas inconsistências, pois existe uma dificuldade em até mesmo selecionar esses espaços. São as terras que foram primeiramente colonizadas? São as zonas de planície temperada? Regiões campestres dos atuais México ou da África entrariam nesse grupo? Mesmo depois da definição do autor, fica um pouco confuso de o porque essas regiões foram elencadas e outras não.

Os estudos de Crosby eram bastante abrangentes, de caráter macro espaço-temporal, e não davam conta de tantas especificidades, além disso, foram publicados nas décadas de 1970 e 1980, majoritariamente. Cabe aos pesquisadores atuais proporem uma revisão e atualização do conceito de Neoeuropa, pois ele tem certa validade explicativa, mas tem seus limites bem claros.

O conceito de Neoeuropa é empregado para auxiliar a tese de Crosby do Imperialismo Ecológico exercido pelos europeus, não sendo uma tentativa de reavivar explicações ou separações como as colônias de exploração e de povoamento ou cair em um determinismo geográfico tolo. Contar a história dessas neoeuropas é contar como “os navegadores e sua biota portátil haviam realizado uma revolução mais extrema do que qualquer outra jamais vista no planeta desde as extinções do final do Pleistoceno” (CROSBY, 2011, p.281) e que fez com que estas regiões se tornassem até hoje “produtos da propagação e disseminação desenfreada” (CROSBY, 2011, p.280) provocadas pelos colonizadores europeus.

Percebe-se que a pesquisa de Alfred Crosby foi bastante influente sob os historiadores ambientais e outros pesquisadores, que nas primeiras décadas após o seu lançamento era bastante lida e utilizada. O historiador Clive Ponting utiliza a noção de Neoeuropa em seu livro comparando “áreas onde aconteceram as colonizações brancas mais extensas – a América do Norte, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul” (PONTING, 1995, p. 317), deixando apenas os Pampas de fora, apesar de estar constantemente o analisando em conjunto com essas outras áreas. Os escritores John Fisher e John Perkins (1999) utilizam a obra de Crosby como embasamento teórico e inspiração para estudar o gado na Austrália. Já o historiador ambiental Mikko Saikku (1999) não faz crítica ao conceito de Crosby e define neoeuropas as “regiões temperadas, não europeias e sujeitas à colonização europeia desde a

idade média”(SAIKKU, 1999, p.181) e aponta que o estabelecimento dessas neoeuropas “influenciou a avifauna do Atlântico Norte de inúmeras formas” (SAIKKU, 1999, p.189).

Dentro do campo de potencialidades a ser explorado, o termo Neoeuropa oferta a capacidade de análises em escala global ou dentro de perspectivas da História comparada. Conseguir ver as similaridades e diferenças na história do Pampa e das outras Neoeuropa pode auxiliar a compreender melhor tanto a sociedade que se estabeleceu na bacia do Rio da Prata quanto os elementos que compõe os seus ambientes. O próprio gado, em suas diferentes formas, se constitui como espécie exótica em outras regiões do globo, especialmente em outras neoeuropas, podendo ser interessante verificar como se estabeleceu a relação destas espécies com outros animais e com a sociedade humana.

As neoeuropas ainda se mantêm como um conceito utilizável, mas deve-se tomar cuidado com o seu emprego. O conceito serve melhor para quem estiver pensando a natureza desses espaços ou realizando um estudo comparado, enquanto outros pesquisadores possam encarar o termo de forma muito negativa, como é o caso de quem estiver pesquisando história social e raças. O cuidado deve ser tomado especialmente para não legitimar discursos de superioridade racial que façam uma associação simplista da realidade histórica, bem como ter cuidado para não reduzir e invisibilizar a ação de outras etnias nestas regiões, especialmente quando a fonte com a qual trabalhamos se trata de registros realizados majoritariamente por europeus. O texto de Crosby é da década de 1980 e muito se avançou no debate historiográfico e das ciências naturais a respeito de assuntos que interferem o tema levantado pelo autor, sendo necessário acrescentar esses materiais mais recentes sob o trabalho de Crosby para resultar em uma análise mais completa e detalhada.

Um elemento interligado ao conceito de Neoeuropa é o clima. Os pampas e demais zonas classificadas como neoeuropas compartilhavam entre si o clima temperado ou subtropical. Essa característica é percebida inclusive pelos viajantes do período como demonstra o seguinte trecho de Carl Lindman:

O Estado do Rio Grande do Sul está situado entre latitudes que correspondem aos países mediterrâneos, no hemisfério norte [...] as condições climáticas não são de modo nenhum excêntricas ou exageradas em sentido algum e, segundo o padrão europeu, são não somente muito uniformes e firmes como até muito agradáveis

(LINDMAN, 1979, p.127).

Por apresentarem climas semelhantes e contrastantes como o clima do mundo tropical, as neoeuropas eram constantemente e facilmente comparadas com o continente europeu, sendo vistas como espaços propícios para que o povo europeu, suas plantas e animais pudessem se mudar e se adaptar de forma mais propícia. Para Francis Bond Head “pode-se dizer que todo o Pampa desfruta de uma atmosfera tão bela e tão salubre quanto as partes mais saudáveis da Grécia e da Itália”<sup>94</sup> (HEAD, 1827, p.19, tradução nossa) na região do mediterrâneo. Carl Lindman escreve em Porto Alegre que em um:

paiz subtropical onde as condições são tão favoráveis para o desenvolvimento tranquilo de uma porção de elementos diversos tanto da zona temperada como da quente [...] um visitante europeu não pôde esquivar-se á impressão de que esta vegetação é uma especie de reproducção de varias regiões do continente antigo (LINDMAN, 1974, p.40).

No primeiro ponto o viajante exalta o espaço subtropical por ter a capacidade de unificar as qualidades de dois mundos, o tropical e o temperado. Em seguida além de comparar o Pampa com o Velho Mundo, define-o como uma ‘reprodução’ daquele mundo, reforçando a ideia de que essa Neoeuropa seria uma extensão da sociedade e do espaço europeu. Alexandre Baguet parte da mesma perspectiva ao destacar as qualidades de um clima subtropical de Porto Alegre e região que “convém perfeitamente aos europeus; aqui não se conhece nem os calores abrasadores do Rio de Janeiro, nem as noites frias de Buenos Aires e a temperatura no verão é bem suportável; também o solo produz ao mesmo tempo as frutas e os legumes da zona tórrida e os da Europa” (BAGUET, 1997, p.34), sua descrição é em tom propagandístico, ressaltando a região como um lugar ideal. Saint-Hilaire também diz que Porto Alegre lembra o sul da Europa e tudo o que “ele tem de mais ameno” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.28).

O prefácio original do relato de Lindman em português é escrito em 1905 por Albert Löfgren, um botânico, que diz que o livro de Lindman:

constitue elle praticamente o mais bello e o mais justo reclamo para o **excelente clima** e para as **inexgotaveis riquezas naturais** do Rio Grande podendo, sem mais,

---

94 No original: “the whole of the Pampas may be said to enjoy as beautiful and as salubrious an atmosphere as the most healthy parts of Greece and Italy”.

servir como o melhor livro de **propaganda no estrangeiro**, com a vantagem de ser escripto espontaneamente por um homem de sciencia, estrangeiro e com vistas exclusivamente scientificas (LINDMAN, 1974, p.XVI, grifos nossos).

Löfgren deixa evidente que um dos objetivos do livro é ser uma propaganda e que ao ressaltar as ‘inesgotáveis riquezas naturais’ e o ‘excelente clima’ da região oferece a construção de um cenário atrativo para os leitores, possíveis imigrantes ou investidores. O clima é utilizado como um elemento atrativo no argumento da propaganda, ficando evidente no trecho a seguir:

a formação da costa do Brasil austral, condições de terreno, clima, solo e ventos excluem as devastadoras epidemias miasmáticas que em tão grande parte da America tropical impedem a colonização e o cultivo. A melhor prova destas vantagens do Brasil austral é a prospera colonização, especialmente de Santa Catharina e Rio Grande, por immigrantes europeus, allemães, italianos, polacos, suecos, etc. Favorecidos pela natureza clemente e clima saudavel, esses novos elementos de povoamento puderam não somente apoderar-se dos sertões desertos, como dar á sua nova patria o rico thesouro da vontade de trabalhar, capacidade de invenção e de necessidades mais elevadas, que constituem a condição para a descoberta e aproveitamento das riquezas naturaes (LINDMAN, 1974, p.2).

Além de destacar o papel colonizador, reforça essa separação climática da região com o restante do Brasil. Outro fato sobre o clima é perceber como as estações do ano afetam a vida da população, como já verificou William Cronon (2011), e também como alteram a percepção ambiental de um viajante a respeito de determinada localidade. Dependendo da estação do ano certas características locais estarão ressaltadas, espécies de plantas só florescerão em determinados períodos do ano, animais estarão mais ou menos ativos pelos campos, as cores da vegetação vão se alterando e criando diferentes quadros paisagísticos, entre outros tantos detalhes que se alteram nesses espaços através dos ciclos anuais da natureza. Silveira escreveu sobre o povoado que se estabeleceu na Várzea de Santana, hoje parte de Santana do Livramento, era uma “planície úmida, lamacenta e atoladora no inverno, porém demasiado seca e pulverulenta no verão” (SILVEIRA, 1979, p.425), demonstrando como o aspecto de um local poderia ser totalmente diferente dependendo da época do ano que fosse visitada. Assim, os viajantes têm apenas uma apreensão breve sobre o que é uma região, não um quadro geral de suas características, detalhes e mudanças.

No inverno, Saint-Hilaire foi aconselhado por várias pessoas, incluindo por um general, a não viajar até a região das Missões já que “a estação era pouco favorável para se ir a Missões [pois os] rios se constituiriam em obstáculo, por não serem vadeáveis” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.38) devido às chuvas intensas e até mesmo pela temperatura da água. Em 13 de Junho de 1820, no município de Tramandaí na costa riograndense, fazia muito frio e vento forte, e Saint-Hilaire notava que “o meu pessoal, acostumado aos calores intensos, estavam transidos de frio e eu não me apresentava em melhores condições” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.19). O frio vai intensificar a percepção negativa de Saint-Hilaire sobre a região litorânea da província. Depois de vários dias de frio, que se repetia todos os anos e aos quais ele compara com os tempos sombrios de sua terra natal (SAINT-HILAIRE, 1987, p.35), ele chega a reclamar que era difícil até mesmo pensar e comentava que “todos se queixam dele, o que é de admirar-se, pois ninguém toma providências para defender-se do inverno; só cuidam de agasalhar o corpo com roupas pesadas [...] ninguém pensa em aquecer os aposentos, trazendo-os bem fechados e neles acendendo uma lareira” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.35), condição que mesmo passados duzentos e três anos ainda é evidente na região. A arquitetura das construções no Rio Grande do Sul, de forma geral, não são pensadas para o frio intenso da região, talvez por seguir uma tradição brasileira que é mais voltada para o clima tropical da maior parte do país, ignorando a diferença regional.

As temperaturas modificam o humor dos viajantes, das pessoas e até o comportamento dos animais, como observa Saint-Hilaire “frequentemente em minhas viagens quanto é **poderosa a influência do clima**. Ela se manifesta até nos animais; pois na zona tórrida, os cães latem menos; são tímidos; fogem à menor ameaça; ao contrário, nesta Capitania, ladram muito e, constantemente, perseguem os transeuntes” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.73, grifos nossos). A explicação sobre os cães não têm nenhuma base científica, mas era argumento comum no período tentar explicar através da ciência a influência do clima sobre os seres. De qualquer forma, é evidente como o tempo em determinado dia afeta o humor, as atividades e a percepção ambiental.

A saúde das pessoas também estava atrelada ao clima, em Santa Maria “o clima assaz temperado assim da cidade como do município, visitado pela brisa refrigerante da região serrana, tem obstado a propagação e durabilidade de moléstias epidêmicas” (SILVEIRA,

1979, p.476), o mesmo clima agradável era assinalado para São Gabriel, um pouco mais ao sul. Naquele período o entendimento na área da saúde sobre um clima mais ameno e a presença de ventos que faziam o ar circular eram sinais de uma localidade saudável.

A biota e a sociedade atual das neoeuropas são do jeito que são por terem sido “produtos da propagação e disseminação desenfreadas do que chamei biota ‘portátil’, uma designação coletiva para os europeus e todos os organismos que eles carregam consigo” (CROSBY, 2011, p.280). A biota seria o conjunto de todas as espécies de fauna e flora de um local, e nesse sentido ela seria portátil por acompanhar o povo europeu em suas conquistas pelo Novo Mundo e por outras partes do globo como a África e a Oceania. Uma “transferência de longa distância de culturas, animais domesticados e doenças causadas por micróbios ou patógenos”<sup>95</sup> (MCNEIL, 2012, p.433, tradução nossa). Este termo estaria interligado ao contexto denominado de Intercâmbio Colombiano, termo que o próprio Alfred Crosby criou em seus estudos anteriores.

O intercâmbio colombiano gerou trocas de biota pelas mais diferentes regiões do globo e foi “por vezes intencionalmente e às vezes acidentalmente”<sup>96</sup> (MCNEIL, 2012, p.433, tradução nossa) provocado, e mesmo quando em forma de “uma introdução intencional, levou a vastas consequências não intencionais”<sup>97</sup> (MCNEIL, 2012, p.434, tradução nossa), como foi o caso do ingresso de cavalos no Pampa ou na Austrália<sup>98</sup>, que fugiu do controle humano e passou a gerar imensas tropas de cavalos selvagens ou alçados que passaram a fazer parte da paisagem e da rotina do trabalho e da vida no campo (CROSBY, 2011, FARINATTI, 2010), exploraremos esse tópico no capítulo 4.

Antes do período de intercâmbio colombiano a maioria das espécies “úteis” e facilmente domesticadas estavam na Eurásia e foi nessa região que surgiu as primeiras domesticações e civilizações. Foram essas primeiras civilizações que aceleraram um processo

---

95 No original: “long-distance transfers of crops, domesticated animals, and disease-causing microbes, or pathogens”.

96 No original: “sometimes intentionally and sometimes Accidentally”.

97 No original: “An intentional introduction led to vast unintended consequences”.

98 No pampa o gado cavalari chegou antes, no ano de 1580 (CROSBY, 2011, p.194) ou ainda antes, pois no relato de Isabelle aparece que o ano de entrada destes animais no pampa foi 1568 (ISABELLE, 2006, p.112). Na Austrália sete indivíduos chegaram em 1788. Em 1810 totalizavam 1134 e uma década depois o seu número já havia quadruplicado. Os cavalos selvagens na Austrália, os Brumbies, eram estimados entre 8 a 10 mil no ano de 1960 (CROSBY, 2011).

de troca de espécies entre si o que ocasionou uma dispersão por boa parte do velho mundo. Seja pela rota da seda ou por outros caminhos, elementos da fauna e da flora foram espalhados por um vasto território e durante um longo período através da Ásia, África e Europa. Além da flora e fauna, estas primeiras trocas fizeram com que variadas doenças fossem trocadas e assim esses povos acabaram tendo o seu sistema imunológico fortalecido devido ao constante contato, não sem ocasionar diversas consequências negativas como epidemias e pragas. Enquanto isso outras partes do mundo como Papua, Austrália e Américas permaneciam apenas com limitadas trocas locais e capacidade imunológica limitada para uma variedade de doenças que logo desembarcariam em suas praias (CROSBY, 2011; DIAMOND, 1997).

Para explicar como a biota portátil trazida pelos europeus conseguiu se desenvolver tão bem no bioma Pampa, Crosby levanta a hipótese que este ambiente estava fragilizado no momento de chegada dos europeus ainda no século XV. Sendo uma das últimas regiões a ser ocupada por humanos, as planícies pampeanas haviam recebido o primeiro impacto ambiental decorrente da ação humana a relativo pouco tempo. Assim, com a intensificação da ocupação ibérica sob o bioma nos quatro séculos seguintes, o território passou a ser modelado “como um brinquedo nas mãos de um colosso pouco cuidadoso. Os ibéricos o reconstruíram, embora quase sempre sem tal intenção, usando novas peças se as velhas estivessem faltando ou fossem inadequadas, e acabando por convertê-las em seus organismos dominantes” (CROSBY, 2011, p.290). Esta foi uma história não somente de acertos, mas de muitos testes, derrotas e recuos. A relação entre os humanos e o ambiente do Pampa teve diversos atores vindos de diversas realidades diferentes e que formaram ali na região uma intrincada rede de relações que gerou resultados nem sempre esperados. Dentre esses agentes históricos uma diversidade de não-humanos tanto nativos quanto exóticos, que juntos viriam a formar a biodiversidade do Pampa que conhecemos hoje.

Os portugueses, e europeus em geral, ao transladar “plantas e animais economicamente interessantes, estavam acelerando o processo natural da cosmopolitização das floras e faunas terrestres, desvanecendo-se assim a tendência de diferenciação e de endemismo iniciada com a separação dos continentes em tempos muito remotos” (DEAN,

1992, p.2). Esse processo globalizante gerado pela colonização criou ligações entre diversos locais do planeta e uma intensa circulação de ideias, pessoas e biotas.

Os indígenas mesmo antes da colonização europeia já carregavam consigo espécies de plantas e as espalhavam pelos territórios que percorriam. Continuaram a realizar suas próprias alterações ambientais ao adotar culturas exóticas trazidas por europeus como arroz, laranja, banana e cana-de-açúcar, mas dificilmente faziam o mesmo para os animais, dos quais consumiam logo a carne em vez de investir na criação dos mesmos (DEAN, 1992, p.103). Os africanos também trouxeram à América diversas espécies vegetais que impactavam seus rituais religiosos e sua culinária, formando uma ‘neo-afro-europa’ (DEAN, 1992, p.115). Essa influência indígena e africana é sentida principalmente no idioma português falado no Brasil, que apresenta inúmeras expressões oriundas dessas culturas, o próprio nome do bioma Pampa é derivado de um idioma indígena.

Um último conceito importante de ser mencionado é o de paisagem. Ela é “o conjunto de elementos concretos de um local que são visualizados, interpretados, compreendidos e depois descritos num documento” (CORRÊA, 2008, p.137), ou seja, “a representação de um cenário que outro indivíduo avistou” (CORRÊA, 2008, p.137). Vamos um pouco além da conceitualização da historiadora Dora Corrêa, pois é importante incorporarmos e salientarmos a presença dos outros sentidos na apreensão e formulação da paisagem, pois muitas vezes os viajantes descrevem o que estão vivenciando através dos sinais sonoros, olfativos, táteis e até mesmo através de seus paladares. A paisagem é uma representação criada por humanos em relação às suas experiências de vida e de como estão envolvidos com o mundo ao seu redor. (OLSEN, 2003, p.91), não sendo necessariamente uma descrição totalmente correta, real ou com caráter científico, pois passa por filtros culturais de cada indivíduo.

A paisagem pode ser compreendida ainda como “um espaço que é observado por alguém e que, pelo artifício narrativo, nos faz ver o ponto de vista do observador, e não a partir do ponto de vista do” (RUNDVALT, 2016, p.13-14) leitor. É uma forma que temos de acessar um mundo que já não existe mais. Mesmo que eu esteja olhando para o cerro Chapadão no interior de Jaguari, um local extremamente familiar para mim, o que estou observando não é a mesma paisagem descrita por Arsène Isabelle no ano de 1833.

Diante do vau, à distância de um quarto de léguas, isolada na planície verdejante, eleva-se uma montanha de mais de cem toesas de altura que parece uma fortaleza defendendo a paisagem e protegendo a planície. Sua forma é exatamente de um catafalco, com umas sessenta toesas de comprimento, no cume, por umas dez de largura, e bastante estendida para o norte e para o sul. A parte que dá para o oeste é irregularmente arborizada e cheia de verdes clareiras. A rocha [...] está coberta, no cume, por um tapete de relva sempre verde. A parte que dá para leste é uma floresta espessa. Do cabeço e do pé dessa bela montanha partem, divergindo, arroios e fontes sombreados por grandes árvores. A maior parte dos arroios dirige-se ao Jaguari, depois de ser serpenteado na planície. Este rio, que cerca de nordeste a sudeste todos esses prados, contribui muito para a beleza da paisagem (ISABELLE, 2006, p.206-207).

Mesmo que hoje alguém corra pelo tapete de relva ou nade nas águas do rio Jaguari, essa paisagem está marcada de alterações e permanências. A grama que se pisa hoje não é a mesma avistada por Isabelle, o rio é o mesmo, mas suas águas já foram renovadas inúmeras vezes através dos séculos. Talvez alguma árvore centenária tenha tido a chance de sobreviver o teste do tempo, mas, mesmo assim, ela já não é a mesma que compunha aquela paisagem. Talvez as rochas, o curso do rio e outros elementos possam ter permanecidos sem grandes mudanças, porém a paisagem não é a mesma. A vila tornou-se cidade, os prados agora produzem gêneros alimentícios em larga escala enquanto pontes cruzam o rio Jaguari. O som dos bugios (*Alouatta*) escutado por Isabelle ainda pode ser escutado no meio da Mata Atlântica que cobre o cerro cercado de campos do Pampa e ficam registrados na mente como parte constituinte dessa paisagem. A paisagem se constitui justamente como memória (SCHAMA, 1996).

A paisagem também era “elemento privilegiado da criação cultural das nacionalidades” (MURARI, 2002, p.8). Segundo a pesquisadora de literatura Mirhiane de Abreu foram justamente os “relatos de viagem e representações pictóricas de pintores e desenhistas que acompanhavam as então abundantes expedições científicas aproximando do perfil desses viajantes em trânsito pelo olhar ‘paisagístico-naturalista’ que procuram fixar, literalmente, a paisagem nacional” (ABREU, 2001, p.61), constituindo assim papel importante na criação e na memória das paisagens nacionais.

Ao longo do tempo a humanidade:

reduz o mundo natural a ‘paisagem’ – entornos domesticados, aparados e moldados para se adequarem a algum uso prático ou a estética convencional – ou também, o que é ainda mais assustador, a ‘espaço’ – planícies desertas aplainadas a rolo

compressor e sobre as quais o extremo do narcisismo da espécie se consagra em edificações (DEAN, 1996, p.24).

A representação de uma paisagem é “formada por imagens, adquire forma de realidade quando expressa em palavras e se transformada em texto; Isto, multiplicado e difundido por quem o partilha, contribuirá para a formação de uma representação social que legitimará [...] a dominação do espaço”<sup>99</sup> (TOURN, 2001, p.275, tradução nossa). Ao longo dos próximos capítulos discutiremos as paisagens descritas por esse grupo de viajantes, na busca de alguma forma, acessar aquele mundo que ficou no passado, mas que através de permanências e alterações pulsa no tempo presente.

### 3.4 ÁRVORES VIZINHAS: A HISTÓRIA GLOBAL E A HISTÓRIA DAS IDEIAS.

Ainda mais recente do que a história ambiental, é a história global, um campo historiográfico que tem conquistado espaço desde a década de 1990 e influenciado trabalhos sobre temas e atores históricos transnacionais (IRIYE, 2012, p.1-2), principalmente. Segundo o historiador Sebastian Conrad (2016) a história global começa durante o período da Guerra Fria e passa a ganhar mais importância no século XXI com historiadores mais conectados através de viagens por diferentes países, a popularização da internet e a existência de muitos acervos em caráter online, que possibilitam um contato entre pesquisadores de diferentes regiões do mundo e a criação e manutenção de redes de pesquisa. Além disso, o autor defende que a história global é uma resposta para a criação de um conhecimento histórico mais inclusivo, menos nacionalista e menos eurocêntrico. O historiador Akira Iriye (2012, p.2) também destaca que a história global rompe com um modo de escrever a História mais tradicional, mais hegeliano e centrado no Estado-Nação.

Metas, essas, que se alinham bem as características já comentadas sobre a história ambiental, campo do conhecimento que também procura reduzir o protagonismo humano da escrita da História e muitas vezes se dedica ao estudo de regiões fora do âmbito europeu. Conrad alega que a história global tem a capacidade de estudar um fenômeno e colocá-lo em

---

99 No original: “formada por imágenes, adquire una forma de realidad al ser expresada em palabras y convertirse em un texto; este, multiplicado y difundido por quienes lo comparten, contribuirá a la conformación de una representación social que legitimará [...] la dominación del espacio”

um contexto global, essa característica nos estimula a criar uma pesquisa que realize um diálogo entre as ideias ambientais sobre o Pampa em conexão global com as ideias oriundas de outros espaços, que no caso dessa pesquisa com os viajantes, são majoritariamente espaços de discussão europeus. Conrad (2016) inclusive elenca a troca de ideias como um dos principais pontos a ser objeto de estudo de pesquisas em história global.

Como um jovem historiador japonês nos anos 1950, Akira Iriye, revela que seus primeiros estudos eram centrados na História das nações, primeiro se dedicou a estudar o Reino Unido e depois partiu para o estudo dos Estados Unidos e da China aplicando o mesmo modelo que havia aprendido e utilizado para o caso britânico (2012,p.3). Iriye explica que naquela época a História era escrita sem pensar nas particularidades de cada país e todos estavam preocupados em escrever parâmetros universais para cada Estado-Nação e tudo o que fugia de padrões era considerado ‘excepcionalismos’. A escrita da História chinesa, segundo Iriye (2012), era ainda muito pautada na falta de contato com o mundo ocidental, porém, cada vez mais pesquisadores começaram a ressaltar ideias e instituições chinesas, com uma perspectiva historiográfica partindo de dentro para fora, e não o contrário, como era o usual. Em nossa pesquisa, partimos das visões dos viajantes, mas não encaramos eles como entes que trazem todo o conhecimento para a América do Sul. Dentro dos limites e possibilidades da fonte, procuramos compreender o pensamento ambiental dos habitantes do Pampa e verificar como os viajantes também mesclam suas ideias com ideias já presentes na região. Todavia, é uma tarefa bastante difícil, pois faltam relatos de moradores locais, como já verificou Moretto (2021). Procuramos evitar escrever um trabalho em uma perspectiva eurocêntrica que desconsidere o pensamento local, mesmo que a maioria das fontes utilizadas seja de origem europeia.

A partir da década de 1960, a historiografia de maneira geral recebe uma virada de cunho social. Temas sobre minorias, incluindo temas ambientais, começam a ser parte das preocupações e discussões da comunidade acadêmica, para Iriye (2012), esse movimento auxilia a diversificar a História, apesar de ainda estar pautado na noção de nação. A história comparada também ganha força nesse momento, com muitos historiadores criando estudos comparando temas de um país com outro, continuando centrados na nação. É apenas no final da década de 1980 que estudos passam a utilizar o termo transnacional e partir de perspectivas

menos voltadas para um recorte estatal único. A história transnacional e história global muitas vezes são utilizadas como sinônimos, apesar de possuírem suas leves diferenças (IRIYE, 2012, p.11), em comum:

a história global e a história transnacional compartilham duas características. Em primeiro lugar, ambos olham para além das fronteiras nacionais e procuram explorar interconexões além-fronteiras. Em segundo lugar, estão particularmente preocupados com questões e fenômenos que são relevantes para toda a humanidade, e não apenas para um pequeno número de países ou para uma região do mundo <sup>100</sup> (IRIYE, 2012, p.11, tradução nossa).

Estudos sobre civilizações, religiões e recortes de espaços físicos, como é o caso do Mediterrâneo para Fernand Braudel, já rompiam com essa perspectiva nacional muito antes de cunharem os termos história global ou transnacional. Segundo Conrad “o interesse em analisar fenômenos que ultrapassam a fronteira pode não ser novo, mas agora delimita uma nova reivindicação”<sup>101</sup> (CONRAD, 2016, p.4, tradução nossa). A história ambiental já realizava iniciativas nessa perspectiva também. Alguns autores como John McNeill, Erin Mauldin e Shawn Miller propõem uma interligação entre esses campos históricos formando uma história ambiental global, porém a iniciativa ainda é bastante recente e pouco propositiva.

Nossa pesquisa é bastante influenciada pela perspectiva transnacional, abordando a região de fronteira dos Estados platinos. Nosso foco é uma região específica e recortada por fronteiras, mas ela está conectada a outras regiões do globo através dos viajantes. A história transnacional “foca nas ligações transnacionais, seja através de indivíduos, identidades não nacionais e atores não estatais, ou em termos de objetivos partilhados por pessoas e comunidades, independentemente da sua nacionalidade<sup>102</sup>” (IRIYE, 2012, p.16, tradução nossa), corroborando com as bases de nossa pesquisa que tratam de ligações transnacionais; identidade regional; atores não estatais – em sua maioria; e de pensamentos que independem

---

100 No original: “global history and transnational history share two characteristics. First, they both look beyond national boundaries and seek to explore interconnections across borders. Second, they are particularly concerned with issues and phenomena that are of relevance to the whole of humanity, not just to a small number of countries or to one region of the world”.

101 No original: “An interest in examining cross-border phenomena may not in itself be new, but now it stakes a new claim”.

102 No original: “focuses on cross-national connections, whether through individuals, non-national identities, and non-state actors, or in terms of objectives shared by people and communities regardless of their nationality”.

da nacionalidade, apesar de serem influenciados por ela em algum grau, pois nenhum ator histórico é desconectado da realidade em que nasceu e cresceu.

Abandonar completamente o recorte nacional é uma tarefa difícil e talvez até mesmo desnecessária. A historiadora Angelika Epple (2018, p.404-405) ao teorizar sobre história global e a importância desse campo para sugerir outras perspectivas que não as nacionais, acaba dando um exemplo de como uma rede de fast-food pode ser analisada globalmente, em seu exemplo, Epple cita como as redes de fast-food acabam se adaptando de um país para o outro, mencionando Dinamarca, China, França e Alemanha, só que ao fazer isso a autora novamente cai no recorte tradicional de nacionalidade que ela própria afirmava que a história global poderia superar - “a história global visa o objetivo de superar o paradigma nacional ou imperial<sup>103</sup>” (EPPLÉ, 2018, p.395, tradução nossa).

O termo Global “é um termo genérico que representa abordagens inovadoras e recentes de fazer história além da nação e além do eurocentrismo de uma maneira que não abandona a comparação histórica, mas se distancia daqueles elementos da prática comparativa baseados no nacionalismo metodológico”<sup>104</sup> (SCHULZ-FORBERG, 2013, p.48, tradução nossa), longe de ser um termo para se referir a uma história total do globo, que teria proposta diferente. Particularmente encaramos a história global muito mais como uma abordagem do que como uma metodologia ou campo historiográfico, pois ela não oferece pilares suficientes para sustentar uma perspectiva de pesquisa de maneira isolada como outros campos oferecem. A história global se apresenta mais como um ponto de partida, um ajuste no recorte espacial e uma perspectiva diferente para encarar nossos viajantes como conectores de diferentes mundos e ideias. Nada tão diferente do que a história ambiental já nos proporcionava com muito mais alcance e profundidade, assim a história global vem mais a somar na perspectiva teórica que a pesquisa já se estruturava, do que oferecer novos caminhos.

Se pensarmos nos relatos de viagem, podemos conferir que em fins do século XVIII e ao longo do século XIX, os Estados europeus articulavam um grande projeto de expansão política e comercial em escala global, onde os relatos de viagem escritos sobre locais distantes

---

103 No original: “global history aims toward the goal of overcoming the national or imperial paradigm”.

104 No original: “It is a generic term representing recent, innovative approaches of doing history beyond the nation and beyond Eurocentrism in a way that does not abandon historical comparison, but distances itself from those elements of comparative practice that are based on methodological nationalism”.

e exóticos serviam como forma de criar uma consciência planetária onde a Europa, como uma unidade, deixa de ser vista como mera região do mundo para ter um caráter de protagonista no processo planetário (PRATT, 1991, p. 154).

Nesse viés, os viajantes atuam como ponto de encontro de diferentes ideias e como dispersores de ideias sobre a natureza. São conexões entre diferentes realidades e partes do mundo que esses viajantes estabelecem, aproximando espacialmente distintos lugares através de suas ideias na formação de redes globais, criando integrações. Os viajantes são formadores potenciais de laços iniciais, que formarão, ou não, redes entre locais que até então estavam desconectados ou pouco conectados. As viagens de pessoas e conseqüentemente de ideias, são parte dos processos “que ajudaram a construir o mundo globalizado em que vivemos”<sup>105</sup> (CONRAD, 2016, p.64, tradução nossa) e parte dos interesses das pesquisas em história global.

Havia uma relevante leitura dos textos de viagem na Europa ao mesmo tempo em que as falas dos viajantes eram ouvidas pelos habitantes no Novo Mundo. Atuavam assim como mediadores das ideias europeias e das ideias americanas, as primeiras muito mais teóricas e ligadas aos ambientes científicos, enquanto as outras eram mais práticas e adaptadas as realidades ambientais e sociais presentes na América.

No processo de expansão europeia “o mundo mudou. O planeta deixou de ser mundo para se tornar também globo [...] mediante uma ‘unificação do mundo’, inclusive em dimensão microbiana” (BRAGA, 2019, p.3) somando essa ideia aos trabalhos de Alfred Crosby (2011) e Jared Diamond (1997). O Pampa no século XIX estava sofrendo um processo de mundialização, se conectando a outros espaços. Os agentes responsáveis por essa conexão eram muitos, dentre eles estavam escravos, imigrantes e os próprios viajantes.

Braga aponta que é importante:

situar as práticas e as representações desses viajantes em meio a empreendimentos que se propunham em escala global [...] não é por terem se apresentado como globais que essas viagens, assim como suas práticas e representações, foram planetárias. Além disso, não estamos falando de exploradores. O mundo desses viajantes foi um mosaico de diferentes campos de possibilidades (BRAGA, 2019, p.14).

---

105 No original: “that has helped produce the globalized world in which we live”

A possibilidade de contato entre diferentes localidades, especialmente grandes centros urbanos e comerciais, era um dos fatores que influenciavam na forma como certas populações eram vistas no período. A população que vivia nos interiores, nos sertões, “se distinguia pela barbárie, a ‘sociedade do Litoral’ caracterizava-se por uma civilização, acreditando-se que tal se devia, em larga medida, aos contatos desta última com as nações civilizadas” (BRAGA, 2019, p.115). Esse tipo de entendimento fazia com que as populações mais próximas do litoral ou de rotas acessíveis estivessem mais conectadas globalmente, especialmente com a Europa, em uma concepção de mundo bem eurocêntrica do período. Essa ideia, além da facilidade de escoar produtos do interior, fez valorizar terras próximas a grandes centros urbanos, portos e rios. Ao passo que as populações que habitavam os interiores, geralmente indígenas e caboclos e seus descendentes, eram vistas de formas mais pejorativas e desconexas do mundo, da civilização. O uso “da palavra ‘civilização’ em oposição a ‘selvagem’ estimulou alteridades orientadas por uma tensão entre história e natureza” (BRAGA, 2019, p.148). O gaúcho esteve muitas vezes “situado entre ‘civilização’ e estado ‘selvagem’ [...] [devido ao] modo de subsistência e de seu vínculo com a paisagem” (BRAGA, 2019, p.160). Os viajantes em contato com os gaúchos serviam como intermediários entre diferentes mundos.

Os viajantes ao criarem paralelos comparativos entre diferentes regiões do globo, especialmente sobre suas características paisagísticas ou de seus elementos naturais, colaboravam para a construção de um entendimento do planeta como um local extremamente conectado, onde “a reflexão sobre a distribuição das espécies, portanto, buscava nas analogias entre elas formas de compreender a história do globo terrestre” (BRAGA, 2019, p.213). Assim, o rio Negro diante da capela de Mercedes, no Uruguai, se assemelha à largura do rio Loiret nas redondezas de Orleans, cidade natal do viajante francês (SAINT-HILAIRE, 1987, p.192-193), enquanto o rio Ibicuí faz lembrar o rio Sena (SAINT-HILAIRE, 1987, p.253). Pelas suas similaridades, a ema (*Rhea americana*), ou nhandu em guarani, nativa dos Pampas é quase sempre chamada de avestruz (*Struthio spp.*) por viajantes como Saint-Hilaire, Baguet, Darwin e Silveira.

Outro campo histórico de nosso interesse, é a história das ideias, uma tradição historiográfica antiga, pois os historiadores frequentemente estudam ideias. A “história

intelectual se estabeleceu na metade do século [XX] como subcampo distinto sob nomes diferentes e em diferentes estilos” (WOOLF, 2014, p.520). Essa corrente historiográfica perderia força durante os anos de 1960 e 1970 com a crescente história social, mas passaria a reinventar-se nos anos 1980 como história cultural e das ideias (WOOLF, 2014). Essa última se dividiria em duas linhas: a primeira mais política seguindo os estudos de Quentin Skinner e John Pocock, enquanto a outra seria mais social e baseada em Reinhart Koselleck. Essa segunda linha estaria muito inspirada em Arthur Lovejoy, que havia estabelecido o “principal paradigma disciplinar” (ÁGOAS, 2017, p.467) da história das ideias até então: o rastreamento das ‘ideias-unidades’. De certa forma a história das ideias permaneceria por certo período de tempo muito centrada nas elites intelectuais e na personificação de um indivíduo, um rompimento disso seria dado a partir da década de 1960 com a história intelectual contextualista e a nova história cultural (ÁGOAS, 2017, p.467). Apesar dessa pesquisa partir dos relatos de viajantes, eles são apenas um caminho que estabelecemos para compreendermos o Pampa do século XIX, o pensamento ambiental recorrente do período e seus desdobramentos nesse espaço em específico. É um estudo epistemológico sobre o pensamento ambiental no Pampa de forma mais ampla que não se contém nos relatos de viagem, mas partem dele.

De certa forma essa pesquisa estabelece um diálogo com a história das ideias e com a história da ciência, buscando compreender as formas de pensamento a respeito da natureza em um período de tempo de longa duração. Busca semelhante ao que Frederico Ágoas menciona sobre as intersecções de alguns campos historiográficos:

intersecção entre a história da ciência e a história das ciências humanas, tal como tem sido praticada pela sociologia histórica e pela história intelectual, oferece a possibilidade de aprofundar o estudo cruzado de **processos históricos de longa duração**, designadamente políticos e económicos, e o **desenvolvimento de teorias, conceitos** e métodos científicos. Trata-se não só de fazer coincidir racionalidades estatais ou governativas, por exemplo, com políticas científicas e histórias disciplinares, ou de cruzar posições científicas (sociais e discursivas) com interesses individuais ou colectivos, mas de explorar também a ascendência recíproca de práticas epistémicas burocráticas ou extra-académicas, por um lado, e, por outro, práticas análogas conduzidas em domínios universitários (e equivalentes) ou no quadro do campo intelectual. (ÁGOAS, 2017, p.478, grifos nossos).

Os viajantes, em maior ou menor grau, podem ser considerados dentro da categoria de intelectuais, estabelecendo e dispersando ideias por onde passam e em locais que seus livros alcançam. Nem todos possuíam interesse de viés científico estando preocupados em registrar as informações a respeito do clima, solo e seres vivos da forma mais cientificamente correta, mas todos produziram material que fomentou discussões e formou visões sobre o mundo.

Sebastian Conrad (2016) aponta que a virada espacial fez a História repensar o espaço. Sendo que a história global tem uma contribuição nisso, pois ela rompe com o eurocentrismo e com unidades espaciais tradicionais como império, nação e civilizações. A história das ideias também contribui para as discussões a respeito da espacialidade, veremos essas questões a partir de agora.

### 3.5 TODO O TERRENO A VOLTA: A QUESTÃO DA ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E O LUGAR DAS COISAS.

A espacialidade se caracteriza como um dos elementos de análise mais interessantes e importantes para a nossa pesquisa. Pensar sobre como questões espaciais afetam o cotidiano, o estabelecimento de cidade e as viagens pelo Pampa nos garante perspectivas mais complexas a respeito da realidade estudada. Em consonância a isso, podemos refletir sobre a agência das coisas na História, pois “a vida humana consiste na incessante e variada interação entre pessoas e uma miríade de tipos de coisas” (SCHIFFER, 1999, p.2 apud OLSEN, 2003, p.87).

Utilizamos o conceito de coisas, por mais genérico que ele aparente ser em uma primeira impressão. Ele se refere a uma “brigada inteira de atores: pratos, garfos, lápides, humanos, pilhas de lixo, penicos, livros de leis, instrumentos musicais, etc., agindo juntos em uma teia relacional”<sup>106</sup> (OLSEN, 2003, p.99, tradução nossa) e para analisar essa intrincada teia de coisas estamos nos pautando no trabalho do arqueólogo Bjørnar Olsen que realiza um trabalho não-antropocêntrico, buscando destacar a capacidade das coisas atuarem como

---

106 No original: “whole brigade of actors: plates, forks, gravestones, humans, garbage pits, chamber pots, law books, musical instruments, etc., acting together in a relational web”.

agentes históricos e terem papéis relevantes na História, que constantemente é escrita de forma que “toda a honra e fama mais uma vez é clamada por um único ator, o sujeito humano, quando na realidade uma completa companhia de atores”<sup>107</sup> (OLSEN, 2003, p.100, tradução nossa) é que formam os acontecimentos históricos.

Essa perspectiva de Olsen está amparada no que chamamos de virada espacial, que é uma virada ontológica do pensamento contemporâneo que se contrapõe à virada linguística. A virada espacial apresenta “uma hostilidade ao antropocentrismo kantiano, a convicção da necessidade de um retorno aos objetos e às coisas em si mesmas e, por fim, a necessidade de se desenvolver novos modos (e desafios) de pensar” (ARMANI, 2015, p.82). Os pensadores que trabalham partindo dela reconhecem que ao estudar qualquer tema histórico “por mais que se use a linguagem para descrever e interpretar estas circunstâncias, há algo de extralinguístico nelas” (ARMANI, 2015, p.96), afirmando que “não existe mundo das ideias (ou mundo do texto) fora de um mundo formado por uma totalidade de entes que se remetem uns aos outros, entre os quais, deve-se levar em consideração entes não humanos que habitam, com os humanos, o mundo” (ARMANI, 2015, p.82). Seres, vivos ou não, que ocupam espaço, que interagem uns com os outros e resultam em inúmeros desdobramentos que podem ser analisados e compreendidos como parte da História, “trata-se de histórias que independem da consciência humana, mas só podem ser reconstruídas por meio delas” (KOSELLECK, 2014, p.78). Boa parte dessa perspectiva aglutina ideias com a história ambiental, destacando a relevância dos não-humanos no mundo e vendo o espaço como mais do que um repositório cultural de significados (JERRAM, 2013, p.410) dos quais os humanos nomeiam as coisas e as utilizam livremente e sem consequências.

Pensamos na possibilidade de elencar as coisas a partir do estabelecimento de cinco categorias de coisas, seriam elas: as plantas e os animais, que são seres vivos e possuem movimento, pois deslocam-se ou crescem; as características geográficas que formam as paisagens, como os rios, montanhas e grupos de seres vivos, como as florestas; os objetos criados pelos humanos, incluindo uma infinidade de tipos, como ferramentas, roupas e brinquedos; e, por fim, um grupo dividido em dois: as coisas que não podemos ‘tocar’, que

---

107 No original: “all the honour and fame is once again claimed by a single actor, the human subject, when in reality a whole company of actors”.

não ocupam um espaço necessariamente, como as moléculas, o ar, as estrelas... E um desdobramento deste grupo que seriam as coisas virtuais, os dados e informações que podemos ver e interagir, mas não tocar.

Uma questão da espacialidade que dita o ritmo das viagens são as distâncias e as características do terreno. Um terreno cheio de coxilhas para subir, arroios para vadear e banhados para atravessar, aumentam o tempo da viagem consideravelmente, exigem mais esforço do corpo do viajante e do cavalo que geralmente o carrega, exigem mais paciência para a mente. Nesse sentido muitos viajantes reivindicavam melhores estradas e ligações entre diferentes localidades, atestando que em muitas regiões as vias de transporte eram muito deficitárias. Pontes ou balsas também eram necessárias em diversos pontos de arroios e rios, sendo a ausência dessas construções sentidas. Nota-se que “desde o final do século XVIII as condições geográficas e outras condições meta-históricas ficaram cada vez mais disponíveis. As condições meta-históricas foram cada vez mais integradas na história – com limites” (KOSELLECK, 2014, p.85), e desde então só se aceleraram as velocidades e se aproximaram as distâncias. Uma viagem de avião entre Vancouver e Rio de Janeiro pode levar menos tempo do que uma viagem de ônibus entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, apesar da distância espacial ser muito menor. Os meios de transporte, coisas, inventados pelos humanos e inspirados em outras coisas, como os pássaros e insetos que voam nos céus, estão cada vez mais velozes e distorcendo nossas concepções de espaço-tempo. Antigamente uma carta poderia levar semanas para chegar até o seu destinatário, hoje trocamos mensagens de forma automática via digital. O oceano Atlântico que foi uma barreira intransponível por séculos, viu as caravelas portuguesas o cruzarem em questões de meses e hoje esse mesmo oceano presencial aviões o cruzando em questão de horas. Todas essas coisas e suas consequências, são temas a serem estudados e pensados para nossas pesquisas. Precisamos criar uma consciência espacial, que para a geógrafa Gladys Tourn “permite ao indivíduo compreender o papel do espaço e o lugar em sua biografia, como o espaço afeta as relações entre indivíduos e organizações”<sup>108</sup> (TOURN, 2001, p.275, tradução nossa), essa consciência espacial se forma quando se reconhece a relação com o seu entorno.

---

108 No original: “permite el individuo comprender el papel del espacio y el lugar em su biografia, cómo el espacio afecta las relaciones entre individuos y organizaciones”.

Importante no século XIX é o estabelecimento dos povoados, Daniel Braga menciona que “a localização de cidades em sua relação com o mar ou rios” (BRAGA, 2019, p.90) era importante para a relação que as populações da Mata Atlântica estabeleciam com as doenças tropicais, como é o caso da febre amarela. No século XVIII essa doença começa a se tornar frequente e as expedições pelo rio Tietê em direção ao interior se tornavam cada vez mais perigosas (DEAN, 1996, p.119). Já no Pampa, os povos Tupi-Guarani que chegaram ao Rio Uruguai “estabeleceram-se em locais ‘com acesso a fontes ricas de água e florestas densas, onde poderiam reproduzir seu estilo de vida’. Eles escolheram terras férteis ideais para a agricultura, coletaram moluscos, pescaram nos rios e lagos e caçaram animais na floresta”<sup>109</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.202, tradução nossa). O acesso à água era algo vital para o estabelecimento de qualquer assentamento humano, no capítulo 4 falaremos disso novamente.

Procurava-se também construir as habitações em colinas com campos abertos a sua volta, para que se pudesse ter uma visão dos arredores e conseqüentemente mais segurança, assim “era possível ver o que se aproximava e defender-se com antecedência” (THOMAS, 2010, p.275). Tal característica foi bem comum no Pampa cheio de coxilhas que permitiam tais perspectivas.

Saint-Hilaire indicava que a população de Pelotas aumentaria com os habitantes sendo “atraídos pela posição favorável, **pela beleza da região** e riqueza dos que já se acham aqui estabelecidos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.82, grifo nosso). As vias fluviais, marítimas ou terrestres que permitissem fácil deslocamento também se constituíam como prováveis locais para o estabelecimento de comunidades, principalmente para impulsionar o comércio e facilitar a comunicação entre uma área nova e outros centros já estabelecidos. Pelotas através do canal de São Gonçalo possuía fácil acesso fluvial à Lagoa dos Patos que lhe permitia comunicação fácil com a capital da província, Porto Alegre, e com a cidade vizinha e portuária de Rio Grande. Assim, as condições naturais de Pelotas favoreceram ela se tornar um centro que recolhia o gado e produzia couro e charque para exportação, impulsionando a

---

109 No original: “settled in places 1with access to rich sources of water and dense forests, where they could reproduce their lifestyle’. They chose fertile lands ideal for agriculture, gathered molluscs, and fished in the rivers and lakes, and hunted animals in the forest”.

economia local. A combinação das características ambientais com os interesses e trabalho humano é que transformam Pelotas em um florescente centro comercial no período.

A concepção individual ou coletiva de beleza paisagística poderia ser um fator a influenciar a escolha adequada de uma nova moradia. Alexandre Baguet indica que um hábito na região próxima a São Gabriel era “os criadores escolhem sempre os lugares arborizados para construir suas casas, o que também permite reconhecer de longe seus estabelecimentos” (BAGUET, 1997, p.55), além de fornecer madeira para as construções, para ferramentas e para aquecimento. Já Saint-Hilaire observa que as casas próximas de Porto Alegre são sempre construídas sobre elevações de terreno (SAINT-HILAIRE, 1987, p.27). As características naturais de cada lugar entravam em jogo no planejamento habitacional e muitos viajantes observavam os lugares por onde passavam a fim de indicar, partindo de suas concepções de mundo, quais seriam os melhores locais para o estabelecimento de novas comunidades ou colônias. Robert Avé-Lallemant reforça as qualidades do entorno de uma recente colônia fundada, registrando que “em Taquari acabam de ser demarcadas seis milhas quadradas de terras livres para uma colônia numa região, aliás, de excelentes terras e que, **por causa do rio**, está em ininterrupta ligação com Pôrto Alegre” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.360, grifo nosso), demonstrando a importância da espacialidade dos rios como conectores de comunidades, que possibilitava um trânsito entre duas ou mais localidades. Richard White (2010) aponta que toda experiência espacial passará por algum tipo de movimento, seja de bens e produtos, seja de movimento livre de animais ou ideias e informações. Assim, as fronteiras também constituem-se como um espaço de experiência, as fronteiras são movimento.

Uma importante dicotomia se dá através da presença e da ausência. Se uma coisa está presente, ela pode ser utilizada e explorada, como é o caso dos elementos naturais vistos como recursos. Por vezes a presença de uma coisa é tão banal que nem a notamos no dia a dia. as coisas do mundo material “não chamam atenção para elas próprias. Elas estão tão integradas em nossas vidas, estando ao mesmo tempo como a mais óbvia e mais escondida”<sup>110</sup> (OLSEN, 2003, p.94, tradução nossa). Giramos uma torneira todos os dias para consumirmos água

---

110 No original: “do not call attention to themselves – they are so integrated in our lives, being at the same time the most obvious and the best hidden”.

potável, mas se há um problema na rede de abastecimento e ficamos horas ou dias sem acesso à água, notamos a sua ausência. Se compramos uma embalagem e necessitamos de uma tesoura para abri-la e não encontramos esse objeto perdido na bagunça de nossos lares, sentimos a sua ausência. Dentro dessa perspectiva, “visitantes e colonos ficaram impressionados com os animais que estavam ausentes na Nova Inglaterra como também por aqueles que estavam presentes”<sup>111</sup> (CRONON, 2011, p.23, tradução nossa), no Pampa uma das ausências mais sentidas é em relação às árvores, que são bem menos presentes do que em outros biomas. Vamos analisar o desdobramento dessa ausência e entender como a sociedade pampeana contornou o problema, no capítulo 4.

Se analisarmos o seguinte trecho sobre a produção de erva-mate na Província do Rio Grande do Sul, identificaremos inúmeras coisas que estão presentes no processo: “parte dessa **erva-mate** era transportada em **carroças** ou em **animais** até as margens do **rio Uruguai**, de onde seguiria, em **barcos**, para os mercados consumidores estrangeiros da Argentina e do Uruguai”<sup>112</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.207, tradução nossa, grifo nosso). Tudo depende primeiramente da existência da erva-mate, que sendo nativa ou cuidada pelos humanos, é a base desse comércio. Depois há o uso do trabalho animal ou de veículos construídos pelos humanos utilizando coisas – madeira, ferramentas, etc., para enfim chegar até um rio e todo o produto ser transportado por outro meio de transporte. Sem a existência de tantas coisas um comércio de erva-mate não se estabeleceria se esse produto fosse levado em caminhada do norte do Rio Grande do Sul até Buenos Aires nas mãos de um mercador. Os humanos criam meios de facilitar seu trabalho e vida cotidiana a partir de uma miríade de coisas que oferecem possibilidades e limites para o desenvolvimento de atividades.

Uma das passagens mais significativas dos relatos analisados se dá através da presença de um objeto e de um encontro nos Pampas, já ilustramos esse ocorrido em texto anterior (MINUZZI, 2017, p.113-114), porém vale a pena retomá-lo. Robert Avé-Lallemant estava em São Borja quando procurou pela casa do famoso viajante e botânico Aimé Bonpland, que

---

111 No original: “Visitors and colonists were impressed by the animals that were absent from New England as by those that were present”.

112 No original: “Some of this yerba mate was transported in carts or on animals to the shores of the UruguayRiver from where it would continue, on boats, to the foreign consumer markets of Argentina and Uruguay”.

havia sido o principal companheiro de viagem de Alexandre von Humboldt na virada do século XIX. Essa dupla de naturalistas influenciaram muitos dos que vieram depois deles e estabeleceram dinâmicas e práticas compartilhadas nessa categoria. Avé-Lallemant era fruto da viagem dos dois, ele inclusive estava no Brasil através de recomendações expressas do próprio Humboldt. Na cidade missioneira, o viajante alemão foi informado de que Bonpland já não residia mais na cidade, ele havia se mudado para a província argentina vizinha, Corrientes. Contaram também que o velho viajante estava muito doente e já não respondia as cartas de seus amigos brasileiros. Mesmo sabendo da ausência de Bonpland na cidade, ele procura sua antiga morada, já abandonada. Avé-Lallemant relata que “em vão busquei uma lembrança [...] nada mais havia, nem sequer as portas [...] encontrei, no chão, uma guampa [...] apanhei-a e levei-a comigo [...] como querida e valiosa relíquia do lar de Bonpland” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.269). Este objeto, uma guampa de boi, é levado por Avé-Lallemant como uma lembrança do velho viajante, de uma época diferente e que ele não viveu, de memórias de uma história e de uma vida que já estavam desaparecendo materialmente.

Munido da guampa como lembrança daquele passado, Avé-Lallemant partiu em busca de notícias de Bonpland, como uma tentativa quase desesperada de dar sentido para aquela história. Ele partiu “em nome da ciência” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.306), pois foi um dos últimos europeus, um dos últimos cientistas que percorreram aqueles campos em busca de Bonpland. Ao chegar à humilde localidade de Santa’ana<sup>113</sup> encontra o velho Bonpland em uma precária habitação (Figura 2) onde ele já “não tinha mais presente; pertencia à primeira metade do século dezenove, não à segunda” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.306), contava histórias e parecia já estar desconectado deste mundo. O encontro entre viajantes era mais do que um encontro de gerações, era um encontro entre o presente e o passado. O médico viajante pouco pode ajudar no reestabelecimento da saúde de Aimé Bonpland, que aos 84 anos de idade viria a falecer dezessete dias depois do encontro com Avé-Lallemant.

---

113 Hoje denominada Bonpland.

Figura 2 – Estância de Santana, onde Aimé Bonpland viveu os seus últimos anos



Fonte: (AVÉ-LALLEMANT, 1859). Elaborada na famosa editora alemã de Friedrich Arnold Brockhaus, retrata a última moradia de Bonpland e faz parte da edição original do livro de Avé-Lallemant.

## **4 O GUINCHO PRIMITIVO DO MACACO E A TROMBETA CIVILIZATÓRIA DO GALO: DIFERENTES FORMAS DE PERCEPÇÃO DA NATUREZA.**

Neste capítulo aprofundaremos nossos conhecimentos a respeito das duas principais correntes de pensamento que influenciavam a percepção ambiental no período do século XIX: o Romantismo e o Neo-Iluminismo. Estaremos atentos a como cada viajante apresenta características de um ou outro, ou mesmo de ambos movimentos em seus escritos. Muito do que era relatado vinha em forma de exaltação ou depreciação à algum local, sendo essa uma chave importante de análise que nos auxiliará a situarmos os viajantes dentro do espectro dessas linhas de pensamento. Os sentimentos de felicidade, tristeza e medo também são bons indicativos e identificaremos passagens que tenham expressado esses sentimentos relacionando-as com as percepções românticas e neo-iluministas.

Ainda durante este capítulo discutiremos o conceito de deserto, que constantemente aparece nos relatos e é atribuído ao Pampa como um espaço de vastidão desmedida, monotonia entediante e solidão profunda. A associação entre deserto e Pampa, passando pela ideia de sertão, é até hoje frequente nos discursos sobre a região e de certa forma legitima a destruição dos ecossistemas campestres, já que partindo do pressuposto de que ali não há nada, o ambiente poderia ser modificado de formas intensas sem preocupação.

Por fim, abordaremos as constantes comparações que os viajantes realizam com outros lugares, especialmente com os lugares que conheciam das suas terras de origem. Analisaremos ainda o caso do município de Rio Grande, que fica em um ambiente costeiro do Pampa e serviu de porta de entrada para muitos dos viajantes que percorreram a região, e também o caso das zonas de ecótono, as fronteiras do Pampa com outros biomas.

### **4.1 ROMANTISMO E NEO-ILUMINISMO: DIFERENTES FORMAS DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

O título dessa tese tem origem em uma passagem do relato de Robert Avé-Lallemant, que no nosso entendimento serve como um bom resumo do pensamento ambiental do período, ilustrando os principais aspectos da concepção de natureza que podem ser identificados em

muitos dos viajantes e pessoas da época. A passagem tem como atores principais o macaco, mais especificamente o bugio (*Alouatta spp.*) e o galo (*Gallus gallus domesticus*), que apesar de não serem animais nativos do Pampa, estão presentes nele, habitando suas margens ou tendo sido introduzidos pelos humanos.

É exatamente caminhando em uma dessas margens do Pampa, que Robert Avé-Lallemant escreve a passagem. Ele estava em uma zona de mata próximo do núcleo urbano da colônia de Santa Cruz do Sul e após muito caminhar por entre as árvores em silêncio acaba escutando o canto de um galo. Esse canto possuía “alta significação! Anunciando a morte da floresta e a vida da civilização” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173). O som emitido era um sinal de que alguma habitação humana estaria próxima, que logo a floresta acabaria e a civilização seria novamente encontrada pelo viajante. Onde os humanos se assentavam, levavam consigo seus animais domésticos, entre eles o galo. Em contraste ao som do galo estava o som do bugio, “cruel sempre me parece o guincho dos macacos: é o guincho do estado selvagem primitivo, da brutalidade e do desespero; não posso ouvi-lo sem sentir uma espécie de espanto” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173). O barulho feito pelos macacos eram símbolo da natureza em contraposição à civilização, era um indicativo que o viajante se afastava das margens da mata e cada vez se aproximava do coração da floresta, do mundo selvagem.

“O canto do galo, ao contrário, não é a trombeta da civilização que se aproxima? Apenas se abre uma clareira, apenas se edifica uma cabana, lá está o galo doméstico, dentro das brenhas, soltando a plenos pulmões o seu canto apostolar” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173), fazendo companhia aos humanos que estariam ‘desbravando’ tal lugar. O contraste entre estes dois animais é o contraste entre dois mundos. É a explicação do que cada lugar representava para o viajante, um pensamento muito frequente no período. Essa história reflete o contraste entre o civilizado e o incivilizado, o cultivado e o inculto, a cidade e o campo, entre o mundo humano e o da natureza.

Para compreendermos as formas de pensamento ambiental no século XIX que os viajantes aqui analisados expressam, precisamos entender mais sobre o movimento romântico e o Neo-Iluminista, além das influências predecessoras e sucessoras de ambos. Os dois possuem origem europeia, mas circularam entre pensadores de todo o mundo ocidental ao

longo do século, influenciando fortemente os viajantes. É evidente que outras concepções de natureza estão presentes no Pampa tendo origem em diferentes povos indígenas ou em tradições culturais africanas, e quanto mais um viajante permanecer no espaço platino, mais influenciado por essas ideias ele poderá estar, todavia como já mencionamos, a fonte apresenta limitações e não conseguimos rastrear de forma consistente outras formas de pensamento. Teremos que ter em mente, todavia, a pluralidade de ideias que transitaram por espaço que era uma zona de contato de inúmeros povos e culturas.

Também é importante que não naturalizemos uma dicotomia tão rígida entre os movimentos românticos e neo-iluministas, pois “embora seja habitual traçar uma linha clara entre o Iluminismo e a sua antítona romântica, esse é uma vez mais um limite criado para nosso benefício ao considerarmos muito facilmente as caracterizações dos escritores contemporâneos determinados a rejeitar seus predecessores” (WOOLF, 2014, p.379). Classificarmos um autor em uma ou outra corrente nos auxilia sintetizarmos suas ideias em uma única concepção fechada, que pode auxiliar a explicar um quadro mais amplo, mas destroça qualquer entendimento mais complexo sobre os pensamentos daquele indivíduo. Assim, trabalhamos com a ideia de um espectro entre um movimento e outro, onde cada viajante pode se posicionar de maneira geral em algum local desse espectro, mas estando livre para deslocar-se por esse espectro. Isso ficará bastante compreensível ao longo desse subcapítulo, porém já podemos efetivamente ter um exemplo disso com a passagem sobre o macaco e o galo que apresentamos de Avé-Lallemant, uma passagem que transmite pensamentos muito mais próximos e relacionados ao Neo-Iluminismo, mesmo que tenha sido escrita pelo viajante analisado que tem as ideias românticas mais salientes. Precisamos partir para uma visão geral sobre o período.

Ao longo do século XVIII predominava na Europa a ideia de que a natureza deveria ser trabalhada pelas mãos e mentes humanas a fim de extrair a máxima capacidade produtiva de cada pedaço de terra possível. Para uma Europa que muitas vezes teve problemas com a fome e que tinha que lidar com a escassez de terras agriculturáveis frente ao crescimento populacional, a produção de gêneros alimentícios era uma questão de sobrevivência. Para além disso, deixar uma terra improdutiva era malvisto do ponto de vista político e cristão com

muitas pessoas do período afirmando não ser possível “aceitar que um país tão bom e frutífero permaneça desperdiçado como terra inculta” (THOMAS, 1988, p.18).

Essa perspectiva era impulsionada pelo movimento Iluminista que priorizava a Ciência e que impulsionou muitos estudos na área das Ciências Naturais. Os iluministas ainda valorizavam espaços ordenados na natureza, tentando impor padrões geométricos tanto por questões estéticas quanto por agilidade no trabalho rural, sendo que esta “prática de plantar cereais ou vegetais em linhas retas não era apenas um modo eficiente de aproveitar espaços escassos; também representava um meio agradável de impor a ordem humana ao mundo natural desordenado” (THOMAS, 1988, p.304), ressaltando os contrastes entre o que era natureza e o que era modificado pela ação humana. Galhos crescendo para todos os lados sem aparente ordem, plantas ‘daninhas’ gerando ‘mato’ e sendo moradia para inúmeros insetos indesejados era como o grito do macaco, enquanto belas roseiras floridas, árvores podadas em formas pomposas e caminhos bem determinados, eram como o canto do galo. A ideia de alterar a natureza demonstrava a capacidade humana de exercer poder no mundo, seja mantendo as plantas de um jardim dentro de canteiros bem alinhados ou ao aumentar a produção agrícola instaurando novos métodos de plantio e colheita que permitissem um melhor aproveitamento do espaço semeado ou agilizasse o trabalho de cuidado ao logo do crescimento e do período da safra. Aproveitar e ordenar os espaços estavam relacionados a ideia de progresso que “equivale por vezes ao controle da natureza e do mundo natural, que se julga consistir de ‘fatores de produção’” (DREW, 2002, p.2).

Essas ideias que circulavam pela Europa e que moldavam a forma como as pessoas percebiam e interagiam com a natureza eram muito intensas e difundidas. Todavia em fins do século XVIII:

a antiga preferência por uma paisagem cultivada e dominada pelo homem conhecia uma contestação radical. Encorajadas pela sua facilidade para viajar e por não estarem diretamente envolvidas no processo agrícola, as classes educadas vieram a atribuir importância sem precedentes a contemplação da paisagem e à apreciação do cenário rural (THOMAS, 2010, p.316-317).

Esse contraponto ao pensamento Iluminista ganhou expressão através do Romantismo, um movimento extremamente plural e não unificado, apresentando diversas formas. De acordo com Baumer: “As raízes do mundo romântico estão profundamente inseridas no

século XVIII, e mesmo no século XVII. O Mundo Romântico é, normalmente, representado como um movimento contra o Iluminismo” (BAUMER, 1977, p.23) embora isso não signifique descontinuidade em determinados pontos ou que o Romantismo pudesse ser o mesmo sem a existência do Iluminismo, ou que a História possa ser explicada através de uma simples e bem marcada mudança de um movimento para o outro. Todavia, com o passar dos anos “existe uma mudança notável de tom intelectual em quase toda Europa no final das guerras napoleônicas e em meio ao despertar cultural da reação romântica ao racionalismo iluminista” (WOOLF, 2014, p.379).

Os românticos criaram um movimento de protesto ao mundo moderno sem necessariamente deixarem de serem modernos, eles dispendiam seu tempo e interesses na “exploração do lado oculto da vida, dos sonhos, e do inconsciente” (BAUMER, 1977, p.23), além de influenciarem nos nacionalismos modernos. A temática nacional estava no núcleo das discussões políticas do século XIX e o movimento romântico exerce sua influência sobre o tema mesmo na América, onde “representou, na literatura latino-americana, o estabelecimento do cânone documental e exótico que marcaria a auto-representação desses países [...] a observação da natureza adquiriu na literatura latino-americana uma importância singular” (MURARI, 2002, p.72), isso se dava especialmente para espaços tropicais, o que não era o caso do Pampa, provocando que a imagem do Brasil tenha se construído muito em torno da tropicalidade, se afastando da realidade encontrada no Pampa, um pequeno pedaço do território brasileiro sob o clima subtropical. Além disso, por toda a América “o aborígene e a natureza transformaram-se no meio de sondagem da formação da consciência nacional, numa ideologia [usada em um país] carente de definições exclusivas da sua identidade” (ABREU, 2001, p.53), pois os estados americanos buscavam seguir a influência dos nacionalismos europeus, mas não tinham como estabelecer seus mitos nacionais em torno da antiguidade grega ou romana ao mesmo passo em que procuravam romper e se distanciar das influências de suas antigas metrópoles coloniais europeias. O Romantismo era inicialmente um:

movimento culturalmente elitista, ou mesmo reacionário, que privilegiava a natureza em detrimento da razão e reavaliava períodos negligenciados como a Idade Média, mostrou-se adaptável pelas próximas gerações num credo para o avanço da liberdade e para a promoção de várias causas nacionalistas (WOOLF, 2014, p.381).

A pluralidade do movimento romântico refletia na falta de uma organização maior do movimento que acabava tendo suas ideias difundidas através de literatura, de arte e discussões de forma muito mais orgânica do que friamente calculada através de uma instituição ou de alguns autores principais que simbolizariam líderes intelectuais. Donald Worster (1994, p.80-81) também destaca o caráter diverso do movimento romântico, mas ressalta que de forma geral havia um interesse pelas questões biológicas nos membros ligados ao movimento.

Vivendo em uma sociedade ordenada dos iluministas, “os românticos consideravam esse mundo demasiado estreito, por causa da sua devoção, segundo julgavam, ao pensamento geométrico e à aliada doutrina do neoclassicismo” (BAUMER, 1977, p.26), viam assim na natureza outras formas de organização do mundo que não correspondia as duras e rígidas formas geométricas adoradas pelos iluministas. “Os românticos viam a natureza como um sistema de relações necessárias que não pode ser perturbado, mesmo da forma mais imperceptível sem alterar, talvez destruir, o equilíbrio do todo.”<sup>114</sup> (WORSTER, 1994, p.82, tradução nossa), em uma ideia embrionária ainda do equilíbrio ecológico. A aparente desordem do mundo natural inspirava os românticos e com o passar do tempo a natureza passou a ser cada vez mais observada e admirada, não só pelo que tinha a oferecer as pessoas, mas pela sua beleza intrínseca e sua proximidade com Deus, dentro de uma lógica cristã. Aproximando Deus da natureza “o Romantismo despertava uma renovação religiosa” (BAUMER, 1977, p.26) que havia sido enfraquecida no período predominantemente iluminista, onde a Ciência havia se sobressaído sobre as explicações religiosas, apesar de não tê-la abandonada de forma completa.

Influenciada pelo romantismo uma percepção que se altera no final do século XVIII e início do XIX é em relação ao campo. Ele deixa de ser visto apenas como um espaço produtivo e pagão para se transformar cada vez mais em um local puro e religioso, onde as pessoas poderiam se aproximar de Deus, um local livre dos vícios e impurezas das cidades cada vez mais poluídas pelas indústrias e abarrotadas de pessoas. Porém, a ideia era muito romantizada e viver a vida no campo continuava sendo para muitos um sinal de brutalidade e atraso, pois um ser só seria civilizado se vivesse na cidade na concepção geral do período

---

114 No original: “The romantics saw nature as a system of necessary relationships that cannot be disturbed in even the most inconspicuous way without changing, perhaps destroying, the equilibrium of the whole”.

(WILLIAMS, 2011). No caso inglês (THOMAS, 2010) isso provocou com que se criasse e se fortalecesse a moda das casas de campo, onde o habitante rico da cidade poderia desfrutar do mundo rural durante o final de semana sem precisar viver o seu cotidiano no campo. Além dessa mudança de percepção em relação ao campo podemos ver que “o notável nesse novo gosto era que o cenário mais admirado já não era a paisagem fértil e produtiva, porém a selvagem e romântica. Por isso, haveria um interesse crescente em preservar a natureza inculta como uma indispensável fonte de riqueza espiritual” (THOMAS, 2010, p.317), gerando a criação de parques nacionais e reservas na Inglaterra, por exemplo.

Um fator importante que possibilitou os românticos terem um contato com o modo de uso da terra proposto pelos iluministas foi o crescimento da acessibilidade do transporte ao longo do século XVIII e XIX. O próprio Charles Darwin vindo de uma família de classe alta precisou de apenas um pouco de recursos financeiros e alguns contatos para ter a experiência de embarcar em uma viagem ao redor do mundo, ou Nathaniel Bishop com apenas 17 anos já pisava pela primeira vez em um navio, recebia instruções básicas e cruzava o oceano até Buenos Aires.. “O emprego da máquina a vapor na navegação e a formação de uma grande rede de ferrovias, aproximaram-se os mercados mundiais e reduziram-se drasticamente as tarifas de transporte de carga e passageiros” (MACHADO, 1999, p.44) o que foi beneficiando a realização de viagens de turistas e naturalistas, bem como o processo de colonização da segunda metade do século XIX. A construção das ferrovias demandava a extração de muitos recursos da natureza como metais e madeira, porém através dela que se abriu caminhos que despertavam a crítica a destruição do mundo natural. No Brasil “os membros da classe média ao viajarem de trem acabavam vendo toda a ruína e abandono pelo caminho e logo surgem movimentos e críticas a donos de fazendas e de ferrovias” (DEAN, 1996, p.246), especialmente porque essas primeiras ferrovias estavam ligadas à indústria cafeeira do sudeste em território do bioma Mata Atlântica onde a derrubada de floresta era facilmente percebível. Infelizmente a questão da introdução e expansão das ferrovias no Pampa acaba não aparecendo nos relatos seja por conta da temporalidade ou por escolha dos autores.

Nos grandes centros urbanos europeus a industrialização avançava na virada do século, o que também provocava um fenômeno de busca por vidas alternativas que fugissem das cidades densamente povoadas e da poluição advinda da atividade industrial. Essa busca

muitas vezes significou uma volta ao modelo de um passado aristocrático de vida no campo, mas também de outras manifestações e formas de se conectar a natureza e a um mundo mais ‘puro’ como demonstra Keith Thomas:

A medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas na Escócia, ou no Distrito dos Lagos, no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros, e no sonho de um chalé de fim de semana no campo (THOMAS, 1988, p.16).

Essa vontade de morar no campo “reflete o desconforto gerado pelo progresso da civilização humana, a uma relutância a aceitar a realidade urbana e industrial que caracteriza a vida moderna” (THOMAS, 1988, p.302). Porém essa era uma escolha que nem todos na sociedade dispunham, pois, morar no campo não significava uma vida tranquila e sim de muito trabalho para a maior parte da população. Essa idealização do campo e do habitante do campo estava relacionada a ideia de proximidade com Deus, podemos vê-la no relato de Francis Bond Head que depois de muito atribuir as belezas da natureza à divindade, exalta também a vida do gaúcho, trabalhador do campo, onde:

a liberdade desenfreada de uma vida assim é plenamente apreciada [...] vão é o esforço para explicar-lhe os luxos e bênçãos de uma vida mais civilizada; suas ideias são que o esforço mais nobre do homem é levantar-se do chão e cavalgar em vez de andar [...] a marca do pé humano no chão é em sua mente o símbolo da não civilização<sup>115</sup> (HEAD, 1827, p.29, tradução nossa).

Essa descrição da vida do gaúcho é bastante romantizada e tenta criar uma imagem pura, e idílica e com um código de honra para a figura do trabalhador rural, de forma a exaltar suas virtudes e morais, tornando-o um ser mais puro e mais digno de Deus. No entanto, há algo positivo nela, pois não deixa de ser uma forma de reconhecer outras formas de percepção do mundo. Em tom um pouco contraditório, Francis Bond Head vai criticar essa figura do gaúcho, que enxerga cheia de indolência. Pois o gaúcho se prostra na frente de sua cabana cheia de furos, se satisfaz de estar cercado de gado, mesmo que não tenha leite, pão, frutas ou

---

115 No original: “the unrestrained freedom of such a life he fully appreciates [...] vain is the endeavour to explain to him the luxuries and blessings of a more civilized life; his ideas are, that the noblest effort of man is to raise himself off the ground and ride instead of walk [...] the print of the human foot on the ground is in his mind the symbol of uncivilization”.

verduras para se alimentar. O gaúcho é uma figura criada ao ar livre e sem desejos de luxos ou confortos (HEAD, 1827, p.29-30), ele presta “pouco serviço à grande causa da civilização, que é dever de todo ser racional promover; mas um indivíduo humilde, vivendo sozinho numa planície sem limites, não pode introduzir nas vastas regiões desabitadas que o rodeiam nem as artes nem as ciências”<sup>116</sup> (HEAD, 1827, p.30-31, tradução nossa). Dessa forma, o viajante ressalta algumas qualidades e realiza crítica a outras, porém coloca a figura do gaúcho dentro de um contexto onde essas falhas identificadas seriam justificáveis.

Uma visão semelhante e romantizada foi gerada sobre a figura do indígena onde “a tentativa de apresentar os nativos como inocentes vivendo em ‘terra virgem’ torna-os no final das contas parte do mundo natural, negando assim a sua história e herança cultural” (SAIKKU, 1999, p.190). Essa visão perdura até os dias atuais e reforça uma ideia de harmonia total com a natureza e inexistência de impactos ambientais gerados por populações humanas, ignorando o fato de que “os povos nativos tinham sido capazes de alterar grupos do reino vegetal, manipulando populações animais, e criando habitats melhor apropriados para colônias humanas” (SAIKKU, 1999, p.190), mesmo que geradoras de menores impactos se compararmos com o tipo de ocupação territorial europeia. Isso se estende aos caboclos, pois “não se pode imaginar caboclos vivendo em harmonia com a natureza, essa é uma visão romântica e irreal. Também não se pode pensar que estavam conscientes de sua responsabilidade ambiental [...] essa idéia não estava suficientemente desenvolvida no período” (GERHARDT, 2006, p.167). E a partir daqui poderíamos iniciar uma discussão interminável de o que é alterar o ambiente? Sobre qual o papel do humano nos ecossistemas? Comer uma fruta que caiu no chão, é impedir que ela seja comida por outros animais ou se torne adubo para a terra? Isso já seria uma alteração efetiva de um ambiente?

Foi a partir de 1820 que um novo movimento começa a ganhar força nos debates europeus, especialmente resgatando pontos do Iluminismo e buscando uma nova onda de cientificidade contrapondo o Romantismo, esse movimento foi o Neo-Iluminismo. Baumer em sua análise sobre esse movimento pondera que:

---

116 No original: “little service to the great cause of civilization, which it is the duty of every rational being to promote; but an humble individual, living by himself in a boundless plain, cannot introduce into the vast uninhabited regions which surround him either arts or sciences”.

O Neo-Iluminismo, no seu conjunto, exhibe muitos dos traços gerais do Antigo Iluminismo: a mesma aversão pelo sobrenatural e pela metafísica; a mesma ênfase na ciência e no «livre pensamento» (no sentido da crítica da tradição religiosa); a mesma preocupação com os problemas sociais e o activismo social; o mesmo optimismo quanto à natureza humana e à história. O Neo-Iluminismo, tal como o Antigo, era, na sua essência, mais realístico do que romântico (BAUMER, 1977, p.61).

A grande distinção entre o antigo Iluminismo e o Neo-Iluminismo, é que o mais recente estava inserido em um contexto de industrialização bastante proeminente e uma das principais pautas dos neo-iluministas era exatamente a crítica à industrialização. O período entre 1820 e 1880 é marcado como os anos do auge dessa forma de pensamento tendo como destaque o Cientificismo que significava “não só o crescimento da própria ciência, mas a tentativa, em marcante contraste com a disposição romântica para responder a todas as questões de um modo científico, transformando tudo o que é possível em ciência” (BAUMER, 1977, p.63), assim se rompia com as ideias românticas, essas que procuravam explicar o mundo a partir de uma retomada religiosa e aproximação com o divino, além de valorizarem o mistério presente nas coisas desconhecidas da vida.

Entre as várias dissonâncias entre Neo-Iluminismo e Romantismo, uma delas era referente as ideias a respeito da natureza. Franklin Baumer indica que “a natureza do Neo-Iluminismo era muito diferente da natureza romântica” (1977, p.68), principalmente por se basear na noção de determinismo, esse marcado como “o dogma principal da ciência de meados do século, o principal atributo da natureza, como se entendia no mundo do Neo-Iluminismo” (BAUMER, 1977, p.69). Acreditar em uma natureza determinada a certas ações permitia, nessa concepção, que a humanidade a estudasse a partir da Ciência, a compreendesse e passasse a controlar. Assim o conhecimento era compreendido como uma forma de poder. Apenas no século XX que essa ideia de determinismo foi sendo criticada e um pensamento sobre possibilismo foi sendo incorporado, demonstrando que o determinismo se pautava no progresso e em “ilusões humanas de domínio sobre a natureza” (DREW, 2002, p.3). O possibilismo passa a propor a ideia de que “o homem não é passivo, mas sim um agente geográfico, apto a agir sobre o meio e modifica-lo, dentro de limites naturais de espaço e de possibilidades de desenvolvimento” (DREW, 2002, p.4).

Em maior ou menor intensidade essas ideias correntes na Europa influenciavam os viajantes, que ao desembarcarem em uma região totalmente nova, o Pampa, acabavam expressando concepções que possuíam sobre a natureza adaptadas à realidade encontrada nesse bioma. Os viajantes aqui analisados possuíam em certo grau uma carga de leitura e um conhecimento dos principais pensadores e das principais discussões sobre a natureza, quando não estavam pessoalmente envolvidos em círculos sociais desses pensadores ou em redes acadêmicas e intelectuais. Dessa forma podemos analisar até que ponto essas formas de pensamento se encontram presente nos relatos e como elas agem na percepção sobre a natureza do Pampa.

O viajante com mais traços do romantismo em seu relato é Robert Avé-Lallemant, como já foi mencionado esse médico alemão possuía uma rede de sociabilidade com expoentes do romantismo alemão e sua propensão as ideias românticas se confirmam ao longo do relato. A historiadora Jacqueline Ahlert designa que “o discurso de Avé-Lallemant se vincula mais ao romantismo no sentido estrutural e estilístico do texto” (AHLERT, 2012, p.37). Em Santa Cruz do Sul, numa área de Mata Atlântica próxima ao Pampa o viajante escreve a seguinte passagem:

Sempre que vejo a mata virgem caindo a golpes de machado e a força de fogo, ocorre-me um pensamento do Meia-de-Couro<sup>117</sup>; [...] Era na alvorada do domingo. Uma estreita vereda me levava mata a dentro e em pouco me vi cercado de milhares de formas, cores e figuras, botânicas e zoológicas, da mais espessa floresta. Pingaram melodicamente as últimas gotas de orvalho das capas das árvores, onde variegados papagaios limpavam a plumagem. Muito ao longe, corriam bandos de macacos. Nas clareiras esvoaçavam grandes borboletas. Tanto silêncio, um silêncio tão dominical, que se podia ouvir a respiração das plantas. Sobre um tronco de árvore abatida, em carne e osso a imagem do Meia-de-Couro de Cooper, a quem **parecia pecado atacar a ferro e fogo as magníficas florestas de Deus**, como se a natureza servisse apenas para a plantação de couves e nabos. **Eu próprio era o Meia-de-Couro** (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.172-173, grifo nosso).

Além do tom poético dado a escrita, Avé-Lallemant evoca Deus como o criador daquelas magníficas florestas, ressaltando o caráter religioso, inclusive sendo um pecado atentar contra aquelas árvores e toda sua biodiversidade. A função da natureza ia além da concepção produtiva e de serventia à humanidade. O viajante chega a se sentir como o próprio

---

117 Personagem caçador criado pelo romancista Fenimore Cooper, escritor romântico, na saga ‘*Leatherstocking Tales*’, da qual faz parte o famoso livro ‘O Último dos Moicanos’.

Meia-de-Couro no meio da floresta, cercado pela natureza e pelo silêncio da floresta, crendo ser um pecado destruir as ‘magníficas florestas’. Além de ler o livro de Cooper, um clássico do romantismo, o viajante também havia lido Friedrich Schiller (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.344), outro marco do romantismo. Ele volta a tocar no tema do divino quando faz uma análise do que esperava encontrar na viagem e daquilo que estava presenciando nela:

esse simples quadro campestre, em sua virginal pureza, lembra maravilhosamente o dia da criação, quando o senhor criou os animais do campo; quão pouco corresponde isso à expectativa dos que, em viagem sul-americana, só esperavam achar sangrentas histórias de onça e cenários de florestas escuras! (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.289).

Sua expectativa estava atrelada ao ambiente tropical e as imagens do mundo selvagem e perigoso, mas vivenciava ali uma cena de tranquilidade que o remetia aos momentos imemoriais da criação do mundo dentro da ótica cristã, quase que vivenciando o paraíso. A tranquilidade da vida no campo torna-se alvo dos românticos, passando a ser “retratado como um lugar mais virtuoso que a cidade” (THOMAS, 2010, p.353) e relacionado ao contato com o divino. Essa idealização espiritual e estética do campo é marca dos românticos e pode ser notada no relato de Avé-Lallemant que menciona ter guardado no “coração a gente das picadas com sua rusticidade independente e sincera” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.136), incutindo uma ideia de pureza espiritual no povo que vivia no meio rural. Além dele ter escrito “este leito de rio, selvagememente romântico” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.135) estava “na profunda solidão da floresta” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.136), evocando novamente características comuns de serem tratadas pelos românticos como o selvagem e a solidão.

Ele chega a refletir se “serão estas linhas lidas um dia, talvez, por uma jovem dama que se sinta infeliz por não poder ir a Paris? Pode ser. Eu gostaria de colocá-la, apenas um segundo, na coxilha de Santana, no meio deste enorme mar de relva” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.287), assim ela seria capaz de sentir a solidão e as lonjuras que os campos silenciosos do Pampa poderiam produzir. Se a hipotética dama estivesse chateada por não conseguir visitar um dos grandes centros culturais do mundo, como ela se sentiria nas vastas e solitárias planícies do Pampa?

Isabelle é outro viajante que comenta sobre a criação divina ainda no momento de sua viagem transatlântica, onde ele está se questionando sobre qual seria a verdadeira imagem de Deus e diz ter “admiração passiva das obras do criador [...] não pensava senão na perfeição dessa *imagem* da Divindade [...] minha admiração e minha profunda submissão ao soberano autor de tantos atributos que nos elevam acima dos animais” (ISABELLE, 2006, p.28, grifo do autor). Visão religiosa e totalmente antropocêntrica de Isabelle. É importante lembrarmos que, apesar de muitos viajantes serem voltados aos estudos científicos, eles eram em menor ou maior grau religiosos devido a forte presença da religião na vida cotidiana do século XIX. Porém nem todos expressavam rotineiramente essa fé, sendo aqueles que o faziam geralmente nos é um indicativo de potencial ligação com o movimento romântico, especialmente quando a religiosidade estava atrelada à natureza e as criações divinas que transbordam belezas.

Acreditando que as belezas da região se devem pela criação divina, Francis Bond Head defende que “todo o país carrega a nobre marca de um Criador Onipotente, e é impossível para qualquer um andar por ele, sem sentimentos que é muito agradável nutrir”<sup>118</sup> (HEAD, 1826, p.16, tradução nossa). Todavia, aqui a beleza não está pautada em uma visão antropocêntrica de mundo, mas muito mais voltada ao divino, o viajante acredita que para aquele que estava acostumado a ver o trabalho humano na terra “ficam inicialmente surpresos nos Pampas, ao observarem a regularidade e a beleza do mundo vegetal quando deixados aos sábios arranjos da Natureza”<sup>119</sup>(HEAD, 1826, p.16, tradução nossa). Sua ideia reforça a ideia da beleza de uma natureza intocada.

Ainda dentro do espectro religioso, Charles Darwin registra uma expressão religiosa indígena intimamente relacionada a um elemento natural da paisagem. Se trata de uma árvore solitária no campo ao sul de Baía Blanca. Para os povos nativos esta árvore servia como um altar divino a Walleechu, “ela está situada em uma parte alta da planície; e dessa forma é um ponto de referência visível a uma grande distância. Assim que uma tribo de índios a vê, logo oferecem suas adorações em altos brados” (DARWIN, 2008, p.50), baixa e desfolhada por

---

118 No original: “yet the general state of the country of its creation. The whole country bears the noble stamp of an Omnipotent Creator, and it is impossible for any one to ride through it, without feelings which it is very pleasing to entertain”.

119 No original: “are at first surprised in the Pampas, to observe the regularity and beauty of the vegetable world when left to the wise arrangements of Nature”.

causa do inverno, era uma das poucas árvores encontradas na região. Para os indígenas, ali era um local especial, onde depositavam oferendas e faziam sacrifícios esperando benfeitorias em troca. Para os não-indígenas era um “um ponto de referência em uma passagem perigosa” (DARWIN, 2008, p.50) permitindo uma localização mais exata dentro da vastidão da planície. A árvore solitária é um elemento da paisagem que ganha significados extremamente distintos dependendo do grupo étnico e de suas visões de natureza, mesmo que o espaço seja o mesmo ele ganha contornos diferentes. Na árvore:

podiam ser vistos incontáveis fios, nos quais muitas oferendas, tais como cigarros, pão, carne, pedaços roupas, etc. tinham sido suspensas. Índios pobres, não tendo nada melhor, apenas puxam um fio de seus ponchos e amarram-no na árvore. Índios mais ricos geralmente derramam bebidas e mate em um certo buraco, e da mesma forma fumam e sopram a fumaça para cima, pensando que dessa forma estão proporcionando todas as possíveis gratificações para Walleechu. Para completar a cena, a árvore estava cercada por ossos esbranquiçados de cavalos que haviam sido mortos em sacrifícios. Todos os índios de todas as idades e ambos os sexos faziam suas oferendas; eles então pensam que seus cavalos não irão se cansar, e que eles mesmos prosperarão para sempre. O gaúcho que me disse isso, disse que, em tempo de paz, ele tinha testemunhado uma dessas cerimônias, e que ele e outros costumavam esperar até que os índios passassem para roubar as oferendas dadas a Walleechu (DARWIN, 2008, p.88-89).

Walleechu, ou Walichú, ou ainda Gualicho, é uma entidade da mitologia mapuche, sendo difícil encontrar informações precisas sobre além das que Darwin já escreveu.

Os gaúchos pensam que os índios consideram a árvore como o próprio deus, mas parece mais provável que eles a estimem como um altar. A única causa que posso imaginar para essa escolha é o fato de ela ser um ponto de referência em uma passagem perigosa. A Sierra de la Ventana é visível a uma distância imensa; e um gaúcho me contou que estava, uma vez, cavalgando com um índio a alguns quilômetros ao norte do rio Colorado, quando o índio começou a fazer o mesmo barulho alto, como de costume à primeira vista da distante árvore, colocando sua mão na cabeça e então apontando na direção da Sierra (DARWIN, 2008, p.89).

Mesmo que não seja possível levantar mais informações fidedignas nesse momento, podemos verificar que árvores que servem como altares e depósitos de desejos e oferendas são uma tradição bem comum em povos de todo o globo. Essa encontrada por Darwin parecia ter uma importância bem grande na região e ser um ponto conhecido e frequentemente utilizado.

Retomando Fenimore Cooper, autor citado por Avé-Lallemant, outro viajante que leu suas obras e comenta uma passagem de seu livro é Alexandre Baguet, que ao percorrer o rio Jacuí entre Porto Alegre e Rio Pardo escreve:

aquela cena totalmente primitiva tinha alguma coisa de pitoresco; o silêncio da natureza, interrompido pelo canto dos negros e o grito dos pássaros noturnos, o vento agitando as árvores, o rio correndo silenciosamente a nossos pés, o reflexo das chamas nas figuras de ébano dos africanos, sua dança bizarra e extravagante, a massa imponente da floresta, tudo isso lembrou-me uma das cenas tão magistralmente descritas pelo célebre Fenimore Cooper (BAGUET, 1997, p.44).

O viajante fala de silêncio, da noite, do jogo de luz e sombras criado pela fogueira, da imponência da natureza e do caráter exótico dos africanos, procurando colocá-los em uma posição mais selvagem e relacionada ao quadro todo que estava compondo. Ainda nas margens desse rio estavam muitas árvores, habitadas por macacos e oferecendo sombra para javalis<sup>120</sup> e capivaras enquanto “pássaros de plumagem cintilante interrompem o silêncio da natureza com seus doces gorgeios” (BAGUET, 1997, p.44-45). O silêncio era uma expressão bastante utilizada nesse discurso romântico, indicando tranquilidade e contrastando geralmente com algum barulho que se destacava no cenário. As experiências sensoriais são importantíssimas para os viajantes que analisam a paisagem não apenas pelo sentido da visão, mas também recebem outros estímulos especialmente através da audição e olfato. Assim o cheiro de flores campestres pode despertar memórias afetivas enquanto o rugido de uma onça escondida na noite pode provocar tanto medo quanto o próprio contato visual com o animal, talvez até mais, já que o medo é catalisado pelo desconhecido. Não saber onde está uma potencial ameaça escondida nas sombras pode ser ainda mais desafiante do que encará-la frente a frente. O iluminismo é justamente o uso da ciência como a iluminação do que está escondido, do que é incompreensível e do que causa medo.

A noite inclusive era um elemento muito recorrente e fazia parte do mundo dos românticos, que possuíam “uma tendência para o misterioso e davam importância ao sentimento e expressão individuais” (BAUMER, 1997, p.24). Nesse sentido, a noite acabava criando o “contraste com o dia ou a luz, significava aquilo que exaltava as pesadas asas da

---

120 Provavelmente não eram javalis (*Sus scrofa*), mas alguma espécie nativa assemelhada como porco-do-mato (*Tayassu pecari*). Atualmente os Javali são umas das espécies invasoras do bioma Pampa, mas a sua introdução se deu em período mais recente, no século XX.

alma e as levava para além do mundo espaço-temporal em direção às regiões infinitas” (BAUMER, 1977, p.26). A luz era símbolo maior do Iluminismo e do Neo-Iluminismo, ela iluminaria a escuridão e traria esclarecimento das coisas que estavam escondidas nas sombras. Esse jogo de luz e escuridão apresentava o debate por trás de passagens poéticas como as de Avé-Lallemant que ao navegar pelo rio Jacuí observava que “a medida que penetrávamos a encantadora solidão do rio, mais bela se tornava a noite” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.161) ou ao prestar atenção na paisagem noturna via que ali “cintilava a lua entre as folhas, aves noturnas e grilos gritavam e cantavam estranhamente e em torno de nós os cavalos relinchavam; atrás da vizinha floresta sussurrava, no fundo, o Jacuí; noite singular, a um tempo encantadora e triste” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.197). Essa passagem carregada do sentido auditivo descreve a cena em palavras para o leitor visualizá-la, em uma jornada de reconstrução do momento vivido pelo viajante.

Silveira e seu grupo tentavam descansar acampando nas ruínas de uma missão jesuítica, após um longo dia, porém o cansaço e o barulho dos cães que perseguiam um zorrilho fétido não colaboravam para o sono se estabelecer. Ali “a claridade do astro da noite ainda lumiava os vultos sombrios dessas ruínas, que pareciam acusar as gerações passadas da espoliação de suas riquezas, da sacrílega destruição de seu templo e dos seus belos edifícios falanstérios” (SILVEIRA, 1979, p.181). Esse trecho compõe uma variedade de críticas que Silveira fazia em relação às pessoas que saqueavam as ruínas das construções jesuítas, agravando o deteriorado estado das mesmas.

Também descansando de viagem extenuante, Miers comenta que “foi uma noite adorável, a lua brilhava resplandecente e o ar estava calmo e refrescante”<sup>121</sup> (MIERS, 1826, p.62, tradução nossa). Já na ecorregião do Espinal, “a face do país, ondulada, forma colinas baixas e vales amplos; arbustos luxuriantes brotam das margens perpendiculares do rio que, visto nas suas diversas curvas, é muito bonito”<sup>122</sup> (MIERS, 1826, p.71, tradução nossa), as paisagens continuavam a surpreender o viajante e “a aparência do país melhorou continuamente; as colinas que vimos eram mais altas e nos vales havia muitos belos arbustos

---

121 No original: “it was a most lovely night, the moon shone resplendently, and the air was cool and refreshing”.

122 No original: “the face of the country, undulated, forms low hills and broad valleys; luxuriant bushes grow out from the perpendicular banks of the river, which, seen in its various windings, is very beautiful”.

e pequenas árvores”<sup>123</sup> (MIERS, 1826, p.71-72, tradução nossa). Todas essas melhorias descritas por Miers eram puramente elementos da natureza, ele não condicionava a beleza do lugar a presença da civilização ou ao trabalho humano.

Em Portozuelas “o verde e a exuberância das folhagens, em contraste com as massas rochosas expostas ao tempo, a miséria das cabanas e a aparência miserável dos habitantes desse local lindamente abrigado, davam ao conjunto um ar romântico”<sup>124</sup> (MIERS, 1826, p.86, tradução nossa), como já mencionamos, o pensamento romântico muitas vezes ressaltava a simplicidade do morador do campo, nesse caso aqui, Miers resalta a misérias das pessoas vista em sua aparência e suas moradias. Situação que não tirava a beleza geral da cena que em “geral é de caráter muito agradável, mais especialmente para um viajante que atravessou algumas centenas de quilômetros do país apresentando nada além de uma planície sem limites, desprovida de qualquer cenário, onde nem colina, rocha ou árvore poderiam ser vistas”<sup>125</sup> (MIERS, 1826, p.86-87, tradução nossa). A reclamação do viajante está depositada na ausência de elementos paisagísticos que diferenciam os locais que passou e intriguem sua observação.

Herbert Smith vive um momento único, de acordo com suas palavras, em uma cachoeira da Mata Atlântica nos arredores da cidade de Montenegro no Rio Grande do Sul, registrando: “ainda hoje esta scena esvoaça-me no espirito como o lampejo de uma terra de fadas, cujo par nunca mais vi e talvez nunca mais veja” (SMITH, 1922, p.83). Apesar de não ser uma passagem sobre o Pampa, ela nos demonstra que esse viajante cria um cenário de exaltação da natureza pela sua beleza própria e não necessariamente pelo valor produtivo que aquele local possuía. Além disso ele relaciona a cena a um ambiente fantasioso e mágico, que seria tão extraordinário que mais pareceria uma terra de fadas. Lindman é outro viajante que exalta a bela das áreas de Mata Atlântica da província do Rio Grande do Sul onde “a mattaria alta e luxuriante, os paredões de rocha imponentes, os ribeirões encachoeirados e as altas

---

123 No original: “the appearance of the country improved continually; the hills we saw were higher, and in the valleys were many beautiful shrubs and small trees”.

124 No original: “The verdure and luxuriance of the foliage, contrasted with the bare weather-beaten masses of rock, the wretchedness of the huts, and the miserable appearance of the inhabitants of this beautifully sheltered spot, gave to the whole an air of the romantic”.

125 No original: “The scene altogether is of a most pleasing character, more especially to a traveller who has passed over some hundred miles of country presenting nothing but a boundless plain devoid of any scenery, where neither hill, rock, nor tree could be seen”.

quédas d'agua fazem deste territorio colonia um dos mais bellos logares do mundo, ora **romanticamente selvagem** e grandioso, ora encantador e ridente” (LINDMAN 1974, p.7, grifo nosso) com o clima ameno e o ar puro ressaltando todas as belas características da paisagem. O viajante não faz elogios tão rebuscados para a outra região da província onde está o Pampa e que é denominada por ele como Campanha. Inclusive é mais fácil encontrarmos passagens românticas nos relatos em zonas florestais, talvez porque para os viajantes elas ressaltem e representem mais a natureza divina intocada que tanto procuravam, em contraste com as zonas campestres, mais familiares a eles.

Smith também se aproxima da compreensão romântica do mundo quando trata dos diferentes tipos de jardins existentes. Sobre os chalés de campo próximos de Porto Alegre aponta que:

Muitos d'estes proclamam sua origem allemã nas rosas e jasmins **dispostos rusticamente** junto ás portas, de muito mais gosto artístico do que os tesos jardins geométricos, tão comuns no Brasil. Na jardinagem, como em tudo o mais, **a arte só presta quando copia a natureza**. Dá-se cousa mais feia do que um canteiro quadrado, ou um gramado triangular, bordado de rochas ou pedrinhas brancas? Só abro excepção em favor das ruas de palmeiras e sebes espinhosas; mas a belleza n'este caso depende da perspectiva, de que a jardinagem mathematica nenhum cabedal faz (SMITH, 1922, p.40, grifo nosso).

Ao indicar uma origem alemã no modo de dispor os jardins, o viajante acaba ressaltando uma diferença não apenas em estilos de jardinagem, mas também em diferentes ideias de natureza entre povos europeus. Ele ainda ressalta que a arte só tem valor quando imita as coisas da natureza, ressaltando o mundo natural e tirando poder da criação antrópica. A passagem segue com o autor criticando fortemente o estilo geométrico tão presente no modo de ver e de ordenar o mundo natural praticado por Iluministas e pelos neo-iluministas. Essa passagem faz Smith se aproximar ao movimento romântico, admirando as formas naturais das coisas. Em contraponto, Miers é um dos viajantes que reclama de ver jardins desordenados, em Rojas “os jardins têm uma forma muito irregular e o conjunto tem uma aparência miserável”<sup>126</sup> (MIERS, 1826, p.34, tradução nossa), já em Melinque eram as próprias casas que estavam construídas sem uma ordem que fizesse sentido enquanto os jardins estavam negligenciados (MIERS, 1826, p.48-49).

<sup>126</sup>No original: “the gardens are very irregular in shape, and the whole has a wretched appearance”.

Apesar de ser o viajante que mais se relaciona e expõe pensamentos românticos, Robert Avé-Lallemant também elogiava locais onde tudo era “tão bem ordenado” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.215) e ressaltava o “belo quadro – a que ainda falta, naturalmente, qualquer expressão de cultivo e progresso” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.218). Nas margens do rio Uruguai encontrou muita terra “despida de qualquer cultura” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.319), sabia que ali “falta aquele infinito encanto que só o cultivo pode produzir” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.331) e enquanto “viajávamos através do vale e imaginava ali um vinhedo, aqui uma aldeia, lá nas alturas [da serra] um pequeno castelo e em toda a parte a abençoada cultura do solo, então, em espírito, realmente nada via mais gracioso do que o fundo do vale da Serra do Cambaí” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.331), essa ânsia por ver uma paisagem cheia de elementos criados pelo trabalho humano é uma visão comumente atribuída aos neo-iluministas. Porém, o pensamento de Avé-Lallemant é mais complexo do que isso, ele acreditava que “se a natureza não fosse tão bela em toda parte, chamaria aquele mundo silencioso o mais belo recanto apesar de sua insignificante singeleza” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.332), portanto mesmo que não tivesse importância nenhuma, aquele lugar naturalmente belo ainda assim seria um local a ser admirado, não necessitando da existência de vinhedos, aldeias ou castelos ali.

O movimento romântico e o movimento Neo-Iluminista podem ser encontrados nos relatos de distintas maneiras, uma claramente identificável é quando um viajante recomenda uma ação humana sobre um espaço específico que não sofreu alteração antrópica evidente. Assim surgem inúmeras passagens com recomendações para construção de casas e armazéns sobre campos ‘vazios’, outras passagens incentivando o cultivo de algum gênero alimentício sobre uma terra ‘desocupada’, ou ainda a modificação das características de uma paisagem através da ação humana, como por exemplo: “Este caminho seria bastante agradável se tivessem o cuidado de arborizá-lo, o que é necessário, porquanto não há, nos arredores, nenhum local de sombra” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.60). Outro exemplo é a descrição das margens do Guaíba onde “às vezes avistávamos casas de palha, e alguma vivenda campestre mais pretenciosa, formando tudo um conjunto de beleza rural, difficilmente igualado nas costas do Brasil. Notámos, porém, que estes terrenos são pouco cultivados” (SMITH, 1922, p.34).

Essas sugestões, principalmente voltadas a espaços ‘vazios’, acabam desconsiderando a presença de uma miríade de animais e plantas que compõe o ecossistema dos ‘campos vazios’ ou ‘pântanos tristes’. A imagem de territórios vazios poderia ser associada a ausência de animais, geralmente associados a presença humana também, como o viajante Beschoren destaca em seu texto onde as distâncias “eram mais desertas e uniformes. Podíamos cavalgar milhas de distância sem avistar nenhuma tropa de animais” (BESCHOREN, 1989, p.57), talvez ao longo dessas milhas percorridas o viajante tenha passado por inúmeros insetos, répteis, anfíbios e aves, além de uma grande diversidade de plantas, porém o que é sentido como falta é a presença de tropas de gado, que estão intimamente ligados a presença humana. Nessa perspectiva, um ponto importante de discussão está no fato de que a biodiversidade campestre do Pampa nem sempre é tão óbvia a um olhar desatento e nesse sentido acaba sendo prejudicada e mais exposta a impactos e alterações significativas causadas pela ação humana respaldada na visão de utilizar um espaço dito desocupado e vazio.

Essa ideia ainda pode se estender para a invisibilidade dos povos indígenas da região dos Pampas e justificar o avanço da população branca para territórios ditos vazios de gentes e de seres através de um discurso nacionalista e religioso (STOLL, 1999). A historiadora Florencia Mallon (2003) trabalha com a ideia de que as fronteiras internas dos Estados Platinos foram expandidas em direção aos territórios ocupados por indígenas, isso fica bem evidente no relato de Charles Darwin (2008) que comenta sobre os conflitos entre o Estado Argentino e populações seminômades de indígenas que percorriam o Pampa ao sul de Buenos Aires. No caso argentino fica evidente a criação de um discurso de expansão a uma ‘zona vazia’, vinculando a ideia dos Pampas a um deserto de culturas e de população (MALLON, 2003).

Indo contra essa visão de vazio estava Isabelle ao visitar o “lindo sítio do Rincón [de las Gallinas], onde a vegetação é rica e variada. Ficamos em êxtase diante de uma multidão de árvores e arbustos diferentes, e de plantas em flor [...] com uma deliciosa harmonia” (ISABELLE, 2006, p.152). Naquele lugar, as inúmeras árvores de espinilho (*Acacia caven*), colmeias de abelhas e uma vegetação verde e espessa completavam o cenário, e o viajante exclamava “não penseis que esse lindo lugar estivesse deserto!” (ISABELLE, 2006, p.152), pois possuía veados, emas, capivaras, aves e ‘animais familiares’ como os bois e cavalos. Ao

indicar uma variedade de espécies animais para justificar que aquele espaço não estava vazio, o viajante acaba rompendo com a visão mais comum encontrada nos relatos. Discutiremos mais à frente sobre essa concepção de vazio e deserto relacionadas ao Pampa.

O pensamento Neo-Iluminista encarava um campo sem cultura de maneira negativa, isso não apenas representava uma natureza menos pujante, mas também era a evidência da displicência e da ausência de trabalho humano. Isabelle classifica Paissandu no Uruguai como “pouco agradável [...] uma colina desprovida de árvores [...] sua vista é monótona [...] o campo que fica a leste não pode ser mais triste, por sua nudez e sua falta absoluta de cultivo” (2006, p.155), essa cidade gerava tristeza e monotonia pela sua paisagem ser carente de árvores e de cultivo, imagem contrastante com o relato de Baguet sobre Porto Alegre.

Quem deseja gozar de um verdadeiro panorama do novo mundo precisa apenas dirigir-se à cidade alta, no ponto mais elevado da colina. Descobre-se ali, de um lado, a cidade e a baía e, do lado oeste, a vista se estende sobre campos verdejantes, ligeiramente ondulados, embelezados por casas de lazer com seus quintais plantados de laranjeiras, bananeiras, palmeiras, cercados de sebes sempre verdes e semeados de flores de todos os matizes. O ar é tão puro e transparente que avista-se ao longe, a cerca de quinze léguas de distância, a Serra Grande. (BAGUET, 1997, p.34).

Apesar de partirem de dois pontos distintos, um desprezando o cenário e o outro valorizando, esses trechos possuem a mesma lógica Neo-Iluminista. Os campos de Porto Alegre estavam belos por possuírem a presença humana (casas de lazer) e estarem devidamente cultivados e ordenados (quintais com árvores frutíferas). O ar ser puro a ponto de se observar o distante horizonte também pode indicar uma busca por afastar-se de cenários urbanos-industriais mais poluídos. Nicolau Dreys também vai aos pontos mais altos da capital da Província brasileira e de lá descortina tal paisagem:

goza-se da vista mais **agradável**, e mais **grandiosa** que se pode encontrar no país. No **imenso** horizonte terrestre, que se alcança dessa altura, nota-se em primeiro lugar, o porto com suas **diversas e numerosas embarcações**, seguindo-se o curso do Jacuí por suas multiplicadas bocas, e os vastos campos, cobertos de matos espessos, que fogem a Oeste até as imediações da Serra de São Martinho, cujos picos mais altos desenham-se sob um céu longínquo (DREYS, 1990, p.67, grifo nosso).

O viajante também destaca a presença humana através de suas embarcações e evidencia a imensidão e grandiosidade da paisagem que considera uma das mais agradáveis.

Para Lindman, a cidade “offerece um magnifico espectaculo com a alva massa de suas edificações e ricas plantações contra um fundo de morros [...] no fundo de um azul violaceo, a léste e norte, vê-se um horizonte montanhoso [...] imponente” (LINDMAN, 1974, p.39-40), novamente uma descrição exaltando a paisagem de acordo com a presença das edificações e plantações humanas em contraste com as obras puramente naturais. Em Cachoeira do Sul ele descreve a paisagem de forma que a beleza da cena está mais nos elementos naturais e não na presença humana, foi “ainda no fim de fevereiro, ponto culminante do verão, [que] estavam estes campos na sua maxima belleza; até onde a vista alcançava brilhavam na mais fresca verdura” (LINDMAN, 1974, p.80).

Também observando o cenário porto-alegrense, estavam Hemeterio Silveira e Auguste de Saint-Hilaire, o primeiro escreve que nas margens do Guaíba “detivemo-nos a contemplar a beleza natural das margens do grande rio” (SILVEIRA, 1979, p.153), já Saint-Hilaire adjetiva o rio Gravataí como belo e o mais distinto rio da região que possuía “uma paisagem cheia de belezas” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.44), nesse caso o viajante não enaltece a beleza da paisagem através de algo humano presente nela, mas sim da beleza das próprias características naturais que formam o cenário. Em Pelotas o viajante indica que “nada [é] mais belo que a região percorrida por nós. Oferece vasta planície, com alguns pontos ligeiramente ondulados. Por toda a parte o terreno apresenta gramados com árvores e bosquetes esparsos, onde pastam cavalos e bois” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.80), continuando a indicar a beleza da paisagem através de elementos naturais, mesmo que a figura do gado seja relacionada a produção e a espécies não naturais do bioma Pampa. Porém nem apenas de momentos assim são compostos os trechos do relato desse viajante, como podemos notar abaixo.

Este lugar oferece **a mais linda paisagem** que tenho visto desde o Rio Grande. Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente **animadas pela presença do gado** que nela pasta. Aqui um rio serpenteia por entre verdejantes pastagens. À margem direita, **encontram-se algumas choupanas**. À esquerda, um vasto gramado. Além se vê a Serra, que não é mais elevada que uma colina comum. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.112, grifo nosso).

A paisagem agora continua valorizada pela presença de animais ligados à produção pecuária, mas também através da presença humana (choupana) que edifica o cenário.

Constituído de elementos diversos acaba sendo mais atrativo do que um ambiente monótono como vários outros que foram apontados por Saint-Hilaire e por outros viajantes também. As margens de um arroio próximas de Rosario (antiga Rosario del Colla) no Uruguai, algumas árvores que são comparadas com as europeias:

com folhagem muito bonita, ramos tortuosos que, em pequeno número, causam um efeito encantador. Abaixo desses bosques, crescem gramíneas espessas de um verde fascinante. Eu me sentei sobre essa vegetação, para trabalhar, à sombra de uma árvore copada, as suas flores de pouca aparência embalsamam o ar com seu perfume. Cardeal repercute o seu gorgueio pelos ares. Não vendo o arroio, escuto seu murmúrio por entre as árvores. Estes pequenos lugares maravilhosos lembram os recantos mais deliciosos da Europa (SAINT-HILAIRE, 1987, p.170).

A passagem extraí a beleza da cena pelo seu sentido estético e não necessariamente por algum motivo produtivo como pode ser vista nesse outro trecho: “a paisagem do rio está enriquecida com a presença de pequenos navios de guerra portugueses e de alguns navios mercantes.” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.188).

Impressionado com as dimensões do Pampa, John Luccock menciona que seus rios formam uma “das planícies aluvionais mais extensas que atualmente existem sobre toda a superfície do globo [...] em muitos trechos é coberto de matas majestosas que contem madeiras de grande valor, produzindo ricas resinas, frutos de delicioso aroma e várias ervas medicinais e oficinais” (LUCCOCK, 1942, p.104). O destaque dado é para o tamanho dos elementos naturais: extensas planícies, matas majestosas, bem como para os produtos que poderiam ser retirados dali: madeiras, resinas, fármacos. A beleza do bioma Pampa para Luccock ainda estava muito atrelada a potencialidade de explorá-la, pois a região “possuindo por natureza todas as riquezas, comodidades e belezas que podem conceder um clima excelente, um solo fértil e rios abundantes” (LUCCOCK, 1942, p.101) era um território com muitas potencialidades (MINUZZI, 2020, p.429). Nos arredores do forte Santa Teresa, próximo a Punta del Diablo, o viajante descreve os encantos com a natureza, apesar de tudo que descreve ter um aspecto de simplicidade:

a estrada para Maldonado é encantadora, passando por uma região acidentada de pequenos morros, cobertos de boa vegetação, com bastante água e abundante em veados. Nas poucas habitações que se encontram, não se deve esperar por nada que se pareça com esplendor, nem deve o viajante procurar por grandes aparências de conforto. As paredes, feitas de pau, com os interstícios tomados com lama, dão-lhes,

porém, certa semelhança exterior com as cabas de Huntigdonshire; acham-se bem colocadas, com pequenos trechos de chão cultivado ao redor e abundantes pastagens para seus cavalos. O gado vacum vive selvagem e é mui numeroso. Os habitantes são inteiramente felizes no que tange às suas poucas necessidades, e estas amplamente supridas; (LUCCOCK, 1942, p.106).

Ao ser liberto em Buenos Aires, após ficar semanas sem poder desembarcar do navio, o viajante chega à Colônia do Sacramento escrevendo sobre:

um sol esplêndido [que] surgia do rio. O prazer que tive ao contemplá-la não provinha somente do cenário natural, nem tão pouco da sensação de liberdade recentemente conquistada, via-a também como o teatro de muitas façanhas militares, motivo de negociações diplomáticas e sujeita talvez a transformar-se num ponto de grande importância para a nova situação do Brasil (LUCCOCK, 1942, p.101)

Assim aquele cenário do rio da Prata era mais do que apenas um local bonito, era um repositório de memórias, um testemunho da História (SCHAMA, 1996).

Um viajante que destaca bastante a beleza das paisagens, é Silveira, quando estava nos arredores de Cruz Alta “um sol primaveril dava às verdes savanas, aos arvoredos das estâncias e aos bosques distanciadas da estrada o cunho dessa **beleza que, sem o menor trato por mãos de homens**, excede muitas vezes aos jardins mais bem tratados” (SILVEIRA, 1979, p.163, grifo nosso). Já em São Miguel havia uma ‘muralha’, provavelmente apenas um muro alto de pedra da época das missões jesuíticas, que:

era coberta por uma cerca de roseiras bravias, sendo as flores de umas literalmente brancas e outras (as mais belas) escarlates. Com a folhagem verde ficava encoberto o negrume e a grosseria dos muros; porém, nos meses de setembro e outubro, por ocasião da florescência primaveril nada igualaria a beleza desse vasto e bem cuidado vergel (SILVEIRA, 1979, p.189).

As estações mudavam a percepção dos viajantes, como já mencionamos anteriormente, e nessa passagem é novamente perceptível. O contraste entre a delicadeza das flores com a ‘grosseria’ e solidez do muro de pedra é destacado. Ainda assim, essa não era a imagem mais encantadora que havia presenciado, pois “paisagem bela é incontestavelmente a de Cruz Alta e seus arredores. Sobre a campina ondulada e coberta de relva sempre verdeante” (SILVEIRA, 1979, p.266). Na cidade havia um bosque público, um capão de mato de extensão de dois km<sup>2</sup>, porém ocorreu um incêndio em 1861 que durou dias “e lá se foi o lindo bosque, o passeio favorito das famílias pelo verão e tempo das guabirobas, pitangas e

cerejas. Seria possível, sem quase dispêndios, restaurá-lo, mas os edis preferiam distribuir o terreno por diversos chacareiros” (SILVEIRA, 1979, p.267). Aqui vemos que havia áreas comuns compartilhadas pelas pessoas e que o bosque servia de espaço de lazer para as famílias, de alimento e como fonte de combustível e madeira.

A vizinha Passo Fundo era “coberta em muitos lugares de vastas e extensas florestas, com muitos quilômetros de campos de criação, possuem uma das mais belas hidrografias do mundo” (SILVEIRA, 1979, p.299). Para o viajante a região missioneira era rica por conta da presença de inúmeros arroios, “não foi só a beleza agreste de todo esse território, o que mais tivemos que apreciar, porém sobretudo a feracidade de um solo, que tudo produz de bom e melhor” (SILVEIRA, 1979, p.323).

Sobre a região fronteira no extremo oeste da província do Rio Grande do Sul, diz ser “inexcedível beleza da sua paisagem, onde a natureza não pode ser modificada pelos artificios humanos. Entretanto, ainda não encontrou, quem desenhasse ou fotografasse o seu lindo panorama” (SILVEIRA, 1979, p.406) enquanto a cidade de Livramento apresentava “linda paisagem que a contorna” (SILVEIRA, 1979, p.424), já em Quaraí, “aos olhos do observador mostra a povoação de Quaraí um desses belos panoramas tão comuns a todas as povoações da campanha rio-grandense” (SILVEIRA, 1979, p.438). Essas localidades eram exaltadas a ponto do viajante lamentar que nunca tenham sido criados registros imagéticos para representar tão belas paisagens.

Em Santa Maria, o quadro da natureza continuava belo com as pessoas se preocupando em cultivar jardins públicos:

Por toda a parte vicejam e crescem árvores frutíferas próprias da zona temperada. A cidade e os subúrbios são um vergel, mas só os jardins públicos, cultivados às expensas da municipalidade, ostentam inúmeros espécimes das flores mais belas e odoríferas. O terreno inculto sobra atrás ou aos lados das casas particulares (SILVEIRA, 1979, p.470).

Ainda na região central, conta que Dom Pedro II, então imperador do Brasil, havia passado por essas terras e em São Gabriel teria dito: “Como é bela esta paisagem” (SILVEIRA, 1979, p.468). Tantas passagens exaltando a beleza da região não são por acaso,

Silveira chega a citar um trecho da obra de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, ou simplesmente Almeida Garet, que foi um poeta português do movimento Romântico:

Nessa ocasião, mentalmente repetíamos este inspirado trecho de Almeida Garret: ‘A majestade sombria e solene de um bosque antigo e copado, o silêncio e escuridão de suas moitas mais fechadas, o abrigo solitário de suas clareiras, tudo é grande, sublime e inspirador de elevados pensamentos. Medita-se ali por força, isola-se a alma dos sentidos... e Deus, a eternidade, as primitivas e inatas idéias do homem ficam sós e únicas em seu pensamento’. (SILVEIRA, 1979, p.176).

O trecho acima tem inúmeras características que são utilizadas com certa frequência pelos românticos, como sombra, antiga, silêncio, escuridão, solidão e inspiração. Todas essas ideias relacionadas a figura divina. Cabia a humanidade aproveitar essas condições criadas por Deus e explorá-la.

Quando a natureza fornecia a homens tão engenhosos e ativos uma profusão de materiais apropriados para a construção de templos majestosos e cidades edificadas a capricho, era-lhes impossível deixar de aproveitar tão bons elementos e dotar os seus neófitos com todos os meios de viver em sociedade, dar graças a Deus por ter-lhes proporcionado numa felicidade, que pareceu indestrutível, mas foi por longo tempo inalterável (SILVEIRA, 1979, p.200).

Ao mesmo passo que, para o viajante, os humanos não deveriam se acomodar e serem engenhosos trabalhando com as características do ambiente, eles também nunca conseguiriam igual a obra do criador, pois:

Em plena primavera, revestir-se-ia da mais desusada pompa. A florescência das roseiras, que ornavam a muralha da quinta, nessa quadra primaveril, a dos pessegueiros e outras árvores frutíferas, os cinamomos e o grande laranjal em flor, espargindo em grato aroma pelas ruas e praça da povoação, o gorgueio dos pássaros adejando em bandos, tudo isso excedia quaisquer glorificações, que pudessem inventar e praticar os homens, imperfeitos e pecadores (SILVEIRA, 1979, p.194).

Francis Bond Head também parte de uma perspectiva romântica e exalta características das estações do ano ao reparar que no inverno o trevo “é extremamente rico e forte; e a visão do gado selvagem pastando em plena liberdade nessas pastagens é muito bonita”<sup>127</sup> (HEAD, 1827, p.15, tradução nossa). Ele continua ressaltando algumas mudanças

---

127 No original: “is extremely rich and strong; and the sight of the wild cattle grazing in full liberty on such pasture is very beautiful”.

que as estações provocam, exaltando algumas, mesmo em condições adversas como o intenso calor do verão:

A grama áspera é seu único produto; e no verão, quando está alto, é **lindo** ver o efeito que o vento teve ao passar sobre esta **extensão selvagem** de grama ondulante: os tons entre o marrom e o amarelo são **lindos** – a cena é **plácida** além de qualquer descrição – **nenhuma habitação nem ser humano**, a menos que ocasionalmente o contorno **selvagem e pitoresco** do gaúcho no horizonte – seu poncho escarlate flutuando horizontalmente atrás dele, suas bolas voando em volta de sua cabeça, e enquanto ele se inclina para frente em direção à sua presa, seu cavalo esticando todos os nervos: diante dele está o avestruz que ele persegue, a distância entre eles diminuindo gradativamente – o pescoço esticado e caminhando pelo chão no estilo mais **magnífico**<sup>128</sup> (HEAD, 1827, p.212-213, tradução nossa, grifo nosso).

Head, assim como outros viajantes, aprecia a paisagem mesmo que não haja vestígios humanos nela. A figura ocasional que aparece é a do gaúcho, que para os românticos é praticamente parte da natureza, o habitante dos Pampas.

Dreys descreve o Pampa como um espaço de “perspectivas indefinidas” (DREYS, 1990, p.17), ali a “mão da natureza aplanou as terras, rebaixando-as [...] essas superfícies planas, com suas ondulações naturais [...] essas campinas extensas entregues ao poder do homem, com sua vegetação primária e sua força produtora, obedecendo ao trabalho e à indústria” (DREYS, 1990, p.41). Os campos mesmo que “férteis e aprazíveis, não são povoados; é menos um lugar de habitação que de trânsito” (DREYS, 1990, p.42). Para o viajante ainda faltava a força de trabalho e o cultivo do solo, pois a região ainda parecia e contava com “todos os inconvenientes das terras desertas” (DREYS, 1990, p.43), ali os alimentos ainda estão misturados com venenos, há uma profusão de insetos daninhos e as aves de rapina ceifam as vidas de filhos de animais domésticos que ficaram sem supervisão humana (DREYS, 1990). Mesmo diante de tal cenário desolador, que Dreys chega a chamar de “Saara americano” (DREYS, 1990, p.48), ele ainda vê o futuro de forma otimista e esperançoso, pois:

---

128 No original: “The coarse grass is its sole procude; and in the summer when it is high, it is beautiful to see the effect which the wind had in passing over this wild expanse of waving grass: the shades between the brown and yellow are beautiful – the scene is placid beyond description – no habitation nor human being is to be seen, unless occasionally the wild and picturesque outline of the Gaucho on the horizon – his scarlet poncho streaming horizontally behind him, his balls flying round his head, and as he bends forward towards his prey, his horse straining every nerve: before him is the ostrich he is pursuing, the distance between them gradually diminishing – his neck stretched out, and striding over the ground in the most magnificent style”.

sabe-se que basta a presença do homem para remover esses males, e se algum dia, como é de se esperar, a população tomar conta do país, a suavidade do clima, a pureza das águas e a fecundidade do solo asseguram aos habitantes uma das mais deliciosas moradas que se possam escolher no continente (DREYS, 1990, p.43).

Os ideais de natureza do Romantismo e do Neo-Iluminismo estavam presentes nos relatos dos viajantes que percorreram o Pampa, alguns se identificam mais claramente a uma das linhas de pensamento enquanto outros misturam essas ideias e inclusive podem soar contraditórios ao analisar situações semelhantes sob julgamentos distintos. De qualquer forma se verifica a influência desses movimentos no pensamento de todos os viajantes. Já em fins do século XIX outra corrente de pensamento começará a ganhar força e ela de alguma forma se originou ao longo de uma viagem pelo Pampa, se trata do Darwinismo ou evolucionismo. “Esse Mundo Darwiniano, em que agora entramos, exhibe muitos dos aspectos do mundo de [John] Mill: a mesma forma científica, o mesmo naturalismo e, até um certo ponto, o mesmo optimismo” (BAUMER, 1977, p.97), podemos inclusive “pensar nele apenas como uma extensão, uma segunda parte, do Neo-Iluminismo, exceptuando numa coisa – a ideia de evolução” (BAUMER, 1977, p.97), porém temos que ressaltar novamente que o jovem Darwin que percorre o Pampa não é ainda o Darwin influente e reconhecido mundialmente pelas suas teorias, portanto a nossa análise se centra no início do processo e amadurecimento de suas ideias.

Somente no decorrer do século que a teoria da evolução de Darwin passa a ganhar notoriedade e aceitação, após muitas discussões. “Não há dúvida de que Darwin agitou os seus contemporâneos e que, após alguns anos, as suas teorias destruíram pontos de vista mais antigos e baseados na religião acerca da natureza” (BAUMER, 1977, p.101), sua forma de compreender a natureza modificou compreensões científicas e religiosas e abriu caminho para novos entendimentos do mundo. A natureza darwiniana “reforçou e mesmo exagerou, os modelos de natureza já previamente mencionados na doutrina do Neo-Iluminismo” (BAUMER, 1977, p.101) dando continuidade a um olhar predominantemente científico em relação a natureza. Se continuarmos avançando no tempo, veremos novos movimentos surgirem, discutirem ideias, disputar espaços, mesclarem ideias e caminharem juntos. O

estudo do pensamento ambiental precisa estar atento a todas essas mudanças e permanências e pode revelar muito sobre como as pessoas percebiam e interagiam com a natureza.

Podemos pensar em sintetizar as ideias dos viajantes em poucas palavras e verificar algumas de suas posições. Começando por Baguet, que tem um relato mais curto e direto, não gerando tanto material para análise quanto outros viajantes. Seu relato é mais romântico e mais poético. Não se importava tanto sobre o melhoramento e produtividade das coisas, apesar de falar de economia não era um entusiasta fervoroso. Saint-Hilaire aparenta ter uma visão bem descritiva e científica sobre a região, como na descrição de espaços como banhados, charcos e lagos, sendo mais pontual não se importando com as características desse território tão úmido, frequentemente visto como um local horrendo e contra o progresso. Sobre os lagos ele tem uma visão levemente mais emotiva, adjetivando alguns como belos. Saint-Hilaire ficava triste nos dias frios e chuvosos, comentando sempre sobre as condições do tempo e vivenciando extremos de frio e calor ao longo da jornada. O viajante também presenciou ataque de cobra, de onça e incêndios, além de ficar intoxicado ao comer mel de lixiguana. Estava sempre se lamuriando, com razão ou não, por algo e repetindo descrições como essa na localidade de Espinillo, próxima de Dolores no Uruguai, que sumariza seu escrito: “região acidentada, sempre com pastagens, até aqui; nem casas, nem mato, nenhuma cultura e nenhum viajante, a campanha seca a olhos vistos.” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.183) Apesar de apreciar inúmeras cenas encantadoras por beleza, essas geralmente eram valoradas devido à presença do trabalho humano, se aproximando mais dos ideais do Iluminismo e do Neo-Iluminismo.

Luccock não foca o seu relato na natureza, priorizando os costumes, o comércio e o idioma local, especialmente as línguas indígenas. A respeito do mundo natural mantém uma percepção pouco profunda e atenta, mesclando ideias mais produtivistas e outras mais românticas, porém sem expressar maior apreço por nenhuma das duas. A possível influência do romântico Goethe, ex-colega do sócio de Luccock, não é aparente. Smith é outro viajante que tem opiniões bem misturadas. Ele se incomoda com os espaços improdutivos e sempre ressalta a presença humana na natureza, incentivando inclusive a construção de mais estradas de ferro, canais, estradas, pontes e outras infraestruturas pela região. Porém em diversos momentos contempla as paisagens e enaltece a beleza da natureza e de suas criaturas se

aproximando do pensamento romântico, inclusive rejeitando o padrão antrópico das formas geométricas em jardins, não vendo nada mais belo do que a criação divina natural. Incentivador da Ciência e da Zoologia admirava os animais ao mesmo passo que os caçava sem necessidade.

Isabelle possui variações de pensamento, mas tende um pouco mais ao Romantismo especialmente pelo caráter religioso que ele atribui a natureza. Todavia sua intenção de se tornar um naturalista igual a todos aqueles que já havia lido acaba por levá-lo a ter uma influência mais diversa que mescla pensamentos mais científicos e outros mais contemplativos.

Beschoren está bastante relacionado com a colonização e isso faz com que inicialmente tenderíamos a identificar mais ideias produtivas sobre a natureza, levando a acreditar que ele estaria relacionado ao Neo-Iluminismo. Porém o que mais encontramos são passagens em que ele exalta a natureza, o aproximando na realidade do movimento romântico. Bishop com todo o seu anseio por aventura também está mais ligado ao movimento romântico. MacCann, ao contrário, apresenta mais ideias científicas e neo-iluministas, onde a paisagem é atraente pela profusão de animais produtivos e presença humana. Miers parece mais romântico com diversas passagens admirando os elementos da natureza, e apesar de comentar bastante sobre temas de produção, nunca exalta o papel humano na alteração do meio.

Head é certamente um dos mais românticos. Ele aprecia os cenários da natureza admirando a cordilheira durante uma noite de tempestade, se importa com o bem-estar dos animais, a todo momento busca atribuir emoções humanas aos animais, vê o gaúcho como um ser mais puro e sempre atribui um caráter divino as coisas do mundo. Apesar de parecer exaltar sempre que possível a Argentina por ter interesse em investir nas minas e comércio do país, o viajante desencoraja a imigração de ingleses pobres por achar que seria desvantajoso a eles se estabelecerem nessas terras (HEAD, 1827, p.262).

Lindman é um naturalista fascinado pelas características ambientais e pelas inúmeras espécies de plantas que encontra pelo caminho, ele não apresenta fortes traços nem do movimento romântico e nem do Neo-Iluminista, sendo mais conciso em suas palavras e descrições. Porém identificamos alguns trechos que ele destaca a beleza das paisagens

enquanto em outros ele se refere as potencialidades da região, principalmente pelas comparações com o ambiente europeu. Talvez seja o mais difícil de posicionarmos dentro do espectro. Silveira escreve inúmeras passagens ressaltando a beleza dos cenários que vivencia, apesar de ser o único sul-americano entre os viajantes, continua praticamente sendo um estrangeiro no Pampa, o seu relato não difere em nada dos outros relatos só por conta de sua nacionalidade.

Darwin está interessado na fauna, na flora e nos fósseis do Pampa. Percorrendo os campos em tempos bastante conflituosos, ele destaca o conhecimento dos habitantes do Pampa de interagirem com o seu meio, observando os animais e percebendo pequenas pistas no ambiente para perseguir alguém, para antecipar um ataque surpresa ou uma tempestade repentina. Uma mescla de ideias românticas e neo-iluministas podem ser verificadas, sem uma clara conclusão de domínio de uma ou outra. atribuindo a ação antrópica o melhoramento da natureza. Apesar de admirador da natureza e um de seus maiores estudiosos, Darwin não apresentava necessariamente uma intenção preservacionista ou de louvor a terra, como ingenuamente poder-se-ia supor. Com o passar dos anos, como aponta Baumer (1977), o famoso naturalista acaba se tornando uma das vozes do Neo-Iluminismo, especialmente dentro da própria lógica elaborada por Darwin, o evolucionismo.

“O registro inteiro das viagens de Darwin está repleto de atrocidades, sofrimento e derramamento de sangue”<sup>129</sup> (WORSTER, 1994, p. 122, tradução nossa) e Donald Worster ainda classifica seu relato como mais pessimista do que o costumeiro para o período, Darwin vê a natureza não mais como uma mãe que tudo provê, mas um ambiente mais hostil. “nos Pampas argentinos, a violência parecia ser o próprio princípio da vida humana”<sup>130</sup> (WORSTER, 1994, p. 123, tradução nossa). Para Worster, Darwin “voltou para casa de suas viagens menos romântico do que quando partiu”<sup>131</sup> (WORSTER, 1994, p.128, tradução nossa) após vivenciar a natureza em seu estado tão puro e visitar lugares como a Argentina onde o clima de instabilidade e violência estava por todos os lugares. A “natureza lhe revelara uma dimensão de sua personalidade que ele não poderia amar com deleite desenfreado”<sup>132</sup> (WORSTER, 1994, p.128, tradução nossa) e de certa forma, aquele jovem viajante também

129 No original: “the entire record of Darwin’s travels is replete with atrocity, suffering and bloodshed”.

130 No original: “on the Pampas of Argentine, violence seemed to be the very principle of human life”.

131 No original: “came home from his travels less a Romantic than he had been when he left”.

teve uma dimensão de sua própria personalidade revelada após concluir sua viagem de volta ao mundo.

Dreys está relacionado ao Neo-Iluminismo, totalmente voltado para o comércio e para a exploração da natureza em todo o seu potencial. Ele é o viajante mais próximo da ideia de que a natureza deve ser melhorada e utilizada para o progresso da sociedade chegando a acreditar que o “homem pode mais que a natureza; aonde achou impotência e miséria ele fez nascer prosperidade; pois, a cidade de S. Pedro, com suas casas suntuosas, seus ricos armazéns, seus cais regulares e seu porto retificado, pode agora concorrer com as mais notáveis cidades” (DREYS, 1990, p.77) da América. Indo por outro caminho temos Avé-Lallemant sendo o mais romântico dos viajantes, possuindo laços de sociabilidade e admiração por diversos membros do romantismo. Além disso deixa claro sua admiração pela natureza e a proximidade dessa com o divino em praticamente todos os trechos de seu relato. Vimos algumas exceções a isso ao longo desse subcapítulo e talvez até mesmo na história contada por ele sobre o macaco e o galo, onde ele valoriza demasiadamente a presença da civilização em contraste com a selvageria da natureza.

#### 4.2 EXALTAÇÃO E DEPRECIAÇÃO: A FELICIDADE, A TRISTEZA E O MEDO

Reunimos nesse subcapítulo algumas passagens dos relatos de viagem que exaltam ou depreciam determinadas paisagens, sendo capazes de identificar quando um lugar é elogiado ou criticado podemos inferir melhor sobre as ideias de cada viajante, compreendendo o que eles achavam belo ou feio. Em consonância com essas passagens, também reunimos as passagens que tratam de momentos de felicidade, de tristeza e de medo, sentimentos expressos que nos auxiliam na análise desse material.

Alguns viajantes são bem mais emotivos expressando melhor seus sentimentos através de seus textos, enquanto outros viajantes fazem descrições mais técnicas e sem muitas opiniões ou espaço em que apareça seus sentimentos e pensamentos. Muitos sentem falta de casa após passarem meses ou anos longe dela, como é o caso de Alexandre Baguet que

---

132 No original: “nature had revealed to him a dimension of her personality that he could not love with unrestrained delight”.

visitando Porto Alegre diz que “aquela vista excitou em minha alma lembranças ao mesmo tempo tristes e doces. Lembrou-me minha pátria, minha família, meus amigos dos quais um mar imenso me separa e dos quais ia afastar-me ainda mais umas centenas de léguas” (BAGUET, 1997, p.34). Outros viajantes ficam mais alegres de estarem longe de suas terras de origem, como é o caso de Maximiliano Beschoren que em uma zona de Mata Atlântica diz ser “uma vida singular esta na selva. Há inúmeros perigos, sem contar com as contrariedades e o cansaço. Mesmo assim, há uma sensação de paz, longe das ‘brigas partidárias’, dos frequentes escândalos, verdadeiramente mesquinhos do mundo civilizado” (BESCHOREN, 1989, p.103). Diante dele ainda se forma um “interessante cenário para um pintor: o bosque, durante a noite! As labaredas ardem, elevando-se para o alto, iluminando fortemente os gigantescos troncos das árvores. Vultos barbudos, de aparência selvagem, acampados nos mais diversos lugares” (BESCHOREN, 1989, p.101), novamente o jogo entre luz e sombra que forma na escuridão e no desconhecido da floresta vultos de seres imaginários, lembrando a terra das fadas que Smith havia mencionado (SMITH, 1922, p.83). Definitivamente “as noites junto ao fogo do acampamento tem um encanto e a magia nos envolve, compensa as dificuldades e esforços do dia” (BESCHOREN, 1989, p.102).

Muitas cidades e localidades são descritas como sendo as mais bonitas da região, ou mesmo as mais belas vistas pelo viajante em todo o mundo. A escolha de Beschoren provavelmente seria Santo Ângelo, já que:

como todas as Missões, também Santo Ângelo está localizada numa coxilha levemente elevada, de onde se tem um lindo panorama sobre as imediações. Há de se admitir que os ‘paternos’, eram entendidos na escolha dos mais belos lugares para a instalação de suas povoações e que tinham gosto pelas belezas naturais (BESCHOREN, 1989, p.72).

Já para Lindman, um dos lugares mais bonitos que visitou foi a Serra dos Tapes, pois a região apresenta uma “natureza variada com lindas vistas de paisagens, talvez mais do que qualquer outra região do sul do Estado. Aqui, como em outras terras, é exacto que quando uma região tem natureza bella, e é variada como paisagem, é ella tambem scientificamente mais interessante e boanicamente mais rica” (LINDMAN, 1974, p.70). Vale lembrarmos da classificação de ecossistemas do bioma Pampa no mapa 7, em que essa região da Serra dos Tapes constitui a classificação CSF – Floresta Subtropical costeira (HASENACK, 2023),

explicando o motivo do viajante achar a região tão variada em comparação ao restante do bioma, o que ressalta a importância do jogo de escalas na análise do bioma e de seus ecossistemas.

Por vezes a exaltação de um local é gerada devido a comparação com outro local recém-visitado e do qual havia se notado diversos elementos negativos. Isso ocorre com Luccock que havia classificado o aspecto de Maldonado como muito mal aproveitado, um cenário considerado “excepcionalmente triste” (LUCCOCK, 1942, p.108). Ele tem outra opinião quando se aproxima da capital, Montevidéu, ficando mais contente, pois ali “vistas mais interessantes o alegram: campos marcheteados pelas habitações do povo e animados pelas ocupações agrícolas. A montanha, que empresta seu nome ao local e se avista constantemente, torna-se objeto mais proeminente e curioso” (LUCCOCK, 1942, p.111), porém “até mesmo as melhores casas de campo mostram-se grandemente necessitadas de enfeitar-se com árvores” (LUCCOCK, 1942, p.111), ressaltando uma das principais características do bioma, que era a ausência de árvores em grande quantidade. Isabelle tem percepção semelhante sobre Montevidéu, onde em um dia de verão “só os jardins, enfeitados de plantas estrangeiras, deixavam ver uma natureza menos apagada, tintas menos sombrias [...] diante de mim uma terra árida, quase sem cultura, e um solo uniforme” (ISABELLE, 2006, p.41) onde muito da vegetação se encontrava seca pela ação tórrida do sol do verão.

Os momentos que Luccock mais ressalta a beleza do ambiente é um “dia [que] estava belíssimo, com nuvens encarniadas, uma brisa constante e uma pequenina névoa cinzenta adejando para sudeste” (LUCCOCK, 1942, p.98) e depois ainda passa a admirar “uma noite escura, porém bela” (LUCCOCK, 1942, p.98) que se fez. Bishop também destaca a beleza dos céus ao contar que “continuamos nossa jornada enquanto o sol deixava nos céus ocidentais lindas nuvens roxas e cinzentas como lembranças de sua companhia através do barro brilhante e quente. Ao nosso redor, nas planícies, havia muitos animais em bandos e manadas, todos se preparando para a noite”<sup>133</sup> (BISHOP, 1870, p.115, tradução nossa). Ambos autores ressaltam a bela da paisagem, das nuvens do céu e finalizam falando sobre a noite, trazendo aspectos geralmente comentados por pensadores românticos.

---

133 No original: "We continued our journey while the sun left in the western heavens beautiful clouds of purple and gray as souvenirs of his company through the bright, warm clay. Around us on the plains were many animals in droves and herds, all preparing for the night".

Outro a ressaltar a beleza do céu é John Miers, dizendo que vila de Melincué forma “uma visão animadora para nós que estávamos vagando por um deserto solitário e sombrio; a água do lago, a folhagem das árvores, as cercas dos jardins e as várias tonalidades do céu produziam **muitas sensações agradáveis e provocavam grande alegria**”<sup>134</sup> (MIERS, 1826, p.48, tradução nossa, grifo nosso), ali a beleza estava também atribuída a ação humana através dos jardins que cultivavam. Miers destaca o contraste entre os campos ‘desertos’, ‘solitários’ e ‘sombrios’ pelos quais havia passado com a pequena vila que com seu lago, árvores e jardins formava um quadro mais agradável e convidativo. William MacCann também parece cansado do aspecto dos campos, onde “por todos os lados se estendia uma planície aparentemente ilimitada, agora brilhante com a verdura fresca da primavera e coberta com miríades de bovinos, cavalos e ovelhas”<sup>135</sup> (MACCANN, 1855a, p.8, tradução nossa), porém o frescor da primavera e a presença de gado deixava tudo mais belo. Para Bishop e seus companheiros também destacavam a beleza de uma localidade pela presença do gado que ali existia, foi:

no sábado, 14 de abril, [que] desamarramos nossos bois diante do Rio Cuarto. Ao longo de todo o caminho o patrão e o capataz falaram desta aldeia, que descreveram como sendo muito bonita, repleta de belas casas de caimento branco e habitada por uma classe rica de pessoas, muitas das quais possuíam milhares de gado que pastavam em estâncias fora da aldeia<sup>136</sup> (BISHOP, 1870, p.136, tradução nossa).

A cidade de Rio Cuarto era bela por ter casas finalizadas com cal, recurso incomum apontado por diversos viajantes e pela presença de ‘milhares’ de gado. A figura humana, em suas construções ou criações de animais, mais uma vez é o que torna um local belo.

MacCann escreve uma passagem contando sobre o dia mais emocionante de sua vida, após ter pela primeira vez na vida visto veados e emas selvagens correndo pelos campos cheio de gado e bandos de pássaros:

---

134 No original: “were a cheering sight to us who had been wandering over a dreary solitary waste; the water of the lake, the foliage of the trees, the fences of the gardens, and the various tints of the sky, produced many pleasing sensations, and excited no small degree of exhilaration”.

135 No original: “On every side extended a seemingly boundless plain, now bright with fresh spring verdure, and covered with myriads of cattle, horses, and sheep”.

136 No original: “On Saturday, April 14, we unlashed our oxen before Rio Cuarto. All along the road the patrón and capataz had spoken of this village, which they described as being very beautiful, filled with fine white-washed houses, and inhabited by a wealthy class of people, many of whom owned thousands of cattle which were pastured upon estancias outside the village”.

Depois de um dia emocionante – talvez o mais emocionante da minha vida – chegamos à estância onde pretendíamos dormir e onde Dom Pepe esperava obter algumas informações valiosas. A casa era sombreada por três ou quatro ombus, e o proprietário educadamente veio ao nosso encontro, pedindo-nos que descêssemos e passássemos a noite. Fiquei agradavelmente surpreso ao ver dois lindos galgos, fortes o suficiente para derrubar um cervo, que responderam alegremente às minhas carícias<sup>137</sup> (MACCANN, 1853a, p.42, tradução nossa).

Aquele dia fora tão impactante ao viajante que aqueles momentos, animais e paisagens permaneceriam em sua memória.

Ainda tratando sobre céus e pastagens a perder de vista, Beschoren percorrendo uma distância entre Lagoão e Soledade, uma região de encontro entre os biomas Pampa e Mata Atlântica, escreve que “a estrada leva pelos campos, procurando sempre a elevação das coxilhas [...] avistávamos léguas de distância, desde a mais longínqua coxilha. O leitor exclamará como eu, à primeira vez: ‘Meu Deus, que maçante! Nada mais senão pastagens e céu’” (BESCHOREN, 1989, p.29), apenas de vez em quando se avistava “uma casa, um rancho, e ao longe, no horizonte, a aromática floresta da serra” (BESCHOREN, 1989, p.30), porém a paisagem era muito mais do que isso, com o viajante comentando que:

no entanto a gente se engana. Deixando-se a estrada e fazendo-se excursões pelas laterais, encontra-se logo, o campo com numerosos capões, lindas pastagens e pradarias enfeitadas com coloridas flores, cercados por verdes bosques, - ou verdadeira floresta de araucárias que lembram os gramados da Pátria! (BESCHOREN, 1989, p.30)

É justamente esse ponto que buscamos ressaltar nos relatos dos viajantes e na percepção ambiental geral das pessoas. Se o Pampa for visto apenas a partir de um distanciamento, de uma visão que só vê a paisagem como um todo, muitos detalhes e riquezas desse biomas passarão despercebidos. Os capões de mato morada de inúmeros animais, as borboletas pousando delicadamente entre as coloridas flores, as nascentes de arroios cortando os campos aos poucos, enfim, uma variedade de elementos a serem observados, admirados e compreendidos se as pessoas, em especial os viajantes, procurarem observar o Pampa a partir de outras escalas.

---

137 No original: “After an exciting day—perhaps the most exciting of my life—we reached the estancia where we intended to sleep, and where Don Pepe hoped to obtain some valuable information. The house was shaded by three or four ombu-trees, and the owner politely came out to meet us, asking us to alight and come in for the night. I was agreeably surprised to see two beautiful greyhounds, strong enough to pull down a deer, who playfully responded to my caresses”.

Beschoren continua identificando locais belos pela região, como quando havia passado por uma ‘magnífica’ cachoeira e agora se via perante “o maravilhoso Vale do Uruguai, quase em serpentina, como um fio prateado, se estendendo entre as margens cobertas pela frondosa mataria. É um panorama magnífico!” (BESCHOREN, 1989, p.47), diz que ali no vale ‘reina’ uma ‘verdadeira primavera’. Nas ilhas do rio Uruguai e do rio Paraná, Isabelle vê as espessas matas ciliares como um atrativo, onde “nossos olhos se deleitavam na mistura das árvores, no contraste das verduras e das flores” (ISABELLE, 2006, p.153). Já em outro rio, o Jacuí, vê outra paisagem bela onde o rio passa por “algumas colinas meio arborizadas, corre entre belos prados verdes, regados por numerosos arroios, à sombra de árvores floridas, em torno das quais voejam sem cessar muitas espécies de beija-flores” (ISABELLE, 2006, p.219).

Em um trecho com grande contraste entre ambiente, William MacCann escreve:

passamos por trechos abertos de trigo e milho indiano; o aparecimento frequente de arado de bois, de rebanhos de gado bovino e bandos de ovelhas pastando nas pastagens mais ricas, forneciam uma agradável evidência da indústria agrícola e pastoril nesta localidade. Os prados apresentavam a aparência de um tapete ricamente bordado; as flores do verão, em infinita variedade, pintavam a paisagem com cores variadas e enchiam o ar de perfume. Em contraste com este quadro, porém, logo nos deparamos com uma vasta extensão do país coberto de mostarda selvagem e cardos gigantesco<sup>138</sup> (MACCANN, 1853b, p.11, tradução nossa).

Na primeira parte do trecho passa por campos com cultivo agrícola e presença de gado, mas não era apenas o trabalho humano sob a terra que fazia do lugar algo bonito, os campos estavam floridos e cheio de perfumes e cores do verão. Mas logo que passam por essa região já se encontram na segunda parte do trecho que descreve campos cobertos de plantas invasoras como a mostarda e o cardo, que nesse sentido não produzem nem beleza e nem utilidade aos humanos.

A depreciação de um lugar muitas vezes estava relacionada a sensação de vazio e imensidão que discutiremos em breve, isso pode ser notado quando Silveira escreve que “por

---

138 No original: “we passed through unenclosed patches of wheat and Indian corn; the frequent appearance of oxen ploughing, and herds of cattle and flocks of sheep grazing in the richest pastures, afforded a pleasing evidence of agricultural and pastoral industry in this locality. The meadows presented the appearance of a richly embroidered carpet; flowers of summer in endless variety painted the landscape in varied colours, and filled the air with perfume. In contrast to this picture, however, we soon came upon a vast extent of country covered with wild mustard and gigantic thistles”.

todas as campanhas circunvizinhas, pela estrada, que as cortava, e bem longe, reinava uma solidão profunda, e esta imprimia no viandante um sentimento da mais completa melancolia e uma saudade nostálgica do seu lar” (SILVEIRA, 1979, p.204). A ausência de humanos pela grande extensão dos Pampas era tão grande que era sentida até mesmo próxima de grandes cidades. Em Avellaneda “havia algumas boas casas de tijolos, mas todo o cenário tinha mais a aparência de uma entrada para alguma planície sem limites do que de um lugar a uma hora de viagem da capital de uma grande república; e o país, à medida que passávamos, estava coberto de gado, ovelhas e cavalos”<sup>139</sup> (MACCANN, 1853a, p.4, tradução nossa). Passados menos de duzentos anos, hoje Avellaneda é uma cidade na região metropolitana de Buenos Aires e provavelmente a coisa mais difícil de se encontrar por lá é qualquer espécie de gado pastando por um campo vazio.

Em Salto, no atual Uruguai, Isabelle reflete e se entristece com a paisagem dos arredores, pois:

havíamos pensado, não sei bem por que, que, à medida que avançássemos, mais encantadores deveriam ser os lugares e as paisagens. Não será assim, afinal, que caminhamos na estrada árida e tortuosa da vida? [...] Desencantos sobre desencantos, mistificações sobre mistificações, até o momento em que o túmulo se abre, centuplicando talvez a soma das mistificações e dos desenganos! (ISABELLE, 2006, p.173).

O pensamento de Isabelle chega a ser bem positivista, esperando que sempre as coisas melhorem como se a vida, ou sua viagem nos Pampas, fosse uma linha reta contínua e ascendente. Mas a vida, e o Pampa, não são assim. Os viajantes passam por momentos bons e ruins, paisagens magníficas e outras monótonas e desgastantes. Em uma tarde de outono do ano de 1859, nos campos de São Vicente, Hemeterio da Silveira reflete dizendo que “era hora em que o sol desaparecia no Ocidente, e por todo o derredor, reinava a melancolia inseparável da campanha erma” (SILVEIRA, 1979, p.451), nesse período quando o sol se despedia, tudo o que restava nos campos do Pampa era escuridão ou penumbra. O grupo era praticamente obrigado a assentar acampamento, acender uma fogueira para se alimentar e se aquecer. A estrada ou trilha tomada já estava praticamente oculta sob a noite e muitos tinham receio de

---

139 No original: “there were a few good brick houses, but the whole scene had more the appearance of an entrance to some boundless plain, than a place within one hour's ride of the capital of a large republic; and the country, as we passed along, was covered with cattle, sheep, and horses”.

prossequir tateando o escuro correndo riscos de se perderem, caírem do cavalo ou se colocarem em outras situações de perigo. Saint-Hilaire havia saído sozinho nos arredores de Montevideú, distraiu-se e teve que voltar sob um terreno muito esburacado, no frio e na chuva por uma estrada que mal via devido à escuridão que se fazia, todo esse esforço para encontrar os portões da cidade, até então murada, fechados (SAINT-HILAIRE, 1987, p.145-146). A noite no Pampa era o silêncio, o escuro e a solidão. Com sorte os campos estariam minimamente iluminados pelo brilho da lua e das estrelas, enquanto o vento dava movimento aquele mundo que havia brevemente parado esperando o nascer do sol.

Silveira conta que essa localidade era uma antiga estância jesuítica que fora abandonada e que depois da Revolução Farroupilha em 1835 sofrera nova dispersão, sobrando poucas pessoas nas redondezas. Porém, passou novamente por ali em 1866 e já haviam estabelecido umas quarenta casas com uma diversidade de espécies de gado pelos campos (SILVEIRA, 1979, p.451-454). Seu relato sobre São Vicente nos dá uma perspectiva de como viajantes que permaneceram anos em uma mesma região podem nos indicar as diacronias de uma localidade em específico. O viajante também registra muito das passagens do tempo na região das missões jesuíticas, testemunhando as construções jesuítas se transformarem em ruínas ano após ano. As mudanças, acompanhada da tristeza de ver o estado de uma região outrora pujante também são percebidas quando menciona que “bem longe, bem ermo, bem triste é agora o terreno, que vamos percorrer desde as ruínas de São Nicolau [até São Borja], a situação lá já foi bela e aprazível, como demonstraremos. Outro tanto não sucede à vasta campanha, que tivemos de percorrer, antes de lá descansarmos” (SILVEIRA, 1979, p.240).

Um sentimento bastante recorrente nos relatos é o medo. O medo de se perder nos campos, medo de um encontro com indígenas ‘selvagens’, medo de serem atacados por saqueadores enquanto dormiam, medo de se depararem com uma onça, medo de morrer longe de casa e de todos. Enfim, o medo não foi apenas “um tema popular entre os românticos tardios” (WORSTER, 1994, p.125, tradução nossa) ele estava de certa forma presente em todos os viajantes que a sua frente tinham apenas as incertezas de seus destinos. Samira Moretto (2021, p.80) destaca que a segurança de uma expedição era o primeiro fator a ser considerado, pois as viagens apresentavam muita periculosidade. David Carvalho e Tiago Gil (2021, p.60) também ressaltam que o viajante que estudaram, José Cabrer, enfrentou

inúmeros infortúnios em interações com animais e outras adversidades durante a viagem. A viagem era sinônimo de perigos e receios, apenas alguém muito inconsequente como Nathaniel Bishop teria a ideia, do alto dos seus dezessete anos, de percorrer os Pampas sozinho, a pé e sem saber falar o mínimo de espanhol.

As viagens eram programadas para serem realizadas em grupos, com membros armados e responsáveis por fazerem vigias durante a noite, sendo conduzidos por guias que sabiam os caminhos e tinham contatos pela rota. O socorro médico ou policial era praticamente inexistente, ficando os viajantes jogados a própria sorte. Um dos maiores perigos era exatamente o conflito com outros humanos, como reflete Nicolau Dreys que certo dia observando uma quantidade incrível de aves reunidas pelos campos notava que elas não brigam e não se matavam, mas “supondo igual multidão de homens reunidos no mesmo lugar, a morte, cada dia, juncaria a terra de suas vítimas” (DREYS, 1990, p.57). A figura humana era para ele a inimiga “natural de tudo o que respira, como o temos experimentado” (DREYS, 1990, p.59), e mais do que isso, a raça humana tem uma “missão de destruição” (DREYS, 1990, p.60) que no Pampa só encontraria adversário à altura na ferocidade das onças (DREYS, 1990).

Com medo dos indígenas pampeanos, compraram doze mosquetes, pistolas e sabres (HEAD, 1827, p.47), dizia que “o país em que estávamos estava muito infestado de salteadores (ladrões) mas como eu estava sempre bem armado me senti bastante seguro”<sup>140</sup> (HEAD, 1827, p.211, tradução nossa), essa sensação de segurança por estar armado não parece ter sido tão verdadeira já que o viajante demonstrou receio e medo em diversas passagens de sua viagem, sendo provavelmente o viajante mais receoso de todos. “Na travessia dos Pampas é absolutamente necessário estar armado, pois há muitos ladrões ou salteadores, principalmente na desolada província de Santa Fé”<sup>141</sup> (HEAD, 1827, p.53, tradução nossa), motivo pelo qual Miers desvia sua rota inicial para um caminho menos usual e mais seguro. Head descreve inúmeros ataques de indígenas à província de Santa Fé e diz que ali ninguém mais quer viver, o gado já fora deslocado, roubado ou morto, o viajante fica

---

140 No original: “the country we were in was much infested by salteadores (robbers) but as I was always well armed I felt quite secure”

141 No original: “In crossing the Pampas it is absolutely necessary to be armed, as there are many robbers or salteadores, particularly in the desolate province of Santa Fé”.

imaginando quantas pessoas já morreram naquela região abandonada, quantas crianças foram assassinadas e quantas mulheres foram levadas (HEAD, 1827, p.82-85), porém o maior perigo dos Pampas era atravessá-lo sozinho e cair do cavalo por conta de um buraco de viscacha (HEAD, 1827, p.54), se a pata do cavalo entrasse ou tropeçasse em um buraco desses roedores, o risco do animal se desequilibrar, cair e quebrar a pata era gigantesco. E o risco se estendia ao seu cavaleiro que poderia se machucar devido a queda, ser esmagado pelo corpo do cavalo e dependendo do azar, até falecer por conta da queda e da ausência de atendimento médico. Head diz ter caído do cavalo enquanto percorria os Pampas mais vezes do que em todo o resto da sua vida, devido ao terreno ser extremamente esburacado por conta da presença das viscachas (HEAD, 1827, p.77-80).

Uma das passagens mais memoráveis dos relatos é quando Saint-Hilaire, José Mariano e Matias, dois de seus empregados, se intoxicaram com mel de abelhas nativas das quais chama de lechiguana<sup>142</sup>. Enquanto Saint-Hilaire sofria de fraqueza no corpo e alucinações após ter ingerido duas colheres do mel, via um de seus companheiros correndo insanamente pelos campos. O viajante chegou a sonhar com sua irmã, provavelmente já falecida, vestida toda de branco em um estado de paz e serenidade o conduzindo para o tribunal de Deus (SAINT-HILAIRE, 1987, p.241). “Sinto que irei morrer neste deserto, longe de minha família e de meu país [...] minha mãe e meu sobrinho não necessitarão de mim. Mas este pobre Firmiano, que atirei nestes desertos, que será dele quando eu já não existir?” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.241), Firmiano era um peão de origem indígena que trabalhava no grupo. Tão preocupado ficou, que começou a planejar o que fariam com suas coleções, que deveriam ser encaminhadas para o Museu de História Natural de Paris e os manuscritos de seu diário para sua família. Felizmente o efeito do mel logo passou, mas o grupo passou por outros momentos de perigo, como quando na costa uruguaia José Mariano impaciente com os ramos de cardo que não ascendiam o fogo rapidamente, resolveu abrir uma cápsula de pólvora para catalisar o processo, porém ela reagiu com o carvão acesso e o queimou todo (SAINT-HILAIRE, 1987, p.177). Sem o guia “teríamos [nos] perdido inúmeras vezes nesta campanha imensa, onde não se vê ninguém, onde há tão poucas casas, entremeadas de uma infinidade de

---

142 Difícil saber qual a espécie que o viajante se referia, mesmo se era uma vespa (*Brachygastra lecheguana*) ou se era uma abelha (*Scaptotrigona bipunctata*), podendo ainda ser outra espécie que não essas mencionadas.

caminhos”(SAINT-HILAIRE, 1987, p.178).

Nas margens do rio Paraná, Darwin percorria os matos que “fornecem um refúgio para capivaras e jaguares. O medo que sentíamos deste último animal praticamente destruiu todo o prazer de caminhar pela mata” (DARWIN, 2008, p.164) que estava com o chão coberto de rastros da passagem desses animais. Outro modo “método comum de descobrir se um jaguar está nas redondezas é examinar essas árvores” (DARWIN, 2008, p.165) onde os animais afiam suas garras. Esses predadores se alimentavam de capivaras, algumas pessoas diziam que de peixes também, e por vezes atacavam e predavam o gado, sendo além de um perigo aos humanos, um problema econômico. Saint-Hilaire também escutou histórias de onças, em Rocha lhe indicaram:

tomar uma precaução, quando percorresse o Cerro Aspero, porque, diziam, as rochas dessa montanha servem de caverna aos tigres. Percorri-o em todas direções e não vi nenhum desses animais. É certo que outrora, eles eram muito comuns nesta região, mas durante a guerra o movimento das tropas afugentou a maioria deles (SAINT-HILAIRE, 1987, p.126).

Ele comenta novamente sobre a diminuição desses felinos pelos campos quando em San Juan, ao norte de Colônia do Sacramento:

ao entardecer, Mateus veio dizer-me que, muito perto da casa, um tigre comia o potro da minha jumenta; ele chamou o cachorro para ver o que faria, mas o pobre animal nem mesmo se aproximou para ver. Quando fez, tratou logo de fugir. Estes tigres (*uncus pintadus*) eram muito comuns na campanha, mas a redução do gado e o tumulto da guerra tornaram-nos bem mais raros (SAINT-HILAIRE, 1987, p.178).

Indo mais ao norte, subindo o rio Uruguai, eles encontraram novamente onças. Foi nos campos de Belém, que então demarcavam a fronteira entre a capitania do Rio Grande de São Pedro e a província brasileira da Cisplatina, que Matias encontrou rastros do animal na noite de verão, o vaqueano do grupo confirmou dizendo que havia muitos desses animais pela região. No dia seguinte avistaram um ‘tigre’, atiraram nele sem acertar, mas foi o suficiente para afugentá-lo (SAINT-HILAIRE, 1987, p.233-237). Passado mais um dia, encontraram os restos do melhor cavalo da comitiva sendo devorado por quatro ‘tigres’, eles acharam muitos restos de animais por esse caminho e sabiam que tinham sido vitimados pelas onças pois “quando um animal morre naturalmente, seus ossos permanecem uns ao lado dos outros, mas

os que vimos estavam dispersos, aqui e acolá” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.239). Efetivamente as onças constituíam a maior ameaça da fauna no Pampa, e não eram apenas temidos por humanos, mas por outros animais que sabiam o perigo que representam, situação que pode ser observada quando “nossos cavalos estancaram, anunciando em todos os seus movimentos de **terror**; a **respiração deles era acelerada** e julgamos, por isso, que houvesse algum tigre escondido na relva. Com efeito, a pouca distância daí, reconhecemos na terra o rastro desses animais” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.240, grifo nosso). Mesmo sem ser avistado, a possível presença do animal já era motivo de medo e terror.

#### 4.3 MELHORAMENTO E ORDENAMENTO

Dois aspectos explorados principalmente pelos pensadores neo-iluministas foram o melhoramento e o ordenamento. Além dos termos aparecerem com frequência nos relatos de viagem, podemos verificar que outros historiadores também os utilizam, como é o caso William Cronon (2011, p.56) que utiliza o conceito de melhoramento com o termo ‘*improve*’. Tanto o melhoramento quanto o ordenamento eram sinais da presença do trabalho humano sob um espaço natural. Esse ímpeto humano era valorizado e admirado pelos autores neo-iluministas. Raymond Williams indica que a ideia de melhoramento da terra tenha surgido em um contexto inglês onde:

a propriedade deixou de ser considerada uma herança que gerava uma determinada renda, passando a ser vista como uma oportunidade de investimento, que traria um lucro muito maior. Assim, uma ideologia do melhoramento – da transformação e organização da terra – tornou-se importante e dominante (WILLIAMS, 2011, p.105).

Melhorar a terra seria amplificar sua produção seja pela maneira que for, por tanto, incorporar novas ferramentas no campo, introduzir novas técnicas de cultivo, adubar a terra, fazer construções que permitam a irrigação do solo seriam alguns exemplos de melhorias. Aumentar a produção de um pedaço de terra não era apenas um ganho econômico pessoal, mas uma forma de explorar os limites daquele território, de demonstrar a capacidade humana e da nação de produzir cada vez mais e mais. Era um símbolo de trabalho e de dignidade, enquanto a falta de um trabalho mais intenso sobre a terra era vista como sinal de preguiça,

como bem assinala William Cronon ao dizer que “sua suposta falha em ‘melhorar’ aquela terra era uma prova não de sua escolha de modo de vida mas de sua preguiça”<sup>143</sup> (CRONON, 2011, p.55, tradução nossa).

O ordenamento do mundo natural estava mais concentrado na forma como a produção era realizada, procurando dar um sentido ao ‘caos’ do mundo natural. A ordem poderia ser imposta na distribuição das plantas cultivadas em linhas retas, nos formatos geométricos calculados para aproveitar melhor os espaços. Os jardins e os pomares eram os grandes templos do ordenamento, ali a natureza estava controlada e contida de acordo com o interesse humano. Para Head “todo o país está em uma ordem tão bela”<sup>144</sup> (HEAD, 1827, p.17, tradução nossa) e isso era um sinal positivo de sua prosperidade, era a busca humana por “sistematizar o caminho e impor um padrão mais regular sobre ele”<sup>145</sup> (CRONON, 2011, p.32, tradução nossa), deixando a marca de sua presença ali.

Sobre ordenamento do mundo natural a agricultura brasileira estava muitas vezes associada a imagens de “destruição, de desperdício, de anarquia e de caos, que por contraponto remetem à visão das colheitas bem ordenadas e concertadas dos campos franceses” (POTELET, 1993, p.128 apud BRAGA, 2019, p.108), muito porque os territórios e a natureza ainda precisavam serem conquistados e domados, de acordo com a visão da época. Havia uma “ausência do que reconheciam como civilizado” (BRAGA, 2019, p.109), muitas vezes identificado justamente na forma como os humanos trabalhavam a terra. Para o caso do Pampa, os campos destinados predominantemente à pecuária eram muitas vezes vistos como vazios, desperdícios e incultos, carecendo exatamente da força do trabalho humano em ordenar e tomar esses espaços com a prática do plantio, essa visão foi muito construída quando “durante todo o século XVIII e algum tempo ainda, os aprimoradores continuaram a louvar essa paisagem uniforme de opulência e produtividade e a deplorar as vastidões não cultivadas” (THOMAS, 2010, p.363), refletindo na percepção dos espaços pampeanos ao longo de todo o século XIX e talvez até os dias de hoje. Havia um claro choque entre o

---

143 No original: “Their supposed failure to “improve” that land was a token not of their chosen way of life but of their laziness”.

144 No original: “the whole country is in such beautiful order”.

145 No original: “systematize the pathwork and impose a more regular pattern on it”.

pensamento europeu que carecia de espaços para produção agropastoril e a prática realizada na América, onde as terras ainda estavam relativamente mais disponíveis.

A falta de cultivo era fator de ojeriza para muita gente, pois “por toda a primeira fase dos tempos modernos prosseguiu esse labor – empurrando a lavoura colinas acima, recuperando charcos, drenando pântanos, convertendo charnecas em solo arável” (THOMAS, 2010, p.360). No século XVIII, “a ideologia do aprimoramento estava tão difundida” (THOMAS, 2010, p.361) que não era incomum ouvir os desejos de alguém por “transformar ‘as terras estéreis do reino em cultura’ e ‘cobri-las de nabos, trigos e trevos, ao invés de urzes, tojo e fetos”” (THOMAS, 2010, p.361), como o escritor inglês Arthur Young dissera. No Pampa isso pode ser transformando na fala de William MacCann que louvava a terra coberta de milho e trigo plantados pela mão humana, mas desprezava o campo coberto de mostarda e cardos selvagens que eram vistos como pragas (MACCANN, 1853b, p.11).

As regiões americanas eram muito vistas a partir do caráter econômico. Beschoren, por exemplo, se refere aos campos como zonas de criação de gado enquanto as matas da Mata Atlântica no centro-norte da Província do Rio Grande do Sul, seriam zonas de produção de erva-mate (BESCHOREN, 1989, p.27).

Na casa do inglês Clark, em Quilmes, William MacCann se admira da ordem em que as coisas estão:

entrou na casa do Sr. Clark com sentimentos aliados aos de casa: tudo tinha a aparência do conforto inglês e da indústria inglesa. Caminhei pelo jardim e pelos terrenos, que estavam em **linda ordem** e abastecidos com uma profusão de vegetais; cercas fortes e bem cuidadas e piquetes ricos e bem fechados; alguns arados e grades escoceses tinham acabado de encontrar a melhor terra que já vi - um rico solo argiloso preto, adequado para produzir qualquer coisa; os pátios fervilhavam de aves domésticas e rebanhos de porcos; grandes montes de feno estavam num campo adjacente; acompanhados de mulheres irlandesas saudáveis e felizes<sup>146</sup> (MACCANN, 1853a, p.6, tradução nossa, grifo nosso).

---

146 No original: “entered the house of Mr. Clark with feelings allied to those of home: everything had the appearance of English comfort and English industry. I walked through the garden and grounds, which were in beautiful order, and stocked with a profusion of vegetables; neat strong fences, and good paling, enclosed rich paddocks; some Scotch ploughs and harrows had just turned up the finest land I ever saw—a rich black loam, fit to produce anything; the yards were alive with domestic fowls and herds of swine; large ricks of hay stood in an adjoining field; while healthy, happy Irish women”.

A propriedade desse inglês era exemplo do trabalho desejado por MacCann e muitos viajantes. As coisas estavam ordenadas e o terreno tinha muitos vegetais, muitos animais domésticos, muito feno, havia ferramentas, os campos estavam bem divididos e cercados. Tudo era ordem e as pessoas eram felizes e saudáveis, um exemplo de uma sociedade trabalhadora e industrial.

Já foi anteriormente analisado (MINUZZI, 2017, p.119-120) como Isabelle ficava indignado ao ver alguns problemas em determinadas regiões, ele acreditava que “uma nação industrial como a dos norte-americanos, por exemplo, já teria aplainado as pequenas dificuldades que entravam a navegação do Uruguai e enchido esse belo rio de embarcações a vapor, para facilitar o crescimento da população e o escoamento dos produtos” (ISABELLE, 2006, p.175). Porém o que se constatava era bem diferente, a população se concentrava em disputas sangrentas e em questões desimportantes que somadas à apatia dos habitantes resultava em poucos avanços, na opinião do viajante. A crítica geral se estendia a todos, espanhóis, portugueses, brasileiros, gaúchos, indígenas e africanos, o que por vezes servia de combustível para propagandas e incentivos de novas colonizações. Isabelle acreditava, por exemplo, que “a preguiça e a indolência dos nativos são um obstáculo a toda espécie de inovação útil, e seria necessário que os estrangeiros dessem o exemplo” (ISABELLE, 2006, p.224), apesar da hospitalidade enorme dos brasileiros e argentinos, os homens do campo viam com maus olhos os estrangeiros que se estabeleciam no comércio e na indústria, como foi o caso do próprio Isabelle que em Buenos Aires temeu ser perseguido quando chegou ao país e posteriormente quando implementou na cidade um comércio próprio. Esses “homens, meio selvagens, vêm com desagrado os estrangeiros que os obrigam a sair do seu gênero de vida rústica, para que se coloquem no nível da civilização” (ISABELLE, 2006, p.225), tendo Isabelle conversado com muitos estancieiros sobre tal característica do povo. O viajante acreditava que a civilização e a nação eram constituídos de um povo laborioso. Uma de suas maiores críticas é em relação a acumulação de terras em grandes propriedades rurais voltadas à pecuária, pois nota que em toda a região há “uma grande quantidade de sítios magníficos, de terrenos fertilíssimos e próprios à cultura de cereais, algodão, açúcar, café e mandioca, [que] ficarão ainda muito tempo habitados unicamente por bois, carneiros, mulas e cavalos” (ISABELLE, 2006, p.222), reforçando uma ideia de que a agricultura seria mais digna do que

a pecuária. Para ele, nas terras faltavam “braços laboriosos para cultivá-las, uma vez que produzem em abundância” (ISABELLE, 2006, p.52), com John Miers reiterando a ideia ao afirmar que “é necessária apenas a mão do homem para tornar estas imensas planícies tão produtivas quanto qualquer pradaria pode ser”<sup>147</sup> (MIERS, 1826, p.21, tradução nossa). Mesmo sendo um dos viajantes mais voltados as ideias românticas, Francis Bond Head também compartilha essa visão sobre o trabalho quando fala:

é natural considerar o quão poderoso este país deve necessariamente se tornar, quando, animado por uma grande população, enriquecido pela indústria e inteligência do homem, e protegido pela integridade e poder de governos bem constituídos, assume essa posição no ranking do mundo civilizado que se deve ao seu clima e solo<sup>148</sup> (HEAD, 1827, p.254, tradução nossa).

Então mesmo um viajante fortemente ligado ao movimento romântico também poderia apresentar ideias neo-iluministas de melhoramento e ordenamento realizados pela ação humana sobre a natureza.

#### 4.4 O PAMPA COMO UM DESERTO: O VAZIO, A MONOTONIA E A VASTIDÃO

O que é mais marcado para o bioma Pampa nos relatos dos viajantes é a sua associação com um deserto. Os amplos espaços abertos dos campos são vistos como espaços vazios, ausentes de humanos e por vezes até mesmo de animais, é uma paisagem monótona que nunca muda ou surpreende, uma linha reta e plana até o horizonte, é de uma vastidão infindável. Esses elementos juntos dão uma sensação de solidão e de afastamento da civilização, do mundo humano. Nessa perspectiva, estar no meio do Pampa é estar isolado, descolado de tudo aquilo que os viajantes tinham: suas referências, sua família, seus contatos, a segurança de se viver nas cidades. O viajante para e observa atentamente ao seu “redor, mas exceto alguns arbustos, não havia nada além de ‘o vento soprando e a grama crescendo’ – em

---

147 No original: “It needs only the hand of man to make these immense plains as productive as any prairie land can be”.

148 No original: “it is natural to consider how powerful this country must necessarily become, when, animated by a large population, enriched by the industry and intelligence of man, and protected by the integrity and power of well-constituted governments, it takes that rank in the civilized world which is due to its climate and soil”.

todas as direções havia uma vasta extensão de planície”<sup>149</sup> (HEAD, 1827, p.211-212, tradução nossa).

Na província de Santa Fé, Francis Bond Head se junta a outras pessoas do local para investigarem a morte de um mensageiro, cometida por saqueadores em uma cabana, que anteriormente já havia sido queimada e toda a família morta por indígenas, e:

quando chegamos lá, olhei ao meu redor e não vi nenhuma outra cabana ou habitação; não havia gado, e quando alguns veado-campeiro, que por alguns momentos estiveram à vista, fugiram, ficamos completamente entregues a nós mesmos, e não se viu um pássaro ou qualquer animal. Estávamos no centro de uma província deserta<sup>150</sup> (HEAD, 1827, p.74, tradução nossa).

Não havia onde se esconder e não havia a quem pedir ajuda. A planície cobria quilômetros de distância, afastando e isolando uma comunidade da outra. Os perigos, como vimos, eram muitos, o que só intensificava a sensação de agonia e terror ao percorrer esses amplos espaços. Era “uma perfeita planície pampeana, um perfeito oceano de relva [onde existe um] poder de seu efeito na alma [nesse] vasto espaço verde, não havia homem, nem habitação humana em parte alguma” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.289) só se via cavalos, vacas e veados pastando.

O conceito de deserto em seu sentido geográfico se refere a áreas de baixa pluviosidade anual, o que não se enquadra nas condições pluviométricas do Pampa. O termo deserto é utilizado pelos viajantes mais no sentido de um espaço vazio, desocupado, desabitado, monótono, pouco atrativo, improdutivo e inóspito. Ao longo do século XIX “o Pampa aparece quase sempre associado à idéia de deserto, de barbárie, de selvageria, de ausência de ordem e de governo” (MÄDER, 2008, p.265), acentuado pelos conflitos e instabilidade política. Avé-Lallemant indica que em solo argentino “o quadro de desenfreio, isolamento e selvageria [é] muito mais vivo do que na província brasileira” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301) sendo que bastava se afastar “alguns minutos de Uruguaiiana, [que] já nos encontrávamos em pleno Pampa. Árvores, arbustos, pomares, plantações,

149 No original: “I looked earnestly round me, but, except a few shrubs, there was nothing but ‘the wind blowing and the grass growing’ – in every direction was a vast expanse of plain”.

150 No original: “When we got to it, I look around me, and no other hut or habitation was to be seen; there were no cattle, and when a few gamas (deer), which for a few moments were in sight, had fled away, we were left completely to ourselves, and not a bird or any animal was to be seen. We were in the centre of a deserted province”.

habitantes, tudo desaparecera” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.312). O médico-viajante associa o Pampa pleno de suas funções com a ausência de coisas, sejam elas a presença humana ou uma variedade de elementos naturais – árvores, arbustos e pomares – e isso aumentava a sensação de isolamento e de selvageria.

A ideia de Pampa como deserto atravessa o século XIX e continua presente até os dias de hoje, influenciando na forma como as pessoas percebem o bioma e interagem com ele. Do lado brasileiro da fronteira essa percepção pode ser ainda mais acentuada devido ao caráter periférico do Pampa em relação a espacialidade geográfica, de poder, de economia e populacional do país. Enquanto isso no Uruguai e na Argentina o Pampa ocupa uma espacialidade central nesses países, sendo parte formadora da cultura nacional e local onde a maior parte da população e do poderio político-econômico circulam.

Os historiadores Paulo Zarth e Marcos Gerhardt (2009) atribuem a alta concentração latifundiária presente no Rio Grande do Sul como um empecilho para o crescimento demográfico, pois a estrutura pastoril e de divisão de terras acabava provocando e incentivando a concentração de terras. Paulo Zarth faz um estudo e constata que:

as queixas de autoridades, de empresários e de viajantes fazem sentido se observarmos os dados estatísticos históricos que apontam para uma elevada concentração fundiária e baixa densidade demográfica. A população era muito pequena nos séculos 18 e 19 e a densidade demográfica baixíssima para os padrões atuais (ZARTH, 2008, p.144).

É a partir desse contexto que surgem as primeiras referências do Pampa como um deserto, sendo o conceito utilizado pelo menos desde 1785, como indicam Zarth e Gerhardt (2009). Seu uso é repetido também em 1849 pelo presidente da Província, Francisco José de Souza Soares de Andrea, com a finalidade de mostrar seu descontentamento com os grandes latifundiários pecuaristas que deixavam suas terras subutilizadas, ‘grandes desertos’ (ZARTH, 2006, p.156). A expressão pode ser vista recorrentemente nos relatos: “há estâncias no campo, como oásis no deserto” (BAGUET, 1997, p.73); “[sei] que esta região é completamente deserta e, por conseguinte, estava claro que, avançando mais, teríamos a chance quase certa de não reencontrar a casa e morrer de fome” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.226); “toda a região mal merece um nome melhor que de deserto” (DARWIN, 2008, p.49); “o viajante dirige sua

marcha no meio desse Saara americano” (DREYS, 1990, p.48); “somente aos poucos, e depois de haver penetrado para o interior, que a gente se familiariza com esses campos incultos e esses desertos sem fim chamados Pampas” (ISABELLE, 2006, p.39).

Sabemos que “ao longo de diferentes épocas e espaços, viajantes e aspirantes a conquistadores viram os desertos não apenas como ambientes proibitivos por direito próprio – chamuscados e aparentemente sem vida – mas como lugares que exemplificam e refletem o caos social”<sup>151</sup> (ISENBERG; MORRISEY; WARREN, 2019, p.9, tradução nossa), o que ocorria nos Pampas do século XIX. Um quadro político extremamente instável, um controle interno dos governos bastante frágil e pouco presente em muitas regiões, falta de estruturas que conectassem as regiões e constantes guerras e conflitos tornavam a região um local inseguro e tenso. “As várias suposições encorajaram os ocidentais a acreditar que os desertos e os seus habitantes precisam de grandes melhorias”<sup>152</sup> (ISENBERG; MORRISEY; WARREN, 2019, p.9, tradução nossa) e necessitando de amplas transformações, semelhante ao que o presidente da Província, Francisco José de Souza Soares de Andrea, havia comentado sobre as terras serem subutilizadas necessitando de melhoramentos como já vimos ser a sugestão de diversos viajantes.

Para os escritores gregos e romanos os desertos são “o descaminho, o vazio, a solidão e o perigo constante de se perder”<sup>153</sup> (REGGER, 2019, p.37, tradução nossa), sendo que “solidão, ou seu plural solidões, que serve como uma das palavras latinas mais frequentes para deserto, enfatiza novamente a ausência”<sup>154</sup> (REGGER, 2019, p.37, tradução nossa), ausência de água, ausência de plantas, ausência de animais, ausência de chuva, ausência de civilização. Após dias viajando por planícies pantanosas em um caminho alternativo e pouco usual, Miers e seu grupo conseguem se alimentar de leite, frutas e pão, “isso era para nós verdadeiros luxos, pois nossa jornada pelos pampas nos separou de toda civilização e de todo

---

151 No original: “Across different times and spaces travellers and would-be conquerors have seen deserts not only as forbidding environments in their own right – scorched and seemingly lifeless – but as places that exemplify and reflect social chaos”.

152 No original: “The various suppositions have encouraged westerners to believe that deserts and their inhabitants need extensive improvements”.

153 No original: “tracklessness, emptiness, solitude and the constant danger of getting lost”.

154 No original: “solitude, or its plural solitudines, which serves as one of the most frequent Latin words for desert, again emphasises absence”.

tipo de indulgências”<sup>155</sup> (MIERS, 1826, p.63, tradução nossa). Já Avé-Lallemant escreve que “viajamos durante horas, nenhuma casa, nenhum ser humano! Rebanhos e mais rebanhos de gado dispersos ao longe, uma bonita **solidão** verde, mas quase demasiado erma” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.197, grifo nosso).

Indo visitar Aimé Bonpland do lado argentino do Pampa, o viajante comenta que ali “o quadro de desenfreio, isolamento e selvageria [é] muito mais vivo do que na província brasileira” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301) sendo que bastava se afastar “alguns minutos de Uruguaiana, [que] já nos encontrávamos em pleno Pampa<sup>156</sup>. Árvores, arbustos, pomares, plantações, habitantes, tudo desaparecera” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.312). Tudo era silêncio e tranquilidade naqueles campos. Após passar por inúmeras palmeiras, muito provavelmente Butiás (*Butia spp.*), o viajante se depara com:

surge uma verdadeira África. Começa um perfeito Pampa. Embora um imenso espaço se mostra a planície ainda um pouco ondulada e ao longe se formem extensas coxilhas, semelha, no entanto, vista de ponto regularmente elevado, um perfeito plano levemente inclinado aqui e ali, em cujos vales se elevam matagais, geralmente mimosas, formando muitas vezes cercas naturais. Fora disso nenhuma árvore (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301).

Não fica claro o que o viajante quis dizer com aquela paisagem parecer uma África, talvez por se assemelhar as savanas africanas. De qualquer modo ele destaca diversas características pampeanas como as coxilhas, terreno levemente ondulado, a imensidão da planície, alguns matagais, mas praticamente sem árvores pelos campos. Novamente do lado brasileiro do Pampa e próximo a Cachoeira do Sul ele escreve que tudo era “matas e campos, coxilhas e vales, tudo parece ondular, vendo-se aqui e ali rebanhos de gado e cavalos trotando alegremente” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.193), “mas nenhuma casa, nenhum ser humano” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.194), cenários bem semelhantes apesar de distarem muitos quilômetros. No Pampa “embora predominem as paisagens de campo, aparentemente homogêneas e vazias, existe um mosaico de ecossistemas com grande diversidade de plantas, animais e micro-organismos, alguns endêmicos” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.132), com

<sup>155</sup> No original: “These were to us actual luxuries, our journey across the pampas having separated us from all civilization, and all sorts of indulgencies”.

<sup>156</sup> Hoje essa região de Corrientes é classificada como ecorregião Campos y Malezales pelo governo argentino, mas como já explicado no capítulo 1, estamos considerando como bioma Pampa, ideia reforçada pelo próprio viajante.

o bioma apresentando algumas características gerais homogeneizadoras e que justamente eram aquelas características relacionadas a monotonia e a vastidão.

O vazio sentido pelos viajantes ainda abria lugar para a associação com outras características, Luccock revela que “a região é por tal forma vasta e aberta e a população tão rala, que favorece a perpetração dos piores crimes, pela esperança da fuga. O assassinato é comum e, com um cavalo veloz e algum conhecimento da rota a seguir, é fácil a um assassino transpor a fronteira” (LUCCOCK, 1942, p.120), o viajante ainda indica que deixando o alvoroço passar, o criminoso poderia voltar muitas vezes impune ao país. Dessa forma, os extensos campos do Pampa, assim como as florestas medievais, passam a ser vistos também como um espaço para o crime. Charles Darwin se impressiona com a quantidade de cardos (*Cynara cardunculus*), uma espécie exótica e invasora no Pampa, que, dentre várias funções, serviam de abrigo aos bandidos.

As moitas eram do verde mais brilhante, e elas faziam uma agradável semelhança em miniatura de uma área de floresta aberta. Quando os cardos estão completamente crescidos, os grandes leitos são impenetráveis, exceto em umas poucas áreas, tão intrincadas como as de um labirinto. Estas são apenas conhecidas pelos ladrões, que nessa época as habitam e saem à noite para roubar e degolar com impunidade. Em resposta a uma pergunta feita em uma casa se havia muitos ladrões, eu ouvi, ‘Os cardos não estão altos ainda’ (DARWIN, 2008, p.86).

No sentido do vazio do deserto se une a ideia de monotonia, Baguet indica que “é preciso ter viajado durante semanas inteiras nestes vastos **campos da monotonia**, para poder apreciar o poderoso meio de distração que oferece o fumo àquele que adquiriu o hábito” (BAGUET, 1997, p.72, grifo nosso). Já Darwin é enfático ao descrever a região entre Salinas e Baía Blanca como planícies ‘inexploradas’; ‘selvagens’; ‘tristonhas’; ‘vasta, desabitada, e raramente visitada’; ‘miseravelmente estéril’ e ‘de monótona uniformidade’ (DARWIN, 2008, p.49, 51, 79, 51, 61 e 75). Para Miers a região percorrida entre Buenos Aires e Mercedes era tão inóspita que poderia causar depressão (MIERS, 1826, p.40); Entre Soledade e Nonoai “o terreno era uniforme. As coxilhas tornavam-se cada vez mais planas e extensas, os campos desertos e monótonos [...] paisagem uniforme e deserta, podíamos ver, cada 2 a 3 léguas uma casa cercada por pequena floresta, variando a monotonia” (BESCHOREN, 1989, p.41). Não

apenas essas características aparecem para vários viajantes, mas como são descrições de diferentes temporalidades e, especialmente, de diferentes espacialidades.

Viajar pelo Pampa poderia ser desesperador, pois como Beschoren constata “gradualmente a estrada se alonga pela coxilha. Pensávamos ter uma ampla visão sobre toda a região, mas em vão. Chegando ao alto, avistamos outra coxilha, como esta, e assim por diante; esta uniformidade quase leva o viajante ao desespero” (BESCHOREN, 1989, p.55). O viajante percorria os arredores de Passo Fundo nesse momento. Isabelle acredita que uma viagem pelo Pampa podia ser “bem fatigante e monótona, para quem não é amante da natureza e admirador apaixonado de suas obras” (ISABELLE, 2006, p.182), ele ainda descreve as ‘planícies desertas’ dessa forma:

de longe em longe, só vereis cabanas miseráveis, que aparecem como balizas no meio de um mar cheio de perigos e reinará um tal silêncio em torno dessas pobres habitações, que ficareis surpreendidos ao ver sair do seu interior uma figura humana. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz<sup>157</sup> ou o galope de um gaúcho, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios (ISABELLE, 2006, p.89).

Descrevendo a região ao sul de Buenos Aires em direção à Patagônia, Isabelle ressalta a ideia de deserto e de vazio ao mencionar a ausência árvores, moitas e até mesmo a escassez de pessoas em meio a um território predominantemente indígena, “onde [verá] somente horizontes imensos, sombrios e tristes” (ISABELLE, 2006, p.89). O viajante ainda informa que quando menos perceber “estareis nos Pampas... E vos garanto que haveis de esporear vosso cavalo para sair dali o mais depressa possível” (ISABELLE, 2006, p.90) indicando que aquele local era perigoso e malquisto, que seria melhor você sair dali o mais depressa possível. A própria cidade de Buenos Aires, apesar de ser a maior da região, também foi comparada com um deserto. Na sua região portuária as casas tinham um aspecto ‘desértico’, as janelas não tinham vidro, mas grades, o que dava um aspecto de prisão para Miers (1826, p.4).

---

157 Se refere a animal semelhante, a Ema (*Rhea americana*) nativa do Pampa. O avestruz (*Struthio camelus*) é uma espécie africana e que não estava presente no Pampa, porém possuem bastante semelhanças e são comumente confundidas pelos viajantes do período.

Para continuarmos ilustrando, podemos ver essa sequência de trechos de Auguste de Saint-Hilaire que ressalta recorrentemente a semelhança do terreno percorrido, dando destaque a monotonia da paisagem: “Continua a mesma planície, sem a menor ondulação de terreno” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53); “Continua a mesma planície, quase nenhuma árvore nos campos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53); “Continuamos a percorrer uma região muito plana e arenosa” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.54); “O terreno é sempre uniforme e arenoso” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.56); Isso tudo em uma sequência de quatro páginas de seu diário, mas ele continua em diversos momentos destacando a mesmice do que presenciava. “A região é sempre plana e coberta de erva seca; a vegetação também pouco desenvolvida, a mesma ausência de flores; raras árvores;” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.109). Todavia, em determinado momento de sua viagem, o autor indica que “mesmo pouco variado, o aspecto do campo não cansa como aqueles imensos desertos de Goiás e de Minas” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.169), utilizando agora o conceito de deserto a outra região brasileira por ele visitada, talvez eximindo um pouco o Pampa de se configurar como o grande ‘deserto’ brasileiro.

As províncias de Goiás e Minas Gerais ficam predominantemente no bioma Cerrado, que por ser um ambiente campestre como o Pampa muitas vezes gera comparações. O Cerrado por vezes é descrito como savana, um termo que chega a ser mencionado por um dos viajantes. Lindman escreve que cavalgando:

chega-se ao «pampa», uma superfície plana e igual que, por causa da sua enorme extensão, seu aspecto uniforme e extremos climatericos desfavoraveis, produz uma vegetação **monotona**, feia e em duríssimas condições vitales, um «flora militans»; e d’ahi o cunho de desolação, predominante dos «pampas» (LINDMAN, 1974, p.36, grifo nosso).

O viajante reforça que sempre se usa o termo campos para definir a paisagem dos Pampas e jamais o termo savana “que nunca se ouve no Brasil, nem no Paraguay, Uruguay ou Argentina, e que pertence a uma região pequena (Guyana)” (LINDMAN, 1974, p.36), conceito que segundo o viajante é recusado também entre cientistas dinamarqueses e alemães quando tratam da região. O “forte contraste que ha entre a matta virgem («matto» e «capão») por um lado, e todas as formações sem mattas” (LINDMAN, 1974, p.37) é o motivo da

população usar o termo campo de forma bem consolidada, eles ainda usam sinônimos como “potreiro, gramado, pantanal, chapadão, cerradão, charravasco” (LINDMAN, 1974, p.37).

O viajante acredita que quem mora na Europa “difficilmente pode fazer uma idéia da natureza monotona e estereotypica que caracteriza grandes regiões na America do Sul. Sobre extensões immensas as condições phisicas são as mesmas” (LINDMAN, 1974, p.35). A realidade americana e europeia era tão distinta que estando em Palmeira, Hemeterio da Silveira comenta que “essa vasta extensão de terra, que na Europa poderia formar um pequeno estado independente com população maior de três milhões de habitantes, conterà entretanto, 30.000 almas” (SILVEIRA, 1979, p.323) no Pampa. Aqui abundavam a vastidão e careciam de pessoas para ocuparem tantas terras. Após muito caminhar pelos campos, finalmente o Silveira chegava à cidade de São Luiz Gonzaga, e “era belo ver, embora [o único] na distância de oito ou mais quilômetros, um sinal de povoação circundada por extensa campina totalmente erma” (SILVEIRA, 1979, p.210). Dentro de oito quilômetros o viajante via uma paisagem constantemente semelhante e sem sinais de humanos por perto, situação que difficilmente ocorreria em uma Europa tão povoada.

No século XIX a ideia de deserto poderia ser utilizada no sentido da “falta de uma agricultura que desse conta do abastecimento interno para superar os problemas de carestia e da falta crônica de alimentos” (ZARTH, 2008, p.143-144), situação recorrente na Europa que enfrentava crises de fome, mas temos viajantes de outras partes da América que também denominam o Pampa de deserto, então a questão é mais profunda do que isso.

Uma ligação bastante intensa entre o Pampa e a ideia de um deserto em seu sentido mais clássico, é o fenômeno óptico da miragem, identificada por dois viajantes:

Os raios solares eram agora muito fortes e, para oeste, a paisagem parecia animar-se com os mais belos lagos, que surgiam salpicados de pequenas ilhas, cobertas de plantas e arbustos floridos, e algumas orladas de choupos. Pretendendo fazer esta bela trilha no caminho para casa, perguntei o caminho até lá e descobri, para minha decepção, que os lagos e as ilhas arborizadas eram todos **ilusão de ótica**: era a conhecida **miragem do deserto**. Nada pode representar de forma mais impressionante as delícias irreais e evanescentes da vida, quando vistas na brilhante perspectiva da fantasia pelo olhar esperançoso de uma juventude feliz<sup>158</sup>

---

158 No original: “The sun's rays were now very strong, and towards the west the landscape seemed to be enlivened with the most beautiful lakes, which appeared studded with little islands, overgrown with plants and flowering shrubs, and some fringed with poplar - trees. Intending to make this beautiful track on my way

(MACCANN, 1853a, p.32-33, tradução nossa, grifo nosso).

Não apenas a monotonia da paisagem, mas também a decepção de uma ilusão de ótica, era isso que os viajantes vivenciavam e se frustravam.

A clareza da atmosfera dava grande efeito às **miragens** que víamos constantemente ao nosso redor. Por duas vezes parecemos ver grandes lagos bem à frente de nossa caravana, mas eles desapareceram completamente quando nos aproximamos deles. À nossa direita, ao longe, a miragem lembrava tanto o oceano, que nosso carpinteiro, que estivera em Buenos Aires, apontou para ela, exclamando: ‘O mar!’<sup>159</sup> (BISHOP, 1870, p.119, tradução nossa, grifo nosso).

Junto das miragens de deserto que ocorriam no Pampa, os viajantes por vezes escreveram sobre oásis no meio da imensidão de campos, como foi o caso de William MacCann que na estância de Taylor diz ser “a casa é de alvenaria, tem um andar, cobertura plana e, implantada num jardim repleto de árvores frutíferas e vegetais, apresenta uma aparência muito convidativa e agradável: um pequeno oásis de conforto e cultivo em um deserto de selvageria inculta”<sup>160</sup> (MACCANN, 1853a, p.19, tradução nossa). Exatamente a ausência de árvores por todo o bioma Pampa provoca a sensação de vazio e de deserto, e quando apareciam agrupadas geralmente nas margens dos arroios ainda assim não eram suficientes para desfazer essas impressões desérticas. Luccock diz que “umas poucas árvores e uma escassa vegetação ao redor, visíveis agora, contribuíam para acentuar a aparência inóspita do deserto circundante” (LUCCOCK, 1942, p.114).

Se a ausência de árvores aumentava a impressão de deserto, não era a presença de água que romperia isso. Exatamente pelo termo estar mais empregado como vastidão e monotonia do que empregado do ponto de vista geográfico que é falta de água e aridez. Navegar pelo rio Uruguai oferece poucos atrativos ao olhar do viajante além de pasto seco

---

home, I inquired the way thither and found, to my disappointment, that the lakes and wooded islands were all optical illusion : it was the well-known mirage of the desert. Nothing can more strikingly represent the unreal and evanescent delights of life, when viewed in the bright perspective of fancy by the hopeful gaze of happy youth”.

159 No original: “The clearness of the atmosphere gave great effect to the mirages that we constantly beheld around us. Twice we seemed to see large lakes far in advance of our caravan, but they vanished utterly upon our inoving nearer them. On our right, in the distance, the mirage so much resembled the ocean, that our carpenter, who had been in Buenos Ayres, pointed to it, exclaiming, ‘*El mar!*’”.

160 No original: “The house is brick-built, one story high, with a flat roof, and, standing in a garden stocked with fruit-trees and vegetables, presents a most inviting and agreeable appearance: a little oasis of comfort and cultivation in a desert of uncultivated wildness”.

pelo sol, “vêm-se ali, de longe em longe, algumas florestas, algumas colinas arborizadas em que se destacam palmeiras, e as chácaras e estâncias que alegram os olhos e consolam o viajante isolado no meio desses vastos desertos” (ISABELLE, 2006, p.183).

Escreve sobre os Pampas estarem cheios de rios, MacCann diz que isso não importava muito, pois os mesmos secam no verão e transbordam com as chuvas do inverno, não sendo uma vantagem, mas uma deficiência, e “a causa desta deficiência está na natureza do país. Toda a extensão do território, com uma pequena exceção, é uma vasta planície gramada ou pradaria; a maior parte parece um nível morto aos olhos. Das fronteiras da Patagônia aos limites de Salta”<sup>161</sup> (MACCANN, 1853a, p.198, tradução nossa). Para ele o grande problema da natureza local estaria na planura desmedida.

Oferecendo uma visão geral da região mais variada, um irlandês que morava em Buenos Aires e havia percorrido o Pampa diz para Nathaniel Bishop que:

O país é mais desinteressante do que qualquer outro por onde já viajei, em qualquer parte do globo. Eu deveria dividi-lo em cinco regiões; primeiro, a dos cardos, habitada por corujas e viscachas; segundo, o da grama, onde você encontra veados, avestruzes e ao barulhento quero-quero<sup>162</sup>; terceiro, a região dos pântanos e charcos, só própria para rãs; quarto, o das pedras e dos desfiladeiros, onde esperava ser perturbado a cada momento; e, por último, o dos freixos e dos arbustos espinhosos, refúgio da tarântula e do binchuco, ou besouro-gigante<sup>163</sup> (BISHOP, 1870, p.36-37, tradução nossa).

Esse irlandês, cujo nome a história e o tempo apagaram, separa a Argentina em 5 regiões basicamente descrevendo algumas das principais regiões do que consideramos hoje o bioma Pampa argentino, incluindo as ecorregiões do Espinal e do Delta e Ilhas do Paraná, além de ecossistemas dentro dessas ecorregiões e do próprio bioma Pampa, como áreas de banhado e pântano.

---

161 No original: “The cause of this deficiency is found in the nature of the country. The whole extent of territory, with a small exception, is one vast grassy plain, or prairie; the greater part of which appears a dead level to the eye. From the borders of Patagonia to the bounds of Salta”.

162 Provavelmente se referia ao quero-quero (*Vanellus chilensis*), membro da família Charadriinae conhecidos em inglês como plover. O quero-quero é a espécie mais comum dessa família nos Pampas.

163 No original: “The country is more uninteresting than any I ever travelled over, in any quarter of the globe. I should divide it into five regions; first, that of thistles, inhabited by owls and biscachas; second, that of grass, where you meet with deer, ostriches, and the screaraing, horned plover; third, the región of swamps and morasses, only fit for frogs ; fourth, that of stones and ravines, where I expected every moment to be upset; and, last, that of ashes and thorny shrubs, the refuge of the tarántula and binchuco, or giant-bug”

A natureza é uma importante chave explicativa de um país, um elemento importante na construção e desenvolvimento tanto do país quanto da nação. Nesse sentido é importante atentarmos que “a utilização da idéia de deserto remete-nos também a outros significados importantes, tais como: a falta de governo, de leis, de educação, de população, de luzes” (MÄDER, 2008, p.265). Levando isso em consideração, veremos que até mesmo uma região pantanosa no Pampa, como a encontrada em Loboy, atual município de Canals, passa a ser encarada como um ambiente deserto, pois não há “nenhum sinal de qualquer habitação humana em todo o caminho [...] o país era um vasto pântano, com muitas lagoas”<sup>164</sup> (MIERS, 1826, p.60).

Domingo Faustino Sarmiento foi um pensador argentino ligado ao romantismo e posteriormente viria a se tornar presidente do país no período de 1868 a 1874. Ele escreveu em 1845 uma obra intitulada *Facundo: civilização e barbárie*, nela Sarmiento defende que a Argentina precisava ocupar o espaço vazio do Pampa, um deserto que a cercava por todos os lados. O autor acreditava que neste território ainda inexplorado, uma quantidade expressiva de gêneros alimentícios poderia e deveria ser produzida (MÄDER, 2008). A nova configuração política reformula a relação governamental perante os nativos e natureza através de projetos de integração nacional, sem se preocupar com os projetos que os grupos nativos possuíam. O que provoca “a partir de um investimento discursivo-visual da literatura e das artes plásticas, tornando-se a encarnação da ausência, da barbárie, do vazio e, como resultado, servindo de subsídio argumentativo para o projeto estatal de dizimação dos indígenas” (SOUZA, 2015, p.111). O discurso sustenta um argumento de posse e de conflito, com o Estado argentino partindo para cima das terras que ainda restavam sob domínios indígenas. No Brasil situação semelhante ocorreu, com o Estado criando e financiando novos polos de colonização em zonas indígenas que estavam ‘vazias’ e ‘desertas’.

A imagem do deserto era aflitiva para os pensadores ligados ao neo-iluminismo, em especial. Pois “o deserto seria a impossibilidade de qualquer ordenamento e a origem da barbárie” (SOUZA, 2015, p.119), os neo-iluministas que tanto valorizavam e almejavam o ordenamento do mundo natural, ficavam frustrados de não conseguirem controlar esses

---

164 No original: “no sign of any human habitation the whole way [...] the country was a vast swamp, having many lagoons in it”.

espaços ditos selvagens. A vastidão e a imensidão dos campos era desmedida, e sendo imensurável ela não poderia ser medida, separada, ordenada e possuída. Isso era desesperador para o pensador que gostava de controlar a natureza, replicá-la em jardins e hortas bem alinhadas, de conter o avanço de plantas indesejadas, de manter seus belos tomates ou roseiras fora do alcance de pragas animais, de emular o seu próprio ecossistema.

Mais uma característica relacionada ao deserto está no conceito de sertão. No Brasil atualmente o termo é bastante empregado para o sertão nordestino, porém o termo é bastante amplo e utilizado de forma geral para qualquer interior. O historiador José Augusto Pádua observa que no caso Brasil “os sertões eram vistos pelas elites como espaços socialmente ‘vazios’, mas dotados de grande potencial de ocupação econômica futura” (PÁDUA, 2015, p.34), o que mais parece uma descrição retirada dos relatos de algum viajante que estudamos.

Relação da sociedade brasileira com os ambientes naturais e com seu correlato e inseparável mundo rural: a reorganização da vida agrícola do país de modo a prover sua própria população e a realizar suas potencialidades agrícolas; a colonização dos territórios ainda desérticos; a exploração das riquezas naturais com vistas à promoção da riqueza material; o estabelecimento da ordem num amplo território ainda à margem da legalidade e entre à barbárie - em resumo, o que o autor [Matheus de Albuquerque] denomina a **conquista do sertão**, e que pode ser entendido amplamente como o domínio da nacionalidade sobre a natureza e o território brasileiros, o **imenso deserto interior** ainda vazio de homens, como as regiões selvagens, e de progresso, como as áreas rurais (MURARI, 2002, p.11, grifos da autora).

Em uma sociedade que nasceu da conquista e que se forjava em torno dela, a existência de espaços a serem ainda ocupados funcionava como um motor que girava a sociedade. Grupos de exploradores e bandeirantes ficaram muito famosos aos explorarem boa parte do território nacional brasileiro. Era, como mencionou Luciana Murari, a conquista dos sertões através do domínio da nacionalidade, da presença do Estado. Estudando ‘*Os Sertões*’ de Euclides da Cunha, Luciana Murari identificou que para aquele sertão:

a sensação predominante era aqui a monotonia, ditada pela uniformidade dos quadros e a raridade das manifestações da presença humana, mesmo assim precárias e lúgubres. No sertão adusto, a tensão dos elementos formava uma paisagem atormentada, martirizada por condições atmosféricas extremas que agrediam a terra (MURARI, 2002, p.138).

O sertão descrito compõe o que hoje é o bioma da Caatinga e apesar de suas especificidades, a ideia de sertão compartilha muitas similaridades com o que constatamos para o Pampa no século XIX a partir da percepção de muitos dos viajantes: a monotonia, a uniformidade e a ausência da presença humana. “A representação por excelência deste território é o vazio” (MURARI, 2002, p.137), assim como o era para o Pampa:

O termo **sertão** adquiriu aí notável generalidade, mobilizando um conjunto amplo de significados e adquirindo um forte valor emocional, pois ligado a este eterno retorno da origem na busca da identidade nacional. O uso literário do termo fixou uma acepção bastante ampliada, denotando todo o interior do Brasil, o mundo rural em oposição ao urbano, por definição afastado da **civilização**, ainda que geograficamente pudesse estar muito próximo a ela (MURARI, 2002, p.298, grifos da autora).

Uma contraposição entre sertão e civilização muito semelhante ao que Raymond Williams (2011) identifica para o caso inglês entre os termos campo e cidade. Para Warren Dean, a Caatinga e o Cerrado constituiriam o sertão brasileiro em antítese a Mata Atlântica (1996, p.27), zona onde se focalizou a colonização do território por parte dos portugueses. Podemos expandir essas concepções de sertão para o Pampa, pois os próprios viajantes utilizam o termo para se designar a região, como é o caso de Lindman que menciona que “esta formação [de espinilho], um sertão, longe das habitações humanas” (LINDMAN, 1974, p.114) abrangia as províncias de Corrientes e Entre-Rios. Já entre Passo Fundo e Cruz Alta o grupo de Maximiliano Beschoren ia “com atenção voltada para a Coxilha, ao **sertão** e ao Jacuí” (BESCHOREN, 1989, p.54, grifo nosso). O viajante novamente fala sobre sertão em uma área fechada de Mata Atlântica no norte da província do Rio Grande do Sul (BESCHOREN, 1989, p.103).

Pensar o Pampa a partir do conceito de sertão pode nos oferecer bons estudos de História comparada e troca de experiência com historiadores e pesquisadores de outras regiões do país. Compreendendo, é claro, as particularidades de cada caso desses diversos sertões existentes no Brasil. Em um estudo sobre a Floresta Ombrófila Mista os historiadores Samira Moretto e Marlon Brandt encontram situação semelhante para o bioma Mata Atlântica no estado de Santa Catarina, onde “as áreas de floresta anteriormente eram habitadas por indígenas e, posteriormente, por caboclos. Com o movimento de expansão

demográfica, essas regiões passaram a ser consideradas pelas autoridades públicas como áreas pouco ocupadas, vazios demográficos ou sertões” (MORETTO; BRANDT, 2023, p.145). Essa visão endossada pelo poder público incentivava a ocupação das terras por colonos europeus e a integração ao sistema produtivo proposto pelo Estado, ignorando toda a multiplicidade de humanos e não-humanos que viviam nesses espaços, ditos vazios.

Estudando as descrições de paisagem feitas pelo viajante Alexander von Humboldt, Mary Louise Pratt verifica que muitas dessas paisagens estão ausentes da figura humana, apesar de a sua marca poder ser notada em certos aspectos. A natureza assim estaria livre para se desenvolver em seu maior vigor enquanto “o imaginário viajante-observador é o único vestígio da narrativa de viagens e da história” (PRATT, 1991, p.156). Essa forma de descrever as cenas, retirando a presença humana dali, acaba aumentando a distância entre natureza e sociedade humana, essa última representando a própria História, descolada do quadro da natureza. Semelhante ao tratamento e distanciamento que muitos historiadores, ainda hoje, tem sob os aspectos do mundo natural em suas pesquisas, retirando os elementos da natureza de cena e explorando apenas as figuras humanas como se essas interagissem umas com as outras em um vasto quadro branco vazio.

Ainda hoje a ideia de deserto paira sobre os ambientes pampeanos. As pessoas viajam em seus veículos e observam a paisagem com uma monotonia de campos semelhantes, reforçando a ideia de que esses espaços estão vazios e que podem ser ocupados sem maiores consequências. Essa ideia de deserto permanece presente no imaginário popular sobre o Pampa, influenciando na tomada de decisões políticas e na forma como as pessoas cuidam e interagem desses ambientes. Porém, um novo tipo de deserto tem marcado presença no bioma Pampa, são

os desertos que agora chamamos de ‘verde’ parecem que vão continuar com a introdução da monocultura de eucaliptos, que além de ocupar o espaço de famílias de sem-terras gerarão sérios problemas ambientais. O deserto verde de hoje tende a ser pior que o deserto denunciado pelos antigos governantes da província (ZARTH, 2008, p.155).

Estudarmos o Pampa e discutirmos sobre suas características, sobre a ideia de deserto e toda a construção coletiva da imagem desse bioma, talvez seja a chave necessária para que o

Pampa se desvincule de vez da ideia de deserto, seja ele o deserto descrito pelos viajantes no século XIX ou os devastadores desertos verdes do século XXI.

#### 4.5 AS PERCEPÇÕES SOBRE UM ESPAÇO COSTEIRO: RIO GRANDE

A cidade de Rio Grande era o mais importante porto da província do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX e por isso se tornou a porta de entrada da maior parte dos viajantes e colonos que na província estiveram. A cidade tem acesso ao Oceano Atlântico à Leste e à Lagoa dos Patos ao Norte, o que a fazia um bom ponto de passagem para a capital Porto Alegre localizada na extremidade norte da dita Lagoa. Rio Grande ainda era próxima de Pelotas, um destacado centro cultural e econômico do Pampa, e era vizinha de São José do Norte, uma vila bastante visitada pelos viajantes.

Dos quinze viajantes analisados neste trabalho, pelo menos oito deles passaram por Rio Grande em algum momento de suas viagens. Devido a grande quantidade de material pode-se fazer diversos estudos comparativos apenas utilizando as informações coletadas nesses relatos de viagem. Procuraremos aqui trabalhar com os diferentes relatos sobre essa cidade situada no litoral do Pampa bem como trazer trechos de outras cidades litorâneas para demonstrar como outros tipos de recortes espaciais podem dar conta de explicar determinados tópicos. Nesse momento aproximaremos nosso foco nos ecossistemas costeiros e deixar a macro escala pampeana um pouco de lado.

Situada em uma espacialidade bastante peculiar, a cidade de Rio Grande encontra-se entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, ocupando posição estratégica e se firmando como importante porto, apesar deste nem sempre apresentar as melhores condições de navegabilidade. Nas palavras de Saint-Hilaire a cidade é extremamente plana e com relevo baixo, a cidade é cercada de dunas e frequentemente varrida pelos ventos, “nada mais triste que a posição de Rio Grande, pois, de todos os lados, só se avistam areais, pântanos e água, e em todos os arredores não há nada que possa recrear a vista, nem mesmo uma árvore. Só um pequeno número de casas com jardim” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.74-75). Esse sentimento de tristeza fora invocado por outros viajantes, Baguet sente que:

a cidade tem um aspecto muito triste: suas ruas são mal iluminadas, algumas nem são pavimentadas, e não possui nenhum edifício realmente digno de nota [...] além disso, nada de verde, nada de sombra, nenhum passeio, a vista se perde nas areias que as rajadas de vento erguem e encrespam, como a brisa suave encrespa a superfície da água. (BAGUET, 1997, p.29-30).

O viajante belga acaba ressaltando a ausência de presença humana seja através da iluminação ou pavimentação, mas também da própria ausência de elementos da natureza que poderiam ser atrativos, como plantas (verde), árvores (sombra) ou outros atrativos da passagem que era composta em sua maior parte por areia e vento, de acordo com o que é relatado por Baguet. Na percepção do viajante os maiores problemas de Rio Grande estavam envolvidos com a areia e a água, que eram “os dois flagelos de Rio Grande: do lado do mar a água invade as casas e a areia sem cessar ameaça sepultá-las” (BAGUET, 1997, p.30), sendo ainda que para atracar na cidade era muito perigoso, por causa dos bancos de areia se locomovem com a ação dos ventos e provocam com que muitos navios encalhem (BAGUET, 1997, p.24-25), porém era o único porto da Província e isso deveria com o passar dos tempos melhorar a situação do município. Saint-Hilaire também destaca essa característica da cidade estar situada entre dois corpos de água distintos, para ele:

nada se iguala à tristeza desses lugares. De um lado, o bramir do oceano; e do outro, o rio. O terreno, extremamente plano e quase ao nível do mar, é todo areal esbranquiçado, onde crescem plantas esparsas, principalmente o senecio. As choupanas, mal conservadas, só anunciam miséria: destroços de embarcações semi-enterradas na areia recordam pungentes desgraças e nossa alma se enche, pouco a pouco, de melancolia e terror (SAINT-HILAIRE, 1987, p.70).

A primeira impressão da cidade de Rio Grande acabava sendo, geralmente, a primeira impressão sobre toda a região, e muitos se decepcionavam com o que presenciavam. Porém nem todos os viajantes analisados escolheram Rio Grande como seu destino inicial, como é o caso de Arsène Isabelle que saindo da Europa desembarca em Buenos Aires onde tem uma quebra de expectativa semelhante à dos viajantes que desembarcaram na cidade de Rio Grande:

Nada mais triste à vista do que essas margens arenosas, despojadas de árvores e de verdura, e que não oferecem mais que um imenso horizonte, sem acidentes de terreno onde se possa repousar o olhar fatigado de só ver areias e erva árida, queimada pelo sol durante quatro meses. Uma impressão de tristeza dominou-me, quando descobri essas paragens tão tristes, que imaginava enfeitadas por todos os

encantos de uma natureza risonha e fértil! Tive vontade de voltar logo, de tal maneira que me senti desenganado (ISABELLE, 2006, p. 39).

A viagem para a América do Sul provavelmente alimentava um anseio de ver grandes florestas tropicais, mas a realidade do Pampa era muito distinta desse quadro idealizado. Além disso os viajantes chegavam primeiramente em zonas costeiras que possuíam ecossistemas bem diferentes daqueles que compunham os interiores do Pampa. Saint-Hilaire pôde ter uma vista da região a partir do terraço da casa do Tenente Vieira, casa essa cercada de areia e situada em Quinta, atual distrito de Rio Grande. Do terraço se avistam “a [ilha da] Mangueira, Rio Grande e uma imensa área da região; este panorama, entretanto, nada tem de agradável, porque a vegetação apenas se mostra no campo em pequenos intervalos e por toda a parte, imensos espaços, cobertos de uma areia fina e esbranquiçada” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.96).

Lindman relata que “entre as margens baixas, rasas e cobertas de capim, limitadas pelas dunas de fundo. Era uma paisagem deserta, rivalizando em monotonia e pouca elevação com o mar, de um amarelo sujo” (LINDMAN, 1974, p.10), a região toda tinha um caráter particular que a fazia ser algo a parte do resto, tendo “algumas condições naturais surprehendedentes” (LINDMAN, 1974, p.10).

ninguém se aguenta nesta natureza atordoante onde nada fere a percepção a não ser o forte brilho, o movimento celere da areia e o sopro incessante do vento. E talvez a ausencia total de toda a vegetação [é o] que mais impressiona, produzindo uma sensação acabrunhadora de vacuo e de creescente impotencia das forças naturais que parecem ter asphyxiado toda a vida organica (LINDMAN, 1974, p.11).

A cidade de São José do Norte, vizinha de Rio Grande como mencionado anteriormente, possuía um cenário semelhante sendo a cidade cercada por banhados e como descreve Herbert Smith em 1881 “as ruas terminam em terrenos planos, tristonhos, húmidos, cobertos de grama grosseira e entremeiados de cacimbas, inçadas de mosquitos, rescendendo a lixo. Procurámos ir por estes terrenos até as dunas; mas em breve detiveram-nos banhados insuperáveis” (SMITH, 1922, p.29). O viajante ainda aponta dificuldades das pessoas se estabelecerem nos arredores da cidade pois as dunas e os banhados eram ‘inabitáveis’. Lindman escreve que em São José do Norte se vê “morros de areia mais altos do que as casas” (LINDMAN, 1974, p.18) e sua paisagem pode ser vista na Figura 3.

Figura 3 – Vista de pasto arenoso próximo a vila de São José do Norte.



Fonte: LINDMAN (1974, p.20). A imagem mostra um solo de areia dita movediça, há pássaros repousando sobre os galhos, além da menção de pequenas rãs vivendo nas bromélias. As árvores são dos gêneros Capororoca (*Myrsine L. Sp.*), Eritrina (*Erythrina sp.*) e Excoecaria (*Excoecaria sp.*), essa última sendo exótica.

Sobre Rio Grande a impressão era tão ruim quanto, relatando que havia “leguas e leguas de brancura monótona [...] paisagens tristonhas como não se póde descrever” (SMITH, 1922, p.21), este “immenso deserto em movimento” (SMITH, 1922, p.22) era constantemente remodelado pela ação dos ventos.

Cidades litorâneas no Pampa possuíam características próprias que muitas vezes se sobressaíam sobre as características mais usuais da paisagem do Pampa, o caso de Rio Grande é ainda mais notável devido a sua posição entre mar e lagoa, a ação dos ventos e a presença de dunas, que criavam ambiente característico para a cidade, muitas vezes nem compreendida como parte do bioma Pampa<sup>165</sup>. Ambientes costeiros não eram percebidos ainda como locais de lazer e destino durante a estação do verão, é apenas “no final do século XIX, que novas

<sup>165</sup> Um estudo mais detalhado sobre a cidade de Rio Grande pode ser visto em CIPRIANO; MACHADO (2004) e uma visão mais ampla sobre o litoral está presente em WITT (2012).

construções culturais sobre o ócio em relação à natureza costeira deram origem a um conjunto de representações e práticas que incorporaram a praia e o mar à cidade”<sup>166</sup> (CACOPARDO; PASTORIZA; SÁEZ, 2001, p.25, tradução nossa). Até então a praia era malvista, pois era árida, monótona e selvagem. Um limite da natureza para a civilização humana.

Os historiadores Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres analisam nove relatos de viagem sobre a cidade de Rio Grande, incluindo os relatos de Luccock, Saint-Hilaire, Dreys, Isabelle e Avé-Lallemant, dos quais compartilhamos. Através desse estudo eles definem a cidade de Rio Grande como a porta de entrada para a região, tendo um caráter transitório para esses viajantes (ALVES; TORRES, 1995, p.9). E destacam que os viajantes constantemente relatam “dificuldades de acesso através da barra e as inóspitas condições ambientais caracterizadas pela **ausência** de vegetação e as sempre **presentes** e nunca desejadas ‘montanhas voadoras’ das areias, que, em muito, prejudicam a fixação humana e a evolução urbana” (ALVES; TORRES, 1995, p.9, grifos nossos), sendo que o vento, a areia e a melancolia da paisagem constituiriam os elementos da natureza e o “comprometimento para o futuro do Rio Grande” (ALVES; TORRES, 1995, p.34).

A análise de caso de Rio Grande, cruzando as informações de vários viajantes pode ser realizada para outras localidades por onde muitos viajantes passaram, gerando bastante material a ser analisado em futuros trabalhos e pesquisas.

#### 4.6 AS FREQUENTES COMPARAÇÕES

Algo comum de ocorrer nos relatos eram as frequentes comparações entre lugares, geralmente entre locais do Pampa e locais da Europa, pois “a maioria deles estavam imbuídos por uma visão europeia e buscavam no Brasil elementos semelhantes aos da cultura do ‘Velho Mundo’” (MORETTO, 2021, p.81). Muitas vezes ao descrever um rio, um viajante vai mencionar o tamanho dele e comparar com algum rio conhecido que remeta semelhança. Essa forma de explicação auxilia tanto o viajante quanto o seu leitor europeu a compreender melhor as características do ambiente do Pampa, um local novo ao olhar dessas pessoas.

<sup>166</sup> No original: “a fines de siglo XIX, de nuevas constucciones culturales sobre el ocio em relación a la naturaleza costero dio lugar a un conjunto de representaciones y prácticas que incorporaron la playa y el mar a la ciudad”.

Posteriormente essas comparações também passam a ser elaboradas com fins de propaganda colonial, buscando incentivar europeus a imigrarem para locais teoricamente semelhantes aos seus locais de origem. Havia também comparações de zonas do Pampa com outras localidades brasileiras em casos de viajantes que já haviam estado em outros lugares do Brasil.

O historiador William Cronon também destaca que a comparação entre dois ambientes é tema recorrente nos relatos de exploradores e colonos da sua região de estudo: “freqüentemente, suas descrições da Nova Inglaterra continham comparações implícitas com a Inglaterra” (CRONON, 2011, p.21, tradução nossa)<sup>167</sup>, para Cronon os europeus possuem “tendência de ver a paisagem em termos de seus próprios conceitos culturais, [em] sua ênfase seletiva em mercadorias, [e] nas mudanças ecológicas que eles mesmos provocaram” (CRONON, 2011, p.22, tradução nossa)<sup>168</sup>. A comparação era feita de várias formas, uma delas, por exemplo, era em relação a qualidade do feno e das gramíneas que em geral era considerada inferior na Nova Inglaterra em relação à Europa (CRONON, 2011, p.142).

No Pampa muitas espécies de fauna e flora também recebem comparações com espécies europeias, ou do Velho Mundo, e geram confusões em determinados momentos. Isso se deve também a muitas dessas espécies americanas estarem apenas recentemente sendo catalogadas e estudadas e muitas acabam sendo relacionadas ou mesmo chamadas por outros nomes de espécies do Velho Mundo, principalmente. Assim as emas (*Rhea americana*) se tornam avestruzes, os porcos-do-mato (*Tayassu pecari*) se tornam javalis, ou mesmo as maras (*Dolichotis patagonum*) se tornam cutias<sup>169</sup>, entre outros exemplos.

As comparações mais intensas se dão em relação a localidades de origem dos viajantes, assim Saint-Hilaire comumente menciona o rio Beauce, enquanto Avé-Lallemant se lembra dos lugares do norte da Alemanha ao observar Porto Alegre sem conseguir definir qual dos locais é mais belo, afirmando que “um olho mais arguto que o meu decidirá qual dos dois panoramas é o mais belo. Ambos me encantam” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.111).

---

167 No original: “As often as not, their descriptions of New England contained implicit comparisons with England”.

168 No original: tendency to view the landscape in terms of their own cultural concepts, their selective emphasis on commodities, the ecological changes they themselves wrought.

169 As cutias (*Dasyprocta spp.*) são um gênero de animais americanos, diferente dos outros dois exemplos. Apesar de algumas espécies de cutia poderem ser encontradas também no Pampa e são da mesma família das Maras, porém são espécies bastante distintas.

Sobre a capital da província do Rio Grande do Sul Saint-Hilaire a considera agradável por lembrar o sul da Europa e tudo o que “ele tem de mais ameno” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.28). Alguns campos nos arredores de Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande e Uruguaiana lembraram as planícies francesas da região do Beauce, famosa pela produção de trigo e vizinha à cidade de Orleans de onde o viajante é originário (SAINT-HILAIRE, 1987, p.20, 97 e 246).

A cidade de Rio Grande e a de São José do Norte, que acabamos de analisar, são comparadas com uma área de areias movediças em Harlem na Holanda por Nicolau Dreys que exalta o trabalho humano para transformar Harlem ao passo que a contraparte sul-americana ainda não ter recebido o mesmo tratamento. Os banhados nessa zona costeira próxima a Rio Grande servem de paralelo a outras áreas alagadiças da América do Sul, como o Chaco paraguaio e o Pantanal brasileiro (LINDMAN, 1974, p.30). Já Smith compara sua terra natal, os Estados Unidos, com cidades argentinas:

Algumas das mais importantes cidades comerciais da Argentina medraram ao longo do Paraná, à beira dos morros pampenses. Todas são dispostas na moda quadrangular moderna, e algumas architecturalmente muito lindas; com seus renques de construções recentes e suas ruas que terminam em pampas abertos, tinham um ar de novidade que nos lembrava as cidades do Oeste dos Estados-Unidos (SMITH, 1922, p.222).

De certa forma se pode traçar inúmeros paralelos entre o Velho Oeste americano e a região dos Pampas, ambas predominantemente zonas de planícies em expansão demográfica no século XIX e muito arraigadas na pecuária, tendo como figura o cowboy e o gaúcho em contraposição, muitas vezes, aos povos nativos de cada uma dessas regiões. Todavia esse tipo de comparação não surgiu muito nos relatos analisados, não permitindo nos aprofundarmos nessa relação comparativa usando apenas esses relatos e esse recorte temporal.

Outros trechos apresentam comparações com o cenário europeu, especialmente quando se busca destacar o clima semelhante ou as belezas de uma terra e da outra. Essa associação da beleza encontrada em solo americano ser semelhante a beleza europeia não está sendo feita apenas para criar uma imagem mais facilmente compreensiva da natureza do Pampa, mas também carrega uma noção de superioridade do modelo europeu.

Nas margens da Lagoa dos Patos “a vegetação tinha aqui uma extraordinária

semelhança com um prado do norte da Europa, especialmente com as partes baixas, húmidas, dos prados das matas escandinavas” (LINDMAN, 1974, p.31), o viajante relata muito ter descansado em lugares que lhe lembravam os ambientes europeus e descreve inúmeras plantas semelhantes aos encontrados na flora da Escandinávia (LINDMAN, 1974, p.41-42). Os morros de Porto Alegre “relembra vivamente os morros ao redor de Lisboa e Cadiz, a Campanha Romana, as elevações e barrancos ao redor de Funchal, os pastos accidentados da Argélia e Tunísia, etc.” (LINDMAN, 1974, p.40) vimos que Francis Bond Head (1827, p.19) já havia comparado o clima do Pampa com o de países mediterrâneos como Grécia e Itália.

Em Barranquitos, hoje uma localidade de Río Cuarto:

o primeiro vislumbre do lugar teve para nós a aparência de uma cervejaria de uma vila na Inglaterra; tudo tinha uma aparência de limpeza e asseio; as habitações eram as maiores e mais altas que havíamos visto desde que saímos de Buenos Aires, e a situação era pitoresca. Havia duas fileiras de edifícios opostas uma à outra, com 25 metros de comprimento; no meio, entre eles, havia uma árvore alta, com galhos largos e folhagem abundante, sob a qual a carruagem parou. A proximidade da serra, as colinas, a folhagem verde envolvente, a dimensão dos edifícios, tornavam a situação extremamente agradável aos nossos olhos<sup>170</sup> (MIERS, 1826, p.77-78, tradução nossa).

A habitação que tanto parecia com uma inglesa, era limpa, bem cuidada e maior do que qualquer outra que havia visto em praticamente 600 quilômetros percorridos. Falando sobre distâncias, Luccock comenta que “as vastas propriedades da nobreza britânica, medidas em acres, reduzem-se a insignificantes hortas quando cortejadas com as fazendas [do Pampa], medidas não em milhas, mas em léguas, [porém] são improdutivas” (LUCCOCK, 1942, p.112). Essa comparação impressiona o viajante e novamente destaca as diferenças espaciais entre a América e a Europa.

#### 4.7 AS PERCEPÇÕES SOBRE UM ECÓTONO: O ENCONTRO DE DOIS MUNDOS

---

<sup>170</sup> No original: “The first glimpse of the place had to us somewhat the appearance of a village alehouse in England; every thing bore the semblance of cleanliness and neatness; the habitations were the largest and the loftiest we had seen since we quitted Buenos Ayres, and the situation was picturesque. There were two ranges of buildings opposite one another, eighty feet long; in the middle between them was a lofty tree with wide spreading branches and full foliage, under which the coach drew up. The vicinity of the mountain range, the hills, the surrounding green foliage, the size of the buildings, rendered the situation exceedingly pleasing to our eyes”

Um ecótono é uma zona de transição entre dois sistemas diferentes, no caso pode ser a transição entre dois biomas. O Pampa é um bioma que faz ‘fronteira’ com alguns outros biomas e podemos ver essas zonas de encontro com a Mata Atlântica, com o Chaco e com a Patagônia em alguns momentos dos relatos. As localidades que se encontram em zonas de transição tendem a apresentar uma maior biodiversidade e variedade de características naturais pois mesclam de elementos dos dois biomas em uma única região.

Em estudo sobre o bioma Mata Atlântica, os historiadores Diogo Cabral e Jorge Luis Oliveira-Costa (2021) identificam que as espécies gato-do-mato (*leopardus geoffroyi*) e gato-do-mato-pequeno (*leopardus guttulus*), que habitam áreas mais campestres e florestais, respectivamente, começaram a se encontrar e se reproduzir em ambientes ecótonos com grande antropização. Desse encontro, resultou um cruzamento de espécies e no surgimento de uma nova espécie mais adaptada a viver nessa zona de ecótono com grande presença da ação humana. Esse exemplo que ocorre longe da nossa área de interesse, pode ser um bom lembrete de como as ações humanas podem afetar, mesmo que indiretamente, as espécies nativas, mesmo que em ambientes bastante biodiversos como os ecótonos.

As descrições de ecótonos presentes nos relatos dos viajantes nos confirmam que mesmo no século XIX, muito antes dos conceitos de bioma, ecorregião ou ecótono serem forjados, as pessoas já viam o Pampa como uma unidade separada de ambientes vizinhos, isso fica evidente no mapa 25, onde o contraste entre o Pampa e a Mata Atlântica está bem assinalado e representa a exata divisa atual entre esses biomas.

Mapa 25 – Mapa de parte do Vice-Reinado de Buenos Aires – 1806 (recorte)



Fonte: Recorte do mapa 05 - A Map of Part of the Viceroyalty of Buenos Ayres 1806. London, Published by A.Arrowsmith, No. 10 Soho Square, 26th November, 1806.

O mapa apresenta a fronteira entre o Império espanhol (em rosa ao oeste) e o Império Português (em amarelo ao leste), além disso existe outra ‘fronteira’, que divide o mapa entre norte e sul, com a parte setentrional sendo predominantemente ocupada pelas florestas da Mata Atlântica e a parte sul sendo os campos do Pampa. O atual município de Santa Maria fica exatamente no cruzamento entre essas quatro linhas, ele surge de um acampamento militar português que visava assegurar a posição da fronteira em relação ao povoado de São Martinho da Serra, do lado espanhol a uma distância de menos de vinte quilômetros, um estudo mais aprofundado sobre a natureza de Santa Maria a partir dos viajantes pode ser encontrado em Minuzzi (2022b). Sobre Santa Maria, Lindman diz que:

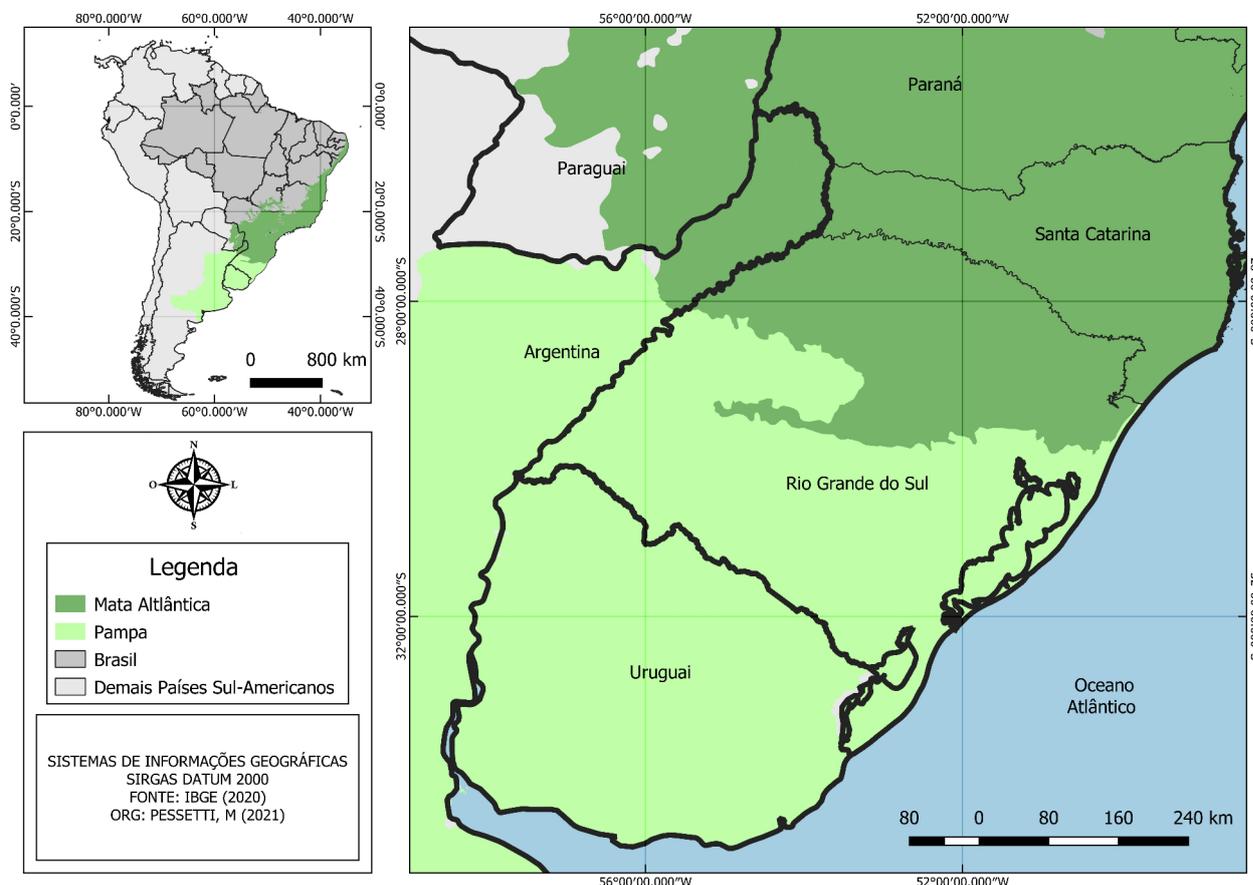
os mais lindos [campos] encontrei no outomno (maio de 1893) em Santa Maria da Bocca do Monte. Verdejantes e macios, estes gramados, por entre os grupos de arvores da beira da matta, com seus esconderijos labyrinthicos, constituem paisagens romanticas de parque, duplamente bellas pelo fundo magestoso das montanhas da serra com suas mattas virgens e pela deslumbrante luz que reflecte do admiravel céu sul-brasileiro (LINDMAN, 1954, p.91).

O contraste entre os campos ‘verdejantes e macios’ com o ‘fundo majestoso’ das matas era um dos elementos que tornava aquela cena tão especial na percepção do viajante. O mapa 26 apresenta essa divisão atual entre campos e florestas de forma mais esclarecedora.

Ao longo do tempo os limites territoriais e o entendimento do que seria o Pampa foram modificados, claramente, mas é interessante notar que o contraste entre biomas já era notado no período. Como pode ser observado na obra de Smith, onde esse relaciona a Mata Atlântica carioca com a Mata Atlântica meridional, notando que elas, apesar de distantes, possuíam muitas similaridades, portanto “não tardou muito [para] descobrirmos que as aves e insectos do *mato geral* eram quasi todos os mesmos do Rio de Janeiro” (SMITH, 1822, p.60, grifo do autor). Para Nonoai, uma zona de ecótono entre Pampa e Mata Atlântica, Beschoren descreve-a como tendo:

localização é excelente: situada numa coxilha com ampla vista pelas imediações. Possui campos esplêndidos e capões muito verdes, num oferecimento paisagístico [...] a Vila, não muito distante das ricas florestas do rio Uruguai e do rio Passo Fundo, cercada de campos fecundos, está destinada a um futuro promissor (BESCHOREN, 1989, p.45).

Mapa 26 – A divisa entre Mata Atlântica e Pampa



Fonte: Elaborado com base em Sistemas de Informações Geográficas SIRGAS DATUM 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). Organização: Mateus Pessetti (2021).

Quanto mais se afastava de Passo Fundo, mais Beschoren notava a diferença da paisagem onde “os campos se alteravam devido à proximidade da Serra. Quantidade de capões ofereciam pontos de descanso. À medida que íamos para oeste, os campos tomavam as características de estepes, distinguindo-se a configuração ondulada do solo” (BESCHOREN, 1989, p.55). Essas passagens de Beschoren ilustram bem os mosaicos de ecossistemas presentes no planalto gaúcho na região das missões, onde os biomas se entrelaçam de forma mais complexa.

No caso do Rio Grande do Sul era bem evidente o contraste entre biomas tendo as “florestas sombrias” (ISABELLE, 2006, p.205), os “matos sombrios” (ISABELLE, 2006,

p.209) e a “serra, que forma uma espécie de grande muralha sombria destinada a separar em duas partes, mais ou menos iguais, ao sul e ao norte, a interessante província do Rio Grande do Sul” (ISABELLE, 2006, p.216). Lindman é outro viajante que escreve sobre tal característica onde ele é capaz de “affirmar com toda a segurança que no Rio Grande encontra-se uma zona de transição entre os dois grandes contrastes na natureza sul-americana, a matta virgem brasileira e os pampas argentinos” (LINDMAN, 1974, p.8).

O mapa 27, elaborado por Carl Lindman, ilustra de forma mais clara esse contraste entre a mata e o Pampa, além de apresentar uma divisão em quatro tipos de vegetação: os pantanais, a costeira, os matos virgens e os campos. O encontro entre o Pampa e a Mata Atlântica fica novamente evidenciado através do corte Leste-Oeste no centro do Rio Grande do Sul, e de forma mais mista na região do Planalto onde muitas cidades ficam em zonas de ecótono. Em Misiones na Argentina a mudança drástica da vegetação também auxilia a visualização da zona do ecótono. O encontro entre o Pampa e o Chaco pode também ser observado com o aumento da região de pantanais próximos a Corrientes em direção ao atual Paraguai.

Nathaniel Bishop chega em “San Luis, onde os Pampas acabam”<sup>171</sup> (BISHOP, 1870, p.112, tradução nossa), marcando o final dos campos do Pampa e o início do Chaco Seco. É interessante que o viajante assinale que ali é onde os Pampas acabam, pois hoje em dia é considerado pelo governo argentino como o limite entre as ecorregiões do Chaco Seco e Espinal, como já explicamos no capítulo 1, estamos considerando a região do Espinal como integrante do bioma Pampa, baseado em estudos interdisciplinares e transnacionais da atualidade, que se somam a própria concepção de Pampa de Bishop ainda no século XIX, que considerava que ali acabavam os Pampas.

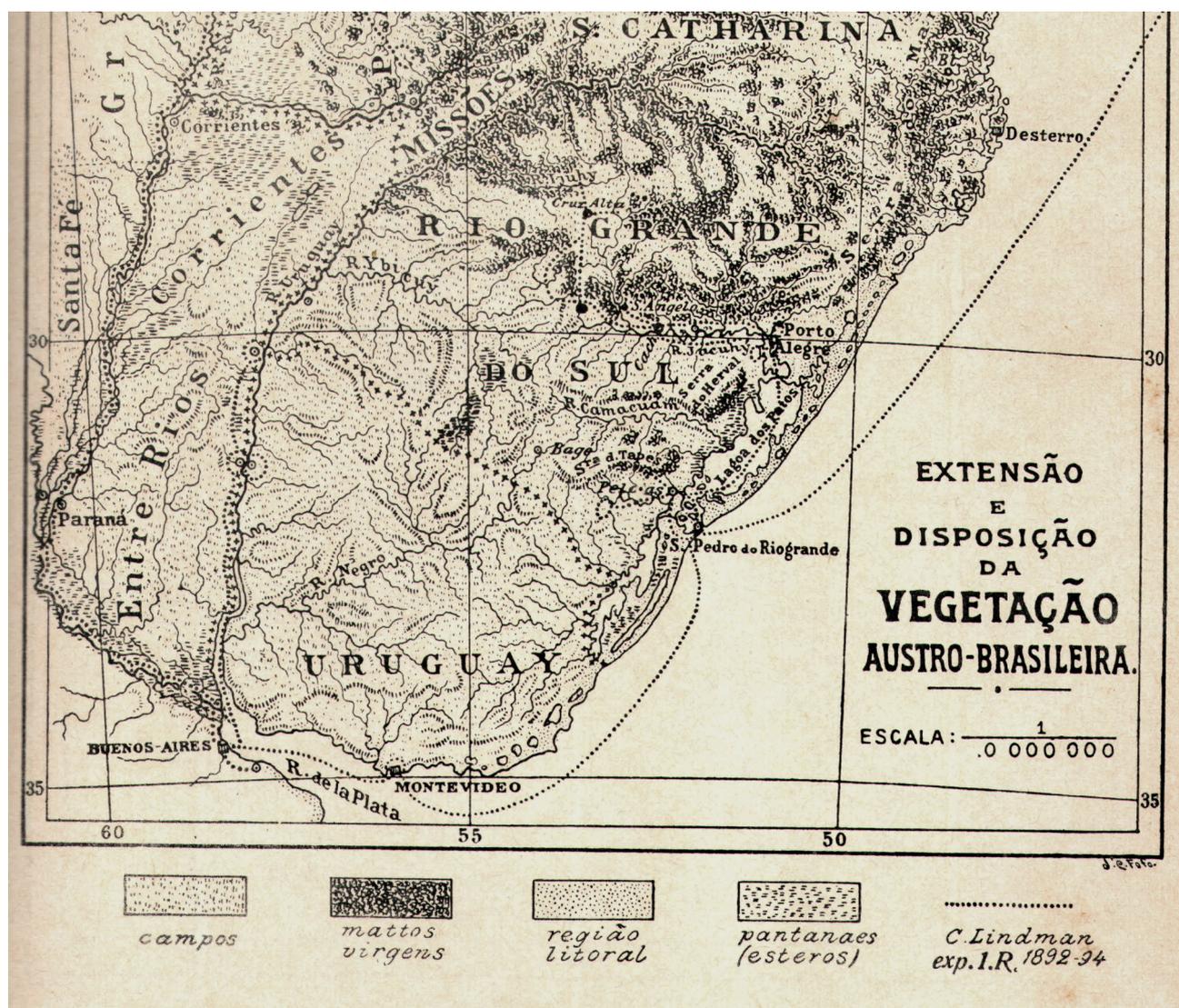
Podemos pensar também no ecótono entre Pampa e Espinal, que era algo sutil. Sobre a transição entre Espinal ao sul do rio Colorado e o Pampa ao norte, Darwin descreve: “logo entramos em uma região diferente das planícies ao sul do rio. A terra ainda continuava seca e estéril, mas sustentava muitos tipos diferentes de plantas; e a grama, embora marrom e seca, era mais abundante, e os arbustos menos espinhosos” (DARWIN, 2008, p.95-96), por esse trecho podemos notar que as mudanças não são um corte drástico, mas um gradiente de

---

171 No original: “San Luis, where the Pampas end”.

mudanças. A terra ‘continuava seca e estéril’, a grama continuava ‘marrom e seca’, mas com algumas mudanças em relação às gramas que ficaram para trás.

Mapa 27 – Extensão e disposição da Vegetação Austro-Brasileira (recorte)



Fonte: LINDMAN, Carl Axel Magnus. *A vegetação no Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

Dentre os relatos uma das passagens mais significativas sobre ecótono está presente no trecho descrito por Herbert Smith enquanto na cidade de Montenegro, onde Pampa e Mata Atlântica se encontram:

A transição faz-se tão **de chofre e de surpresa** que dir-se-ia **uma magia**. Para quem vem de cavalgar na floresta sombria e calada, **salta aos olhos um mundo novo**, - mundo de paisagens largas, abertas, de luz que caracola, de ventos que varrem victoriosos, mundo onde **cada planta e animal que vemos, differe dos da floresta** [...] para traz, em rumo á serra Geral, todo o paiz parece embuçado de arvoredos. Mas para o Sul e para o Oeste derramam-se léguas após léguas de **campo ondulado até o horizonte** (SMITH, 1922, p.89-90 – grifo nosso)

A floresta categorizada como sombria e silenciosa cria um contraste entre o mundo amplo e iluminado dos campos, mostrando um pouco mais sobre a percepção ambiental do viajante. Em uma região próxima, no alto da serra em Boa Vista, hoje parte do município de Candelária, Beschoren relata que via-se que “para o sul, a paisagem termina confundindo-se com o horizonte. O quadro é cheio de variações: O verde-escuro da selva, que cobra as montanhas, contrasta com o verde das plantações no vale, pelo qual corre o rio Pardo, como uma fita de prata” (BESCHOREN, 1989, p.94). Smith continua relatando que:

a transição, deve dizer-se, é maior ainda do que parece. Physicamente é aqui o extremo do Brasil, e entramos no Estado-Oriental. Plantas e animais, paisagens, a propria vida, industrias e commercio do Brasil ficaram atraz. Politicamente o imperio vai algumas centenas de kilometros adiante; socialmente todo o resto da provincia gravita para as republicas platinas [...] a mudança parece estender-se a tudo. É differente o clima – mais frio, chuvas menos frequentes, a estação da secca mais fortemente contrastada com a das aguas [...] rios permanentes são aqui menos communs do que na região das florestas; os alagadiços, ao contrário, são mui numerosos [...] as plantas de campos differem das da floresta (SMITH, 1922, p.90-92).

A divisão não é feita apenas em termos físicos, mas também na esfera social, aqui o viajante reforça a ideia de que a província do Rio Grande do Sul está mais conectada a cultura e o cotidiano de seus vizinhos platinos do que ao restante do Império do Brasil. De certa forma isso ocorre devido à existência de uma zona fronteiriça porosa que por muitas vezes significou conflito, mas que também gerava possibilidades de negócios, trocas culturais, identificações identitárias e redes de sociabilidade.

No Brasil o Pampa acaba sendo ofuscado pela construção da imagem do Brasil como “um país tropical”, o que não deixa de ser em parte correto, mas pode criar a falsa sensação de que o Brasil é apenas isso ou que o bioma Pampa não faz parte do Brasil ou não o representa. Herbert Smith, por exemplo, considera que a região dos campos do Pampa “é distintamente

menos tropical – menos brasileira” (SMITH, 1922, p.92) em comparação às florestas que rodeiam Montenegro no Rio Grande do Sul. Esse tipo de pensamento acaba criando e reforçando identidades regionais e nacionais que elegem elementos da paisagem para representar um grupo.

A mudança entre Pampa e Mata Atlântica não se dá em uma linha bem demarcada, mas sim na criação de uma faixa de transição. A área de floresta fica principalmente nos morros da Serra Geral enquanto os campos se estendem vindos do Sul ao encontro da floresta no Norte. Essas zonas de transição são interessantes de serem estudadas pois ali habitam animais de ambos os biomas e plantas diversas também acabam se adaptando nesse contexto diferenciado. Para além dos termos biodiversos, é bastante interessante e relevante procurarmos entender como as cidades localizadas em ecótonos utilizaram esses biomas ao longo do tempo. Smith indica que “a floresta fornece a madeira e outros produtos, e suas terras férteis se prestam à agricultura, depois de derrubadas; a terra de campo, ao contrário, não serve ou pelo menos não se usa para a agricultura, mas proporciona excelente pastoreio ao gado” (SMITH, 1922, p.93-94). Podemos a partir disso nos questionar se as cidades procuraram explorar as potencialidades de cada bioma? Será que possuíam planos voltados especificamente para cada espacialidade? Enfim, são problemáticas que podem ter respostas parciais retiradas desse estudo, mas que carecem de uma análise própria a partir de outras fontes também.

A zona de transição entre biomas, mas também entre climas (tropical e subtropical), propiciava uma diversidade de produtos que abasteciam o mercado de Porto Alegre, por exemplo. “O mercado é dos mais bem supridos do Brasil, e a reunião de productos dos trópicos e das zonas temperadas deverá curiosa” (SMITH, 1922, p.39), vindos principalmente “das chácaras vizinhas todas as qualidades de frutas, de hortaliças, e de verdura que produz a vegetação indígena, ou que brotam das sementes exóticas, que as mãos do sábio cultivador souberam naturalizar num solo estrangeiro” (DREYS, 1990, p.69). O usufruto de alimentos que medram melhor em um ou outro bioma é apenas um exemplo da potencialidade que comunidades localizadas em zonas de transição ambiental possuem para explorar.

O historiador Paulo Zarth considera a “dicotomia campo de pastagens/floresta como fenômeno importante no processo de ocupação e apropriação do solo e da formação da estrutura agrária” (ZARTH, 2006, p.157) no Rio Grande do Sul, onde as “diferentes paisagens culturais estavam delimitadas pela presença do campo nativo ou da floresta” (ZARTH, 2006, p.157) e não por outros elementos naturais como o clima ou hidrografia. Isso acabava modificando especialmente a densidade populacional em zonas campestres que eram menos densamente povoadas e zonas florestais, mais densamente povoadas. A cidade pampeana de Livramento possuía 3.18 habitantes por km<sup>2</sup>, enquanto Caxias do Sul na serra da Mata Atlântica possuía 23.41 hab/km<sup>2</sup>, já Santa Cruz do Sul, em uma zona de ecótono, ficava no meio do caminho com 11.64 hab/km<sup>2</sup> (ZARTH, 2006). O processo de ocupação humana desses diferentes espaços foi muito mais complexo do que a síntese feita por Zarth, mas em linhas gerais nota-se grande diferença na temporalidade e na forma de ocupação da terra nesses dois biomas.

Estudar um bioma a partir da perspectiva da História nos oferece uma rica análise sobre o passado da humanidade e sua relação com a natureza, estudar zonas de ecótono nos oferecem uma abordagem ainda mais interessante, pois essas zonas de contraste rendem estudos sobre percepção ambiental de dois sistemas naturais diferentes que se encontram e geram uma zona de contato extremamente biodiversa. É interessante que estudos futuros desvendem como as populações que se estabeleceram nesses encontros lidaram com a oferta de biodiversidade, como os diferentes locais eram percebidos, utilizados e ocupados.

## **5 O PAMPA NO CAMINHO DA CONVERGÊNCIA DE MUITOS MUNDOS: IMPACTOS AMBIENTAIS, RELAÇÕES COM O MUNDO NATURAL E OUTROS TEMAS**

O último capítulo da tese abordará alguns temas adjacentes que se conectam à discussão sobre o pensamento ambiental e que dão profundidade a nossa compreensão de como os humanos se relacionaram com o bioma Pampa ao longo do século XIX, bem como alguns desdobramentos posteriores. Abordaremos a introdução das espécies exóticas, a biota portátil, no Pampa que pode ter sido o fator de maior impacto ambiental no período. Continuaremos na temática analisando outros impactos constatados pelos viajantes e compará-los com os desafios ambientais mais recentes na região, verificando que a temporalidade altera as questões mais relevantes.

Ao longo do capítulo ainda veremos a importância da utilização da madeira para a sociedade que se estabeleceu no Pampa e como essa lidava com a escassez desse recurso em um ambiente predominantemente campestre. Uma espécie exótica e invasora que por vezes substituía a madeira, era o Cardo, veremos como essa planta é um agente histórico bastante relevante e esquecido pela historiografia. Assim como o cardo era utilizado como substituto da madeira, identificaremos outros usos da natureza realizados pela população local além das relações que essa estabelecia com os seres não-humanos.

Abordaremos ainda questões relativas à fauna, a caça e a pesca. O aspecto da fidelidade estabelecida entre humanos e não-humanos e o trabalho com o gado na pecuária serão outros temas. Separamos um subcapítulo para discorrermos sobre outras espécies que aparecem nos relatos e que pouco são mencionadas, abrindo possibilidades de novos estudos mais aprofundados. Vamos discutir a importância da água, as questões espaciais referentes ao estabelecimento das cidades e os problemas com as enchentes. Para finalizar o capítulo trataremos da importância de pensar os relatos a partir de um conjunto de percepções sensoriais, explorando todos os sentidos que os viajantes possuem para captar e descrever as paisagens.

Basicamente nesse capítulo constataremos que “o objetivo fundamental das relações estabelecidas entre os seres humanos nas diferentes sociedades ao longo da história tem sido a

satisfação das suas necessidades materiais”<sup>172</sup> (MOLINA, 1999, p.44, tradução nossa) e é por esse motivo que os humanos transportam ao Pampa espécies familiares a eles e nativas do ‘Velho Mundo’, é assim que procuram as melhores fontes de água para estabelecer seus assentamentos nas redondezas e também é assim que buscam formas de utilizar os elementos da natureza do Pampa no seu cotidiano, nas suas ferramentas, seus móveis, suas habitações, entre outros usos. Nesse processo os humanos buscando lucros imediatos, luxos ou a pura sobrevivência, subjugarão ou exploraram inúmeras espécies de animais.

### 5.1 ESPÉCIES EXÓTICAS: O MAIOR IMPACTO AMBIENTAL JÁ EXPERIENCIADO?

O historiador Alfred Crosby afirma que “o pioneiro do Pampa foi uma espécie de Midas botânico, que mudava a flora ao toque de sua simples presença” (CROSBY, 2011, p.169), evocando essa figura mitológica, Crosby destaca o quão potente foi a ação humana na alteração dos Pampas. Ao atravessarem o oceano Atlântico os europeus ligaram novamente dois mundos que haviam permanecido sem contato por séculos, provocando um choque de culturas, doenças e biotas. Os colonos europeus, no caso do Pampa principalmente os ibéricos, introduziram diversas espécies da fauna e da flora do ‘Velho Mundo’, ou seja, dos continentes africano, asiático e europeu, nos ecossistemas americanos.

A introdução de espécies não era algo incomum, ela ocorria de diferentes formas e em diferentes intensidades ao longo dos tempos históricos. “Os seres humanos introduziram novas plantas em ecossistemas, frequentemente com resultados inesperados e quase catastróficos” (PONTING, 1995, p. 265), sendo que o “impacto da expansão europeia sobre o resto do mundo trouxe perdas em escalas ainda maiores e em períodos mais curtos” (PONTING, 1995, p. 272), mesmo por que as ideias de conservação e preservação das espécies é algo recente, então não havia tanta preocupação com os impactos que estavam sendo causados. Os europeus chegaram às Américas no comando de um verdadeiro “exército de plantas e animais domésticos” (DEAN, 1996, p.71) que atuaram a seu favor para

---

172 No original: “El objetivo fundamental de las relaciones establecidas entre los seres humanos dentro de las distintas sociedades a lo largo de la historia ha sido la satisfacción de sus necesidades materiales”

prevalecer sobre a natureza local e transformar esses espaços em ambientes mais familiares. “Esses foram os efeitos inevitáveis de uma invasão de pessoas que não só ignoravam a ordem natural, mas consideravam a busca da conquista mais fácil do que o princípio da cooperação.”<sup>173</sup> (WORSTER, 1994, p.123, tradução nossa).

Segundo o historiador ambiental Mikko Saikku “os colonos europeus introduziram no Atlântico Norte novas espécies de flora e fauna, e algumas delas tornaram-se competidoras, predadoras, ou parasitas das espécies originais” (SAIKKU, 1999, p.196), isso se estendeu por todo o continente americano e para regiões da Oceania, através do que Alfred Crosby denominou biota portátil e que vimos a discussão do conceito no capítulo 2. Um exemplo realçado por Saikku é “a introdução em grande escala de plantas externas nas ilhas da Macaronésia [que] começou com a fixação europeia, e hoje em dia dominam especialmente as paisagens das planícies” (1999, p.205). Ilhas geralmente são escolhidas para pesquisas de ecologia pois sua área terrestre limita a entrada e saída de espécies. Foi assim que Charles Darwin conseguiu teorizar sobre a origem das espécies observando aquelas que viviam no arquipélago de Galápagos. Além disso, “os impactos [ambientais] são especificamente maiores nas ilhas [...] devido à fragilidade ecológica” (FURQUIM, 2019, p.31) que os ambientes insulares frequentemente apresentam, não dando muita margem para que a introdução, intencional ou não, de novas espécies seja amenizada quando ocorre. Apesar de o Pampa ser um território muito maior e com intensas ligações com os biomas vizinhos, ele também sofreu grandes impactos com a introdução de fauna e flora exóticos. Vemos algumas iniciativas para identificar essas espécies no passado, como é o caso do trabalho do historiador Dilson Peixoto (2010) que realizou um levantamento de espécies exóticas que aparecem no relato de Saint-Hilaire. Ainda hoje notamos que há uma “dificuldade em distinguir plantas domesticadas, selvagens e daninhas” (BEINART, MIDDLETON, 2009, p.162), e isso pode ser percebido nos próprios relatos de viagem onde Saint-Hilaire indica que “a avena sativa [aveia] nº2207 é de tal forma comum nas pastagens, que seremos tentados a considera-la indígena” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.169), o que não é correto, pois ela não é uma espécie americana.

---

173 No original: “These were the inevitable effects of an invasion of people who not only were ignorant of the natural order but found the pursuit of conquest easier than the principle of cooperation”

Nos arredores de Montevideu e por boa parte da costa sul do Uruguai, região mais povoada do país:

O Pe. Larrañaga viu, pela primeira vez, há dez anos, um pé de myagrum nº2.217; e hoje, cobre, só com ele, quase todo o espaço que se estende entre a cidade e os arredores. As plantas europeias são aqui tiranos que tomam conta de extensos terrenos e expulsam as espécies indígenas. As que na sua terra natal se encontram isoladas, tais como a echium nº2173, apenham-se, por assim dizer, aos passos do homem, aos arredores de sua habitação, bordam os caminhos por onde eles passam e recobrem as pastagens, crescendo aqui em harmonia com outras. (SAINT-HILARE, 1987, p.148).

As plantas exóticas que conseguem obter êxito no novo bioma, como a myagrum (*Myagrum L. spp.*) e a echium (*Echium L. spp.*), modificam características nessa comunidade e competem com as espécies nativas por espaço (ESPÍNDOLA; JÚLIO JÚNIOR, 2007), muitas vezes sendo auxiliadas por animais exóticos que as acompanham. Um exemplo dessa relação é o caso apontado por Crosby (2011) onde a grama nativa da costa leste dos Estados Unidos foi extinta devido a competição com a grama europeia invasora, que já desenvolvera durante séculos mecanismos para sobreviver a predação do gado vacum europeu, ali também introduzido. As principais características que beneficiam as espécies exóticas em sua dispersão e potencial invasor são a:

alta taxa de crescimento, grande produção de sementes pequenas e de fácil dispersão, alta longevidade das sementes no solo, alta taxa de germinação dessas sementes, maturação precoce das plantas já estabelecidas, frutificação mais prolongadas, alto potencial reprodutivo por brotação, pioneirismo, alelopatia e ausência de inimigos (MORETTO; BRANDT, 2023, p.147).

Dentre as plantas introduzidas no Pampa, uma ganha muito destaque nos relatos de vários viajantes, é o cardo (*Cynara L. spp.*). Dentro desse gênero, diversas espécies podem ter se adaptado aos campos do Pampa e nem sempre fica evidente de qual espécie os viajantes estão tratando, porém Isabelle e Saint-Hilaire identificam a espécie *Cynara cardunculus* como possivelmente a mais recorrente. A família Asteraceae, dos cardos, é a família com o maior número de espécies dentro das Eudicots no Pampa, totalizando 476 espécies. Entre essas centenas de espécies estão plantas nativas ou exóticas, como é o caso do cardo (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.8). A grande diversidade dessa família no Pampa pode ser um fator que ajude a

explicar os motivos pelos quais os cardos conseguiram se adaptar tão bem ao ambiente pampeano, haja vista que as Asteraceae representam a maioria das plantas do bioma.

O cardo parece ter sido introduzido de forma não intencional, diferente de outras espécies que eram de grande interesse aos colonizadores. Espécies exóticas favoritas de serem aclimatadas em terras americanas eram aquelas que compunham a dieta cotidiana dos Ibéricos, dentre elas a Laranja (*Citrus sinensis L.*) é a que mais frequentemente aparece nos relatos. Em San Javier “o caminho nos leva por um laranjal, que se estende ao longo da margem do rio, por várias léguas de distância, agradecendo a sua existência aos jesuítas. O laranjal, atualmente, está mal cuidado e selvagem” (BESCHOREN, 1989, p.67). A laranja era importante para combater o escorbuto, doença comum nas viagens transatlânticas e fazia parte dos costumes alimentares dos colonizadores.

Analisando o caso da região norte do atual estado de Goiás, a historiadora ambiental Samira Moretto, identificou que ali havia diversas espécies africanas de gramíneas exóticas e invasoras, essas espécies impedem “a regeneração natural da formação vegetal quando degradada, invadindo e suprimindo grandes extensões de vegetação” (MORETTO, 2016, p.124). Assim como no Pampa do século XIX, essas gramíneas invasoras se constituem como um dos principais impactos ambientais dessas regiões.

Não apenas as plantas são introduzidas no Pampa e provocam alterações ambientais, inúmeras espécies de animais também compõe a biota portátil que se instaura na região platina. Os europeus trazem consigo o gado, importante elemento que constitui as bases da economia e da alimentação desse povo. Assim, pela primeira vez pisam nos Pampas o boi (*Bos taurus*), o cavalo (*Equus ferus caballus*), a ovelha (*Ovis aries*), o porco (*Sus scrofa domesticus*), a galinha (*Gallus gallus domesticus*) e os asnos (*Equus africanus asinus*), sendo essas as espécies de maior destaque, se tornando tão presentes e importantes na região que hoje o boi e o cavalo são símbolos do Pampa, mesmo que não sejam animais nativos. Clive Ponting (1995, p.279) menciona que em 1700 nos Pampas o número de gado chegava aos cinquenta milhões. No município de Alegrete uma espécie de censo agrário provincial do período indicava 772.232 cabeças de gado *vacum* e 531.640 cabeças no município de Bagé (FARINATTI, 2006). Roberto Schmit (2006) calcula que a província de Entre-Ríos em

meados do século XIX possuía 1.500.000 de cabeças de gado bovino e mais de 1.600.000 cabeças de gado ovino.

Cavalos em tamanha profusão, selvagens ou domesticados, inexistem em qualquer outra parte do globo. A sua abundância moldou a sociedade dos Pampas mais firme e permanentemente do que a descoberta de ouro seria capaz. O metal não teria durado muito, ao passo que as gigantescas manadas de cavalos selvagens, elemento indispensável da cultura dos gaúchos, perduraram por dois séculos e meio (CROSBY, 2011, p.195).

O próprio Darwin notou alterações na região devido a introdução de gado:

poucas terras passaram por tão notáveis mudanças, desde o ano de 1535, quando os primeiros colonizadores de La Plata chegaram com 72 cavalos. Os incontáveis rebanhos de cavalos, bovinos e ovelhas não apenas alteraram todo o aspecto da vegetação, mas quase baniram o guanaco, o veado e a avestruz<sup>174</sup>. Inúmeras outras mudanças como essas aconteceram; o porco selvagem em algumas partes provavelmente substituiu o pecari; matilhas de cães selvagens podem ser ouvidas uivando nas margens cobertas de vegetação dos riachos menos freqüentados; e o gato comum, transformado em um animal grande e feroz, habita as colinas rochosas<sup>175</sup> [...] sem dúvida muitas plantas, além do cardo e do funcho, naturalizaram-se. Assim, as ilhas próximas à foz do Paraná estão densamente cobertas por pessegueiros e laranjeiras, nascidos de sementes carregadas pelas águas do rio” (DARWIN, 2008, p.146-147).

Além de ser o produto principal da economia da região e de se tornar símbolo dentro da cultura e imaginário, o gado tinha um papel importante na dispersão de plantas, no pisoteamento e conseqüente desgaste do solo, na culinária local, etc. “O boi era a fonte preferida de proteínas na dieta neo-européia” (DEAN, 1996, p.128) e tornou-se o símbolo da culinária platina. A quantidade gigantesca destes animais causou mudanças drásticas no bioma, na paisagem e na sociedade que ali vivia, pois “esse aumento brutal do número de animais pasto trouxe conseqüências para vários dos pastos nativos da região” (PONTING, 1995, p. 280), onde muitas gramíneas nativas não estavam adaptadas para uma alimentação e pisoteamento mais intensivos, além da competição com espécies de plantas introduzidas e mais bem-adaptadas a essas condições. O equilíbrio ecológico da região alterou-se, algumas espécies como os urubus proliferaram com a demanda de alimento e outras tantas espécies de

---

174 Ele se refere as emas.

175 Esta informação sobre os gatos parece ser bastante fantasiosa e é sabido de espécies nativas de grandes felinos, que certamente não são provenientes de gatos domésticos que se tornaram selvagens.

plantas e animais podem ter diminuído sua população, migrado e até sido extintas devido a introdução de inúmeras espécies de fauna e flora advindas da Europa, da Ásia e da África.

O gado acabou achando locais ideais para se proliferar, com fartura de alimento e ausência de grandes grupos de predadores. Os cavalos se tornaram manadas gigantescas no Pampa e na Austrália, muito porque esse gado semi-selvagem preencheu uma zona pouco povoada de europeus ou africanos e a população humana nativa não estava ainda acostumada a caçá-los ou mesmo a dar conta de tamanha quantidade de indivíduos que se reuniam em grandes manadas (MACLEOD, 2004, p. 360). Além disso, grudadas nos cascos, nos pelos ou dentro dos estômagos do gado vinham diversas plantas prontas para germinarem em terras do novo mundo, onde muitas encontraram facilidade ao disputar espaço com plantas nativas (CROSBY, 2011) se tornando por vezes invasoras e desequilibrando os ecossistemas destas zonas de colonização, inclusive alterando a vivência das pessoas, nativas ou não, desses locais. Situação que deve ter ocorrido com o cardo, introduzido de alguma forma não planejada.

Longe do controle humano, “o gado dispersou-se pelos campos sulinos, onde se reproduziu e formou grandes rebanhos não domesticados, conhecidos como gado chimarrão” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.122), esse gado “tinha grande rusticidade, estava adaptado ao ambiente pampeano e nele encontrava muito alimento à disposição” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.126). Na Nueva España, atual México, Nathan Wachtel destaca que “por volta de 1579, Juan Suarez Peralta, observou que os cavalos ‘eram tão numerosos que vagam pelo país completamente livres, sem donos: são chamados cimarrones’. Os chichimecas começam inclusive a praticar uma espécie de criação de cavalos” (WACHTEL, 2004, p.238). Exemplos semelhantes ocorreram em outras neoeuropas, “na Austrália, as manadas selvagens começaram com oito animais que escaparam de um rebanho domesticado, em 1788 [...] transformando-se rapidamente em um problema” (PONTING, 1995, p. 279-280), já na América do Norte “os europeus que se moviam em direção ao oeste, passando pelos Apalaches, no século XVIII, viam as enormes manadas de cavalos selvagens como uma praga e matavam-nos em grandes números” (PONTING, 1995, p. 280).

Alexandre Baguet comenta sobre a introdução de espécies pelos colonizadores europeus, ele busca descobrir os motivos pelos quais a Lagoa dos Patos leva esse nome,

levantando duas hipóteses, sendo que “alguns autores afirmam que este lago deve seu nome a uma antiga tribo indígena, os Patos; outros, que os espanhóis à sua passagem deixaram ali alguns patos que se teriam multiplicado ao infinito” (BAGUET, 1997, p. 31). A hipótese sobre essa espécie ter se alastrado no local após ser introduzida por ação antrópica é bastante interessante, porém o próprio viajante não parece acreditar nela, já que durante sua passagem pelo local não viu nenhuma espécie de pato.

O historiador ambiental Adrián Zarrilli identifica que:

de particular importância foi a introdução de novas plantas e animais que prosperaram em condições ideais nas planícies. Destes, o gado livre, tornou-se progressivamente o principal recurso da região, sustentando grande parte de sua atividade econômica e social pelo menos até a metade do século XIX<sup>176</sup> (ZARRILLI, 2013, p.43, tradução nossa).

Esses animais e plantas exóticos introduzidos no Pampa moldaram suas paisagens e seus ecossistemas, serviram de fonte de renda e de alimento para a população humana que habitou esse território e desenvolveram inúmeras relações com os humanos e com outras espécies, passando a fazer parte dos ecossistemas e das cadeias produtivas. Compreender os motivos deles terem sido introduzidos e os desdobramentos dessa introdução não é apenas resgatar a história do Pampa, mas a própria história dessas espécies.

## 5.2 IMPACTOS AMBIENTAIS NO PAMPA DOS SÉCULOS XIX, XX E XXI – AS DIFERENÇAS NAS TEMPORALIDADES

Podemos verificar que não há tempo histórico onde a natureza permaneceu estática, “florestas tem sido transformadas por doenças, secas e fogo, espécies se tornaram extintas, e paisagens tem sido drasticamente alteradas pelas mudanças climáticas sem qualquer intervenção humana”<sup>177</sup> (CRONON, 2011, p.11, tradução nossa), porém essas mudanças naturais não afastam a importância do fator antrópico na velocidade e intensidade dessas

<sup>176</sup> No original: “Of particular importance was the introduction of the new plants and animals that thrived in ideal conditions in the plains. One of these, free-ranging cattle, progressively became the region’s principal resource, sustaining much of its economic and social activity through at least the mid-nineteenth century”.

<sup>177</sup> No original: “forests have been transformed by disease, drought, and fire, species have become extinct, and landscapes have been drastically altered by climatic change without any human intervention”.

alterações. É importante que possamos identificar possíveis impactos ambientais no passado e compreendermos o papel humano no surgimento ou intensificação dessas mudanças.

Existem quatro fatores principais de ameaça à biodiversidade a um bioma, que são definidos pelo biólogo Edward Wilson (2012, p.316) como: a caça desmensurada; a destruição de habitats; a introdução de animais exóticos; e as doenças que estes animais exóticos carregam. Podemos notar todos esses fatos nos relatos de viagem estudados, apesar de as doenças não serem um tema recorrente. Ainda segundo Wilson (2012, p.317-324), há duas formas principais de uma espécie em risco de extinção chegar ao ser derradeiro fim pelas mãos humanas, a primeira forma é através do extermínio, ou ‘tiro de fuzil’, onde os indivíduos da espécie são exterminados por um controle biológico ou através da caça, mas o ecossistema não sofre alterações. Já a segunda forma é a destruição do ecossistema, ou ‘holocausto’, onde o ataque é dirigido ao ambiente dessa espécie que pela falta de abrigo, alimento ou por outro fator minguia até os últimos indivíduos restarem.

Um modo de estimar o impacto ambiental pode ser a partir da análise de alguns fatores como o desencadeamento, a frequência, a extensão, a reversibilidade ou ausência dela, a duração, a importância da biodiversidade afetada, a origem e também por outros fatores (CORREA; BUBLITZ, 2006). Nossa pesquisa procurou apontar possíveis impactos evidentes nos relatos de viagem e respaldados pela bibliografia, porém calcular os danos causados só seria possível em uma pesquisa interdisciplinar maior. Iniciativas como as do Mapbiomas que reuniu dezenove pesquisadores (BAEZA; *et al.*, 2022), eles concluem que para a região de campos do Rio da Prata (CRP) nos últimos:

20 anos, a região CRP perdeu quase 2.4 milhões de hectares de pastagens (9% da área restante de pastagens em 2001). A maior parte dessas perdas está concentrada no Brasil e no Uruguai e está associada a novas áreas agrícolas ou florestais [...] a maior parte da expansão da área de soja na América do Sul ocorreu às custas de áreas de pastagem nos CRPs onde a área com esta safra praticamente dobrou nos últimos 20 anos<sup>178</sup> (BAEZA, 2022, p.25, tradução nossa).

---

178 No original: “In 20 years, RPG region lost almost 2.4 million ha of grassland (9% of the remaining grassland area in 2001). Most of these losses are concentrated in Brazil and Uruguay and are associated with new agricultural or forestry areas [...] most of the expansion of the soybean area in South America occurred at the expense of grassland areas in the RPGs where the area with this crop practically doubled in the last 20 years”.

Além disso, o Pampa está entre “as ecorregiões mais alteradas do mundo, pois menos de 1% de sua área está sujeita a qualquer tipo de restrição de uso”<sup>179</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.4, tradução nossa), necessitando de políticas públicas que visem a sua preservação. Os pesquisadores observam que “existem 99 unidades de conservação na CRP, que cobrem entre 3,7% e 6,8% da extensão do bioma, dependendo dos limites regionais considerados”<sup>180</sup> (BAEZA, 2022, p.26, tradução nossa).

Um dos principais fatores de impacto ambiental no século XIX era o desdobramento da introdução da biota portátil e do choque entre os dois mundos que se deu quando o Atlântico deixou de ser uma barreira que separava-os. Dessa forma, “índios, suas [espécies] domesticadas, seus patógenos e uma variedade de plantas e animais nativos sofreram muito como resultado da invasão de Europeus, seus domesticados e novas formas de interagir com a natureza”<sup>181</sup> (MILLER, 2012, p.121, tradução nossa). Para Miller, a América Latina acabou se tornando um híbrido cultural e ambiental, totalmente diferente do que fora até então e isto trouxe consequências geopolíticas. As doenças tropicais e aquelas exportadas da Eurásia e da África afetavam as populações.

Acreditamos que o maior impacto ambiental que o Pampa passou no século XIX, e possivelmente o maior que tenha passado em toda a sua existência, foi a introdução de espécies exóticas, muitas das quais se tornaram invasoras. Porém é importante verificarmos as temporalidades dos impactos, e por isso é necessário o trabalho dos historiadores. Se o gado trazido pelos europeus foi importante na supressão de espécies nativas da flora e nos desequilíbrios dos ecossistemas desse bioma, com o passar dos séculos a situação foi se alterando e a natureza se equilibrando com esses novos elementos que agora constituíam parte dela. Dessa forma, podemos entender que o gado foi um importante fator de alteração ambiental, mas que ele não necessariamente continua sendo, pois muitos estudos recentes têm levado a crer que a atividade pecuária pode, inclusive, ser benéfica para o bioma, pois:

---

179 No original: “the most altered ecoregions of the world as less than 1% of their area is subject to any kind of use restriction”.

180 No original: “there are 99 protected areas in RPG, which cover between 3.7% and 6.8% of the biome extent, depending on the considered regional limits”.

181 No original: “Indians, their domesticates, their pathogens, and a variety of native plants and animals suffered badly as a result of the invasion of Europeans, their domesticates, and new ways of interacting with nature”.

foi documentado que a substituição de pastagens por plantações de eucalipto reduz o pH do solo, aumenta a evapotranspiração e pode causar salinização do solo. Além disso, foi demonstrado que o pastoreio de bovinos e ovinos aumenta ou diminui a produção primária líquida das pastagens acima do solo, dependendo dos efeitos<sup>182</sup> (BAEZA; *et al.*, 2022, p.4, tradução nossa).

Esses animais exóticos estão a tanto tempo presentes na natureza e interligados com a sociedade que habita Pampa que as formas tradicionais de pecuária tem sido apontadas como possíveis aliadas na manutenção e conservação de campos nativos. A discussão é muito mais ampla e não está concluída, mas revela que com o passar dos séculos um impacto ambiental pode já não ter o mesmo sentido e valor que possuía anteriormente, ressaltando o papel da questão temporal.

Todavia, é evidente que para o século XIX, com a introdução de plantas e animais exóticos a pecuária tornou-se “um dos principais fatores de alteração ecológica na América Latina” (VAN AUSSDAL; WILCOX, 2015, p.80) e sua expansão “foi motivada não apenas pela produção de carne bovina, mas também pelos subsídios governamentais, pela especulação fundiária e pela busca por controle territorial” (VAN AUSSDAL; WILCOX, 2015, p.80), que na região dos Pampas se deu principalmente pelo modelo de latifúndio da terra.

Um paralelo comparativo pode ser visto no caso australiano, outra Neoeuropa, onde “a introdução de gado por parte dos colonizadores europeus teve um impacto devastador no ecossistema australiano, mesmo maior do que a própria colonização” (FISHER; PERKINS, 1999, p.497), com o gado se adaptando bem as condições ambientais, assim proliferando demonstrando ter uma excepcional habilidade “em crescer sem nenhum cuidado humano nas novas terras” (FISHER; PERKINS, 1999, p.501). O pastoreio na Austrália, assim como nos Pampas, continuou “a ser o principal agente destrutivo da flora e da fauna indígenas” (FISHER; PERKINS, 1999, p.513), com grande quantidade de gado pisoteando e se alimentando das gramíneas nativas, abrindo espaço para as plantas exóticas, mais adaptadas a coexistência com o gado, espalharem-se.

---

182 No original: “The replacement of grasslands by Eucalyptus plantations have been documented to reduce soil pH, increase evapotranspiration, and may cause soil salinization. Moreover, cattle and sheep grazing have been shown to increase or decrease grasslands aboveground net primary production depending on the effects”.

Um problema de estudarmos impactos ambientais tão distantes no tempo histórico é que não há fontes suficientemente detalhadas, dados precisos, uma reconstituição dos fatos ou mesmo a capacidade de ser realizado um estudo *in loco*. Apesar disso, podemos afirmar que a produção agropecuária desenvolvida pelos europeus nos Pampas foi um dos grandes fatores de alterações desde o início da colonização até pelo menos o século XIX. A agricultura naquele período não era tão proeminente na região platina, mas em linhas gerais, o estilo de agricultura europeia adotado nas Américas “garantia que poucas pessoas tivessem o máximo impacto na paisagem” (SAIKKU, 1999, p.193), onde “novos terrenos para agricultura podiam ser obtidos limpando áreas florestais. Os colonos adaptaram rapidamente dos índios o uso do fogo e de cercas como um meio de transformar florestas em campos” (SAIKKU, 1999, p.193).

Sobre as queimadas elas eram uma prática realizada frequentemente no Brasil, sendo uma técnica de origem indígena denominada ‘coivara’ (DEAN, 1996), que aumentava a “fertilidade temporária provocada pela queima de sua biomassa” (PÁDUA, 2002, p.41). Podemos considerar que a própria ocupação do território do Pampa por grupos indígenas já iniciou esse processo de alteração do meio, já que o próprio ser humano (*Homo sapiens*), é um animal exótico ao bioma, chegando a ele depois de longínquas migrações milenares. O processo de alteração acabaria sendo potencializado com a chegada dos europeus que dispunham de “instrumentos mais rápidos e potentes no abate dos animais” (PEIXOTO; MORAES, 2014, p.214). O historiador William Cronon (2011, p.7) também destaca que a natureza americana já estava modificada pela ação antrópica antes da chegada dos europeus, observando que o uso do fogo por indígenas com o intuito de abrir áreas de plantio na região de Massachusetts já era uma hábito comum (CRONON, 2011, p.28-29, p.49).

As queimadas aparecem em alguns relatos dos viajantes, como quando um dos membros do grupo de Baguet “afirma ter feito duzentas léguas em um campo queimado por um único incêndio. As cinzas fertilizam o solo e fazem nascer um pasto novo e tenro. O fogo **livra** os campos de uma multidão de insetos, parasitas e serpentes inofensivas que urubus procuram com avidez” (BAGUET, 1997, p.72-73, grifo nosso). Esse trecho reforça a ideia de que a ação antrópica – queimar um campo – provoca alterações ambientais expressivas, dentre elas a morte de diversas espécies de plantas e animais, a modificação da fertilidade

do solo e a mudança do ciclo de vida do pasto. Outra alteração relevante que Baguet nos trás é e o aumento da oferta de alimento para animais como os urubus, o que se feito com constância poderia auxiliar na superpopulação dessa espécie, aumentando ainda mais os impactos.

Robert Avé-Lallemant menciona que a coivara era uma prática estranha para os europeus (1980, p.260), quando o viajante esteve no município de Santa Maria presenciou “um terrível campo de batalha! Aqui a floresta sofreu desesperadamente do ferro e do fogo. De pé ou caídos se vêem, à esquerda e à direita, troncos carbonizados, horrível quadro da feroz destruição com que, quase em toda parte, começa a agricultura no Brasil” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.217-218), a descrição é referente à uma zona de Mata Atlântica na serra geral, no ecótono com o Pampa. O viajante também menciona que muitas vezes o fogo era acesso no campo e as pessoas deixavam de vigiá-lo, o que poderia ser bem perigoso, já que as chamas poderiam se alastrar sem qualquer tipo de controle ou supervisão.

Enquanto trabalhava nas margens do rio Inhacorá, Beschoren e os moradores locais notaram um incêndio no horizonte. Tanto a mata quanto o campo haviam sido consumidos pelas chamas que atingiram também o povoado de Campo Novo, onde se perdeu produtos, moinhos, ranchos e matas ervateiras (BESCHOREN, 1989, p.78-79). A estação era seca e ele descreve a cena como:

eu vi a floresta, a verdadeira selva, numa situação quase impossível: os troncos das árvores estavam quentes, a mata completamente murcha, as folhas secas pendendo tristemente. O chão quente, sulcos rasgados em largas fendas, o ar envolvido por um calor sufocante, os pequenos regatos totalmente secos, os maiores com apenas algumas poças [...] os campos estavam inteiramente secos, calvos como uma mesa e não se achava possível que o fogo ainda pudesse encontrar aí alimento (BESCHOREN, 1989, p.79).

Miers é outro viajante que também presencia um incêndio, dessa vez no campo próximo a Mercedes, na Argentina (MIERS, 1826, p.47). Na província de Santa Fé, Francis Bond Head relata ver fumaça de queimada no horizonte, o que muitas vezes era sinal de presença de indígenas, já que eles costumemente queimavam os campos (HEAD, 1827, p.84). Durante o inverno de 1820 “via-se de Porto Alegre a fumaça da queima das pastagens do outro lado do lago. É nesta estação que isto acontece todos os anos” revela Saint-Hilaire

(1987, p.51). Na primavera do mesmo ano o viajante novamente presencia sinais de coivara, dessa vez no istmo de Angostura, onde os campos pareciam ter sido recentemente queimados e onde as pastagens crescem muito (SAINT-HILAIRE, 1987, p.120), menciona que era recorrente botarem fogo nos campos das redondezas no final do inverno (SAINT-HILAIRE, 1987, p.124). Porém não era em todos os lugares do Pampa que se realizava tais práticas, como era o caso das margens do rio Queguay, ao norte do município uruguaio de Paysandu:

nesta região onde não se queimam as lavouras, a não ser por imprudência dos fumantes que lançam pontas de cigarros ainda acessas, e nesta época do ano, de chuvas escassas, a erva demora bastante a nascer de novo, quando já foi consumida. Também, os estancieiros **muito receiam os incêndios das pastagens**. Ontem vimos imensa extensão de terra queimada e hoje ainda percorremos boa parte dela coberta somente de cinza enegrecida (SAINT-HILAIRE, 1987, p.204, grifo nosso).

Nos campos de Belém, ainda em território uruguaio, um tenente conta que a prática da queimada era necessária pois “sem tal preocupação, a erva nascente permanece muito tempo sufocada pelas hastes e folhas velhas, impedindo, assim, os animais de pastar” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.220). Enquanto estava em Baía Blanca, no extremo sul dos Pampas, Darwin sentiu o ar ‘enevado’ pela presença da fumaça de uma queimada em um campo que estava a grande distância (DARWIN, 2008, p.131). Dessa forma, as queimadas não vitimavam apenas os animais e plantas que eram consumidos pelas chamas ou sufocados pela fumaça, mas também poderia prejudicar a saúde das pessoas e por elas em risco se as chamas saíssem do controle, o que não deveria ser algo raro.

Hoje em dia os impactos provocados pelo setor agropecuário e pelas queimadas ainda continuam presentes no Pampa, porém o maior desafio atual que o bioma encara é o monocultivo de espécies exóticas. Os historiadores Marcos Gerhardt e Paulo Zarth indicam que, além de monocultivos de arroz (*Oryza spp.*) e eucalipto (*Eucalyptus spp.*), “a conversão dos campos nativos em lavouras de soja, outro monocultivo, é a maior ameaça atual ao bioma Pampa. Cultivar soja exige preparar o solo e remover com herbicida ou por meio da aração a vegetação original” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.130). Além da conversão dos campos em monocultivos, outras ameaças principais ao bioma atualmente elencadas pelos historiadores são: fragmentação de remanescentes de campos nativos, redução ou extinção de espécies nativas, sobrecarga de animais que degrade os campos, contaminação do solo e água.

Expansão e introdução de animais exóticos – dentre os quais se destaca o capim-annoni (*Eragrostis plana*), a rã touro (*Lithobates catesbeianus*) e o javali (*Sus scrofa*) (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.132). Nessa listagem podemos ver que muitos dos problemas ambientais da atualidade são, de certa forma, os mesmos daqueles do século XIX, porém de formas e intensidades diferentes. A diferença se dá principalmente nos animais exóticos, que são outros, introduzidos em épocas muito mais recentes.

A expansão da silvicultura, através do plantio de espécies de árvores exóticas como o eucalipto resulta de:

investimentos privados realizados por grandes empresas nacionais e internacionais para expandir a cadeia produtiva de celulose e papel num quadro de forte globalização, centralização de ativos e concentração da produção industrial. Um processo semelhante foi documentado para a Argentina, mas foi localizado principalmente nas províncias de Corrientes e no norte de Entre Ríos<sup>183</sup> (BAEZA, 2022, p.26, tradução nossa).

Dessa produção monocultora em larga escala surge a expressão deserto verde (ZARTH, 2008, p.155), que simboliza um espaço teoricamente natural, mas que na verdade é reservado a praticamente uma única espécie, reduzindo a biodiversidade local na eliminação de boa parte das espécies de fauna e flora locais. As “condições edafoclimáticas da região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), assim como as províncias de Misiones e Corrientes, na Argentina, têm sido identificadas como áreas de maior potencial de crescimento para o *Pinus (elliottii e taeda)* no mundo” (MORETTO; BRANDT, 2023, p.148). O chamado “reflorestamento” muitas vezes é realizado em áreas que anteriormente eram ocupadas por campos, o que traz consigo desafios significativos. Além disso, o plantio monocultor frequentemente é realizado com espécies exóticas. Dessa forma, o replantio não consiste na reintrodução das mesmas espécies em áreas devastadas (MORETTO; BRANDT, 2023, p.148), mas de espécies exóticas que além de não fazerem parte da natureza local irão competir com as espécies nativas, podendo provocar ainda mais prejuízos ambientais.

Atualmente existe falta de consciência da biodiversidade de ambientes campestres

---

<sup>183</sup> No original: “from private investments made by large national and international companies to expand the pulp and paper supply chain within a framework of strong globalization, centralization of assets and concentration of industrial production. A similar process was documented for Argentina, but was mainly located in North Entre Ríos and Corrientes provinces”.

(ANDRADE; *et al.*, 2023, p.4), o que faz com que a preservação do meio ambiente esteja muito pautada na imagem da floresta em pé e não do campo imperturbado. Esse tipo de pensamento não é muito distinto do pensamento dos primeiros naturalistas, que viam o problema da devastação das florestas como sendo o maior, pois era o mais perceptível (WORSTER, 1994, p.71). Essa ideia tem consequências devastadoras para o Pampa, pois quando uma pessoa vê um campo nativo ao lado de uma plantação de árvore exótica como o eucalipto ou o pinus, ela tenderá a associar a plantação de árvores à ideia de natureza, enquanto o campo será compreendido como um espaço vazio ou mesmo deteriorado ambientalmente pela ausência de árvores.

Os historiadores Eunice Nodari e Marcos Gerhardt verificam que na região do rio Uruguai:

as florestas exaltadas nas páginas dos relatos de viagem no passado e muitas vezes vistas como obstáculos pelos imigrantes perderam espaço para a indústria e para o comércio nas aldeias. Nas zonas rurais, a agricultura e a pecuária mudaram completamente a paisagem. Com a modernização da agricultura a partir da década de 1960, esse processo de alteração das paisagens e dos ecossistemas acelerou o ritmo<sup>184</sup> (NODARI; GERHARDT, 2021, p.219, tradução nossa).

Desde o período de nossa pesquisa, o século XIX, as paisagens do Pampa foram muito alteradas pela ação antrópica e os avanços do setor agropecuário, com isso muito das matas e campos nativos do Pampa foram suprimidos. Nicolau Dreys identifica um possível impacto ambiental bastante relevante ainda no século XIX. Ele relata:

que a planície em que está edificada a cidade de Rio Grande foi a princípio agradável, rica de vegetação, coberta de árvores; mas que, no tempo da última invasão dos Espanhóis (1763-1776), chegaram estes acompanhados de tantos animais, e tanto tempo os conservaram no território para o serviço da tropa, que na retirada dela a vegetação circunvizinha se achou completamente arruinada (DREYS, 1990, p.47).

Acreditamos que essa hipótese dos espanhóis terem modificado a esse ponto aquele ecossistema é bem improvável. A invasão durou apenas treze anos o que não parece ser tempo

---

184 No original: “The forests exalted within the pages of travel reports in the past and very often seen as obstacles by the immigrants lost space to industry and to commerce in the villages. In the rural areas, agriculture and livestock farming completely changed the landscape. With the modernization of agriculture from the 1960s, this process of altering the landscapes and ecosystems quickened pace”.

suficiente para mudanças tão drásticas, além disso, a paisagem do município de Rio Grande é muito semelhante ao da paisagem do restante do litoral. De qualquer forma, fica evidente “que Dreys acredita na capacidade humana de alteração do ambiente podemos constatar que as pessoas daquela cidade também poderiam acreditar nisto, já que a história havia sido contada para ele” (MINUZZI, 2017, p.103-104).

Outros impactos podem ser vistos nos relatos, como a sugestão de Saint-Hilaire para construir um canal no Salto Grande no rio Uruguai, que efetivamente veio a ser realizada através da construção da Represa do Salto Grande na década de 1970. Essa represa modificou toda a paisagem e o fluxo do rio. Saint-Hilaire menciona um povoado na ilha de Santo Antônio próxima do Salto Grande, porém essa ilha já não existe mais, tendo sido submersa após a construção da represa. Os impactos ambientais provocados pelos humanos no Pampa foram tão intensos ao longo dos últimos três séculos que a paisagem que Saint-Hilaire observa já não existe mais, lá “tudo se reúne para constituir no Salto Grande uma paisagem que, mesmo não apresentando nada de majestosa, é aprazível e pitoresca” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.218).

### 5.3 UMA CIVILIZAÇÃO DA MADEIRA

A sociedade que se estabeleceu no Pampa era predominantemente formada de europeus e seus descendentes, especialmente nos níveis de governança, e por isso herdou diversas práticas e costumes daquele continente. Uma característica bastante evidente para o pesquisador John Perlin (1992) é essa sociedade ocidental ter se formado muito dependente dos recursos madeireiros. “A abundância **ou escassez de madeira** deve ter moldado, em grande parte, a cultura, o perfil demográfico, a economia, as política interna e externa e a tecnologia das sociedades existentes” (PERLIN, 1992, p.9, grifo nosso), desde a idade do bronze até o século XIX. O Pampa é marcado exatamente pela escassez de madeira, que se encontra mais localizada nas margens de arroios e rios da região ou em pequenos capões de mato em longas extensões do campo. Entender como uma sociedade tão pautada na utilização da madeira se adaptou a um ambiente com pouca oferta desse material é importante para compreendermos as relações estabelecidas naquele período.

Donald Worster indica que “durante 250 anos, desde a primeira colonização até ao advento da fabricação de aço, a América viveu em uma **era de madeira**”<sup>185</sup> (WORSTER, 1994, p.69, tradução nossa, grifo nosso), onde esse material era essencial no cotidiano dos colonizadores. Isso pode ser visto, por exemplo, no povo que habitava Massachusetts, pois eles “tiveram que tirar das florestas quase todos os produtos que fabricavam: casas, móveis, navios, carroças, trenós, pontes, vassouras, chicotes, pás, enxadas, barris, caixas, cestos, botas”<sup>186</sup> (WORSTER, 1994, p.69, tradução nossa) e ainda retiravam frutas das árvores comestíveis e combustível para o aquecimento. Não foi diferente para as famílias de colonos na Província do Rio Grande do Sul, que usavam a madeira para fins domésticos “como a construção de suas moradas e o fogo para aquecer a família e preparar a comida” (CORREA; BUBLITZ, 2006, p.55), além de todos os instrumentos de trabalho, como ferramentas, e o uso da madeira também nos transportes. Nessa perspectiva “a madeira era o combustível base em muitas neoeuropas até o século XX” (SAIKKU, 1999, p.193-194) e os colonos europeus derrubavam as árvores para construir casas, cercas, usar serragem e como fonte de combustível, além da utilização na indústria naval (SAIKKU, 1999).

Quando um viajante chega a um local novo, ele procurará observar na paisagem a presença das coisas mais valiosas e úteis que tem como referência, geralmente das coisas tradicionalmente presentes e utilizadas em sua terra natal (CRONON, 2011, p.19-20) e a madeira é um exemplo do que geralmente é procurado. Devido a importância da madeira para diversas tarefas e momentos do cotidiano, entende-se que ela se constitui como um dos recursos mais importantes para o pleno funcionamento daquela sociedade tão dependente dela.

A escassez de madeira no Pampa faz com que locais como a ilha dos Marinheiros e a ilha de Torotama no município de Rio Grande oferecem água e madeira para a cidade, possuindo matos que abasteciam a cidade há muitos anos “sem diminuição sensível” (DREYS, 1990, p.47). Passadas décadas do relato feito por Dreys no início do século XIX, Lindman desembarca já em fins do século na ilha dos Marinheiros e verifica que a mata que

---

185 No original: “For 250 years, from first settlement to the advent of steel fabrication, America lived in an age of wood”.

186 No original: “had to take from the forests almost every product they made: houses, furniture, ships, wagons, sleighs, bridges, brooms, whips, shovels, hoes, casks, boxes, baskets, bootjacks”

pode ser vista de longe, na realidade “ocupa apenas uma faixa plana ao pé da praia, de algumas centenas de metros de largura” (LINDMAN, 1974, p.14), sendo todo o interior da ilha uma planície coberta de dunas, característica que pode ser observada até os dias atuais.. Isso nos leva a pensar que ou a população estava levando ao esgotamento desse recurso, ou Dreys nunca havia visto a ilha de mais de perto e por isso teve a impressão errônea de que ali haveria muitas árvores. Uma terceira opção pode ser levantada como hipótese, aquela faixa de árvores é a mesma ao longo do período não sofrendo grandes alterações conseguindo se recompor, porém a demanda de seu uso se intensificou através das décadas e agora já não era vista como uma quantidade suficiente para atender o mercado local. Os relatos nos deixam vestígios do passado que dificilmente podem ser respondidos de maneira tão simples. É bem provável que a faixa de árvores tenha se mantido semelhante ao longo dos anos devido as condições do solo no interior da ilha não serem propícias é provável que Dreys só tenha observado a ilha de longe, sem nunca ter estado nela.

Na região entre Rio Grande e Chuí havia muita pouca madeira e qualquer lugar que se fosse, careceria dela (SAINT-HILAIRE, 1987, p.114). Diferente do que diz Dreys sobre o abastecimento de madeira para Rio Grande, Saint-Hilaire explica que “como não há madeira no Rio Grande, ela é muito cara. A que se queima aqui vem de Camaquã, perto da lagoa. Há, de fato, na ilha dos Marinheiros alguma lenha, mas reservada ao consumo do hospital, ao corpo de guarda e a pobres, a quem se permite ir ali cortá-la” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.76). O fato de se reservar madeira da ilha dos Marinheiros, provavelmente o local mais próximo com boa quantidade desse recurso, para o uso de um hospital só ressalta a importância da madeira para aquela sociedade. Ainda em Rio Grande, Saint-Hilaire pergunta a um morador local:

onde ele se abastecia de lenha e madeira, tendo respondido que acabara de comprar os destroços dum iate, há pouco tempo, naufragado em Capilha, mas que, ordinariamente, ele e seus vizinhos iam procurar lenha as margens do Arroio del-Rei, a dois dias daqui, por viagem de carroça (SAINT-HILAIRE, 1987, p.105).

O arroio del-Rei fica no atual município de Santa Vitória do Palmar, cerca de 170 quilômetros ao sul de Rio Grande. É interessante notar como as pessoas se organizavam em

um grupo para viajar atrás desse recurso e que aproveitavam toda madeira que encontravam, até mesmo de navios naufragados.

William MacCann também comenta sobre o fornecimento de madeira para as cidades, em Quilmes ele nota que “os pessegueiros servem como lenha e podem crescer três anos a partir do momento do plantio; eles são então cortados”<sup>187</sup> (MACCANN, 1853a, p.54, tradução nossa). Isso comprova que árvores eram plantadas com o intuito de obter lenha, porém:

tal modo de fornecer combustível à cidade parece demasiado artificial para continuar por muito tempo. Algumas ilhas do rio Paraná estão cobertas de madeira, que pode ser obtida para o trabalho de corte; e quando haver população estrangeira suficiente para empregar barcos neste ramo da indústria, o plantio de madeira para combustível provavelmente será abandonado<sup>188</sup> (MACCANN, 1853a, p.5, tradução nossa).

As matas presentes nessas ilhas, que ficam na ecorregião do Delta e ilhas do Paraná no que compreendemos como bioma Pampa, poderiam abastecer toda a região da capital argentina segundo o autor, mas para isso seria necessária, segundo o viajante, uma intensificação na colonização e aumento populacional. Saint-Hilaire comenta que nas margens do rio San Salvador havia um povoado de mesmo nome, hoje Dolores - Uruguai, que comercializava a madeira extraída de suas matas com a cidade de Buenos Aires (SAINT-HILAIRE, 1987, p.184), a vila vizinha, Soriano, também cumpria o mesmo papel (SAINT-HILAIRE, 1987, p.188). É interessante notar que zonas de mata em ecossistemas específicos ou mesmo em biomas vizinhos, como a Mata Atlântica, poderiam servir de importantes pontos de comércio de madeira abastecendo toda a região dos Pampas, relativamente carente desse recurso. Na lista de mercadorias importadas em 1816 pela Província do Rio Grande do Sul há tábuas, ripas, peças de madeira para construção, caibros e ferramentas de madeira oriundas de Santa Catarina e Paraná (SAINT-HILAIRE, 1987, p.91).

---

187 No original: “The peach-trees are used for firewood, and are allowed to grow three years from the time of being planted; they are then cut down”.

188 No original: “such a mode of supplying the town with fuel appears quite too artificial to continue long. Some of the islands in the river Parana are covered with timber, which may be had for the labour of cutting it down; and whenever there shall be a foreign population sufficient to employ boats in this branch of industry, planting timber for fuel will probably be abandoned”.

Na província de Buenos Aires, Miers vê um arado e menciona que há poucos na região “pela escassez de árvores, é difícil obter madeira para esses rudes implementos, e por isso poucos são vistos”<sup>189</sup> (MIERS, 1826, p.36, tradução nossa), mesmo que fossem ferramentas simples de serem produzidas e bastante comuns no mundo rural ocidental. Percorrendo quase 275 km entre Buenos Aires e Mercedes, o viajante não encontra sua primeira árvore crescendo naturalmente sem ação antrópica (MIERS, 1826, p.40) e percorrendo mais 75 km, já nos arredores de Lastunzas, encontram o primeiro arbusto, tais descrições podem ter sido exageradas pelo viajante, mas de qualquer forma demonstram a ausência de árvores na região.

Em Alegrete, no lado brasileiro:

os matos são raros em muitas estâncias, por isso, quando estas são judicialmente divididas, muitos condôminos suscitam grandes questões para tê-los exclusivamente seus. Já patrocinamos, perante a Relação de Porto Alegre, uma causa, em que os herdeiros do campo comum reservaram, para servidão de todos, um capão de matos, que se ficasse exclusivo para um, não teriam os outros combustível para seus fogões (SILVEIRA, 1979, p.400).

A disputa pela madeira era tanta que chegava a se tornar uma disputa judicial. Sabemos que algumas árvores como laranjeiras aparecem em inventários *post-mortem*, que junto com outras fontes judiciais e relatórios de presidente da Província podem nos oferecer mais vestígios sobre a utilização e importância da madeira em trabalhos futuros.

Um viajante que comenta bastante sobre a questão da madeira é Hemetério da Silveira, ele identifica que o arsenal no Cerro do Depósito em Santana do Livramento “é margeado por um galho do Ibicuí, que naquela época corria pelo centro de uma espessa floresta, consumida, quase toda, com a extração de madeiras de construção e lenha” (SILVEIRA, 1979, p.428), talvez essa mata tenha sido recuperada através dos séculos, pois atualmente existem bastante árvores no local apesar de o avanço urbano ser notável. Silveira não entende o motivo das pessoas não plantarem mais árvores, como os jesuítas haviam plantado bosques no entorno de suas reduções, para ele, “os fazendeiros da fronteira com seus campos demasiadamente despidos de matos, poderiam por esse meio tão fácil e tão suave, ter abundância de madeiras e até de lenha nas suas fazendas.” (SILVEIRA, 1979, p.137). Ele

---

<sup>189</sup> No original: “On account of the scarcity of trees, it is difficult to obtain wood for these rude implements, but few are therefore seen”.

recomenda que se plante especialmente espécies de araucárias, pois “os matos, sendo poucos, os fazendeiros [de Itaqui] têm tido o bom senso de poupá-los. Mas bem valeria a pena plantar árvores como a do pinheiro e outras” (SILVEIRA, 1979, p.387). Ele ainda sugere aproveitar os galhos que caíssem ou que fossem podados para servirem de lenha ou mesmo comercializar sua madeira pela região, se as comunicações nessa região fronteiriça fossem mais fáceis (SILVEIRA, 1979, p.136-137). Ele escreve com a finalidade de:

convencer os fazendeiros da fronteira, da necessidade de plantar essas e outras árvores apropriadas ao clima rio-grandense, não só em proveito próprio, tendo para combustível madeira e até fruto a saborear, mas valorizando as terras por melhor que o sejam, carecedoras do grande benefício de uma maior vegetação. Esses bosques atraíram as chuvas e atenuaram ou remediaram talvez de todo o flagelo das secas e as pestes no gado (SILVEIRA, 1979, p.404).

Essa sugestão é bastante interessante pois demonstra toda uma percepção do ambiente como um todo, no entendimento de que com mais árvores, poderia haver uma maior regulação climática, amenizando os efeitos das secas.

Um dos grandes substitutos de madeira era o cardo, espécie exótica e invasora no Pampa da qual já comentamos ter se adaptado muito bem ao ambiente local e aparecer no relato de diversos viajantes.

como não existe lenha nos arredores de Montevideú, manda-se buscá-la para o consumo a cerca de 10 léguas de distância e queimam-se também os galhos secos da *cynara cardocellus* [cardo], planta que, conforme já referi, cobre área considerável nas imediações da cidade de Montevideú (SAINT-HILAIRE, 1987, p.162).

Os ramos de cardo eram utilizados como substitutos da lenha no acendimento das fogueiras e fogões, além de servirem como substitutos na formação de cercados. Veremos outros usos dessa planta e outros substitutos da madeira a seguir.

#### 5.4 A PROFUSÃO DE CARDOS E COUROS.

Um exemplo de espécie exótica presente nos Pampas são aquelas do gênero *Opuntia*, cactos da Mesoamérica estudados por Beinart e Middleton (2009) e que desembarcaram em outros locais do mundo sem intenção humana, acabando por se espalhar por grandes

territórios. Sendo vistos inicialmente como uma planta daninha, ao longo do tempo passou a serem utilizados em cercados, como forragem e alimento, até recentemente passar a serem uma sensação comercial no mercado de jardinagem. Um caso semelhante é vivenciado nos relatos de viagem pelo Pampa, o Cardo (*Cynara spp.*) é uma planta mediterrânea (ARCHONTOULIS; *et al.*, 2010, p.7) que quando introduzida na América se alastrou pelos campos da bacia hidrográfica do Prata. Primeiramente, o cardo é visto de forma incômoda devido a sua altura (figura 4 e figura 5) e espinhos que impediam a passagem do gado e dos humanos pelo campo e funcionavam como esconderijo para ladrões. Todavia com o tempo essa planta passa a ser utilizada como alimento para o gado e como substituto da tão escassa madeira, servindo para a confecção de cercados e como combustível para o fogo.

Figura 4 – Dimensão que os cardos podem tomar



Fonte: ARCHONTOULIS; *et al.*, 2010, p.262.

Como vimos, a introdução de espécies exóticas foi um dos maiores impactos ambientais ocorridos na região no século XIX, o historiador Clive Ponting apresenta números incríveis ao afirmar que “em 1877, existiam 153 tipos diferentes de plantas europeias na região de Buenos Aires e, cinquenta anos mais tarde, somente um quarto da vegetação dos pampas era de origem nativa” (PONTING, 1995, p. 284). A flora do Pampa havia se

modificado de forma drástica, causando inúmeras consequências para a biodiversidade desses espaços.

Figura 5 – Outro exemplo da dimensão que os cardos podem tomar.



Fonte: PESCE; MAUROMICALE, 2019, p.12.

Os próprios viajantes já identificam a presença de inúmeras espécies não-nativas, pois “ao sair de Buenos Aires, a primeira destas regiões é coberta por cento e oitenta milhas com trevos e cardos”<sup>190</sup> (HEAD, 1827, p.14, tradução nossa) o que equivale a quase 290 km de extensão. Francis Bond Head descreve o crescimento dos cardos através das estações e como eles alteram a paisagem:

---

<sup>190</sup> No original: “On leaving Buenos Aires, the first of these regions is covered for one hundred and eighty miles with clover and thistles”.

No inverno, as folhas dos cardos são grandes e luxuriantes, e toda a superfície do país tem a aparência áspera de um campo de nabos [...] Na primavera, o trevo desapareceu, as folhas dos cardos estenderam-se pelo chão e o país ainda parece uma colheita grosseira de nabos. Em menos de um mês a mudança é extraordinária; toda a região se transforma num luxuriante bosque de enormes cardos. Que subitamente atingiram uma altura de dez ou onze pés<sup>191</sup>, e todos em plena floração. A estrada ou caminho é cercado em ambos os lados; a visão está completamente obstruída; nenhum animal deve ser visto; e os caules dos cardos são tão próximos uns dos outros e tão fortes que, independentemente dos espinhos com que estão armados, formam uma barreira impenetrável. O crescimento repentino dessas plantas é surpreendente; e embora fosse um infortúnio incomum na história militar, ainda assim é realmente possível que um exército invasor, não familiarizado com este país, seja aprisionado por esses cardos antes que tenha tempo de escapar deles. O verão não termina antes que o cenário sofra outra mudança rápida: os cardos perdem repentinamente a seiva e o verdor, suas cabeças caem, as folhas encolhem e murcham, os caules ficam pretos e mortos, e eles permanecem chacoalhando com a brisa, um contra o outro<sup>192</sup> (HEAD, 1827, p.15, tradução nossa)

Apenas o fato de ser mencionado que um exército invasor poderia sofrer com a presença dessa planta demonstra a sua grande presença pelos campos e as suas dimensões, se tornando um empecilho muitas vezes. Os “imensos campos de cardos que dificultaram muito nossa caminhada” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.180) também dificultavam o percurso do gado pelas pastagens e caminhos, pois os animais evitavam as zonas de cardo devido aos pequenos espinhos que as folhas possuem. Um detalhe das flores e folhas pode ser visto na figura 6.

Alfred Crosby, baseando-se nos relatos de viagem, expõe que “onde quer que o europeu ou o pioneiro mestiço construíssem sua pequena habitação, surgiam malvas, cardos e outras plantas, mesmo que não houvesse tais espécies num raio de trinta léguas” (CROSBY, 2011, p.169), isto ainda no século XVIII, onde “era suficiente que o homem da fronteira frequentasse uma estrada, mesmo sozinho com seu cavalo, para que essas plantas passassem a

---

191 Cerca de 3 metros.

192 No original: “In winter, the leaves of the thistles are large and luxuriant, and the whole surface of the country has the rough appearance of a turnip-field. In spring, the clover has vanished, the leaves of the thistles have extended along the ground, and the country still looks like a rough crop of turnips. In less than a month the change is most extraordinary; the whole region becomes a luxuriant wood of enormous thistles. Which have suddenly shot up to a height of ten or eleven feet, and all in full bloom. The road or path is hemmed in on both sides; the view is completely obstructed; not an animal is to be seen; and the stems of the thistles are so close to each other, and so strong, that, independent of the prickles with which they are armed, they form an impenetrable barrier. The sudden growth of these plants is quite astonishing; and though it would be an unusual misfortune in military history, yet it is really possible, that an invading army, unacquainted with this country, might be imprisoned by these thistles before they had time to escape from them. The summer is not over before the scene undergoes another rapid change: the thistles suddenly lose their sap and verdure, their heads droop, the leaves shrink and fade, the stems become black and dead, and they remain rattling with the breeze one against”.

aparecer à beira do caminho” (CROSBY, 2011, p.169). De fácil dispersão, a planta pode ser reproduzida através de botões subterrâneos, ramos secos, por divisão de raízes ou ainda através da produção de aquênios que podem ser dispersos com o vento (PESCE; MAUROMICALE, 2019, p.7).

Figura 6 – Flores e folhas do Cardo



Fonte: ARCHONTOULIS, 2010, p.265.

Em Paissandu, no Uruguai, Isabelle ficou “surpreendido de ver aqui, como em Montevidéu e em Buenos Aires, a vegetação indígena invadida, numa superfície considerável, por planta exótica, cuja propagação vai sempre crescendo” (ISABELLE, 2006, p.167), referindo-se ao cardo pelos nomes de ‘cardo da Espanha’ ou ‘cardo de Castilla’ “que infesta atualmente esses campos, a ponto de cobrir centenas de léguas de superfície” (ISABELLE, 2006, p.167).

Nathaniel Bishop também passa:

em muitos lugares, por extensas florestas de cardos gigantescos, que crescem a tal altura que os homens, passando por elas a cavalo, ficam escondidos pelos caules elevados. Tão forte é esse crescimento que, às vezes, os campos de cardos são intransponíveis ao homem e servem aos animais selvagens dos Pampas como um covil imperturbado. Esses cardos são queimados, de vez em quando, pelos gaúchos; depois que o solo que cobriram foi queimado, surge uma bela e doce colheita de

grama, da qual o gado se alimenta abundantemente<sup>193</sup> (BISHOP, 1870, p.39, tradução nossa)

O cardo afetava criticamente a biodiversidade dos campos, era uma espécie espinhenta e que formava verdadeiras barreiras intransponíveis, podendo servir de abrigo para animais e ladrões (DARWIN, 2008, p.86), “entretanto vê-se bem que este vegetal **não é inútil**; os cavalos e os bois gostam dos brotos, comem também suas flores com prazer, enfim, como já disse várias vezes, suas **hastes secas substituem a lenha para queimar**, propiciando um pequeno comércio, mesmo em Montevidéu” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.178, grifo nosso). William MacCann também identifica que o fogo poderia ser “feito de talos de cardo”<sup>194</sup> (MACCANN, 1853a, p.84, tradução nossa). Bishop é outro viajante que identifica um comércio girando em torno da venda de cardos:

Encontramos grandes carroças cobertas que transportavam produtos para a cidade, e tropas de mulas e burros carregados de cardos, em fardos, para aquecer os fornos dos padeiros; também outros com pessegueiros e salgueiros, que foram cultivados para a produção de fogo, artigo que trazia um bom preço, devido à sua escassez<sup>195</sup> (BISHOP, 1870, p.51-52, tradução nossa).

Saint-Hilaire nota que “sob diversos aspectos, esta planta, apesar da sua utilidade, causa extremo prejuízo, mas é evidente que já não poderá mais ser destruída. Ela representará um triste sinal das discórdias civis que abalaram esta região” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.191). Ao mesmo tempo que ela não era bem-vista, ela era aproveitada de algumas formas, inclusive substituindo a madeira, um recurso mais escasso na região. Apesar da escassez de árvores apontada pela maioria dos viajantes, Lindman em finais do século XIX descreve a vegetação do Rio Grande do Sul como:

Os campos do Rio Grande, pelo que pude ver, nunca são exclusivamente campos arbustivos, prados, pastagens, gramados, estepes ou, em outros termos, nunca são

193 No original: “in many places, by extensive forests of gigantic thistles, which grow to such a height that men, passing through them horseback, are hidden by the lofty stems. So heavy is this growth that, at times, the thistle fields are impassable to man, and serve to the wild animals of the pampas as an undisturbed lair. These thistles are fired, from time to time, by the gauchos; after the ground that they covered has been burnt over, a fine sweet crop of grass starts up, upon which the cattle feed luxuriantly”.

194 No original: “made of thistle-stalks”.

195 No original: “We met largo covered wagons carrying produce to the city, and troops of mules and donkeys freighted with thistles, in bundles, to heat the ovens of the bakers; also others with peach and willow trees, which had been raised for firewood, an article bringing a good price, on account of its scarcity”.

completamente destituídos de árvores. Seria certamente difícil encontrar uma só milha quadrada em que não entrasse na paisagem um grupo de árvores ou uma parte florestal (LINDMAN, 1979, p.115).

O viajante até menciona que são fragmentos de mata e de baixa elevação, mas que são encontradas com facilidade, especialmente próximas de arroios e nascentes. Essas ‘ilhas’ de mato em um ‘oceano’ de campos ofereciam a população humana reservas de madeira, especialmente, além de servir como habitat para inúmeras espécies de não-humanos que habitavam ou visitavam esses espaços. Essas matas possuem:

área restricta e localização determinada [...] os campos deste estado são, portanto, sempre «campos limpos» ou «campos descobertos» denominações oriundas da zona tropical do Brasil, e que designam as regiões destituídas não somente de mattas como também de vegetação arbustiva (LINDMAN, 1979, p.116).

Assim como o cardo, outro recurso amplamente utilizado na região pampeana era o couro, retirado do gado que existia em abundância. Portanto, o couro muitas vezes serviu de substituto a outros materiais e fez parte do cotidiano das pessoas, se tornando uma coisa comum e banal.

O gado *vacum* estava tão presente nos campos do Pampa e eles “eram tão numerosos que cercas foram feitas de crânios bovinos” (PONTING, 1995, p. 279), devido a disponibilidade desse material e da ausência de outros, como a madeira. O couro era um material tão presente que “a exportação de couros de Buenos Aires elevou-se rapidamente de cerca de 150 mil na metade do século para quase um milhão no final” (BRANDING, 2004, p. 428). O couro, assim como ossos e chifres, era utilizado para a confecção de objetos como copos, baldes e enfeites. Ossos de gado morto eram por vezes usados como combustível para fornalhas (MIERS, 1826, p.38).

Miers bebe água de um balde com fitas de couro (MIERS, 1826, p.45) também viu que o couro era utilizado em fitas para amarrar mercadorias e caixas (MIERS, 1826, p.52), semelhantes as observadas por Beschoren, que além de estarem amarradas por fitas de couro ainda iam cobertas por uma manta de couro para proteger o material da chuva (BESCHOREN, 1989, p.15). Em casas mais humildes (SMITH, 1922, p.42) ou mesmo durante as viagens (BAGUET, 1997, p.49) se usava um couro estendido no chão como cama, ainda poderia ser utilizado como capa de cadernos ou livros (SILVEIRA, 1979, p.233). O

couro era um material tão acessível que chegava ao ponto de substituir a madeira como porta, uma cozinha visitada por Saint-Hilaire “não tem porta e de noite, quando faz frio, fecha-se a entrada com um couro. Em geral, desde o Rio Grande até aqui [Arroio de Las Piedras], é assim que se fecham as casas dos negros e as cozinhas” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.127). Essa localidade ficava no caminho entre Rocha e Maldonado, no atual Uruguai.

O couro e o cardo estavam tão disponíveis, tão presentes no ambiente que eram utilizados de inúmeras formas pelos humanos, geralmente substituindo materiais mais escassos e portanto mais caros. Utilizados juntos poderiam até mesmo ser a base para uma habitação, como Darwin descreve: “a choça aqui era notavelmente caprichada, os postes e os caibros feitos de uma dúzia de caules de cardo amarrados juntos com correias de couro” (DARWIN, 2008, p.141). Se o comércio que girava em torno dos cardos não era tão volumoso, o mesmo não se pode dizer do comércio de couro, que movimentava a economia da região e formava um dos principais produtos de exportação de toda a região dos Pampas.

## 5.5 SABER LOCAL: OS USOS DO MUNDO NATURAL

As pessoas não inventaram usos apenas para o excesso de couro e de cardos, outros elementos do mundo natural foram utilizados de outras formas. A sabedoria local sobre a natureza, geralmente advinda de anos habitando a região ou do conhecimento indígena, era uma força de expressão e sobrevivência naquele ambiente. Os viajantes aprenderam a observar a natureza do Pampa, ver os sinais que ela apresentava e a aproveitar as variadas coisas que a compunham para ser utilizadas ao seu dispor.

Para a região da Mata Atlântica, Warren Dean identifica, uma intensa troca de saber, idioma e práticas culturais entre indígenas, caboclos, população africana e seus descendentes que habitavam a denominada ‘fronteira cabocla’ (DEAN, 1996, p.122-123), ou seja, uma zona que a população europeia branca e a administração estatal ainda não conseguiam penetrar de forma intensa. Nesse cenário muito dos conhecimentos sobre a floresta foram disseminados e perpetuados. Situação semelhante ocorreu no espaço platino dos Pampas, onde uma sociedade multicultural também se formou. Clive Ponting relata que na América do Norte “os índios

conseguiram adaptar-se a algumas das coisas trazidas pelos europeus, como cavalos e instrumentos de metal. Os índios das planícies abandonaram a agricultura, domesticaram o cavalo, usando-o para caçar o búfalo” (PONTING, 1995, p.224), também podemos notar o mesmo ocorrendo em grupos indígenas pampeanos, como os Charrua, que logo dominaram a utilização do cavalo e o empregaram em táticas de guerra bastante avançadas.

Um dos conhecimentos mais tradicionais presentes na região é a utilização de plantas para fins medicinais. Nathaniel Bishop diz ter sofrido uma tentativa de envenenamento por alguns membros da caravana da qual ele fazia parte, talvez tenha sido apenas uma intoxicação alimentar, de qualquer forma aquilo havia lhe deixado doente por alguns dias. A única mulher da caravana e a qual Bishop havia ajudado dias antes, lhe ofereceu “um chá que ela havia preparado com alguma planta herbácea dos Pampas, para coletá-la ela caminhou toda a manhã atrás das carroças”<sup>196</sup> (BISHOP, 1870, p.159, tradução nossa). O saber tradicional das plantas muitas vezes ficava sob a responsabilidade das mulheres, que aprendiam a identificar, colher, cultivar e preparar essas plantas. Bond Head comenta que não havia médicos no interior e as pessoas acabam improvisando tratamentos e remédios (HEAD, 1827, p.77-78; 97-98), muito provavelmente recorrendo aos conhecimentos indígenas ou aqueles adquiridos após anos vivendo nos campos.

Já Miers observa meninas coletarem plantas nativas e extraírem corantes que eram vendidos para o exército nacional (MIERS, 1826, p.191). Além disso nota o uso de plantas nos jardins e pomares dos subúrbios de Buenos Aires, onde “as cercas estão em sua maioria em boas condições e suficientemente altas, compostas de aloe vera americana, às vezes de cactos, crescendo tão densamente que são impenetráveis para o gado”<sup>197</sup> (MIERS, 1826, p.11, tradução nossa). Head também encontra uma cerca formada de Opuntias que rodeiam um forte na província de Santa Fé (HEAD, 1827, p.93).

Dois momentos em que o uso de flores como adornos foram registrados por Arsène Isabelle. Na primeira menção aponta que as mulheres dos mais diferentes estratos sociais

---

196 No original: “At our first stopping-place, about two hours after breakfhst, the woman sent me, by little Juan, a tea that she had prepared from some herbaceous plant of the pampas, to gather which she had walked all the morning behind the carts”.

197 No original: “the fences are mostly in good order, and sufficiently high, composed of American aloe, sometimes of cactus, growing só thickly as to be impenetrable by cattle”.

enfeitam seus cabelos “com flores naturais ou artificiais” (ISABELLE, 2006, p.95) e posteriormente que as casas comumente tinham na sala de visitas vasos com flores (ISABELLE, 2006, p.128). Esses breves comentários nos dão pistas de que as pessoas da região gostavam de utilizar elementos do mundo natural, nesse caso flores, como meio de embelezar sua aparência e a de suas casas. Motivos florais, mesmo que artificiais, eram presentes e provavelmente se encontravam também em tecidos, quadros e outros itens.

Ao chegar em Maldonado, Luccock percebe que as casas eram feitas de barro, seus telhados de taquara e tiras de couro amarravam a carruagem do governador (LUCCOCK, 1942, p.107-110), esses elementos simples e muitas vezes improvisados substituíam materiais que na Europa teriam sido provavelmente utilizados, criando um choque cultural no viajante. Todavia, ali está depositado muito conhecimento local do ambiente e aproveitamento de recursos naturais da região para substituir coisas menos comuns na região. Em uma cabana de campo na província de Buenos Aires, Miers destaca que ela foi construída com estacas, tiras de couro, galhos de arbustos e juncos “sendo muito rude e miserável”<sup>198</sup> (MIERS, 1826, p.14, tradução nossa), lembrando ao viajante cabanas rurais da Irlanda. Francis Bond Head descreve as casas dos gaúchos e diz que são feitas com lama e cobertas por longas gramas amarelas, materiais que são “produtos imediatos do solo [e se misturam tão bem com as cores da paisagem em volta que] muitas vezes é difícil distingui-los”<sup>199</sup> (HEAD, 1827, p.24, tradução nossa). Em Nonoai, uma zona de ecótono entre Pampa e Mata Atlântica, os “índios tinham casas baixas com portas pequenas. Eram feitas de taquara, ramos, ervas... Utensílios de barro, taquara ou Urtiga Brava. Viviam homens, mulheres e crianças cercados de cães, porcos, galinhas, macacos e papagaios ‘uma terrível barulhada!’” (BESCHOREN, 1989, p.44).

Por vezes a forma que um viajante fazia alguma atividade se chocava com a forma usual de ser realizada na região. Ao tentar cruzar o rio Cuarto em Abril de 1819, Miers aconselhou que o grupo esvaziasse a carroça para deixá-la mais leve no momento em que descesse o barranco, os gaúchos não lhe deram atenção e desceram com tudo dentro, conseguindo atravessar o rio e subir a outra margem rapidamente. O viajante percebeu

---

198 No original: “being most rude and miserable”.

199 No original: “O material é o que é “immediate produce of the soil [...] is often difficult to distinguish them”.

naquele momento que era melhor ficar em silêncio e deixá-los fazer as coisas do modo usual na região (MIERS, 1826, p.65).

Por ser uma grande planície relativamente sem grandes alterações de altitude e sem muitas barreiras visuais que limitassem a visualização do espaço ao seu redor, pode-se pensar que seria fácil percorrer o Pampa. Porém diversos fatores tornavam as viagens pela região difíceis de serem realizadas, como a falta de estradas ou com a condição precárias das mesmas, falta de pontes e balsas, a existência de mapas desatualizados e a necessidade da companhia de guias que soubesse o caminho e estivesse acostumados a percorrer determinados trechos. Saint-Hilaire é um viajante que se perde constantemente em sua trajetória pelo Pampa, os caminhos corretos “estão mais na boa vontade dos que o conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.258), sendo difíceis de serem identificados e muitas vezes estão encobertos pela “relva dos Pampas [que] é às vezes mais alta que o cavalo e o cavaleiro” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.203).

Para se guiar em campos intermináveis qualquer coisa poderia vir a ser um marco de orientação, servindo assim “de marco um fosso, uma distante encosta de barro vermelho, uma pedra” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.192) e qualquer outro elemento natural ou edificação presente no caminho pretendido. As rotas fluviais também se valiam de marcos destacáveis pelo caminho, como era o caso de uma figueira muito grande que servia como ponto de referência na navegação do rio Camaquã (DREYS, 1980, p.32).

Beschoren conta o caso de um grupo que se achava perdido pela região onde hoje fica o município de Carazinho, na localidade de Pinheiro Mercado, e ali encontraram “o ‘Pinheiro Machado’ [que] é um gigantesco e velhíssimo pinheiro, que permanece exatamente no lugar onde a estrada carreteira deixa a coxilha (BESCHOREN, 1989, p.54-55), sua presença facilitava a localização dos viajantes que passavam por aqueles campos, servindo de ponto de referência. Outro exemplo de marco de paisagem que vimos no capítulo anterior, é a árvore sagrada de Walleechu que Darwin viu ao sul de Bahía Blanca. Situada em uma posição alta da planície e sendo visível de longe em um campo plano sem outras árvores, ela era um ponto de referência e parada tanto para indígenas quanto para outros que percorriam a região.

A estrada que leva até a pouco povoada São Nicolau “deve ser usada somente por quem está familiarizada com ela. Deve-se cavalgar pelo campo, até avistar um ‘alto pinheiro’,

sobressaindo de um capão que indica a direção. O pinheiro, visto de longe, é o símbolo de São Nicolau” (BESCHOREN, 1989, p.70). Era muito difícil percorrer a região pois essa “antiga Missão é uma selva impenetrável e só com muito esforço, pode-se chegar até o pinheiro mencionado. Em lugar nenhum, se vê pinheiros nos matos ou capões, concluindo-se que esta árvore gigantesca foi plantada pelos ‘avós’, assim como, são exemplares visíveis ao longe, as quatro árvores que se encontram em São Miguel” (BESCHOREN, 1989, p.71). Ele comenta que carregava um mapa da província, mas que era muito impreciso e pouco seguro, estando bastante desatualizado e com erros a ponto de não ter muita utilidade (BESCHOREN, 1989, p.119). John Miers (1826, p.23) também menciona situação semelhante ao utilizar um dos melhores mapas ingleses, porém sem informações da rota alternativa que escolhera seguir. Miers e seu grupo tiveram que ficar um dia a mais em La Reducción pois o oficial de Buenos Aires que os acompanhava e um dos homens do grupo haviam ficado para trás e “desde o amanhecer eles vagavam em nossa busca, sem conseguir encontrar a pista”<sup>200</sup> (MIERS, 1826, p.71, tradução nossa), só conseguindo encontrar o caminho e o grupo novamente com a ajuda de um gaúcho que vivia nas redondezas e que os conduziu até a localidade.

Aprender sobre a natureza local era tarefa necessária não apenas na lida no campo, mas para se guiar por seus caminhos, para aprender quando os ventos mudavam e anunciavam a chuva, para quando uma doença abatesse sob o seu corpo soubesse qual o melhor remédio natural para ser tomado. Assim, observar a natureza e aprender com as pessoas que ali viviam a mais tempo era uma tarefa útil e necessária.

## 5.6 RELAÇÃO COM OS NÃO-HUMANOS: DOMESTICIDADE, CRUELDADE, FIDELIDADE E DEMAIS INTERAÇÕES

O estudo da relação entre humanos e não-humanos, especialmente espécies de plantas e animais, é bastante importante para compreendermos como os viajantes e a população geral tratavam e se relacionavam com essas espécies, o que nos ajuda também a melhor entender as formas de pensamento ambiental e como elas se desdobravam em ações.

---

200 No original: “Ever since dawn of day they had been wandering in seach of us, unable to find the track”.

Uma das formas de se relacionar com o meio e com os seres não-humanos é a perspectiva dos indígenas:

Antes da colonização europeia, o povo Guarani cultivava espécies trazidas de outras regiões da América do Sul e Central, como mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), batata doce (*Ipomoea batatas*) e abóbora/moranga (*Cucurbita sp.*), entre outros<sup>201</sup>. Com a colonização europeia, foram introduzidas plantas do velho mundo, de partes distantes do novo mundo e hoje variedades locais ainda são utilizadas e comercializadas. Várias espécies de plantas nativas, já utilizadas pelas comunidades tradicionais, começaram a ser exploradas comercialmente, pelo menos localmente, nas cadeias produtivas de alimentos, como pitanga (*Eugenia uniflora*), geleia (*Butia odorata*), araçá (*Psidium Cattleianum*), ao lado de plantas com propriedades farmacêuticas, como marcela (*Achyrocline satureioides*), bananinha-do-mato (*Bromelia antiacantha*) ou carqueja (*Baccharis crispa*), para dar apenas alguns exemplos. Em maior escala, a pecuária tradicional em pastagens nativas, mantendo a biodiversidade natural, é um importante elemento socioambiental e econômico no Pampa brasileiro, assim como o é a apicultura de abelhas nativas sem ferrão (*Meliponini*), como a ameaçada localmente *Plebeia wittmanni* e *Melipona quadrifasciata*, entre outras espécies<sup>202</sup> (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.10, tradução nossa).

No Pampa, os povos indígenas também introduziram algumas espécies, principalmente de plantas, e lidaram bem com os animais introduzidos pelos colonizadores europeus, Isabelle descrevia que “o índio maneja um cavalo com tanta habilidade que parece duplicar as faculdades desse animal inteligente” (ISABELLE, 2006, p.104-105). No século XIX, após muitos anos tendo contato com os animais do Velho Mundo, os indígenas já tinham esses animais como parte de sua sociedade e eram constantemente representados cavalgando, por exemplo.

Os animais que os viajantes mais possuíam contato eram os próprios cavalos, que serviam de montaria e meio de transporte pelos Pampas. Havia uma prática comum na região

201 As mesmas espécies enumeradas por Pedro Ignácio Schmitz em seu estudo (2012, p.25).

202 No original: “Before European colonization, Guarani people cultivated species brought from other regions of South and Central America such as cassava (*Manihot esculenta*), maize (*Zea mays*), beans (*Phaseolus vulgaris*), sweet potato (*Ipomoea batatas*) and pumpkin/squash (*Cucurbita sp.*), among others. With European colonization, plants from the old world and distant parts of the new world were introduced and today local varieties are still used and traded. Several native plant species, already used by traditional communities, have been started to be commercially exploited, at least locally, in food production chains, such as pitanga (*Eugenia uniflora*), jelly palm (*Butia odorata*), araçá (*Psidium cattleianum*), alongside plants with pharmaceutical properties, such as marcela (*Achyrocline satureioides*), bananinha-do-mato (*Bromelia antiacantha*) or carqueja (*Baccharis crispa*), to give just a few examples. On a larger scale, traditional animal husbandry on native grassland, maintaining natural biodiversity, is an important socio-environmental and economic element in the Brazilian Pampa, just as is beekeeping of native stingless bees (*Meliponini*), such as the locally threatened *Plebeia wittmanni* and *Melipona quadrifasciata*, among other species”.

de se utilizar um cavalo apenas em um trecho da viagem, substituindo-o por outro assim que se chegava na próxima localidade. Avé-Lallemant certa vez trocou seus cavalos cansados da viagem por outros, porém os animais recebidos já estavam velhos o que acabou provocando “funda compaixão” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.311). Bem diferente dessa empatia pelos animais demonstrada por Avé-Lallemant, John Miers menciona que as éguas na região “são de tão pouco valor que são frequentemente abatidas para combustível”<sup>203</sup> (MIERS, 1826, p.41, tradução nossa) pelos moradores.

Francis Bond Head enquanto esteve em Buenos Aires ficou hospedado em um lugar vizinho a um matadouro de gado, onde havia gado vacum e gado suíno, além de cavalos da propriedade. Ele presenciou algumas matanças, como a vez que um garoto tentou matar um porco sem sucesso, mas ferindo bastante o animal no processo (HEAD, 1827, p.40). Em certa manhã observa os homens que ali trabalhavam deitados no campo fumando cigarros despreocupados enquanto “o gado, sem metáfora, esperava até que a última hora de sua existência chegasse”<sup>204</sup> (HEAD, 1827, p.40, tradução nossa). Head comenta que esteve “mais de uma vez no meio dessa cena estranha, e às vezes fui realmente obrigado a galopar para salvar minha vida, sem saber exatamente para onde ir, pois muitas vezes eram Cila e Caríbdis”<sup>205</sup> (HEAD, 1827, p.41, tradução nossa), fazendo alusão a dois monstros marinhos da mitologia grega que ficavam cada um de um lado do estreito de Messina atacando viajantes que por ali passassem. Apesar de ter presenciado algumas cenas de matança, ele nem precisava ter vivenciado-as para notá-las, pois “cada gota de sangue era o local onde um boi havia morrido; foi tudo o que restou de sua história”<sup>206</sup> (HEAD, 1827, p.40, tradução nossa), uma marca no solo que servia de lembrança pela vida que ali havia se extinguido.

Ainda sobre maus-tratos animais, os padres de Mendoza se reuniam pelo menos duas vezes por semana para rinha de galos com apostas, tudo isso ocorria na presença de crianças (HEAD, 1827, p.34), o que deixa o viajante bastante surpreso pela iniciativa surgir justamente dos religiosos e que certamente chocaria muitos ingleses, segundo ele.

---

203 No original: “are of so little value as frequently to be slaughtered for fuel”.

204 No original: “the cattle, without metaphor, were waiting until the last hour of their existence should strike”.

205 No original: “more than once in the middle of this odd scene, and was really sometimes obliged to gallop for my life, without exactly knowing where to go, for it was often Scylla and Charybdis”.

206 No original: “Each slop of blood was the spot where a bullock had died; it was all that was left of his history”.

Saindo dos espaços urbanos, os cavalos, mulas e asnos eram as principais companhias, nas viagens sob fortes chuvas a travessia era muito difícil, pois nada era capaz de fazer os animais continuarem andando, “não se consegue tocá-los para frente, nem com chicotadas, carinhos ou palavrões” (BESCHOREN, 1989, p. 90), os animais começavam a diminuir o passo, rejeitando continuar o avanço da tropa. Tudo o que restava nesses momentos era achar um local próximo e montar acampamento.

Baguet relata a dificuldade de encontrar uma mula disponível devido aos desdobramentos da recente Revolução Farroupilha, que haviam desordenado a criação e comércio desses animais, para além disso, não era fácil lidar com elas (BAGUET, 1997, p.53). O grupo de Baguet conseguiu uma nova mula, que segundo o capitão antigo dono dela era muito experiente e, em suas palavras, já fora vista “atravessando banhados onde vi enlamearem-se e perderem-se outros animais” (BAGUET, 1997, p.58). Ela foi posta a prova nos dias seguintes quando a comitiva atravessou o banhado de Butuí próximo a São Gabriel, que era um:

enorme lodaçal que chega até o joelho dos cavalos, Negrinha [a nova mula] se conduziu com tanta inteligência que o guia nos aconselhou a segui-la. ‘Já vi mais de um cavalo morrer aqui, asfixiado pelo lodo’. Efetivamente, Negrinha, com sua sagacidade habitual, fez-nos atravessar aquele pântano em meia hora, sem nenhum acidente (BAGUET, 1997, p.59)

O viajante destaca a inteligência e sagacidade no animal, e atribui a ela o sucesso da travessia. A figura 7 ilustra uma dessas travessias de arroios, atividade bastante rotineira para quem percorria os Pampas.

Já próximos de Alegrete, Baguet comenta terem atravessado “um banhado tão lodoso que nossos cavalos por pouco não morreram na lama” (BAGUET, 1997, p.71), ali testemunharam novamente a “sagacidade da mula Negrinha” (BAGUET, 1997, p.71), quando “ela se recusou a atravessar o arroio. Primeiro entrou na água tateando, mas o instinto a fez recuar e ela se pôs a andar ao longo do riacho até que a perdemos de vista atrás de um conjunto de árvores” (BAGUET, 1997, p.71). Preocupados que o animal pudesse ter se asfixiado nas águas, acabaram “indo à sua procura, Leopoldo ficou muito espantado ao encontra-la pastando calmamente a grama do outro lado. Ela encontrara um vau que nossos

esforços e busca não tinham conseguido descobrir” (BAGUET, 1997, p.71) e o viajante e seu grupo foram “forçados a reconhecer [...] a superioridade do instinto sobre a inteligência” (BAGUET, 1997, p.71). O caso de Negrinha é tão significativo pois demonstra não apenas um reconhecimento dos serviços por ela prestados, como uma valorização de seus feitos acima da capacidade do que os humanos que ali estavam eram capazes de realizar. Além disso, ela é um dos poucos animais que tem um nome próprio registrado nos relatos.

Figura 7 – Travessia de um rio em uma viagem pelo Sul.



Fonte: AVÉ-LALLEMANT, 1953, p.91 - *Voyage dans les deux Amériques*, d'Orbigny, 1836.

O grupo de Baguet ainda dependeu dos instintos de seus animais mais uma vez durante um forte temporal noturno, onde havia baixa visibilidade e era extremamente difícil avançar pelo terreno. Seguindo o conselho do guia Leopoldo, “pusemos-lhes as rédeas no pescoço [dos cavalos] e deixamo-lhes o cuidado de nos conduzir” (BAGUET, 1997, p.73),

esses o fizeram com sucesso pela noite adentro, enquanto o grupo de humanos novamente depositava sua confiança nas habilidades de seus animais para prosseguir viagem.

Outro animal que mereceu destaque nos relatos foi Billy, um macaco de estimação de Herbert Smith que dedica um capítulo inteiro de seu livro para falar sobre Billy. O animal recebe seis páginas de atenção, onde o viajante descreve todos os seus hábitos, gostos e desgostos. O macaco havia sido comprado em passagem por Pernambuco e era muito provavelmente um sagui de tufo preto (*Callithrix penicillata*), pois é descrito como escuro, mesmo que seja apontado pelo viajante como um provável *Hapale jacchus*, o que hoje seria o equivalente ao sagui de tufo branco (*Callithrix jacchus*). Independentemente da espécie exata a qual pertencia, aquele sagui desenvolve uma forte ligação com Amélia Smith, esposa do viajante. Billy infelizmente viveu pouco tempo ao lado do casal e parece ter adoecido com o clima frio do sul do Brasil, “não houve quem não chorasse em casa, porque todos éramos muito afeiçoados ao bichinho. Minha senhora recusou-o absolutamente para nossa coleção, enterrou-o com honras fúnebres debaixo de uma roseira e semanas depois encontrei-a juncando-lhe de flores o tumulo saudoso” (SMITH, 1922, p.72). O sagui fora tão importante aos dois que não juntou-se a coleção de espécimes e em vida possuía inúmeros benefícios que o humanizavam com uma cama própria, presença na mesa de jantar e um casaco de flanela confeccionado especialmente para ele.

Guilherme, uma das pessoas que acompanhava Smith, recebera um filhote de jaguatirica (*Leopardus pardalis*), tradição que parecia ser comum na região pampeana, existindo outros relatos de viajantes que receberam animais de presente, inclusive espécimes de grandes felinos. John Miers, por exemplo, encontrou um filhote domesticado de ‘leão’ que havia sido encontrado no cerro El Morro, ele era um pouco maior que um cachorro e brincava entre eles e as crianças (MIERS, 1826, p.101-102), provavelmente era um exemplar de onça-parda (*Puma concolor*) pela distribuição geográfica e descrição feita pelo viajante. Fora dos Pampas, mas na região vizinha dos Andes, Francis Bond Head comprou por um dólar um Condor (*Vultur gryphus*) vivo e dois mortos (HEAD, 1827, p.200) o que demonstra como era fácil o comércio de espécimes pelo continente. Em termos comparativos ele foi cobrado doze dólares para atravessar um rio de balsa, o que considerou um preço ultrajante (HEAD, 1827, p.204).

Outro presenteado com filhotes foi Auguste de Saint-Hilaire, recebendo duas emas e dois filhotes de ‘tigres’ (SAINT-HILAIRE, 1987, p.197), o viajante tratou de destiná-los ao Museu de História Natural de Paris mas passou alguns dias na presença dos animais que descreve:

São os dois avestruzes tão domesticados, que iam correr de dia ao campo, mas vinham dormir na casa do seu dono. Os tigres, duas fêmeas, pertencem a espécies diferentes; uma é cinza-ruço, aquela que os espanhóis chama indevidamente de leão; e a outra, que se denomina propriamente tigre e, no interior do Brasil, onça pintada. Esses animais são também domesticados, o quanto sua natureza permite. A onça pintada, de apenas três meses, foi criada por uma menina de doze anos, acostumando-se a dormir em sua companhia. Como a menina se ausentou há pouco tempo, confiaram a onça a um soldado; e este a segura, abraça e acaricia; entretanto, às vezes, a fera ruge assustadoramente, mostra-lhe os dentes, demonstrando que não se presta, senão com rebeldia, às carícias de seu guarda (SAINT-HILAIRE, 1987, p.197).

As espécies que o viajante menciona para os felinos são provavelmente a onça-parda (*Puma concolor*) e a onça-pintada (*Panthera onca*), respectivamente, ambas espécies nativas do Pampa. Pegar animais para criar era um hábito comum, Mateus do grupo de Saint-Hilaire pegou um filhote de cachorro marrom que estava pelos campos em Espinillo (SAINT-HILAIRE, 1987, p.183). Esse hábito de dar e adotar animais denota um mínimo carinho e interesse das pessoas pela companhia desse animais, muitas vezes motivada pela curiosidade quando se tratando de grandes felinos ou de emas.

A jaguatirica que mencionamos acima estava sendo muito bem cuidada por Guilherme, porém sendo ainda muito jovem não resistiu ao rigoroso inverno que se fez e acabou adoecendo e falecendo (SMITH, 1992, p.67). Tanto a jaguatirica, quanto Billy, demonstram que os animais podiam fazer parte da socialização do grupo, receber tratamento e cuidados, serem amados, chegando ao ponto de serem humanizados como foi o que ocorreu com Billy. Por outro lado, os cavalos do grupo eram tratados de forma mais distante, pelo menos é o que transparece no relato, onde sua função é mais importante do que sua simples existência e companheirismo. Um pensamento bastante utilitarista em relação aos animais, como pode ficar ainda mais evidente ao tratar das cochonilhas (*Dactylopius coccus*)<sup>207</sup>, uma

<sup>207</sup> Espécie exótica de origem mexicana, não fica claro se era a mesma espécie ou algum animal similar.

Todavia devido ao interesse econômico que a mesma desempenhava no período na região mexicana, é bem provável que ela tenha sido introduzida por todo o Império espanhol com a finalidade de extração do

espécie de inseto, que poderiam render dinheiro se extraído o pigmento vermelho de seus corpos (SMITH, 1992, p.151-152), ou quando o viajante está nos arredores de São José do Norte e comenta que qualquer zoólogo lucraria muito se passasse ali algumas semanas coletando espécimes de peixes, crustáceos e insetos de ambientes aquáticos (SMITH, 1992, p.29).

Diferente do tratamento que Smith e a maioria dos viajantes apresentava em relação aos seus cavalos, simples ferramentas para eles, encontramos essa passagem escrita por Arsène Isabelle que relata uma das mais intensas relações entre humanos e não-humanos:

Na localidade de El Puerto havia, apenas, um rancho deserto, tocado pela maldição, pois o fogo do céu caíra recentemente sobre ele, enchendo de pavor uma família índia e matando uma menina de doze anos cuja modesta sepultura ainda se podia ver. Mostraram-me alguns cavalos abandonados, que vinham passar a noite perto do curral, onde antes mão inocente costumava acariciá-los. Senti um aperto no coração, ao vê-los assim, tristemente parados, de cabeça baixa, perto do túmulo de sua pequena dona... Dir-se-ia que tinham ficado, no meio do deserto, para chorá-la e dar ao viajante que passasse junto à sepultura um exemplo de fidelidade e gratidão inspirado pela natureza” (ISABELLE, 2006, p.181-182)

O viajante destaca o papel da fidelidade daqueles animais perante sua falecida dona. É possível que esses animais só retornassem ao curral à noite por puro costume, mas, de qualquer forma, o destaque que Isabelle insere na cena, daqueles animais estarem ainda de luto, tristes e mantendo a fidelidade, é bastante expressivo.

Um animal que é sempre lembrado pela sua fidelidade é o cão (*Canis lupus familiaris*), não seria diferente encontrar passagens destacando essa característica nesses animais. Na casa do ferreiro de San Luis, dormia ele, a esposa e as crianças na companhia de cães, porcos e galinhas. (MIERS, 1826, p.100), o que demonstra a proximidade que os humanos, mesmo morando nas cidades, tinham com seus animais domésticos.

Investigando a morte de um mensageiro na província de Santa Fé, Francis Bond Head e o grupo que o acompanhava descobre que além do mensageiro, foram mortos também seus cavalos e seus cães. Um dos cachorros teve sua gargantea “cortada, e em minha vida nunca vi tanta expressão no semblante de um animal morto – seu lábio estava curvado, e não se podia deixar de imaginar que expressava os sentimentos de raiva e fidelidade sob os quais

---

corante. E assim chegou até a região brasileira em que Smith percorre.

ele evidentemente havia lutado até o fim”<sup>208</sup> (HEAD, 1827, p.75, tradução nossa), infelizmente já não havia o que fazer, pois o mensageiro e seus fiéis companheiros não-humanos já se encontravam todos sem vida.

William MacCann conta sobre:

uma superstição entre os nativos: quase todas as noites, mais ou menos na mesma hora, dizem, todos os cães do país começam a uivar da forma mais melancólico como se estivessem lamentando os mortos; e os nativos dizem que isso ocorre quando algum espírito passa em suas rondas noturnas, montado em um potro selvagem e conduzindo uma tropa de cavalos à sua frente<sup>209</sup> (MACCANN, 1853a, p.42, tradução nossa).

Tal relato de aparição de fantasmas nos remete muito aos relatos referentes a Hellequin e a Caçada Selvagem, de origem normanda e que podem ser traçados até o século XII, apesar de muito provavelmente serem mais antigos (SCHMITT, 1999, p.120-121). A Caçada Selvagem é um tipo de relato de fantasmas bastante tradicional na cultura europeia e retrata justamente um bando de caçadores a cavalos com seus cães varrendo os céus em alta velocidade. De forma geral, bastante similar ao que MacCann relata como sendo um conto indígena. É bastante provável que a história da Caça Selvagem tenha se mesclado com tradições indígenas pampeanas e se tornado parte do imaginário local. O papel que os cavalos e os cães desempenham acompanhando os fantasmas é uma representação da fidelidade até na morte, que podemos relacionar ao sacrifício de cavalos para a árvore de Walleechu, retirado do relato de Charles Darwin.

A única citação sobre gatos domésticos nos relatos é uma breve menção da existência deles em uma casa de campo (MACCANN, 1853, p.32). Duas hipóteses podem ser levantadas: esses animais estavam presentes nos domicílios, porém os viajantes não os consideravam dignos de nota, o que seria difícil, pois quinze pessoas seguirem o mesmo padrão seria difícil. A segunda hipótese é que esses animais não eram muito populares como

---

208 No original: “his throat was cut, and in my life I never saw so much expression in the countenance of a dead animal – his lip was curled up, and one could not but fancy that it expressed the feelings of rage and fidelity under which he had evidently fought to the last”.

209 No original: “a superstition amongst the natives: almost every night, at about the same hour, it is said, all the dogs in the country commence a most melancholy howling if they were lamenting the dead ; and the natives say that this occurs when some spirit rides past on his nightly rounds, mounted on a wild colt, and driving a troop of horses before him”.

animais de estimação e as pessoas no Pampa preferiam a companhia dos cães que ainda seriam úteis na lida do campo. O cães ovelheiros são descritos com bastante detalhe por Auguste de Saint-Hilaire (1987, p.96), que também destaca a presença e problemática dos bandos de cães selvagens. Os soldados do forte de Santa Teresa, no Uruguai, possuíam muitos cãezinhos pegos de:

bandos selvagens que erram pelos campos, denominados chimarrões. Esses animais, originariamente evadidos das habitações, nada possuem que os distinga de modo particular. Todos os que vi eram mestiços, mas uns tinham traços do cão de fila, outros de galego, etc. Os cães selvagens começam a rarear, entre Rio Grande e Santa Teresa, porque os fazendeiros, cujos rebanhos eles devoram, os exterminam (SAINT-HILAIRE, 1987, p.121).

Comentamos sobre onças, cães, cavalos, mulas e até saguis, porém muitos outros animais passaram despercebidos até aqui. Vamos trazer uma noção geral e rápida sobre diversas espécies mencionadas nos relatos, a maioria selvagens e que por vezes são vistas como insignificantes ou menos dignas de nota, afinal, “as pessoas costumam caçar veados e pombas, não bichos-de-conta e aranhas; abrem estradas numa floresta para derrubar abetos de Douglas, não musgos e fungos” (WILSON, 2012, p.324). Nossa sociedade está sempre focada nos animais maiores e mais proeminentes, lembrando até mesmo os interesses e discurso do Conde de Buffon sobre a fauna americana ser minguada e cheia de miudezas que não se desenvolveram completamente (GERBI, 1996). São os indivíduos mais notáveis que estão mais propensos a sofrerem o ‘tiro de fuzil’ mencionado por Edward Wilson (2012), enquanto as espécies menores que escapam ao olhar humano estão mais suscetíveis ao ‘holocausto’, ou seja, à destruição de seus ecossistemas.

Alguns mamíferos que são mencionados são o bugio, a chinchila, o coati, o coelho, o graxaim, o javali, o mão-pelada, o porco-do-mato, o rato, o tatu e o zorrilho. Podemos destacar os veados que aparecem em bandos pelos campos em diversos relatos, além das capivaras que são vistas nas matas próximas dos rios como o Caí e o Paraná. A presença da viscacha (*Lagostomus maximus*) é relatada por diversos viajantes como Bishop (1870, p.108; 115); MacCann (1853, p. 167); e Miers (1826, p.68). Elas são encontradas em toda parte nos campos, de acordo com Arsène Isabelle (2006, p.126), onde fazem suas tocas no solo, deixando grandes buracos por toda parte. Francis Bond Head é o viajante que mais comenta

sobre essa espécie pois ele fica com muito medo da presença delas nos campos. Ele teme que seu cavalo enfie uma pata em um buraco e que ao cair do cavalo ele se machuque gravemente ou até mesmo faleça. Head diz que havia caído mais vezes do cavalo nos poucos meses de Pampa do que no restante de sua existência (1827, p.77-80). Ele afirma que esses animais devoraram os restos de um cavalo, porém esse animal é herbívoro e ele está enganado (HEAD, 1827, p.75). Ele ainda comenta que “são os animais de aparência mais séria que já vi, e mesmo os mais jovens são grisalhos, têm bigodes e parecem pensativos e sérios”<sup>210</sup> (HEAD, 1827, p.80, tradução nossa) atribuindo características e emoções humanas aos animais.

Sobre as aves temos descrições sobre as corujas buraqueiras, muito comuns segundo Isabelle (2006, p.168), que, assim como as viscachas, cavam o solo criando ninhos. Andorinhas, beija-flores, bem-te-vis, cardeais, carcarás, codornas, garças, gaviões, narcejas, papagaios, patos, pombos, perdizes, tangarás e tarambolas são algumas das espécies mencionadas. Os urubus são presença constante nos relatos, geralmente sendo mencionados por aparecerem circulando os céus atrás de uma carcaça. Alexandre Baguet comenta que:

Ficamos impressionados com a quantidade de urubus e aves de rapina que sobrevoavam as charqueadas. O chefe do local explicou nas seguintes palavras o serviço prestado por tais animais: ‘é uma providência para nosso país, disse ele, e ninguém se arriscaria a matar um só destes pássaros: eles nos livram dos dejetos dos animais que matamos aos milhares anualmente. Às vezes a doença leva um grande número por dia e se os urubus não se alimentassem deles nos campos, doenças pestilentas pavorosas não tardariam a aparecer em um país onde o calor é tão forte’ (BAGUET, 1997, p.45).

O animal aqui é exaltado pelo serviço prestado à humanidade, eles aparecerem em tamanha quantidade pode ser um sinal de desequilíbrio ecológico, já que a oferta de alimento provocada pelas charqueadas pode ter causado um aumento populacional da espécie.

Em uma passagem é mencionado um pássaro ferreiro ou araponga (*Procnias spp.*) mantido em cárcere por um vizinho de Avé-Lallemant. Aquilo revoltava o viajante que diz ser um “desleixo da polícia permitir que se tenha um pássaro engaiolado” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.134), todavia não podemos afirmar se o viajante tinha pena de presenciar a situação do pássaro ou se ele estava mais incomodado pelo barulho que o mesmo fazia cotidianamente,

---

<sup>210</sup> No original: “The are the most serious-looking animals I ever saw, and even the young ones are grey-headed, have mustachios, and look thoughtful and grave”.

mesmo porque em outras situações ele esteve na presença de animais encarcerados e nada comentou a respeito. A araponga emite um canto bem característico e “é até incômoda” (SILVEIRA, 1979, p.143).

Símbolo dos campos do Pampa, o quero-quero (*Vanellus chilensis*) pode ser encontrado por diversas áreas da província, gritando “insuportavelmente por toda a parte” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.122), eles definitivamente eram “os papagaios do campo” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.193). O quero-quero “é outra ave que freqüentemente perturba a quietude da noite [...] parecem odiar a raça humana, e eu estou certo de que merecem ser odiados reciprocamente por seus incessantes, imutáveis e estridentes gritos” (DARWIN, 2008, p.141). São animais que atrapalham muito os caçadores, pois o seu grito espanta a caça, porém podem ser úteis já que denunciam a presença de saqueadores durante a noite. Darwin ainda menciona ainda que os ovos dessa espécie são considerados uma iguaria culinária (2008, p.141).

Para Hemetério da Silveira não é preciso muito “para apreciar uma orquestra matinal ou a do meio-dia, à sombra do laranjal, ou arvoredos de um capão, se este for à beira d’água. E, dizem os religiosos de coração, hino que as aves enviam ao Criador, quando os homens dele se esquecem” (SILVEIRA, 1979, p.143), em uma passagem com cunho romântico bastante saliente por exaltar as criações divinas.

Sobre os peixes diversas espécies são mencionadas e algumas descritas. O relato mais rico em detalhes, com certeza, é sobre os hábitos e as espécies de bagre, de armado, de palmeto, de zurubí, de pacú, de bôca e de reyes<sup>211</sup> (LUCCOCK, 1942, p.99-100) escrito pelo viajante enquanto ele ficou detido por seis semanas no porto de Buenos Aires, sem ter como deixar o navio. Também são mencionados outros animais marinhos como as tartarugas e as focas, essas últimas têm sua vida afetada pelo intenso tráfico de humanos no rio da Prata (LUCCOCK, 1942, p.99). Entre os anfíbios e répteis são mencionados espécies de rãs, sapos, jacarés, cobras e teiús.

---

211 Não é possível identificar através da descrição do viajante a espécie correta de cada peixe, porém podemos supor que o Armado se trata possivelmente de um Abotoado do gênero *Pterodoras*. Já o Zurubí provavelmente é um Surubi do gênero *Pseudoplatystoma*. O Reyes e o Pacú são descritos pelo viajante como sendo da mesma espécie.

Já entre os insetos Silveira os separa em três grupos: os úteis; os nocivos; e os inocentes. O primeiro grupo é composto de animais que servem aos humanos, dentre eles diversas espécies de abelhas que produzem mel. Os nocivos são aqueles que podem machucar ou irritar como vespas, lagartas, marimbondos, mosquitos e pulgas, e aqueles que são prejudiciais as construções ou produções humanas, como os cupins, formigas e gafanhotos. No terceiro grupo estariam as espécies que nada de útil produziriam, mas também não seriam malélicas como vaga-lumes e borboletas (SILVEIRA, 1979, p.144-145). É interessante verificarmos que a classificação dos insetos é feita puramente a partir da sua interação com humanos e do valor atribuído a essa interação.

Moscas e mosquitos são constantes incômodos que irritam, não deixam dormir e podem até mesmo deixar o rosto a pessoa desfigurado de tantas picadas, como ocorreu com a esposa de Miers (1826, p.38; 53; 55). É apenas no inverno que a quantidade desses animais decai (BESCHOREN, 1989, p.48). Abelhas, vespas, grilos e carrapatos são outros animais mencionados. Luccock diz que vaga-lumes eram usados nos penteados de mulheres enquanto gafanhotos e formigas eram vistos como pragas. Os gafanhotos atacavam a Colônia judia do Pinhal que “foi quase toda destruída pela praga de gafanhotos, que nos últimos dois anos têm passado da Confederação Argentina para o Rio Grande do Sul” (SILVEIRA, 1979, p.467). Já as formigas constroem bem no solo de Rio Grande (LINDMAN, 1974, p.23) ao passo que em Cruz Alta as formigas saúva (*Atta spp.*) eram vistas como uma praga. A solução que se deu foi introduzir formigas paulistas de outro gênero para que elas as combatessem, isso deu certo por vinte anos, mas devido a algum motivo a saúva estava reaparecendo no município (SILVEIRA, 1979, p.269).

Um grande perigo que dois viajantes passaram foi o encontro com o inseto barbeiro (*Triatominae spp.*): gênero de insetos cujas diversas espécies são vetores da Doença de Chagas. Descritas como ‘Fincão’ por Beschoren (1989, p.80-81) e ‘Benchuca’ por Darwin (2008, p.125-126). Ambos viajantes foram picados e apresentaram quadro febril após expostos ao inseto. Beschoren diz “ter estado completamente desfigurado, 14 dias se passaram e continuava com as marcas do ataque” (BESCHOREN, 1989, p. 80-81). O perigo que passaram foi devido ao barbeiro muitas vezes ser hospedeiro do protozoário causador da doença de chagas, uma doença bastante mortífera e que só seria estudada no início do século

XX. Os sintomas que Beschoren relata são exatamente os sintomas das duas primeiras semanas de contágio, chamada estágio agudo da doença.

Sobre fósseis e vestígios pré-históricos, Silveira (1979, p.470) pontua a existência de madeira petrificada e ossos de animais antigos em Santa Maria. Darwin (2008, p.102) e Smith (1922, p.195) são outros viajantes que mencionam fósseis no Pampa. O bioma é um dos locais chave para a nossa compreensão da vida pré-histórica, pois alguns dos fósseis mais antigos do planeta foram encontrados em seu território e como demonstram os relatos, já eram desde então bem conhecidos por quem passava pelos campos do Pampa.

Nem todos os viajantes voltavam sua atenção para os elementos da flora, e quando o faziam geralmente era para destacar as espécies cultivadas em jardins, pomares ou em fazendas, muitas delas sendo espécies exóticas. Os viajantes-naturalistas eram os que mais mencionavam e descreviam a flora, assim os relatos de Lindman, Smith, Saint-Hilaire e Avé-Lallemant são os que mais contém informações sobre as plantas. Poderia ser realizado todo um estudo sobre a presença e distribuição dessas espécies coletando as informações contidas nos relatos e nas listas anexadas pelos viajantes.

Não apenas de grande árvores eram formados os capões de mato, mas também de líquens, musgos, bromélias, orquídeas e plantas parasitas como a erva-de-passarinho. Essas últimas, quando se penduram em uma árvore tomam conta e chegam a atingir “toda uma parte da floresta e muitas árvores são sugadas por elas, como nos laranjais onde [...] é um hóspede temido e mata as melhores árvores. Ou será neste caso, como é tão frequente na natureza, que o parasita é a consequência da doença e não a sua causa?” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.211-212).

Plantas nativas da América do Sul, provavelmente introduzidas por indígenas, como a quinoa (*Chenopodium quinoa Willd*) e a planta nativa dos Pampas yuyo colorado (*Amaranthus quitensis*), eram utilizadas na produção de sabão nas províncias argentinas. Outra planta muito marcante pelo seu valor comercial é a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) que foi catalogada por Auguste de Saint-Hilaire e hoje é símbolo dos países que compreendem o Pampa, apesar de ser uma espécie que cresce naturalmente nas bordas do Pampa, onde há Mata Atlântica. O comércio de erva-mate foi extremamente importante na região e um

costume frequente entre seus moradores, mais sobre a história dessa espécie pode ser vista no trabalho de Marcos Gerhardt (2013).

Outras tantas espécies de animais e plantas foram mencionadas ao longo dos relatos, mas não pretendemos aqui criarmos uma listagem delas, apenas apresentarmos algumas. Na busca por uma escrita da história cada vez menos antropocêntrica, tentamos dar destaque a todos esses animais pois “apesar de presentes, os atores não humanos desta história não deixaram seu próprio testemunho dos fatos e também nunca poderão, mas uma coisa é certa, eles estiveram envolvidos neste processo e não somente como um cenário, e sim, como agentes” (MORES, 2017, p.39), tentar escrever uma História que parta dos não-humanos é um grande desafio que deve ser tentado.

## 5.7 A CAÇA E A PESCA

Os viajantes que mais relatavam a caça durante suas viagens foram Arsène Isabelle e Herbert Smith. Esse último procurava coletar espécimes para seu estudo e chegava a contratar caçadores por onde passava, já Isabelle chega a revelar que por vezes caçava “unicamente para matar tempo” (ISABELLE, 2006, p.176). Durante oito dias caçando na beira do Uruguai, Isabelle coletou cerca de “sessenta exemplares, dos quais quarenta e dois beija-flores das duas únicas espécies que se encontram na localidade” (ISABELLE, 2006, p. 162), nos levando a pensar qual era a necessidade de vitimar quarenta e dois indivíduos das mesmas espécies já que seus corpos provavelmente não serviram como alimento ou como objeto de estudo, que pelo menos justificassem parcialmente a matança. Desembarcando no rio da Prata e envolto de pássaros ‘barulhentos’ em “tal quantidade que me ensurdeciam com seus gritos roucos. Só depois de ter dado uma dúzia de tiros de fuzil e abatido algumas gaivotas [...] pude, enfim, sentir-me dono de mim mesmo e observar livremente” (ISABELLE, 2006, p.40-41), livre do barulho que o atrapalhava e marcando o seu poder, como humano, de eliminar outros seres a seu bel-prazer.

A caça e a pesca não eram atividades ligadas apenas aos viajantes, era uma prática comum no período. Até então a “profusão de vida silvestre pareceu [...] um imenso estoque de alimentos, pronto para ser consumido. Então, começaram a caçá-los livremente, sem a

menor preocupação com o destino de qualquer das espécies individuais, fossem elas estranhas, atraentes ou vulneráveis” (PONTING, 1995, p. 273). Apenas no final do século XIX que as grandes matanças de animais começarão a ser contestadas (PONTING, 1995, p. 313). No Rio Grande do Sul a caça era abundante até pelo menos a metade do século XIX (CORREA; BUBLITZ, 2006) e para os Pampas de forma geral, a grande quantidade de animais vivendo na planície ofertava um acesso fácil ao alimento, com a dieta alimentar da população tendo como base a carne.

A prática da caça além de ser prejudicial aos animais em um nível individual, também poderia provocar danos coletivos a uma espécie, pois “a caça generalizada e intermitente afetou a reprodução de espécies locais, causando até mesmo a extinção de muitas delas, como a onça” (CORREA; BUBLITZ, 2006, 57). As espécies que eram caçadas serviam para alimentação, aproveitando ainda outros materiais das carcaças como o couro e ossos. O animal poderia ser caçado para fins científicos onde se coletava seu corpo e ele poderia ser ou estudado ou empalhado e servir como mostruário da fauna exótica em algum museu. Outro motivo para serem caçados é que alguns animais atrapalhavam o cultivo de gêneros alimentícios, a criação de gado ou a permanência segura das pessoas em determinado local. “O jaguar é morto, sem muita dificuldade, com a ajuda de cães para acuá-lo, encurralando-o, em cima de uma árvore, onde é alvejado” (DARWIN, 2008, p.165), Charles Darwin inclusive havia comido, sem saber, carne de onça oferecida a ele em Montanha Corral (DARWIN, 2008, p.143). A caça poderia ser esportiva ou recreativa e muitas vezes não possuía muito propósito como o exemplo que demos de Isabelle alvejar inúmeras gaivotas apenas para se ver livre do barulho que faziam ou quando Alberto e Carlos, dois membros do grupo de Smith, dispararam contra capivaras que estavam na margem de um rio. Não havia motivos para aquilo e o corpo do animal nem ao menos pode ser transportado até a base de operações do grupo (SMITH, 1922, p.75).

As aves eram um dos principais alvos de abate, elas compõem o grupo de vertebrados com maior número de espécies no Pampa do Rio Grande do Sul, atualmente, seguido pelos peixes, mamíferos e os répteis (ANDRADE; *et al.*, 2023, p.8). Um caso em específico nos chama atenção é a caça de emas (*Rhea americana*) e o comportamento das mesmas perante a presença humana, já foram levantadas algumas hipóteses previamente

(MINUZZI, 2017, p.54-55) na busca de entender se essa espécie estava ficando mais arisca aos humanos através do tempo. A ema, ou nhandu, por vezes é chamada de avestruz de forma errônea pelos viajantes. Vamos comentar cada passagem em uma ordem cronológica para termos uma melhor dimensão da temporalidade e das suas possíveis mudanças.

John Miers escreve que as emas “são muito tímidas e difíceis de dominar, correndo tão rápido quanto o cavalo mais veloz”<sup>212</sup> (MIERS, 1826, p.28, tradução nossa) já nos indicando que elas fugiam dos humanos, pelo menos quando perseguidas, e que o seu comportamento de forma geral era tímido, provavelmente evitando o contato. Essa passagem foi escrita em 1819 em Salto, na província de Buenos Aires. Algumas semanas depois, já na província de San Luis, próximo do cerro El Morro, o viajante comenta que a região:

parece um tabuleiro elevado e ondulante e é coberto por grama alta, da qual o avestruz gosta muito. Aqui o viajante pode ter quase certeza de encontrar números desta notável ave, que são ocasionalmente vistos ao longo da estrada. Os avestruzes dos Pampas geralmente aparecem em bandos, às vezes apenas aos pares; **são extremamente tímidos e não toleram que nenhum animal se aproxime deles:** como o avestruz africano, não podem voar, mas usam as asas para correr; seu ritmo excede o do cavalo mais veloz<sup>213</sup> (MIERS, 1826, p.86, tradução nossa, grifo nosso).

Novamente ressaltando que os animais são tímidos e que não toleram a aproximação de outros animais, provavelmente se referindo a cavalos. Portanto, as descrições de Miers sobre as emas nos Pampas são de que esses animais apresentam comportamento arredio. É o primeiro relato que temos a disposição. Depois dele, temos o de Saint-Hilaire que escreve entre 1820 e 1821, em um período temporal bastante próximo, mas em uma espacialidade diferente. Nos relatos de Saint-Hilaire as emas parecem ser muito menos ariscas: “eles não fugiram à nossa aproximação” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.121), “os veados andam sempre em bandos. Como jamais são caçados, deixam-se ficar bem pertos de nós, e os avestruzes igualmente não se mostram mais selvagens” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.226). O viajante inclusive encontra bandos de veados e de emas pastando juntos pelos campos, o que contraria

212 No original: “They are very shy and difficult to take, running as fast as the swiftest horse”.

213 No original: “it appears like an undulating elevated table land, and is covered with tall grass, of which the ostrich is extremely fond. Here the traveller may be almost certain of meeting with numbers of this remarkable bird, which are occasionally seen along the high road. The ostriches of the Pampas generally appear in flocks, sometimes only in pairs; they are extremely shy, and will suffer no animal to approach them: like the African ostrich they cannot fly, but use their wings in running; their pace exceeds that of the fleetest horse”.

a informação levantada por Miers. Saint-Hilaire está observando esses animais em duas localizações bem distantes, a primeira é próxima de Punta del Diablo, uma zona costeira uruguaia, já a outra fica próxima de Quaraí na região que hoje forma a tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. O viajante também menciona que os indígenas já caçavam as emas utilizando boleadeiras, prática que foi adotada pela população dos Pampas como pode ser visto na figura 8.

Figura 8 – Gaúcho lançando as boleadeiras tendo uma ema<sup>214</sup> como alvo.



Fonte: BISHOP, 1870, p.89.

Levando essa informação em consideração, podemos concluir que elas não seriam animais despreparados para evitarem possíveis predadores, como o caso observado por Saikko em estudo realizado na Macaronésia, que revelou que “a caça de aves indígenas

<sup>214</sup> A imagem ilustra um avestruz, emas não possuem rabo e a penugem também se assemelha mais a um avestruz. O artista que criou a imagem deve ter se inspirado nesses animais, que eram constantemente confundidos com as emas.

provou ser muito fácil para os primeiros colonos [...] pássaros de várias espécies [...] eram apanhados à mão porque não estavam habituados a ver pessoas, nem tinham contato com mundo exterior” (1999, p.206).

O próximo viajante é Francis Bond Head que estando na província de Santa Fé em 1826 escreve:

O **medo** que todos os animais selvagens da América têm do homem é visto de forma muito singular nos Pampas. Muitas vezes cavalguei em direção aos avestruzes e gamas, agachando-me sob o lado oposto do pescoço do meu cavalo; mas sempre descobri que, **embora permitissem que qualquer cavalo solto se aproximasse deles**, eles, **mesmo quando jovens, fugiam de mim**, embora pouco da minha figura fosse visível; e quando se via todos eles se divertindo em tão plena liberdade, a princípio não era agradável observar que a aparência de alguém era em toda parte um sinal para eles de que deveriam fugir do inimigo. No entanto, é através deste medo que ‘o homem tem domínio sobre os animais do campo’, e **não há animal na América do Sul que não reconheça este sentimento instintivo**<sup>215</sup> (HEAD, 1827, p.95, tradução nossa, grifo nosso).

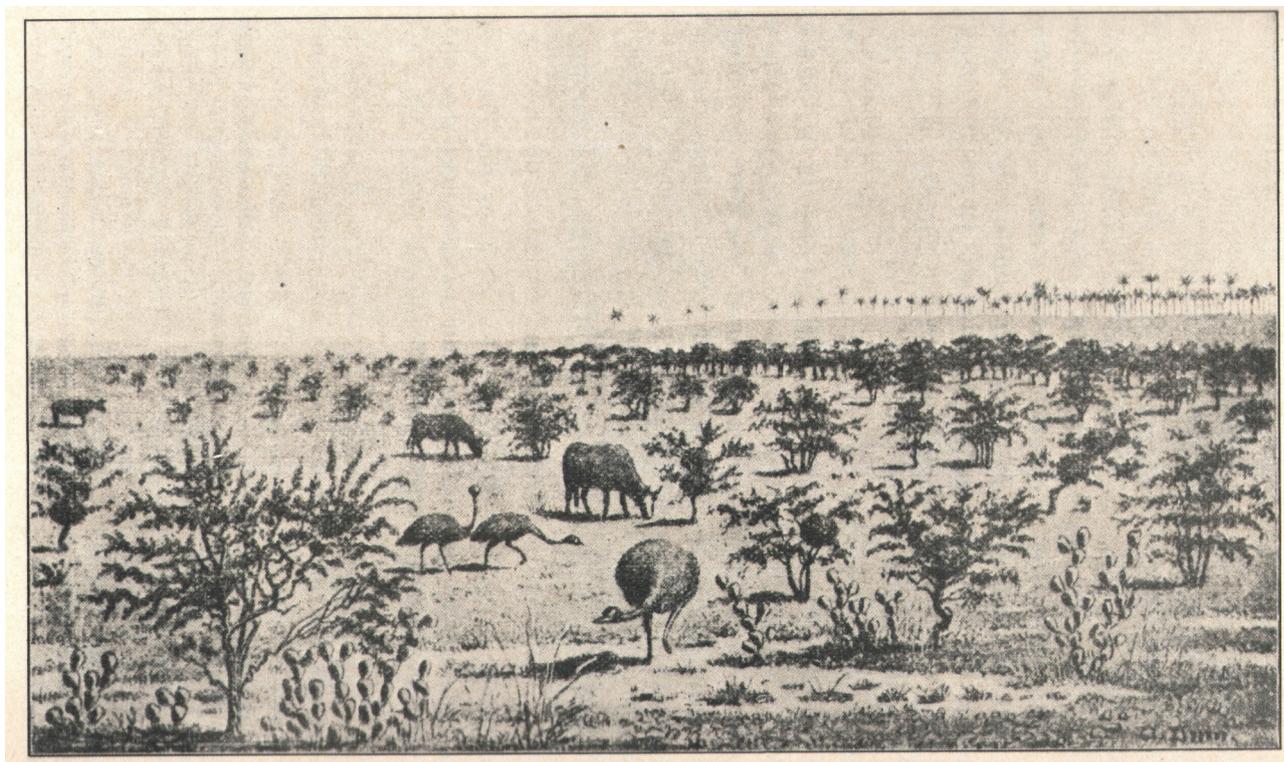
A descrição de Francis Bond Head sobre esses animais é uma contraposição clara ao que Saint-Hilaire encontra. No caso das emas observadas em Santa Fé, elas não se importam com a aproximação de outros animais como o cavalo, ao contrário do indicado por Miers que indicava que esses animais não eram vistos na companhia de outros. A figura 9 ilustra um momento em que emas e gado vacum dividem o mesmo pasto. Já sobre a presença humana, é só notarem a mínima aproximação que fogem pelos campos em busca de proteção, sendo um reflexo desenvolvido desde a mais tenra idade.

Já Alexandre Baguet vivencia situação diferente, ele encontra uma grande quantidade de emas “pastando em liberdade entre o gado e os veados. Dificilmente alguém consegue aproximar-se delas, é preciso muita habilidade para conseguir capturá-las [e] são apanhadas por meio das bolas” (BAGUET, 1997, p.60). O viajante belga escreve em 1845 sobre esses animais em localidade próxima de São Gabriel, no pampa brasileiro. Já MacCann escreve em território argentino, onde:

---

215 No original: “The fear which all wild animals in America have of man is very singularly seen in the Pampas. I often rode towards the ostriches and gamas, crouching under the opposite side of my horse neck; but I always found that, although they would allow any loose horse to approach them, they, even when young, ran from me, though little of my figure was visible; and when one saw them all enjoying themselves in such full liberty, it was at first not pleasing to observe that one’s appearance was everywhere a signal to them that they should fly from the enemy. Yet it is by this fear that “man hath dominion over the beasts of the field”, and there is no animal in South America that does not acknowledge this instinctive feeling”.

Figura 9 – Paisagem de um parque de espinilho (*Acacia caven*) no norte de Entre-Rios.



Fonte: LINDMAN, 1974, p.113.

Entramos então em planícies, onde pela primeira vez vi veados e avestruzes selvagens; e aqui desfrutamos de uma perseguição gloriosa. Estávamos andando em um ritmo bastante suave quando nos deparamos com uma manada de veados; eles não pareceram prestar muita atenção em nós, até que estávamos perto o suficiente para que ouvissem o sino da égua, cujo som atraiu sua atenção; pois eles viraram a cabeça e ficaram com as orelhas eretas e a parte da cauda rígida de expectativa<sup>216</sup> (MACCANN, 1853a, p.41, tradução nossa).

O próprio som emitido pelo grupo do viajante era suficiente para chamar a atenção e deixar os veados em prontidão para a fuga, situação que devia ser semelhante para as emas que ali estavam. Sobre emas domesticadas, MacCann observa tal comportamento:

Na planície atrás da casa havia vários avestruzes domesticados; um mais cheio de

<sup>216</sup> No original: “We now entered upon plains, where for the first time I saw wild deer and ostriches; and here we enjoyed a glorious chase. We were going at rather a gentle pace, when we came upon a herd of deer; they did not appear to take much notice of us, until we were near enough for them to hear the mare's bell, the sound of which attracted their notice; for they turned their heads, and stood with ears erect, and their bits of tails stiff with expectation”.

alegria que os outros avançava na plenitude e vivacidade de sua natureza impulsiva; agora iniciando uma certa distância, aumentando gradativamente a velocidade, até que de repente, como que assustado, alterou o rumo e correu em outra direção; então ele fingiu estar novamente assustado e veio com a velocidade de um raio em direção à casa. Não sei dizer por quanto tempo ele continuou a brincar com sua alegre atividade, mas seus movimentos eram para mim ao mesmo tempo novos e excitantes. Até onde a vista alcançava, a planície estava coberta de gado, ovelhas e cavalos<sup>217</sup> (MACCANN, 1853a, p.32, tradução nossa)

Claramente os animais domesticados e os selvagens apresentavam comportamentos distintos diante da presença humana. Jared Diamond ressalta que quanto mais acostumados com a presença humana em estado selvagem, mais os animais estarão preparados para essa interação, geralmente apresentando medo da figura humana

a maior parte dos grandes mamíferos da África e da Eurásia sobreviveu até os tempos modernos porque esses animais evoluíram juntamente com os protohumanos por centenas de milhares ou milhões de anos. Eles tiveram, assim, tempo para desenvolver um certo medo dos humanos, à medida que nossos ancestrais, inicialmente com pouca habilidade para caçar, foram lentamente aperfeiçoando essa habilidade (DIAMOND, 1997, p.43).

Havíamos em pesquisa anterior (MINUZZI, 2017, p.54-55) levantado hipóteses sobre uma possível mudança comportamental de emas nos Pampas, onde o que foi observado é que elas no início do século XIX eram menos ariscas à presença humana e passaram a evitá-los com o passar do tempo. Dentre as hipóteses levantadas estava o aumento populacional e de caça, distúrbios provocados pelas guerras no território ou uma competição por alimento com o gado introduzido pelos europeus. Todavia, com o aumento do leque de fontes documentais, podemos constatar que já no início do século XIX grupos de emas já apresentavam comportamento evitante à presença humana. Há uma diversidade de comportamentos relatados nas fontes, que provavelmente ocorrem pela observação de diferentes grupos desses animais em diferentes realidades espaço-temporais, ou mesmo pela sensibilidade de observação de cada viajante.

---

217 No original: “On the plain behind the house were several tame ostriches; one more joyous than the others was careering in the plenitude and vivacity of his impulsive nature ; now starting off for some distance, gradually increasing his speed, until suddenly, as if startled, he altered his course, and ran in another direction; then he pretended to be again frightened, and came with the speed of lightning towards the house. How long he continued giving play to his joyous activity, I cannot tell, but his movements were to me both novel and exciting. As far as the eye could reach, the plain was covered with cattle, sheep, and horses”

## 5.8 A LIDA COM O GADO: DOMESTICAÇÃO E LIBERDADE

“-‘Você vê aquele gado’? -‘Não vejo nada além de gado’”<sup>218</sup>. Essa foi a conversa entre Don Pepe e William MacCann (MACCANN, 1853a, p.40, tradução nossa) e sintetiza os quadros gerais da natureza do Pampa. Um bioma tomado pela presença do gado exótico. Bois e cavalos cobriam vastas extensões dos campos, eram animais tanto selvagens quanto domesticados, estando em diferentes gradientes de domesticação.

Nos Pampas “a propagação fácil do gado é uma fonte inesgotável de riquezas” (ISABELLE, 2006, p.135) e “as imensas manadas de gado, são as minas de ouro que ali se tem explorado com incessante lucro” (DREYS, 1990, p.51). Devido a ser um empreendimento muito lucrativo a criação de gado era priorizada enquanto o cultivo de gêneros alimentícios através da agricultura era visto como “incompatível” (DREYS, 1990, p.56), pois os dois sistemas disputavam espaço e não havia motivos econômicos para se preferir a agricultura perante a pecuária. Esse predomínio pecuário, mais livre e selvagem, gerou inúmeras críticas de diversos viajantes que viam o trabalho agrícola como mais digno, esforçado e sinônimo de pessoas laboriosas.

O gado gerava riqueza pois “cavalos e gado bovino forneciam tração animal no transporte dos bens e das pessoas, e no desenvolvimento da agricultura. A lã e o couro forneciam o vestuário básico” (FISHER; PERKINS, 1999, p.497), além da carne do gado ser grande parte da dieta dos habitantes da região e exportada junto com outras mercadorias derivadas da criação de gado. Em San Luis “a riqueza da província consiste inteiramente nas estâncias, ou fazendas de gado, onde circulam gado preto, cavalos, mulas e ovelhas”<sup>219</sup> (MIERS, 1826, p.103, tradução nossa), segundo Miers, escasseavam gêneros alimentícios de outras espécies devido a falta de agricultura empregada pelas pessoas da província. Havia escassez de trigo também pelas condições ambientais e o milho era mais utilizado.

A criação de gado *vacum* era pautada na domesticação desses animais, porém o contexto encontrado nos Pampas fazia com que esses animais nem sempre estivessem totalmente domesticados. A lida no campo precisava ser feita levando em consideração que

218 No original: " Do you see those cattle ?" - " I see nothing else but cattle".

219 No original: “the wealth of the province consists wholly in the estancias , or cattle-farms, where a number of black cattle, horses, mules and sheep”.

alguns rebanhos estavam domesticados e outros alçados, ou seja, eram animais que se encontravam em um estado semi-selvagem, já haviam sido domados, mas por algum motivo, como o abandono de estâncias em períodos de guerra ou por terem se agrupado com manadas selvagens, já não conviviam com a presença humana frequentemente.

“Durante o decênio revolucionário, o gado vacum aumentou consideravelmente e até alçou-se na maior parte dos campos abaixo da serra [...] esse gado assim alçado tornou-se um perigo para muitos criadores, porque levava consigo todo o gado manso, que apanhava em suas correrias. Foi preciso, como aos bizões norte americano, exterminá-lo por meio de caçadas, nas quais só se aproveitava o couro” (SILVEIRA, 1979, p.108).

Havia ainda uma grande quantidade de gado, de diferentes tipos, em estado selvagem, animais que descendiam daqueles que a muito tempo haviam fugido do controle humano. Os diferentes níveis de domesticação descritos acima foram apontados por Farinatti (2010) em artigo sobre a domesticação na região da campanha ao longo do século XIX. Um animal domesticado “é definido como um animal seletivamente criado em cativeiro e, por isso, diferente de sus antecessores selvagens, para ser usado por homens, que controlam sua procriação e sua alimentação” (DIAMOND, 1997, p.159), o objetivo da domesticação era “a modificação das espécies de modo a potencializar características úteis aos seres humanos e a eliminar as que lhes são um entrave” (FARINATTI, 2010, p.72-73), atuando sobre “aspectos fundamentais da vida animal e vegetal: proteção, nutrição e reprodução” (FARINATTI, 2010, p.73). As principais espécies de grandes mamíferos domesticadas pela humanidade, segundo Jared Diamond (1997) são: a ovelha, a vaca, a cabra, o porco e o cavalo. E os principais fatores para uma domesticação bem efetiva são: dieta de fácil manutenção, preferencialmente herbívoros; Taxa de crescimento; Sem dificuldades em procriar em cativeiro; Pouca agressividade e indivíduos que não sejam tão agitados durante o trato; Existência de uma estrutura social entre eles.

Buscando acompanhar os avanços na pecuária argentina e uruguaia do século XIX “os esforços para a modernização do rebanho sul-rio-grandense iniciaram timidamente na segunda metade do mesmo século e visavam ampliar a participação no mercado de carnes, que até então se limitava ao brasileiro e à pequena exportação para Cuba” (GERHARDT; ZARTH, 2021, p.126), para o contexto brasileiro “o Rio Grande do Sul foi uma das mais

importantes zonas de criação de gado dos séculos XVIII e XIX” (FARINATTI, 2006, p.136). Inicialmente “reuniam os animais em currais e invernadas. A partir destes pontos de concentração de gado, os rebanhos eram levados até São Paulo [...] o incremento tomado pelo negócio do gado, associado com seu abate para extração do couro, acabou por apressar a devastação do rebanho” (PESAVENTO, 1997, p.14), como resposta a diminuição do gado, passou a se investir na ocupação das terras e na criação efetiva desse gado, não apenas explorando o uso de animais alçados, como foi feito em um momento inicial. Essa economia pecuarista foi a grande expressão tanto do Rio Grande do Sul quanto dos outros Estados platinos.

Em zonas de Mata Atlântica, Warren Dean identificou que “na pastagem natural e sem cercas, o gado se reproduzia à vontade” (DEAN, 1996, p.128), escapando de onças e de doenças, tendo pouca intervenção humana que “se limitava à captura para castrar e marcar” (DEAN, 1996, p.128), e às vezes nem isso. Um método de captura era através do uso de boleadeiras ou do laço que pode ser visualizado na Figura 10. Dean comenta que o único suplemento alimentar dado era o sal, nutriente escasso em determinadas regiões. Todas essas informações eram semelhantes ao que se encontrava no Pampa, incluindo a preocupação dos viajantes em descrever quais locais o pasto apresentava quantidades suficientes de sal ou não. Sobre o cercamento das propriedades, Silveira que escreve que “hoje [1885] os campos, em toda parte do Rio Grande do Sul são fechados ou por cercas nativas ou por meio de cercas de arame de ferro, pregado em postes de madeira. São os chamados alambrados, mas naqueles tempos [1855] remotos nem disso se cogitava” (SILVEIRA, 1979, p.130), já “nos campos da fronteira, em sua quase totalidade, abertos, não era sem grande trabalho e fadiga, que se conseguia sujeitar a aquerenciar os gados” (SILVEIRA, 1979, p.108).

Sobre laçar os animais, Hemetério da Silveira escreve:

**Digna de admiração é a perícia**, com que nos serviços ou da castração dos tourinhos e potros ou em quaisquer outros serviços, um homem a cavalo, às vezes no campo em carreira cerrada, atira a laço e com este segura o terneiro, o animal cavalgar ou muar pelo pescoço, o boi ou a vaca pelos chifres (chama-se a isto enlaçar) enquanto outro atira também o seu laço e sujeita o bruto pelas patas trazeiras, ou dianteiras (chama-se isto pealar), outras vezes em campo franco atiram as bolas, a grande distância e prendem o animal pelas patas e chama-se a isso bolear. Seguro, por qualquer desses modos, **far-se-á do animal o mais bravio, o que se quiser** (SILVEIRA, 1979, p.119, grifo nosso).

Figura 10 – Método de atirar o laço



Fonte: MIERS, 1826, p.89.

O viajante exalta a habilidade da pessoa em lidar e dominar o animal, em um exemplo de superioridade humana sobre tais criaturas, já que mesmo os mais bravios se rendiam ao laço.

Sobre os cavalos, era comum que eles fossem trocados ao longo de uma viagem, procurando substituir os animais cansados por aqueles que estivessem descansados. Isso provocou com que os viajantes não se apegassem muito a esses animais, os enxergando mais como meios de transporte do que como companheiros de jornada. Além disso, alguns viajantes chegam a receber cavalos emprestados como ocorreu com membros da comitiva de Luccock (1942, p.108) os cavalos existiam em números tão impressionantes no Pampa que qualquer criador inglês ou leitor, podem imaginar serem números irrealistas, segundo o viajante. Os cavalos foram uma importante peça na sobrevivência de muitos povos indígenas que passaram a utilizá-los em seu cotidiano, Jared Diamond revela que:

graças ao domínio de cavalos e rifles, os índios das planícies norte-americanas, os índios araucânicos do sul do Chile, bem como os índios do pampa argentino, lutaram contra os invasores brancos por mais tempo que qualquer outro povo nativo, sucumbindo apenas às operações de grandes efetivos empreendidas pelos governos brancos nas décadas de 1870 e 1880 (DIAMOND, 1997, p.74).

Nem sempre as pessoas conseguiam lidar bem com o gado, um exemplo disso foram os quatro alemães que acompanhavam Beschoren, eles tinham dificuldade em lidar com os burros do grupo, restando a tarefa a Juco, um brasileiro, que “era chamado de todo os lados, correndo e ajudando, como um agente pacificador entre os homens e os burros” (BESCHOREN, 1989, p.15). O filho de Juco, Isidro, tinha apenas oito anos de idade e era responsável por conduzir a égua madrinha (BESCHOREN, 1989, p.16). As crianças no Pampa pareciam ter uma relação bem próxima desses animais pois desde os cinco anos de idade já montavam nos cavalos e partiam a toda velocidade, sem a necessidade de todos os equipamentos costumeiramente utilizados como rédeas e selas (BAGUET, 1997, p.46). Head (1827, p.28) menciona que as crianças gaúchas já cresciam no lombo de um cavalo, desviando dos buracos de viscachas espalhados pelo campo, perseguindo as emas e até mesmo as onças com suas boleadeiras. Elas estavam desde pequenas acostumadas com a lida no campo, auxiliando a reunir e marcar o gado. Em Maldonado Luccock diz que os habitantes da região só despendiam energia para uma atividade: cavalgar, “na qual demonstram grande energia e agilidade” (LUCCOCK, 1942, p.112). Em certa ocasião Saint-Hilaire está caminhando pelos campos nos arredores de Porto Alegre e chega até uma habitação, sendo questionado pela moradora porque motivo ele não estava a cavalo, já que “nesta região, toda gente, mesmo pobre, inclusive os escravos, não dão um passo sem ser a cavalo” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.52).

Por vezes o tratamento estabelecido com o gado era bastante cruel. Francis Bond Head menciona essa crueldade quando se trata dos cavalos, pois:

Certamente soa cruel esporear um cavalo com a mesma violência que às vezes é necessário fazer nos Pampas, e de fato é, mas há algo a ser dito como desculpa para isso; se ele está esgotado e exausto, seu cavaleiro também está – ele não é instigado por um propósito ocioso, mas está carregando um homem a negócios, e para o serviço do homem ele foi criado [...] ainda tem a sua liberdade [...] enquanto todo o país lhe proporciona comida, liberdade, saúde e diversão; e o trabalho que ocasionalmente realizou e os sofrimentos que suportou talvez possam ensiná-lo a

apreciar as planícies selvagens em que nasceu<sup>220</sup> (HEAD, 1827, p.230-231, tradução nossa).

O viajante coloca o cavalo em uma posição de prestador de serviços, em uma posição de escravidão perante os humanos. O cavalo não deveria reclamar e não se deveria ter pena de presenciar tal crueldade, pois esses animais estariam desempenhando uma função mais importante, que era fazer a economia continuar girando. Ao argumentar isso, Head anula completamente o sofrimento do animal e o seu bem-estar diante das necessidades humanas, do conforto e do luxo humano. O cavalo ainda deveria ser grato por receber ‘comida, liberdade, saúde e diversão’, como se não tivesse tudo isso em estado selvagem. Para completar o absurdo dessa passagem, o viajante ainda indica que os cavalos deveriam aprender a apreciar o lugar que haviam nascido, mesmo que estivessem sob constante exaustão e sofrimento. Os humanos teriam esse papel de benfeitores de ensinar um animal a apreciar o seu hábitat, mesmo que isso lhe custasse o sangue.

na Inglaterra, os cavalos nunca são vistos nesse estado; as esporas, calcanhares e pernas dos peões estão literalmente banhados em sangue, e dos lados dos cavalos o sangue flui constantemente em vez de cair. Depois desta descrição, para me fazer justiça, devo dizer que é impossível evitá-lo. Os cavalos não podem trotar [...] [impossível] pelo país, alterar o sistema de equitação que em todo o Pampas é cruel<sup>221</sup> (HEAD, 1827, p.49, tradução nossa)

Contrapondo as histórias de que havia manadas praticamente infinitas de gado selvagem pelos Pampas, John Miers escreve em 1819 comentando que:

As histórias contadas sobre os imensos rebanhos de gado selvagem que vagavam por estas planícies são totalmente falsas; não há, em nenhuma das províncias, gado sem dono e, conseqüentemente, nenhum que possa ser chamado de selvagem. Há gado

---

220 No original: “It certainly sounds cruel to spur a horse as violently as it is sometimes necessary to do in the Pampas, and so in fact it is, yet there is something to be said in excuse for it; if he is worn out and exhausted, his rider also is – he is not goaded on for an idle purpose, but he is carrying a man on business, and for the service of man he was created [...] still he has his liberty [...] while the whole country affords him food, liberty, health, and enjoyment; and the work he has occasionally performed, and the sufferings he had endured, may perhaps teach him to appreciate the wild plains in which he was born”.

221 No original: “In England, horses are never seen in such a state; the spurs, heels, and legs of the peons are literally bathed with blood, and from the sides of the horses the blood is constantly flowing rather than dropping. After this description, in justice to myself, I must say, that it is impossible to prevent it. The horses cannot trot [...] [impossible] through the country, to alter the system of riding which all over the Pampas is cruel”

selvagem ao sul de La Plata, entre os índios, sobre os quais os espanhóis não têm controle<sup>222</sup> (MIERS, 1826, p.20).

Segundo o viajante, todo o gado das estâncias está marcado e vigiado (MIERS, 1826, p.21), além disso ele demarca La Plata como o ponto meridional de onde o gado começa a aparecer selvagem, porém isso é relativamente próximo de Buenos Aires (50 km) e as planícies argentinas se estenderiam ainda por centenas de quilômetros. Além disso, seu relato não condiz com o que é apresentado no restante dos relatos. Sobre essas marcações realizadas nos animais, Baguet diz que “observara muitas vezes cavalos com a ponta da orelha cortada. O soldado que nos acompanhava me informou que pertenciam ao governo estes cavalos, que os estancieiros eram obrigados a cuidar e alimentar, o que, aliás, não era nenhum peso para eles” (BAGUET, 1997, p.59), pois havia alimento nos pastos de forma suficiente.

A lida com o gado e a pecuária se tornaram símbolos no bioma Pampa. O historiador ambiental Robert Wilcox defende que a atividade pecuária possui uma capacidade mais equilibrada com a natureza, pois “a relação entre o pecuarista e natureza pode permanecer em relativo equilíbrio por muito tempo e se adaptar às mudanças graduais impostas de fora da região”<sup>223</sup> (WILCOX, 2001, p.121, tradução nossa), porém, quando essas mudanças chegam de forma abrupta, esse equilíbrio é perturbado. Foi o que aconteceu no Pampa em tempos iniciais da colonização com a introdução repentina de toda uma biota portátil que alterou as paisagens, ecossistemas e elementos do mundo natural por todo o bioma.

## 5.9 OCUPAÇÃO HUMANA: OS CAMINHOS, A OBTENÇÃO DE ÁGUA E AS ENCHENTES

Uma das coisas mais importantes para estabelecer uma cidade era o acesso à água potável. A ocupação do território pampeano se deu muito pautada no acesso a fontes de água que servissem tanto para o consumo humano e animal como rotas fluviais, pois, “a via fluvial é sempre preferível à terrestre” (ISABELLE, 2006, p.175). No período era muito mais fácil

---

222 No original: “The stories told of the immense herds of wild cattle which rove over these plains are wholly untrue; there are not, in any of the provinces, unowned cattle, and consequently none that can be called wild.

There are wild cattle to the south of La Plata, among the Indians, over whom the Spaniards have no control”

223 No original: “la relación entre ganadero y la naturaleza puede estar em equilíbrio relativo por mucho tiempo y adaptarse al cambio gradual impuesto de afuera de la region”.

realizar viagens pelos rios e pelo mar do que pelos interiores. Isso refletiu muito na forma como o Brasil foi colonizado, com a maior parte das cidades e da população se concentrando em uma zona costeira ou não tão distante do litoral. Outro exemplo onde essa situação fica evidente é o trajeto de viagem de Herbert Smith, mapa 23, que tem como ponto de partida o Rio de Janeiro e o destino é Cuiabá. As duas cidades ficam distantes 1.500 km em linha reta terrestre, mas o viajante navega pelo mar até Buenos Aires e dali adentra na bacia hidrográfica do rio da Prata até chegar em Cuiabá, um trajeto cerca de três vezes maior, totalizando por volta de 4.300 km se percorrido sem desvios. Mesmo que a distância fosse muito superior, a falta de caminhos e de um meio de transporte terrestre veloz o suficiente, aumentava o tempo de viagem e o seus perigos e privações. Dessa forma, um dos grandes problemas de viagens no período, inclusive no Pampa, era as condições das estradas, a falta de estrutura como pontes. Para Francis Bond Head “o país, como descrito anteriormente, é plano, sem estrada, apenas uma trilha”<sup>224</sup> (HEAD, 1827, p.47, tradução nossa).

Em estudo sobre a região do estado de Santa Catarina através dos relatos de viagem, Samira Moretto identifica que dois pontos são importantes dificultadores da locomoção por aquele espaço, sendo eles “a acidentada topografia do planalto catarinense e a falta de vias de comunicação [que] eram um obstáculo para ligar o litoral ao planalto e oeste catarinense” (MORETTO, 2021, p.81). Na região dos Pampas, temos vários exemplos de problemas relacionados as rotas, com John Miers evitando a estrada principal que ligava Buenos Aires à Mendoza para escapar de possíveis ataques de bandos armados. Já Beschoren diz que para subir a serra geral na Província do Rio Grande do Sul, a melhor via era a estrada dos Pinhais, porém havia duas possibilidades, ambas “poucas vezes eram utilizadas [de] tão ruins” que eram (BESCHOREN, 1989, p.16), a primeira sendo o Paredão via Picada Velha e a segunda sendo a Picada Sinimbú, essa última a qual escolheu percorrer mesmo sabendo que não apresentava a melhor alternativa.

Muitas vezes os viajantes ao chegarem em uma localidade passavam a observar tudo o que era produzido na região e tudo o que poderia ser produzido de acordo com as características gerais da natureza local, dos recursos disponíveis, da situação do comércio

---

224 No original: “The country, as before described is flat, with no road but a track”.

regional, entre outros aspectos. Porém a falta de acesso a região poderia frustrar qualquer tipo de planejamento e iniciativa propostos:

As projeções feitas por Avé-Lallemant, visando ao progresso da região não contavam com um elemento fundamental: a falta de estradas para escoarem os gêneros produzidos no planalto. Cultivar, fabricar ou manufaturar, até aquele momento, poderia ser um grande prejuízo, considerando que não havia estradas para o transporte (MORETTO, 2021, p.85).

Na falta de estrutura terrestre necessária, as vias fluviais continuavam exercendo papel de destaque, enquanto o acesso à água potável eram outro elemento importante a ser considerado para o estabelecimento de novos assentamentos. Podemos notar que “os passos da penetração espanhola na América foram a descoberta, exploração, conquista e fundação de cidades, que eram a instância necessária para a criação de um assentamento permanente”<sup>225</sup> (TOURN, 2001, p.276, tradução nossa), as cidades eram a materialização e o símbolo de um novo poder na região, geralmente sinônimos de segurança para os seus habitantes perante os perigos do mundo exterior e ‘selvagem’, um contraponto aos grupos indígenas que já habitavam uma região e que se organizavam de outras maneiras pelo espaço.

Devido ao caráter fixo das cidades, elas precisavam ficar próximas de fontes de água como nascentes, arroios, rios ou, pelo menos, locais que tivessem água no subsolo de fácil extração. Dessa forma a maioria das cidades do Pampa foram estabelecidas e cresceram nas margens de rios e arroios.

O controle sobre a água tem estado no centro de transformações históricas fundamentais. Estas vão desde a origem da agricultura, o nascimento das primeiras cidades, a ascensão das civilizações, até à utilização da água como principal fonte de energia durante as primeiras fases da revolução industrial. Durante o século XIX, as práticas foram transformadas e o líquido tornou-se literalmente um lubrificante para a industrialização, urbanização e intensificação agrícola; Esta transição para um regime sociometabólico industrial exigiu um enorme abastecimento seguro e contínuo<sup>226</sup> (GARNERO, 2022, p.37, tradução nossa).

---

225 No original: “Los pasos de la penetración española en América fueron descubrimiento, exploración, conquista y fundación de ciudades, que eran la instancia necesaria para crear un asentamiento permanente.”

226 No original: “El control sobre el agua ha estado en el centro de transformaciones históricas fundamentales. Estas van desde el origen de la agricultura, el nacimiento de las primeras ciudades, el ascenso de civilizaciones, al uso del agua como principal fuente de energía durante las primeras fases de la revolución industrial. Durante el siglo XIX, las prácticas se transformaron, y el líquido se convirtió literalmente en un lubricante para la industrialización, urbanización e intensificación agrícola; esta transición hacia un régimen

Estabelecer moradia próximas aos rios não foi uma dificuldade, já que toda a extensão dos Pampas é bem servida de cursos de água.

O leitor que tiver consultado um mapa da América do Sul provavelmente ficará impressionado com a quantidade de rios indicados como intersecções: as Províncias Argentinas, que parecem ser um país bem irrigado; mas o fato é que a maioria deles são cursos de água rasos, cujos fluxos lentos quase secam no verão, embora fiquem inchados pelas chuvas de inverno, e logo transbordam e inundam as planícies. O Prata, o Uruguai, o Gualaguay e o Paraná são os únicos rios dignos desse nome<sup>227</sup> (MACCANN, 1853a, p.197-198, tradução nossa).

A descrição de William MacCann desconsidera todo o lado oriental do Pampa, onde o viajante não esteve. No mapa 28 podemos verificar que o lado argentino do Pampa é predominantemente constituído de rios intermitentes, que não tem fluxo contínuo de água. Enquanto o lado oriental do Pampa, no território brasileiro e uruguaio, os rios tem características perenes, ou seja, permanecem com um fluxo constante de água.

O acesso à água parece ter sido um problema bem maior na parte argentina, já que a própria capital, Buenos Aires, apresentava problemas com acesso à água que era “é extremamente impura, escassa e, conseqüentemente, cara”<sup>228</sup> (HEAD, 1827, 36, tradução nossa). Em Rojas, na província de Buenos Aires, os habitantes precisavam cavar poços para obter água fresca, já que a presente na superfície da região era muito salina (MIERS, 1826, p.34). Na localidade vizinha, Mercedes, também se bebia água de poço (MIERS, 1826, p.45).

Em finais do século XIX e especialmente no século XX, “na Argentina, a ideia de modernizar os rios tinha dois objetivos: por um lado, corrigir ‘deficiências naturais’ nos regimes hidrológicos e, por outro, transformar os usos tradicionais da água”<sup>229</sup> (GARNERO, 2022, p.41, tradução nossa), assim se procurou fazer obras de irrigação, represas e desvios de

---

sociometabólico industrial, requirió de un enorme suministro seguro y continuo”.

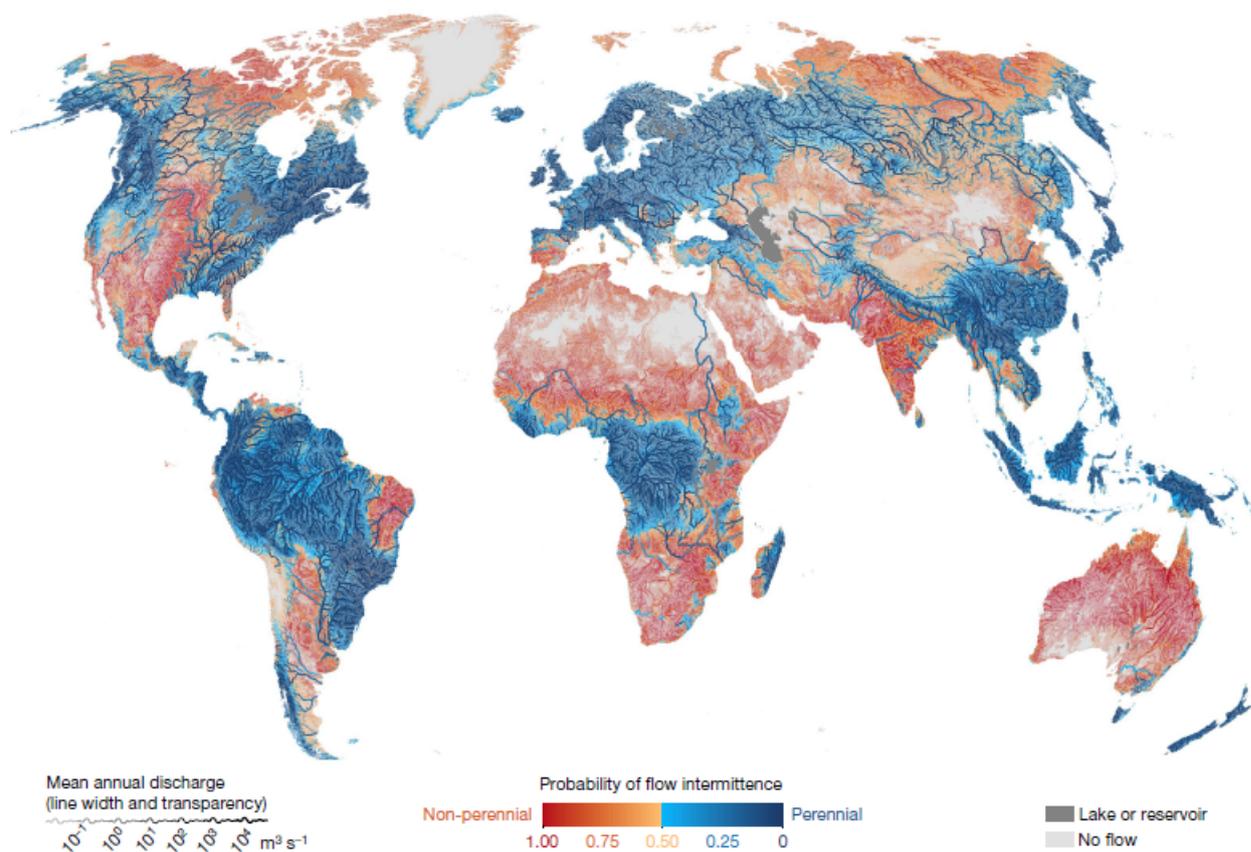
227 No original: “The reader who may have consulted a map of South America, will probably have been struck with admiration at the number of rivers indicated as intersecting: the Argentine Provinces, which appear to be a well-watered country; but the fact is, that most of these are shallow water-courses, whose sluggish streams are almost dried up in summer though they become swollen by winter rains, and soon overflow their banks, and inundate the plains. The Plata, the Uruguay, the Gualaguay, and the Parana, are the only rivers worthy of the name”

228 No original: “is extremely impure, scarce, and consequently expensive”.

229 No original: “En Argentina, la idea de modernización de los ríos tenía dos objetivos, por un lado, corregir “deficiencias naturales” de los regímenes hidrológicos y por otro transformar los usos tradicionales del agua”.

cursos de água para atingir zonas antes áridas e que careciam da presença de água. O objetivo era “maximizar a rentabilidade do solo”<sup>230</sup> (GARNERO, 2022, p.41, tradução nossa), ou seja, buscar um melhoramento do meio em prol da atividade humana.

Mapa 28 – Rios Perenes e não perenes no mundo



Fonte: MESSAGER, 2021, p.392.

A água também era uma preocupação para aqueles que programavam viagens pelo Pampa, Bishop ansioso em saber como faria a travessia pelos Pampas a pé perguntou a um irlandês que vivia em Buenos Aires: “quantos dias você consegue ficar convenientemente sem água? [ele respondeu] ‘Dois ou três, talvez’”<sup>231</sup> (BISHOP. 1870 p.37, tradução nossa). Ficar sem água durante a viagem era um risco previsto, pois “nas planícies desprovidas de água, ou durante as secas, a sede é um tormento terrível para o viajante e os animais” (BAGUET, 1997,

230 No original: “maximizar la rentabilidad del suelo”.

231 No original: “How many days can you conveniently go without water? ‘Two or three, perhaps’”.

p.55). Para Charles Darwin seria necessário apenas algumas coisas para realizar uma viagem, dentre as quais registra que “tínhamos aqui as quatro coisas necessárias para a vida ‘*en el campo*’ – pasto para os cavalos, água (apenas uma poça lamacenta), carne e lenha. Os gaúchos estavam animados por encontrar esses luxos” (DARWIN, 2008, p.90).

A situação do lado brasileiro do Pampa parecia ser mais propícia com muitas cidades tendo bons acessos às fontes de água. Em Cruz Alta elas estavam por toda a região (SILVEIRA, 1979, p.266) e a vizinha Passo Fundo também apresentava “abundância de água puras e cristalinas, sempre correntes” (SILVEIRA, 1979, p.301). Beschoren afirma que um dos ‘méritos’ de Santo Ângelo é ficar próxima de um regato de água (BESCHOREN, 1989, p.72) e posteriormente ele comenta para Palmeira das Missões que os povoadores se estabeleceram longe dos rios “a distância as águas é sempre um inconveniente para uma povoação, [mas ali] compensado porém pela situação extremamente saudável e do soberbo panorama” (BESCHOREN, 1989, p. 84) da cidade. A questão sanitária todavia nem sempre era a ideal, água parada era já vista como um sinal de doenças e a limpeza nem sempre era das melhores, nas margens do Guaíba, em Porto Alegre, “vêm-se negros encher seus cântaros no mesmo lugar em que os outros acabam de lavar as mais emporcalhadas vasilhas” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.46).

Os Pampas compõem basicamente o que é chamado de Corredor dos tornados da América do Sul, uma zona com condições climáticas e topográficas ideais para a formação de tempestades e tornados. As fortes chuvas e a conseqüentes cheias são relatadas em diversos momentos pelos viajantes. A recente enchente histórica ocorrida no Rio Grande do Sul em Maio de 2024 nos faz refletir sobre como as enchentes ocorreram no passado e os relatos de viagem podem nos indicar alguns dados interessantes. Apesar de serem fenômenos que sempre ocorreram no Pampa, vemos que as enchentes estão cada vez mais frequentes e atingindo níveis cada vez maiores. Das treze maiores cheias do Guaíba, oito foram no século XXI, sendo sete nos últimos dez anos, segundo dados da MetSul Meteorologia. As enchentes ainda são intensificadas na questão de danos e mortandade devido a forma de ocupação da terra, que se originam muito no século XVIII e XIX, com as cidades sendo estabelecidas exatamente nas margens dos rios e com todos os impactos e modificações humanas no ambiente, como os aterros em Porto Alegre.

O Rio Jacuí, um dos rios mais afetados pelas chuvas de maio de 2024, é descrito por Baguet como tendo “ilhas encantadoras, mas **inabitáveis por causa das enchentes** que ali se dão com **tanta frequência**, e muitas vezes nossa canoa roçou o cume dos arbustos que cresciam nos terrenos inundados.” (BAGUET, 1997, p.44, grifo nosso). Se Baguet é receoso de construir qualquer coisa nessas ilhas, o mesmo não pode ser dito de Saint-Hilaire, para ele “não haveria nada mais delicioso no mundo, se as margens do Jacuí ou do Uruguai fossem habitadas por homens trabalhadores; se um dia as casas de campanha e jardins margeassem esses rios e se, no meio das árvores que cobrem essas ilhas de que falei, avistássemos plantações e moradias” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.222). De certa forma as ilhas do rio Jacuí não foram ocupadas de forma intensa ao longo dos séculos, sendo inclusive protegidas através da criação da Área de Proteção Ambiental Estadual Delta do Jacuí e do Parque Estadual do Delta do Jacuí, criados em 2005. Se essas ilhas fossem densamente povoadas os danos da recente enchente teriam sido muito mais devastadores.

Beschoren após passar por oito dias de intensas chuvas descendo do planalto riograndense para a depressão central do Rio Grande do Sul, tenta atravessar durante a noite o Rio Pardo próximo de Candelária para não atrasarem ainda mais a viagem. Porém ali quase perdem animais, bagagens e pessoas, desistindo da ideia e acampando ali mesmo (BESCHOREN, 1989, p.94). O viajante reclama bastante das condições climáticas e de ter que viajar a baixo de chuva, pensamento semelhante ao de Isabelle que pontua que uma estação chuvosa dificulta comunicação, os terrenos se transformam em lodaçais, carretas ficam atoladas, as casas construídas de junco ou de caniço absorvem as águas da chuva para o interior das residências, todos se trancam em casa, o comércio para, as viagens demoram mais tempo “enfim, é desânimo e tristeza, e os próprios animais parecem tristes e abatidos” (ISABELLE, 2006, p.189)

Vários projetos para Porto Alegre estavam sendo pensados no século XIX, Isabelle menciona que se planejava construir um cais com o objetivo de aterrar parte do lago Guaíba e assim expandir o terreno da capital da Província, o que acabou ocorrendo décadas mais tarde<sup>232</sup>. Esse projeto tinha o objetivo de barrar o avanço das águas durante as cheias que eram

232 O primeiro aterro na cidade de Porto Alegre pode ser encontrado em uma planta da cidade datada de 1862 (SOUZA, 2005), esses seguiram sendo construídos, expandindo as terras da cidade e alterando a paisagem ao longo do século XIX e XX. Os aterramentos demonstram anos de planejamentos públicos e reflexão

frequente, tendo a mais recente ocorrido no final do ano de 1833 Isabelle (2006, p.240). Dreys aponta para fortes chuvas no início do século que duraram quatro meses e deixaram a cidade de São José do Norte em grande perigo. O próprio Dreys presenciou um forte temporal na cidade de Rio Pardo que a deixou em ruínas em instantes “todas as vidraças e grande parte dos telhados caíram quebrados; paredes inteiras foram derrubadas, e outras crivadas como pela metralha; todas as árvores das quintas ficaram quase reduzidas ao tronco principal, e muito gado morreu” (DREYS, 1990, p.54). Fenômenos drásticos como este não eram comuns segundo o viajante, mas demonstravam que por vezes a natureza se fazia presente de forma destruidora causando estragos, prejuízos e mortes. Outros períodos de fortes chuvas foram descritos como entre “Junho e Julho ocorrem ‘grandes chuvas’, ‘segundo informações’, para toda a região de Rio Grande e Pelotas. As águas das chuvas enchem os campos baixos e brejos e por vezes alagam até mesmo os campos de areia movediça” (LINDMAN, 1974, p.27), já chuvas continuadas “aparecem muitas vezes em maio, inundando grandes extensões das planícies e formando lagoas” (LINDMAN, 1974, p.130-131) nas planícies riograndenses.

Um dos pontos mais críticos de Porto Alegre em momentos de enchentes eram as ilhas do Guaíba, hoje fazendo parte do bairro Arquipélago. A cidade de Porto Alegre era descrita por Baguet como:

uma das localidades mais pitorescas do Brasil. Construída na encosta de uma colina, tem vista para a enseada coberta de navios e para cinco rios, dispostos exatamente como os dedos de uma mão aberta, que se lançam na baía do Rio Guaíba [...] estes rios de cursos muito sinuosos contêm várias ilhotas soberbamente arborizadas, mas que **ficam submersas por ocasião das enchentes**” (BAGUET, 1997, p.33, grifo nosso).

Outros locais do Pampa sofriam com enchentes ainda no século XIX, como é o caso da província de Entre-Rios, na confluência entre Espinal, Delta e Ilhas do Paraná e Pampa. Muitas vezes os rios inundam e vazam para zonas mais baixas, onde a água fica ali represada, criando lagos temporárias que afetam o seu uso para a agricultura e a própria ocupação da terra (SCHMIT, 2006). Em uma chuva seguida de enchente mais de 5% do gado ovino de Concepción del Uruguay, município de Entre-Ríos, faleceu (SCHMIT, 2006). Darwin teve que interromper o percurso de sua viagem e dormir na casa do guia em Canelones, pois vários

---

sobre a dinâmica da cidade e do mundo natural.

rios inundaram devido as chuvas (DARWIN, 2008, p.174) da primavera, no meio de Novembro de 1833, mesmo período da grande cheia mencionada por Isabelle em para Porto Alegre. Maximiliano Beschoren também identifica que o rio Pardinho “durante as enchentes se torna um sujeito bastante selvagem” (BESCHOREN, 1989, p.17), sendo mais facilmente transposto durante períodos de seca. O rio pardinho nascia na serra da Mata Atlântica e percorria um trecho de Pampa até desaguar no rio Pardo e então no rio Jacuí.

#### 5.10 OS CINCO SENTIDOS DO VIAJANTE: A PERCEPÇÃO TOTAL DO AMBIENTE

Quando tratamos de percepção ambiental a partir dos relatos de viagem acabamos focando muito na recepção visual dos viajantes, naquilo que observavam e viam, falamos das visões deles sobre determinado assunto. Porém, a apreensão do mundo é muito mais diversa do que o sentido visual é capaz de perceber, temos que pensar os relatos a partir de todos os sentidos do viajante, de sua percepção, não sua visão. Buscamos ao longo de toda pesquisa partirmos dessa perspectiva que acreditamos ser um avanço na lida com esse tipo de fonte. É claro que a visão compõe a maior parte do que é registrado por um viajante em seu texto, porém enquanto viajava ele ouvia o som dos pássaros, sentia o vento em sua pele, o cheiro das flores no campo e o sabor dos alimentos típicos da região. Ele tinha uma experiência completa e o registro dos outros sentidos por vezes aparece nos relatos.

Procuramos trabalhar com um conceito mais abrangente, como o de percepção, pois “o cientista que se fez viajante escolheu não apenas ver com os próprios olhos, mas ouvir e sentir com o próprio corpo os fenômenos lá onde aconteceram” (KURY, 2001, p,879). Warren Dean também parte dessa perspectiva, para ele “o naturalista deve deixar-se envolver até os ouvidos pelos odores e texturas da realidade sensível”<sup>233</sup> (WORSTER, 1994, 78) ele deveria ser um naturalista ‘rato-almiscarado’, imerso na natureza, segundo as opiniões de David Thoreau, que através do “cheirar ou tocar uma natureza tangível e palpável despertou em nós um sentimento de ‘vastas alianças’ e relacionamento universal. Ele poderia então sentir-se estendido para além dos limites do seu pedaço individual de matéria, capaz de ter

---

233 No original: “The naturalist must allow himself to be engulfed to his very ears in the odors and textures of sensible reality”.

acesso à energia vital que existe na natureza”<sup>234</sup> (WORSTER, 1994, 78, tradução nossa). Esse também é um pouco do trabalho do historiador ambiental, estar imerso no ambiente, sempre que possível.

Existe “uma longa tradição ocidental [que] privilegiou a visão sobre os outros sentidos. Na paisagem tudo converge para esse sentido, tudo se dá no olhar. Temos um extenso vocabulário para descrever o que vemos” (RUNDVALT, 2016, p.11) e nem tão longo para descrever outras sensações que experienciamos. Porém nem tudo é presença de sentido, mas também sua ausência - esse jogo entre presença e ausência é outro norteador que tivemos ao longo da pesquisa. “O silêncio mortal da planície, os cães vigilantes, o grupo cigano de gaúchos fazendo suas camas ao redor do fogo, tudo isso deixou em minha mente uma imagem marcante dessa primeira noite e que nunca será esquecida” (DARWIN, 2008, p.90). Nas ilhas do rio Uruguai:

aspecto delicioso, um ar embalsamado, suave e inebriante [...] cujo **silêncio** só é perturbado pelo arrulho das tímidas e carinhosas rolas, abundantes por toda a parte, e pelos bandos de periquitos que parecem reis, de tal modo fazem retinir o eco de seus gritos agudos. Se imaginais um belo céu azulado, uma atmosfera diáfana, apenas ondulada pela brincadeira etérea dos zéfiros, que, ocupados a arrastar pelo céu pequenas nuvens de ouro, não enrugavam mais a superfície da onda e a deixavam refletir, com a rica vegetação das ilhas, nosso navio, suas velas, seus cordames e até a garça-real que voava lá em cima, podereis compreender a delícia, o bem-estar indefinível que sentíamos no meio desse rio tranqüilo correndo majestosamente junto às margens, que ele parece fertilizar, só para fazer delas um adorno e velar seus **encantos aos olhos** profanos (ISABELLE, 2006, p. 153-154, grifo nosso).

Outros relatos sonoros podem ser notados nos relatos como quando durante a madrugada em Lastunas, Miers diz ter sido “despertado por um barulho horrível; nenhum grito indiano poderia ter sido mais terrível [...] os uivos unidos de vinte ou trinta cães, que, em notas diferentes, emitiam os gritos mais discordantes e terríveis que se possa imaginar”<sup>235</sup> (MIERS, 1826, p.58, tradução nossa). Ou quando, nas muitas vezes que navegaram o rio São de São Gonçalo, Dreys e seus companheiros “ouvíamos, nas primeiras horas da noite, os

234 No original: “smell or touch a tangible, palpable nature aroused in hum a sense of ‘vast alliances’ and universal relatedness. He could then feel himself extended beyond the limits of his individual lump of matter, able to achieve access to the vital energy that is in nature”.

235 No original: “I was suddenly roused by a most hideous noise; no Indian yell could have been more terrific [...] the united howlings of twenty or thirty dogs, which, in different notes, sent forth the most discordant and terrific yells imaginable”.

estrondosos ruídos dessas feras corresponderem-se de um a outro lado do rio” (DREYS, 1990, p.61).

Escrevendo em 1886, Hetério da Silveira diz:

comprometendo-se todos a conservar limpa sua testada sobre a estrada [e] eis a razão por que, em nosso último trajeto, já não ouvíamos, como outrora, durante duas ou mais horas de marcha, os estrídulos das arapongas e outras aves da selva. Agora, com a permanente habitação dos posseiros, ouvem-se sim, os golpes dos machados, derrubando árvores para madeiras de construção e lenha, ou preparando a terra para a plantação de legumes; - ouve-se o rumor dos monjolos triturando a erva-mate ou o milho para farinha. Bem caro devem custar um dia essas derrubadas e os incêndios. Em toda a parte do Brasil (mas especialmente no sul) a destruição das árvores da selva sem a menor reserva, extinguindo-as mesmo, produzirá a secura da terra e até a alteração do clima, tornando-o insalubre (SILVEIRA, 1979, p.166).

Teríamos muitos trechos de relatos para ilustrarmos e analisarmos sobre outros sentidos ou mesmo sobre outros temas, mas talvez seja bom encerrarmos com esse último trecho de Silveira que sintetiza a ocupação da terra. Já não se escuta mais os sons dos campos e matas, se escuta o barulho dos humanos chegando ao local, modificando a natureza, fazendo a lida do trabalho e deixando suas marcas e impactos por onde passam. O Pampa não escapou de intensas e marcantes alterações ambientais, pelo contrário, foi um espaço amplamente antropizado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa investigamos quais foram as formas de percepção ambiental nos relatos dos quinze viajantes selecionados, partindo da história ambiental. Esses viajantes carregavam consigo ideias já preconcebidas a respeito da natureza. Ao longo do século XIX eles desembarcavam no Pampa observando pela primeira vez um ambiente totalmente novo à sua percepção. Influenciados pelo Romantismo e pelo Neo-Iluminismo, cada viajante descreveu o que vivenciou no Pampa de diferentes formas, e dessa maneira identificamos quais eram as concepções de cada viajante a respeito da natureza e como elas interagiram com cada elemento do mundo natural e como ressoaram com as paisagens do Pampa.

Verificamos que os viajantes analisados apresentavam pensamentos bastantes diversos entre si e recebiam influência tanto do movimento romântico quanto do movimento neo-iluminista, que se configuravam como as principais correntes do pensamento no período. A maioria dos viajantes tende a ser mais influenciados pelo romantismo, porém o mais recorrente é que o viajante apresentasse ideias mistas, até porque os movimentos não eram totalmente opostos. Não notamos ao longo do século XIX uma clara modificação de tendência que pudesse demonstrar que algum movimento se tornou predominante em algum período do século, estando ambos presentes ao longo de todo recorte temporal.

Observamos como a biota portátil trazida pelos europeus a partir do século XVI, acabou alterando a biodiversidade do bioma Pampa de forma drástica, o que demonstra que os impactos ambientais ocorrem na região muito antes de um processo de industrialização. Os humanos provocam distúrbios ambientais em grandes proporções a séculos, e o que ocorreu no Pampa é um bom exemplo a ser estudado. O gado vacum e o gado cavalari tomaram conta dos campos e se tornaram símbolos da região, mesmo sendo animais exóticos. O cardo foi uma planta encontrada em grandes extensões do campo e relatada por inúmeros viajantes, sendo por vezes considerada uma praga e em outros momentos aproveitada para suprir a baixa oferta de madeira. Os impactos ambientais presentes no século XIX são distintos dos desafios encontrados atualmente, no século XXI, mas muito dos problemas do período estudado tem fortes desdobramentos até os dias de hoje, como é o caso da forma como as cidades foram

construídas nas margens dos rios do Pampa e da contínua introdução e produção de monoculturas exóticas em seu território.

Um dos objetivos que almejamos ao longo da pesquisa foi investigar os motivos pelos quais o Pampa foi vinculado com a ideia de deserto, ideia essa que está presente no imaginário coletivo até a atualidade. O Pampa, nessa perspectiva, é visto como um espaço vazio e propenso a ser modificado, pois a sua natureza e as pessoas que ali vivem acabam não sendo considerados. Isso provocou intensa devastação de campos nativos e também a morte ou deslocamento de populações indígenas no século XIX. Buscamos desconstruir essa visão de deserto atrelada ao Pampa, trazendo informações sobre a biodiversidade e a importância desse bioma e de seus ecossistemas, especialmente das áreas campestres que geralmente são desvalorizadas na preservação ambiental.

As diferentes percepções ambientais dos viajantes sobre o bioma Pampa nos revelam mais a respeito das ideias sobre a natureza no período e no espaço estudado, que até então careciam de um estudo mais aprofundado por parte dos historiadores. A pesquisa foi realizada a partir da análise de um extenso escopo documental oferecendo uma investigação pautada em uma grande diversidade e quantidade de material. E tratou de um recorte espaço-temporal pouco analisado, oferecendo um levantamento de um quadro geral de inúmeras temáticas que podem ser trabalhadas a partir do que se encontrou nas fontes e foi discutido na tese.

Acreditamos que com essa pesquisa contribuimos ao campo da história ambiental, especialmente por tratar de um recorte espacial e temática pouco estudados pela historiografia. A centralidade da pesquisa no entorno do conceito de bioma também oferece a abertura de um diálogo com outras propostas de pesquisa que investiguem outros biomas brasileiros ou outras escalas de classificação, como ecorregiões e ecossistemas. O caráter transnacional também abre um canal de diálogo com investigações em diversos países. Ao longo do trabalho consideramos a fronteira como um elemento importante, porém não limitador de nossa análise, oferecendo uma proposta de recorte espacial que ultrapassa os limites do Estado nacional, que são geralmente os limites de uma pesquisa histórica.

Em determinado momento da pesquisa procuramos realizar um exercício de análise quantitativa dos dados extraídos dos relatos de viagem, porém devido a grande inconsistência serial das fontes não foi possível de ser realizada uma análise desse tipo. Acreditamos que tal

proposta possa ser realizada de alguma forma no futuro. Também acreditamos que a utilização dos relatos de viagem com outros tipos de fontes, como relatórios de presidente da província, listas e dados estatísticos de produção ou até mesmo inventários *post-mortem* podem oferecer novas possibilidades de pesquisa.

Uma das intenções da pesquisa foi criar uma continuidade ao estudo da região e estimular que novos trabalhos sejam realizados ou que minimamente outros historiadores passem a considerar o recorte ambiental em suas pesquisas nos campos de história social, política, econômica, entre outros. O Pampa não pode ser apenas um quadro branco que nada interfere ou que não sofre interferência das ações humanas estudadas pelos demais historiadores. O Pampa, suas paisagens, seus animais, suas plantas e a miríade de coisas que nele habitam são agentes históricos. Juntos com os humanos compõem a História e ignorá-los é perder boa parte da compreensão do passado.

Pretendemos continuar avançando no estudo do bioma Pampa e planejamos em breve publicarmos um estudo que rastreie o uso do conceito de Neoeuropa em trabalhos de história ambiental no Brasil, em história ambiental fora do país e em outras áreas da historiografia. Outra questão que pretendemos aprofundar é recuar o recorte temporal e buscar o momento que o Pampa passa a ser entendido como uma unidade, como uma macrorregião. Para isso precisaremos iniciar um diálogo com trabalhos antropológicos e arqueológicos.

Queremos também aperfeiçoar os mapas criados na plataforma Google Maps, inserindo para cada localidade passagens dos relatos que sejam relevantes. A ideia também é integrar os mapas em um único mapa, onde as camadas representem cada viagem e possam assim ser visualizadas em conjunto, gerando comparações. Essa ferramenta sendo melhorada poderá ser utilizada no ensino de História e um debate com a História Espacial pode ser aprimorado, gerando outros mapas. Um estudo sobre mapas históricos ou mesmo da iconografia presente nos relatos pode ser planejado.

A partir dos vários temas que rastreamos podemos escolher um dos vários caminhos que estão a nossa disposição. Os desastres socioambientais como as enchentes já aparecem nos relatos e podem ser uma alternativa bastante relevante para o momento em que vivemos. A história animal com o estudo das relações humanas com os não-humanos é um outro caminho que chama bastante atenção e podemos continuar explorando o trabalho com as

espécies exóticas na região, com a temática da caça e da pesca também. Estudos comparativos com outras neoeuropas ou regiões de planície ao redor do mundo podem ser uma possibilidade de um estudo em história global.

Podemos retornar ao primeiro parágrafo dessa tese. Essa pesquisa foi como um longo caminho pelos Pampas, o estudo do pensamento ambiental no período foi uma rota central e percorrendo ela encontramos uma infinidade de caminhos que podem nos levar a novas pesquisas e a um aprofundamento do nosso conhecimento sobre o passado do Pampa em diversas perspectivas e escalas. Ao longo dos anos exploramos algumas veredas a muito abandonadas, abrimos algumas trilhas por essas planícies, as vezes tivemos que dar meia-volta e retornar ao caminho principal pois tudo era tão atrativo e dispersivo que acabávamos nos perdendo. Encerramos essa viagem, com a esperança que tenhamos apresentado aqui alguns caminhos que possam ser explorados por nós e por outros pesquisadores no futuro.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Mirhiane Mendes de. O índio brasileiro e a concepção romântica da natureza. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velásquez; ZUPPA, Graciela (orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Editora UEL, 2001. p.49-64.
- ÁGOAS, Frederico. História das Ideias, História das Ciências Humanas e sociologia do conhecimento. In: **História, Ciências e Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.2, abr.-jun. 2017. p.465-482.
- AHLERT, Jacqueline. Surpreendente e melancólico. Reminiscência missioneira: o olhar de Robert Avé-Lallemant (1858). In: CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. (Org.). **Relatos de Viagem como fontes à História**. 1ªed.Porto Alegre: EDIPUC RS, 2012. p. 33-44.
- ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. Visões do Rio Grande: a cidade sob o prisma europeu no século XIX. Rio Grande: Universidade do Rio Grande (FURG), 1995.
- AMARAL, Marise Basso. **Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- ANDRADE, Bianca. 12,500+ and counting: biodiversity of the Brazilian Pampa. **Frontiers of Biogeography** 2023. p.1-14.
- ARCHONTOULIS, Sotiros; *et al.* Phenological growth stages of *Cynara cardunculus*: codification and description according to the BBCH scale. In: **Annals of Applied Biology**, 2010. p.253-270.
- ARMANI, Carlos Henrique. Reflexões sobre o contexto na história intelectual: entre a virada linguística e o novo materialismo filosófico. In: **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 19, p. 80-102, 2015.
- BAEZA, Santiago; *et al.* **Two decades of land cover mapping in the Río de la Plata grassland region: The MapBiomass Pampa initiative**. Remote Sensing Applications-Society And Environment, v. 28, 2022. p. 1-41.
- BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEINART, William; MIDLETON, Karen. **Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão**. Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009. p. 160-180.
- BELL, Stephen.. **Campanha Gaúcha: A Brazilian Ranching System, 1850-1920**. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- BOOMGAARD, Peter. Southeast Asia in Global Environmental History. In: MCNEILL, John; MAUDIN, Erin. **A Companion to Global Environmental History**. Oxford: Blackwell, 2012. p.81-95.

BRAGA, Daniel Dutra Coelho. **Colonialidade nos trópicos: a América Meridional e as viagens de volta ao mundo da marinha francesa (c.1815- c.1852)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019.

BRANDING, David. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina Colonial**. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. p. 391-446.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo – Séculos XV-XVIII**. As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CABRAL, Diogo de Carvalho; OLIVEIRA-COSTA, Jorge Luis. O bioma Mata Atlântica como historicidade relacional. In: **Biomass, historicidade e suas temporalidades: uma visão histórico-ambiental**. SCHUCH, Cristiane (*et al.*) São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 135-149.

CACOPARDO, Fernando; PASTORIZA, Elisa; SÁEZ, Javier. Artefactos y prácticas junto al mar. Mar del Plata: El camino de apropiación del sur, 1880-1940. ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velásquez; ZUPPA, Graciela (orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Editora UEL, 2001. p.1-48.

CARVALHO, David da Silva; GIL, Tiago Luís. Mensurando a narrativa no espaço: a fronteira por meio dos diários de José Maria Cabrer. In: SCHMITT, Ânderson; WINTER, Murilo [orgs.] **Fronteiras na História: Atores sociais e historicidade na formação do Brasil Meridional (Séculos XVIII-XX)**. Chapecó: Editora Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2021. p.59-74.

CASTILHOS, Zélia Maria de Souza; MACHADO, Mirela Dias; PINTO, Marcelo Fett. Produção animal com conservação da flora campestre do bioma Pampa. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p.199-205.**

CESCO, Susana. Meio Ambiente e Fronteira: a exploração dos recursos naturais nas fronteiras Brasil-Argentina-Uruguai. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015**, Florianópolis. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

CESCO, Susana; FEIL, Helena; SILVA, Carla. Meio Ambiente e Fronteira: a Exploração dos Recursos Naturais na Fronteira Brasil-Argentina-Uruguai. In: **Revista perspectiva geográfica** (online), v. 11, n.15, jul.-dez, 2016. p. 152-164.

CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre a historiografia e relatos de viagem. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, nº11, 2010. p.26-33.

CILIBERTO, Maria Valério; DUPUY, Andrea; PRINCIPI, Andrea. Relatos de viajeros e historiografía: paisaje rural y sociedad urbana en el Buenos Aires de la primera mitad del siglo XIX. In: **Aedós**. Revista do corpo docente do Programa de Pós-Graduação da UFRGS. V.1 n.1, 2008.

CIPRIANO, Diego Mendes; MACHADO, Carlos Roberto da Silva. A cidade do Rio Grande e sua natureza na visão de um cronista do século XIX. **REMEA - Revista Eletrônica do**

**Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2014. p. 231–251. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4280>. Acesso em: 4 mar. 2022.

CONRAD, Sebastian. **What it is Global History?** Princeton University Press, 2016

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens – construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. In: **Varia História**. UFMG – vol.24, nº39, 2008

CORREA, Silvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de Promissão: Uma introdução à Eco-história da colonização no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul; Passo Fundo: Edunisc; Ed. UPF, 2006.

COUTINHO, Leopoldo Magno. **O conceito de bioma**. Acta Bot. Bras., São Paulo, v. 20, n. 1, Mar. 2006. p. 13-23.

CRONON, William. **Changes in the land: Indians, Colonists and the Ecology of New England**. Ebook, 2011.

CROSBY, Alfred. O debate sobre o despovoamento dos índios americanos. In: **História e meio-ambiente: o impacto da expansão europeia**. Actas do Seminário internacional. Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria regional do turismo e cultura, 1999. p. 251-262.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CRUZ, Rafael Cabral; GUADAGNIN, Demétrio Luis. Uma pequena História Ambiental do pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. In: COSTA, Benhur; DIECKEL, Mara (Orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

DEAN, Warren. **A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial**. IN: Instituto de Estudos Avançados da Universidade Federal de São Paulo, 1992.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DESMOND, Adrian; MOORE, James. **Darwin: A vida de um evolucionista atormentado**. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

DIAMOND, Jarred. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O homem, as ciências naturais e o Brasil no século XIX. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, no 1, jan/jun 2009 – p.167-178.

DREW, David. **Processos Interativos Homem-Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DUARTE, Regina Horta Olhares Estrangeiros: Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, 2002. p. 267–288.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ECKARDT, Isadora. A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire. In: **Revista Estação Literária**, v. 4, 2009.

EPPLE, Angelika. Calling For a Practice Turn in Global History: Practices as Drivers of Globalization/s. In: **History and Theory**, v. 57, n. 3, 2018. p. 390–407.

ESPINOLA, Luis; JULIO JUNIOR, Horácio Ferreira. **Espécies invasoras: conceitos, modelos e atributos**. Caracas: INCI, v. 32, n. 9, 2007.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. Escravos do pastoreio: pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil. In: **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.33 (jul/dez 2006). 2006. p.135-155.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. Domesticação, técnica e paisagem agrária na pecuária tradicional da Campanha Rio-Grandense (século XIX). In: COSTA, Benhur; Dieckel, Mara (Orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

FERNANDES, Valéria Dorneles. **A Praga de Gafanhotos no Sul da América: Argentina, Brasil e Uruguai (1890-1950)**. *Fronteiras Journal of Social Technological and Environmental Science* 7(3). 2018. p.145-160.

FISHER, John; PERKINS, John. Procriação e rentabilidade: o gado europeu e a invasão da Austrália. In: **História e meio-ambiente: o impacto da expansão europeia**. Actas do Seminário internacional. Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria regional do turismo e cultura, 1999.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: Olhares viajantes e imagens fundadoras (dos séculos XVII ao XIX). In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa. (Dir.) **Colônia**. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul). vol. I. Passo Fundo: Méritos, 2006.

FLORES, Mariana; FARINATTI, Luís Augusto. A fronteira manejada: apontamento para uma História social da fronteira meridional do Brasil, século XIX. In: **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma História comparada da América Latina**. Org. HEINZ, Flávio. São Leopoldo: Oikos, 2009.

FURQUIM, Isabela. **Interação entre Quatis-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*, Carnívora: Procyonidae) e humanos na Ilha do Campeche, Florianópolis (SC)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Biologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GAGLIARDO, Vinicius Craneck. A construção do Rio de Janeiro na literatura de viagem oitocentista. In: **Almanack**, v. 12, 2016. p. 156-183.

GARNERO, Gabriel. Los ríos y el proyecto modernizador en el oeste argentino: el caso del río de Los Sauces, Córdoba (1880-1930). In: **Agua y Territorio**, 19 · pp. 35-51 · Enero-Junio 2022. Universidad de Jaén (España) 2022

GERBI, Antonello. **O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GERHARDT, Marcos. Os caboclos e a relação com a natureza no norte do Rio Grande do Sul. In: **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.33 (jul/dez 2006). 2006. p.165-173.

GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. Tese (Doutorado em História) – PPGH-Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GERHARDT, Marcos; ZARTH, Paulo Afonso. O bioma Pampa. In: **Biomass, historicidade e suas temporalidades: uma visão histórico-ambiental**. SCHUCH, Cristiane (*et al.*) São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 116-134.

GRIFFITH, Glenn; *et al.* **Ecological classification of the western hemisphere**. United States Environmental Protection Agency, 1998.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **O horizonte da província: a República rio-grandense e os caudilhos do Rio da Prata**. Porto Alegre: Editora Linus, 2014.

HARTMANN, Renata de Baco. **A questão ambiental a partir de uma constituição sócio-histórica no município de Mata – RS**. Dissertação (mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2016.

HASENACK, Heinrich; *et al.* Biophysical delineation of grassland ecological systems in the State of Rio Grande do Sul, Southern Brazil. **Iheringia**, Série Botânica, Porto Alegre, 78, 2023. p.1-11.

HEATON, Herbert. A Merchant Adventurer in Brazil 1808-1818. IN: **The Journal of Economic History**, vol. 6, no. 1, 1946. p. 1–23.

IBGE. **Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil**. 2004.

IRIYE, Akira. **Global and Transnational History: The Past, Present, and Future**. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, 2012

ISENBERG, Andrew; MORRISEY, Katherine; WARREN, Louis. Imperial deserts. In: **Global environment**. A journal of transdisciplinary History – Deserts in environmental History. Nº12.1. The White Horse Press, 2019. p.9-21.

JERRAM, Leif. Space: a useless category for historical analysis? In: **History and Theory** n.52, 2013.

KOSELLECK, Reinhardt. Teoria da história e hermenêutica. In: \_\_\_\_\_. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto: 2014.

KUNZLER, Josiane; *et al.* Herbert Huntingdon Smith: um naturalista injustiçado? In: **Filosofia e História da Biologia**, v.6, n.1, 2011. p.49-67.

KURY, Lorelai Brilhante. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 2001. p. 863-880.

KURY, Lorelai Brilhante. **Auguste de Saint-Hilaire**: viajante exemplar. Rio de Janeiro: Intellèctus, Ano 2, n.3, 2003.

LOPES, Maria Aparecida; ORTELLI, Sara. **Fronteiras Americanas**: entre interações e conflitos, séculos XVIII-XX. Estudos de História, Franca, v. 13, n. 2, 2006.

MACEDO, José Rivair. **Os viajantes medievais da rota da seda (séculos V-XV)**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Política de colonização do Império**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.

MACLEOD, Murdo J. A Espanha e a América: o comércio Atlântico. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**: América Latina Colonial. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. p. 195-240.

MÄDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. In: **História Unisinos**. São Leopoldo, 2008.

MALLON, Florencia. Las Sociedades Indígenas frente al nuevo orden. In: VASQUEZ, Josefina Zoraida, et. Al. **Historia general de América Latina**: La construcción de las naciones latinoamericanas, 1820-1870. UNESCO, 2003.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL FILHO, Valter. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 1997.

MARTINS, Liana Bach. **A Geografia histórica de Porto Alegre através de três olhares: 1800-1850 (RS)**. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MCNEILL, John. Necessidades de pesquisa futura em História Ambiental. In: COULTER, Kimberly; MAUCH, Christof. **O futuro da História Ambiental**: Necessidades e Oportunidades. Rachel Carson Center Perspectives, 2011. p.17-20.

MCNEILL, John. Biological exchange in global environmental history. In: MCNEILL, John; MAULDIN, Erin Stewart. **A companion to global environmental history**. Chichester, Wiley-Blackwell, 2012. p.233-252.

MCNEILL, John; MAULDIN, Erin Stewart. Global environmental History: An introduction. In: MCNEILL, John; MAULDIN, Erin Stewart. **A companion to global environmental history**, Chichester, Wiley-Blackwell, 2012. p.XVI-XXIV.

MEDEIROS, Mara Glacénir Lemes de. Natureza e naturezas na construção humana: construindo saberes das relações naturais e sociais. In.: **Revista Ciência & Educação**. Bauru: vol.8, nº.1, 2002. p.71-82.

MEIRELLES, William Reis. Natureza, identidade e imagens do Brasil. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velásquez; ZUPPA, Graciela (orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Editora UEL, 2001. p.149-166.

MESSAGER, Mathis Loïc; *et al.* Global prevalence of non-perennial rivers and streams. In: **Nature**, Vol 594, 2021. p.391-396.

MILLER, Shaw. Latin America in global environmental history. In: MCNEILL, John; MAULDIN, Erin Stewart. **A companion to global environmental history**, Chichester, Wiley-Blackwell, 2012. p.116-131.

MINUZZI, João Davi Oliveira. O Pampa visto pela História ambiental: Contribuições e possibilidades para o estudo deste bioma através da História. In: **Anais do I Congresso Internacional do Pampa**. Santa Maria: Anais do I Congresso Internacional do Pampa e III Seminário de Sustentabilidade da Região da Campanha. Santa Maria, 2016.

MINUZZI, João Davi Oliveira. **Uma impressão a cada viagem: percepção da natureza do Pampa na visão de viajantes europeus, 1818-1858**. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

MINUZZI, João Davi Oliveira. A passagem de Charles Darwin pela Argentina: Impressões sobre a natureza do Pampa. In: **Anais do II Congresso Internacional de História da Universidade Federal de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS, 2019. p. 2122-2138.

MINUZZI, João Davi Oliveira. Observações sobre a natureza: a experiência de John Luccock pelo Pampa argentino e uruguaio no início do século XIX. In: **História UNICAP**, v. 7, 2020. p. 419-433.

MINUZZI, João Davi Oliveira; SÁ, Débora Nunes de. Fronteiras Sul-Americanas: o Pampa e a Mata Atlântica sob a perspectiva da História Ambiental. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, v. 1, 2022. p. 195-212.

MINUZZI, João Davi Oliveira. O relato de Herbert Huntington Smith sobre o bioma Pampa: “uma região de campo, que produz gaúchos, gado e revoluções”. In: NODARI, Eunice Sueli; MORETTO, Samira Peruchi; SÁ, Débora Nunes de; MINUZZI, João Davi Oliveira (Orgs.). **História ambiental em rede: novos temas e abordagens**. 1ed. Governador Valadares: Univale Editora; Passo Fundo: Acervus, v. 1, 2022<sup>a</sup>. p. 103-119.

MINUZZI, João Davi Oliveira. A Natureza de Santa Maria observada por viajantes ao longo do século XIX. In: Gustavo Figueira Andrade; Carlos Eduardo Piassini; Maria Medianeira Padoin. (Org.). **História de Santa Maria: Novos Olhares**. 1ed. Porto Alegre: Casalettras, 2022b. p. 38-52.

MOLINA, Manuel González. La crisis de la modernidad historiográfica y el surgimiento de la historia ecológica. In: **História e meio-ambiente: o impacto da expansão europeia**. Actas do Seminário internacional. Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria regional do turismo e cultura, 1999, p. 17-54.

MORAES, María Inés. La ocupación del espacio y la formación de paisajes agrarios em el Uruguay. In: **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.33 (jul/dez 2006). 2006, p.57-80.

MORES, Lucas. **História ambiental do agroecossistema do café (Coffea arábica) no norte do Paraná (1945-1975)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/180886/348947.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 maio 2024.

MORETTO, Samira Peruchi. Made in Africa? A domesticação e aclimação da mamona (*Ricinus communis* L.) no Brasil. In: Sílvio Marcus de Souza Correa. (Org.). **Bioses africanas no Brasil**. Notas de história ambiental. 1ed. Itajaí: Casa Aberta, 2012. p. 125-150.

MORETTO, Samira Peruchi. Na fronteira do Cerrado: as transformações ambientais no norte de Goiás. In: **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia** V. 7, N.1, Janeiro-Julho, 2016. p. 119-130.

MORETTO, Samira Peruchi. Ampliando fronteiras: viajantes e as florestas catarinenses no século XIX. In: SCHMITT, Anderson; WINTER, Murilo [orgs.] **Fronteiras na História: Atores sociais e historicidade na formação do Brasil Meridional (Séculos XVIII-XX)**. Chapecó: Editora Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2021. p.75-89.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Desmatamento e monocultivos de espécies florestais exóticas na Floresta Ombrófila Mista no Oeste catarinense. In: **Cadernos do CEOM** – v. 36, n. 59. 2023. p.144-156.

MOON, David. The Grasslands of North America and Russia. In: MCNEILL, John; MAUDIN, Erin. **A Companion to Global Environmental History**. Oxford: Blackwell, 2012. p.247-.

MOTTER, Adriana Fátima Canova. **Um olhar sobre o processo de transformação da paisagem na bacia do rio Santa Rosa (NW do RS), de 1915 até os dias atuais**. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2011.

MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

MURRA, John. As sociedades andinas anteriores a 1532. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina Colonial**. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. p. 63-100.

MURRAY, Edmundo. *Ireland and Latin America: A Cultural History*. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Zurich, 2010.

NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2007, p.3. Disponível em: <<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves,%20Martins,%20Radtke%20-%20Mapa%20dos%20itiner%C3%A1rios%20de%20Saint-Hilaire%20Viagem%20ao%20RS.pdf>>. Acesso em: 23 Maio 2024

NODARI, Eunice Sueli. Um olhar sobre o oeste de Santa Catarina sob o viés da história ambiental. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, 2009. p. 135-149.

NODARI, Eunice. A Floresta com Araucárias: percepções distintas nos séculos XIX e XX. In: Euripedes Funes; *et al* (org.). **Natureza e Cultura: capítulos de história social**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013

NODARI, Eunice. Florestas em Territórios de Fronteira: Sul do Brasil e Misiones na Argentina. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 20, n. 2, 2015. p. 300-316.

NODARI, Eunice Sueli; GERHARDT, Marcos. The Uruguay River: A Permeable Border. In: **South America. Review of International American Studies**, v. 14, 2021. p. 201-227.

NOGAR, María Luciana; NOGAR, Ada Graciela; JACINTO, Guilhermina. Transformaciones y fragilidades ambientales em la Pampa argentina. In: **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº8, 2013.

OLIVEIRA, Ana Marcela França de. Patrimonio y Paisaje: la escrita de la historia ambiental del Parque Costero del Sur (Punta Indio, Argentina). In: **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)**, v. 9, 2019. p. 178-199.

OLIVEIRA, Ana Marcela França; CERDÁ, Juan Manuel; MUZLERA, José. Las Transformaciones de los Espacios Rurales Argentinos: Paisajes Imaginados y Cambios Socio Ambientales (1880-1930). In: **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)**, v. 12, 2022. p. 20-54.

OLIVEIRA, Antônio José; NODARI, Eunice Sueli. Notas sobre as produções de bebidas e as transformações das paisagens nos sertões do Oeste do Brasil (1760-1830). In: **Revista de História Regional**, v. 25, 2020. p. 312-335.

OLSEN, Bjørnar. Material culture after text: re-membering things. In: **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n.2, 2003, p. 87-104.

OVERBECK, Gerhard; *et al*. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade** – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p.26-41.

OVERBECK, Gerhard; *et al.* Conservation in Brazil needs to include non-forest ecosystems. In: **Diversity and distributions**, n.21, 2015a. p.1455-1460.

OVERBECK, Gerhard; *et al.* Fisionomia dos Campos. In: PILLAR, Valério De Patta; LANGE, Omara. **Os Campos do Sul** – Porto Alegre: Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015b. p.31-42.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PÁDUA, José Augusto. Pensamento Ilustrado e crítica da destruição florestal no Brasil Colonial. In: **Nômadias** (Col), n.22, 2005. p.152-163.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados** n° 24, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Environmentalism in Brazil: A Historical Perspective. In: MCNEILL, John; MAULDIN, Erin Stewart. **A companion to global environmental history**, Chichester, Wiley-Blackwell, 2012. p.455-473.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e território na construção do Brasil. In: **Novas Histórias Ambientais da América Latina e do Caribe**. Rachel Carson Center Perspectives: Munique, 2015.

PÁDUA, José Augusto. Passado e futuro do Bioma Floresta Amazônica. In: **Biomass, historicidade e suas temporalidades**: uma visão histórico-ambiental. SCHUCH, Cristiane (*et al.*) São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 135-149.

PEIXOTO, Dilson Vargas. **Do gado as matas**: O impacto ambiental no rio grande do sul a partir da memória de viajantes (1808-1822). Santa Maria: Unifra, 2010.

PEIXOTO, Dilson Vargas. **Indícios da alteração ambiental nas crônicas de três viajantes (Rio Grande do Sul, 1808-1827)**. Revista Eletrônica História em Reflexão (UFGD), v. 9, 2015. p. 1-21.

PEIXOTO, Dilson Vargas; MORAES, Taciane Umpierre de. Visões da natureza do Rio Grande de São Pedro: Relatos de viajantes sobre a utilização dos recursos na província (1808-27). In: PEREIRA, Elenita Malta; RÜCKERT, Fabiano Quadros; MACHADO, Neli Galarce. **História Ambiental no Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora Univates, 2014.

PERLIN, John. **História das florestas**: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PESCE, Gaetano Roberto; MAUROMICALE, Giovanni. *Cynara cardunculus* L.: Historical and Economic Importance, Botanical Descriptions, Genetic Resources and Traditional Uses. In: PORTIS, Ezio; *et al.* (orgs.). **The Globe Artichoke Genome**: Compendium of Plant Genomes. Springer, 2019. p.1-19.

PONTING, Clive. **Uma história verde do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n.8, 1991. p.151-165.

REGER, Gary. Greeks and Romans in the Sahara Desert: ideology and experience. In: **Global environment**. A journal of transdisciplinary History – Deserts in environmental History. Nº12.1. The White Horse Press, 2019. p.22-55.

ROOS, Alana. **Análise da transformação da paisagem do município de Agudo (RS) a partir da história ambiental, ao longo do século XX**. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2013.

ROSA, Lilian da. O complexo ervateiro na Província do Rio Grande do Sul oitocentista visto sob as impressões de viajantes. In: **Anais do 7º Encontro de Economia Gaúcha**, 2014.

ROSSI, Esther Mayara Zamboni; MORETTO, Samira Peruchi. Os Campos de Altitude do Brasil Meridional nos relatos dos viajantes Nicolau Dreys e Robert Avé-Lallemant. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**, Natal, 2013.

RUNDVALT, Darcio. **Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX**. Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH-Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

SÁ, Débora Nunes de. **Paisagens construídas: A Floresta com Araucárias na fronteira entre Argentina e Brasil (1895-2000)**. Tese (Doutorado em História) – PPGH-Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

SAIKKU, Mikko. A extinção nas áreas de expansão europeia: perigo de vida das aves a região do Atlântico Norte. In: **História e meio-ambiente: o impacto da expansão europeia**. Actas do Seminário internacional. Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria regional do turismo e cultura, 1999.

SALE, Kirkpatrick. **A conquista do paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIT, Roberto. Los pastores-labradores de las lomadas entrerrianas ganadería, agricultura y medio ambiente em el litoral argentino del siglo XIX. In: **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.33 (jul/dez 2006). 2006. p.43-56.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos** – na sociedade medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Populações indígenas na região de Torres. In: WITT, Marcos. **Fontes litorâneas**: escritos sobre o litoral norte do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, Editora da Unisinos, 2012. p.23-30.

SCHULZ-FORBERG, Hagen. The Spatial and Temporal Layers of Global History: A Reflection on Global Conceptual History through Expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into Global Spaces. In: DORSCH, Sebastian; RAU, Susanne. **Historical Social Research**: Space/Time Practices and the Production of Space and Time. n.145. Vol.38. 2013. p.40-58.

SCHWARTSMANN, Leonor. **Olhares do médico-viajante Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul: 1901-1914**. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2008.

SEDREZ, Lise; NODARI, Eunice. What do Brazilian environmental historians really do? An overview of research and main themes of the discipline. In: RAJAN, S. Ravi; SEDREZ, Lise. **The great convergence environmental Histories of BRICS**. Nova Délhi: Oxford University Press, 2018.

SILVA, Marcelo Dutra da. Bioma Pampa um sistema ameaçado. **Diário Popular**, Pelotas, 08 de jul. 2009.

SOUZA, Augusto. **A construção do porto de Porto Alegre 1895-1930**: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SOUZA, Fábio Feltrin de. O Pampa argentino e a conquista do deserto: uma relação discursiva. In: **Dimensões**, v. 35, jul.-dez. 2015. p.110-127.

STOLL, Mark. O paraíso recuperado: os protestantes e a esvaziada paisagem americana. In: **História e meio-ambiente**: o impacto da expansão europeia. Actas do Seminário internacional. Centro de Estudos de História do Atlântico – Secretaria regional do turismo e cultura, 1999. p.263-274.

SUERTEGARAY, Dirce; SILVA, Luís Alberto Pires. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, Valério De Patta; *et al.* **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p.42-59.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOURN, Gladys Mabel. La representación y apropiación de la naturaleza em el bosque de La Pampa Argentina: persistencias y rupturas del esquema urbano. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velásquez; ZUPPA, Graciela (orgs.). **Natureza na América Latina**: apropriações e representações. Londrina: Editora UEL, 2001. p. 273-284.

VAN AUSSDAL, Shawn; WILCOX, Robert. Nos rastro das patas: a pecuária e a transformação das paisagens. In: **Novas Histórias Ambientais da América Latina e do Caribe**. Rachel Carson Center Perspectives: Munique, 2015.

VIANA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**: o campeador Rio-Grandense. Vol 2. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1974.

- WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina Colonial**. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. p. 195-240.
- WILCOX, Robert. 'La ley del menor esfuerzo': La naturaleza y ganaderías em el pantanal de Mato Grosso, Brazil, 1870-1980. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velásquez; ZUPPA, Graciela (orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina: Editora UEL, 2001.
- WILLIAMS, John. **Butcher's Crossing**. Rio de Janeiro: Rádio Londres, 2016.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- WILSON, Edward Osborne. **Diversidade da Vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WITT, Marcos. **Visões Litorâneas: O litoral norte do Rio Grande do Sul sob o olhar de Saint-Hilaire, Seidler e Roquette-Pinto**. Porto Alegre: Estudos Ibero-Americanos, v.38, 2012.
- WITT, Marcos Antônio. Circularidade de ideias na obra Emigração e colonização, de Arsène Isabelle. In: **Métis: História e Cultura**, – v. 13, n. 27, jan./jun. 2015. p.15-38.
- WITTER, Nikelen. Apontamentos para uma história da doença no Rio Grande do Sul (séculos XVIII e XIX). Pelotas: **História em Revista**, v. 11, 2007. p.1-29.
- WHITE, Richard. **What is Spatial History?** Fevereiro de 2010. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/pub.php?id=29>> Acesso em 26 de jun. de 2019.
- WOOLF, Daniel. **Uma história global da História**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos**. vol. 4, n. 8, 1991.
- WORSTER, Donald. **Nature's Economy: a History of Ecological ideas**. Cambridge University press, 1994.
- WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. In: **Ambiente & Sociedade**, vol. V, n. 2, 2003.
- ZARRILLI, Adrian. The La Plata Basin: Rivers, Plains, and Societies in the Southern Cone. In: **New Environmental Histories of Latin America and the Caribbean**. RCC Perspectives nº7, 2013. p.41–47.
- ZARRILLI, Adrian. La Naturaleza puesta en Jaque: La Expansión de la Frontera Agropecuaria en Argentina y su Impacto Socio-Ambiental (1980- 2017). In: **Halac**; 10; 1; 2-2020. Universidade Evangélica de Goiás: 2020. p. 125-149.

ZARTH, Paulo Afonso. Colonização e ocupação do espaço agrário do Rio Grande do Sul. In: **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.33 (jul/dez 2006). 2006. p.155-163.

ZARTH, Paulo Afonso. Desertos verdes e latifúndios na história da campanha do Rio Grande do Sul. In: FILHO, Althen Teixeira. (Org.). **Eucaliptais: Qual Rio Grande do Sul desejamos?** Pelotas: [s. n.], 2008. p. 139–155.

ZARTH, Paulo Afonso; GERHARDT, Marcos. Uma História Ambiental do Rio Grande do Sul. In: TEIXEIRA FILHO, Althen (Org.). **Lavouras de destruição: a imposição do consenso**. Pelotas: Livraria mundial, 2009.

ZARTH, Paulo Afonso. Agricultura e impactos ambientais no Planalto do Rio Grande do Sul. In: NODARI, Eunice; KLUG, João. **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

## FONTES

### Fontes transcritas/publicadas

A Map of Part of the Viceroyalty of Buenos Ayres 1806. London, Published by A. Arrowsmith, No. 10 Soho Square, 26th November, 1806.

Alexandre Nicolas Ghislain (Alexander) Baguet. Spincemaille, 2022. Disponível em: <<https://www.spincemaille.be/Sleebus/g0/p814.htm#i24394>>. Acesso em: 20 de Maio de 2024.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858**. Leipzig: Brodhaus, 1859.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Intituto Nacional do Livro, 1953.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. São Paulo: USP, 1980.

BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

BESCHOREN, Maximiliano. **Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul 1875-1887**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1989.

BISHOP, Nathaniel Holmes. **A thousand miles' walk across South America**. Boston: Lee and Shepard, 1870.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

HEAD, Francis Bond. **Rough Notes taken during some rapid Journeys across the Pampas and among the Andes.** Boston: Wells and Lilly, 1827.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul.** Brasília: Senado Federal, conselho editorial, 2006.

LINDMAN, Carl Axel Magnus. **A vegetação no Rio Grande do Sul.** Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

LUCCOCK, John. **Notas sôbre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil.** São Paulo: Livraria Martins, 1942.

MACCANN, William. **Two thousand miles' ride through the Argentine provinces:** being an account of the natural products of the country and habits of the people; with a historical retrospect of the Rio de la Plata, Monte video, and Corrientes. Nova York: AMS Press, vol.1, 1853.

MACCANN, William. **Two thousand miles' ride through the Argentine provinces:** being an account of the natural products of the country and habits of the people; with a historical retrospect of the Rio de la Plata, Monte video, and Corrientes. Nova York: AMS Press, vol.2, 1853.

MIERS, John. **Travels in Chile and La Plata:** Including accounts respecting the geography, geology, statistics, government, finances, agriculture, manners and customs, and the mining operations in Chile. London: Baldwin, Cradock, and Joy, 1826.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: ERUS, 1987.

SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. **As missões orientais e seus antigos domínios.** Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979.

SMITH, Herbert Huntington. **Do Rio de Janeiro a Cuyabá.** São Paulo: Melhoramento, 1922.

### Google Maps

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Alexandre Baguet.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1fHWg3rbR5KHRKJ-O6aYEgJDo8-E&ll=-30.35865642170594%2C-53.61491205&z=6>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Arsène Isabelle.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1Sh1D11C5JO37OjgrWAvJ-6iP8P4&ll=-31.815729956506797%2C-54.45583820000002&z=5>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Auguste de Saint-Hilaire.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1CZ84cEEL01VY4UM1LAGxbTp6OaE&ll=-31.42158484434269%2C-54.044344499999994&z=6>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Carl Lindman.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1f7bYvY1UnwaJvOKhF505JGKAwC4KZD0&ll=-31.556164176818008%2C-54.06939355000001&z=6>. Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Charles Darwin.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1sgz2xjMNbs7uTT6HzziiP06KLd6mdvEB&ll=-36.466193374120984%2C-58.97259125000001&z=6>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Francis Bond-Head.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 100 Km. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1GzgL0mfbKRfp2rnlbaVHdUtaPZUf\\_3g&ll=-33.71311053008871%2C-63.62689019999999&z=6](https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1GzgL0mfbKRfp2rnlbaVHdUtaPZUf_3g&ll=-33.71311053008871%2C-63.62689019999999&z=6). Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Hemeterio da Silveira.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1gy9S1AdTUjuMg-WHOv4imnvQyXSvVbw&ll=-29.369589076397617%2C-54.15820050000001&z=7>. Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Herbert Hungtingon Smith.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1Ek32htuGqATBbL8mYVLwHHpBFTF0lMlt&ll=-25.650777792612182%2C-51.89305644999999&z=5>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de John Luccock.** Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 100 Km. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1XQ2V9Y\\_4ieu1QrXBtZRS-vdDQJ0BuMYy&ll=-29.889715441190198%2C-54.73123715&z=5](https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1XQ2V9Y_4ieu1QrXBtZRS-vdDQJ0BuMYy&ll=-29.889715441190198%2C-54.73123715&z=5). Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de John Miers.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 100 Km. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1-P9S\\_OIKxUuWnJ7ml1Kw0dFcPH7gdJE&ll=-33.6076535676656%2C-64.21354999999998&z=6](https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1-P9S_OIKxUuWnJ7ml1Kw0dFcPH7gdJE&ll=-33.6076535676656%2C-64.21354999999998&z=6). Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Maximiliano Beschoren.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 50 Km. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=19n\\_mRNfJa8L55wi1SjF\\_4ynTUaNRjdc&ll=-28.603450288820067%2C-53.435781150000004&z=7](https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=19n_mRNfJa8L55wi1SjF_4ynTUaNRjdc&ll=-28.603450288820067%2C-53.435781150000004&z=7). Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Nathaniel Bishop.** Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 200 Km. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1EcZ12-TETOWdJk\\_rVWZpxSwS4XjY1GE&ll=-30.519143354537125%2C-58.13118260000002&z=5](https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1EcZ12-TETOWdJk_rVWZpxSwS4XjY1GE&ll=-30.519143354537125%2C-58.13118260000002&z=5). Acesso em 11-06-2024.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Nicolau Dreys.** Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1Sh1D11C5JO37OjgrWAvJ-6iP8P4&ll=-31.815729956506797%2C-54.45583820000002&z=5>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Robert Avé-Lallemant**. Elaborado e editado pelo autor. 2022. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1fh9oz26DCIEItxi-b8PFMR8VBM0&ll=-27.584372118625872%2C-50.29600759999999&z=6>. Acesso em 09-02-2022.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de William MacCann**. Elaborado e editado pelo autor. 2024. Escala: 200 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&mid=1dx8a-UvoDqRYUPetgrL8ChCO4q1f3OU&ll=-36.237294757368055%2C-60.9232804999999976&z=5>. Acesso em 11-06-2024.